



Deixe-me
AMAR
você

SÉRIE IRMÃOS MCCLAIN - 1

ALEXANDRIA HOUSE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Deixe-me
AMAR
você

SÉRIE IRMÃOS MCCLAIN - 1

ALEXANDRIA HOUSE

ALEXANDRIA HOUSE

Deixe-me AMAR você

Tradução: Laira Tomaz

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2023

Porto Alegre

Deixe-me Amar Você

Copyright © 2021 Kandi Steiner

Copyright © 2023 Grupo Editorial Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: One Minute Design

Tradução: Laira Tomaz

Revisão: Amanda Rodrigues

Preparação: Grupo Editorial Five

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik e Flaticon

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

House, Alexandria
Deixe-me amar você [livro eletrônico] /
Alexandria House ; tradução Laira Tomaz. --
1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial
Five, 2023. -- (Irmãos McClain ; 1)
ePub.

Título original: Let Me Love You
ISBN 978-65-85185-07-3

1. Romance norte-americano I. Título III. Série.

23-143599

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Sobre a autora](#)
[Sobre a editora](#)

Capítulo 1

Jo

Passei pela porta principal da Bijou Park aos tropeços, esperando, desejando e orando para que o café e o bolinho em minhas mãos servissem para acalmar meu chefe. Peter Park era uma pessoa horrível. Temperamental, exigente, frívolo, mas talentoso e o melhor profissional do mercado de joias personalizadas. Trabalhar para ele era uma experiência dominada pela ansiedade e uma oportunidade que grande parte dos aspirantes a joalheiros matariam para ter. Calhou de eu aparecer no dia certo — o dia em que ele e sua assistente-barra-namorada foram escoraçados por sua esposa, Twyla. Ele estava ensanguentado e precisava de uma nova assistente. Aproveitei seu desespero para adicionar ao negócio um breve treinamento para joalheiros. Tem pouco menos de um ano que eu o ajudava e era treinada por ele e sua equipe de profissionais.

Mas hoje eu estava atrasada.

Peter Park não se atrasava — *nunca*.

Cumprimentei Freda, a recepcionista alta de pele negra que poderia superar qualquer designer de moda, apesar de já estar em seus sessenta e tantos anos, e fui direto para a porta dourada com puxador prata que levava ao escritório do Sr. Park. Bati, aguardei e, quando a porta se abriu revelando uma Twyla furiosa, agradei aos céus pelo meu atraso. Twyla era um bobo da corte e só aparecia na Bijou Park quando tinha algum problema para resolver com o Sr. Park.

— Bom dia, Sra. Park, — falei.

Twyla jogou seus longos apliques de cabelo sobre o ombro e levou as mãos à cintura larga. Ela era uns trinta centímetros mais alta e uns vinte quilos mais pesada que seu marido coreano-americano, e um maldito pitbull. Cruel, invejosa, violenta e destrutiva. Peter Park podia tocar o terror em seus funcionários, mas sua esposa tocava o terror nele. O mais estranho é que ela gostava de mim, provavelmente porque não me via como uma ameaça, já que eu não me vestia ou agia como se estivesse atrás de algum homem — especialmente, o homem

dela. De qualquer forma, eu odiava ficar perto dela. Suas brincadeiras dramáticas, dignas de um *reality show*, difamavam as mulheres negras como um todo.

— Jo, querida, nos dê um minuto. Estou lembrando meu marido de algumas coisas.

Olhei para o Sr. Park sentado à escrivaninha atrás dela, seu cabelo preto sedoso desgrenhado, gravata torta, óculos fora do lugar. Os objetos da mesa estavam espalhados pelo chão. Eu quase fiquei com dó dele.

Quase.

Não era para tanto.

— Claro. Vou ficar lá atrás com Shirl.

— Uhum. — Ela fechou a porta na minha cara.

Corri para o pequeno escritório ocupado por Shirlene Ramsey, uma ourives extremamente competente. O forte de Shirl era transformar as visões artísticas de Peter Park em realidade, já que ele raramente sujava suas mãos, por assim dizer. Ela não desenhava as joias, mas era excelente em interpretar o projeto dos outros. Minha meta era desenhar e criar, e eu tinha sorte em poder acompanhar os dois lados do processo todos os dias.

— Ela ainda está em pé de guerra? — Shirl perguntou, quando me joguei numa cadeira ao lado de sua mesa de trabalho.

— Sim. O que ele fez desta vez? Você sabe?

Shirl desviou o olhar da peça em que estava trabalhando e balançou a cabeça.

— Tudo o que sei é que mal tínhamos passado pelas portas quando ela invadiu o lugar, berrando, mas posso imaginar o que aconteceu.

Eu também podia. O Sr. Park amava mulheres negras, estava sempre rodeado por nós aqui na empresa e era um traidor compulsivo apesar do fato de que Twyla sempre descobria suas infidelidades. Era como se ele se recusasse a parar de traí-la e ela se recusasse a pegar suas cinco filhas e largá-lo. Ele traía; ela o escoraçava e destruía seu escritório. Por aí vai. Era de se surpreender que aquela situação ridícula não afetasse a Bijou Park, no entanto, metade da clientela encomendava peças personalizadas para suas amantes. Essa semelhança entre a vida de Peter Park e seus clientes devia ser o motivo do sucesso do negócio.

— Chegou atrasada? — Shirl perguntou, sua atenção voltada para a peça forrada por diamantes.

— Sim... Dormi demais. Só fui pegar no sono nas primeiras horas da manhã.

— Netflix ou Hulu?

Revirei os olhos, indignada com o quão previsível e patética era

minha vida.

— Assisti um monte de episódios de *Top Chef*.

Ela franziu a testa enquanto adicionava, com cuidado, outro diamante ao medalhão em formato de águia.

— Não sabia que gostava de cozinhar.

— Estou tentando aprender.

— Assistindo *Top Chef*?

Dei de ombros.

— Peguei algumas ótimas dicas nessa série.

— Garota, é melhor arrumar um caderno de receitas com comidas afro-americanas para conquistar um marido pela barriga.

— Já tive um. Estou bem assim.

— Uhm. Ok...

Suspirei e tirei o celular da bolsa para ver se o Sr. Park havia intimado minha presença com uma mensagem como costumava fazer depois que conseguia acalmar a esposa e livrar-se dela.

— Está me ignorando?

— Apenas checando o celular.

Ela me olhou, encostou-se na cadeira, e focou toda sua atenção em mim.

— Jo, quantos anos você tem?

Lá vamos nós.

— Você já sabe.

— Diga assim mesmo.

— Vinte e oito, — falei com um suspiro.

— Vinte e oito, e tudo o que faz é trabalhar e assistir TV em casa...

— Isso não é tudo o que faço, sabe disso.

— Não me deixou terminar. Você...

A porta do escritório se abriu para revelar Peter Park e a façanha cometida por sua esposa — um olho inchado, bochecha roxa e lábio cortado.

— Jo, meu escritório, — foi tudo o que ele disse antes de sair, passando a mão sobre o queixo enquanto fechava a porta.

Saltei da cadeira, apesar de ter certeza que esse homem estava prestes a descontar sua frustração em mim de alguma maneira, como dirigir pela cidade inteira à procura de um prato coreano difícil de encontrar ou algo do tipo. Ao menos evitaria essa conversa repetitiva com Shirl.

Assim que cheguei ao escritório, ele fez um gesto em direção à uma caixa preta da Bijou Park que estava sobre a escrivaninha.

— Preciso que entregue isso a um cliente. Era eu quem deveria entregar, mas agora não posso. Além disso, estou atrasado, então você precisa ir imediatamente.

Abri a boca para protestar, porque eu não ia entregar nada a amante nenhuma, e se tivesse que entregar a peça a um homem, não iria a lugar algum com cara de quem acabou de sair da cama, vestiu as primeiras roupas que encontrou e correu para o trabalho — foi isso mesmo o que aconteceu —, mas Peter Park me interrompeu.

— Meu motorista irá levá-la e Oba a acompanhará, já que a peça é muito valiosa.

Fiz uma careta.

— Valiosa qu... quanto?

— É uma joia de trinta mil dólares.

Arregalei os olhos quando encarei a caixa novamente. Mal notei o momento em que ele se levantou, pegou a caixa e a colocou em minha mão. Depois disso, fui empurrada para a porta, em direção a Oba, um dos seguranças gigantescos que carregava armas no coldre e agia com uma postura ameaçadora pela Bijou Park por conta do nosso trabalho.

Minutos depois, eu estava no banco traseiro de um Denali preto com janelas escuras e Oba estava no banco da frente conversando com o motorista enquanto seguíamos nosso caminho para...

— Ei... Oba, para quem vamos fazer essa entrega? — Perguntei.

Oba deu de ombros ao olhar para mim.

— Ele não me disse.

Não perguntei ao motorista, porque sua aparência envelhecida me apavorava. Ele me lembrava do personagem de Samuel L. Jackson em *Django Livre* — grisalho e ranzinza. O que fiz foi levantar a tampa e dar uma olhada na joia dentro da caixa, uma que vi sendo trabalhada por Todd, outro ourives. Um coração bojudo feito do que parecia ser zilhões de diamantes minúsculos sobre uma corrente de platina. Era brilhante e muito bonito.

Após uma eternidade, paramos em frente a um pequeno hotel boutique muito bacana, e comecei a ficar puta por estar prestes a entregar essa linda joia para uma vagabunda. Mesmo assim, saí do veículo depois que o motorista abriu a porta para mim. Oba verificou o celular e disse:

— Quinto andar. Suíte da cobertura. — Indicou que eu fosse na frente.

Eu me agarrei à caixa, nervosa, desejando que tivesse uma bolsa para guardá-la, pois, estava com medo de derrubá-la junto com seu conteúdo antes que chegássemos ao nosso destino. Como se lesse minha mente, Oba disse:

— Espere. — Ele esticou o braço em direção ao banco da frente da caminhonete e localizou uma sacola preta reluzente da Bijou Park. Eu a peguei e depositei a caixa dentro dela com cuidado.

Oba me acompanhava de perto enquanto eu atravessava o

elegante saguão e seguia em direção aos elevadores. Conforme o peso do que eu estava fazendo recaía sobre meus ombros, tive a sensação de que minhas pernas eram feitas de borracha. Eu entregaria uma joia extremamente cara a alguém, alguém rico e provavelmente famoso, pelo visto. E se alguém tivesse nos seguido desde a Bijou Park e tentasse nos roubar? Oba era enorme e estava armado, claro, mas e se fosse um grupo grande com caras armados que tentasse nos roubar? E se eles me sequestrassem e me mantivessem em cativeiro para pedir resgate, e... o elevador emitiu um ruído, me fazendo pular e sair de meu devaneio, me obrigando a entrar. Após alguns minutos, as portas se abriram, e depois que saímos do elevador, Oba precisou me dar um leve empurrão para que eu comesse a andar em direção à única porta que havia no corredor. O som abafado de um baixo ficou cada vez mais alto à medida que eu me aproximava da porta. Duvidava que minha batida tímida fosse ouvida em meio a música. Oba esticou a mão sobre meu corpo de um metro e sessenta que parecia ainda menor diante de sua estatura imponente, e bateu à porta, me dando um susto, mesmo quando eu o observava o tempo todo. Olhei para ele, nervosa. Oba deu de ombros e sorriu.

A música diminuiu e a porta foi aberta. Um homem que parecia muito com Oba em altura e tamanho apareceu de cara fechada. Ele e Oba eram o extremo oposto no que diz respeito ao tom da pele. Enquanto Oba era negro como a noite, esse homem tinha a pele extremamente clara e cabelo ruivo. Ele me lançou um olhar carrancudo e voltou sua atenção para Oba. Só então um sorriso apareceu em seu rosto. Enquanto eu aguardava, ele estendeu a mão e cumprimentou Oba.

— E aí, cara?!

Oba estava animado quando respondeu:

— E aí, Dunn?! Sabe como é... tudo na mesma. Porra, Park não me contou que viríamos aqui. Queria ter sido avisado. Não sabia onde estava me metendo.

— Quem é? — Uma voz vinda da suíte perguntou.

— Diga ao chefe que o pessoal de Peter Park está aqui com a joia, — Dunn disse.

— Beleza, — a voz respondeu.

— Entrem, — Dunn falou, e sorriu para mim. — Cara, quem nós temos aqui?

Sem conseguir evitar, revirei os olhos. Acordei atrasada nesta manhã, enfiei uma calça jeans e uma camiseta larga, não me preocupei em me maquiar para esconder as sardas que sempre odiei e que estavam bem salientes em meu rosto. Meu cabelo natural e rebelde estava preso com uma faixa grossa de pano. Eu não estava horrível, mas também não exibia nada que merecesse seu olhar de

cobiça.

Antes que Oba pudesse me apresentar a Dunn e vice-versa, a voz retornou e descobri que ela pertencia a outro homem grandalhão — alto e musculoso como Oba e Dunn, com um tom de pele que mesclava a dos dois.

— O chefe disse que podem ir até lá, — ele anunciou indicando uma porta nos fundos da suíte.

— Beleza, Tommy, — Oba falou, voltando a olhar para mim. — Primeiro você, Jo.

Engoli em seco e me dirigi para a porta enquanto ouvia cochichos e risadas atrás de mim. Com certeza, um ou os dois gigantes que residiam naquela suíte estavam olhando para a minha bunda. Revirei os olhos de novo.

Ao bater à porta, senti meu coração ficar acelerado. Quem era esse tal chefe? Era rico e famoso ou apenas rico? Pelo visto, Oba sabia quem ele era, porque estava familiarizado com seus seguranças. Queria ter tido tempo para perguntar a Oba quem...

— Entrem! — Alguém gritou.

Virei a maçaneta e entrei, parando no meio do caminho, sem dar espaço para que Oba entrasse.

Eu o reconheci de imediato, mas qualquer pessoa teria, já que ele era, provavelmente, o rapper mais famoso do planeta. Ele não era velho, devia ter uns trinta e poucos anos, mas estava na indústria do rap fazia tanto tempo que era considerado um veterano. Premiado, com diversos discos de platina, mundialmente renomado, talentoso como ninguém e gostoso pra caramba. Era assim que eu descreveria Big South. Estava chocada, espantada a ponto de ficar sem palavras, paralisada.

Ele estava sem camisa, os músculos definidos de seu peito e abdômen me provocavam, um lençol cobria a parte inferior de seu corpo. Ele estava sentado na lateral da cama, seus dreads pendiam em torno de seu rosto. Continuei parada, tentando decifrar sua presença enquanto ele me encarava com um olhar vazio.

Seus olhos cor de chocolate deram uma conferida em meu corpo antes de desviarem em direção a Oba.

— Park é importante demais para fazer entregas agora? Manda as putas dele fazerem o trabalho?

Putas?

O que disse, cara?

Aquilo quebrou o efeito causado pelo feitiço que me deixou sem acreditar que estava no mesmo lugar que esse cara gostoso. Pisquei algumas vezes para tentar me acalmar. Enquanto Oba explicava que Peter Park estava “meio mal”, atravessei o quarto a passos rápidos, parei bem na frente de Everett “Big South” McClain e esbravejei:

— Para a porra da sua informação, não sou puta de *ninguém*! — Eu o encarei por um momento e reparei na mulher; em sua bunda, na verdade, na cama atrás dele.

Esse cara realmente nos fez vir até aqui quando tinha uma mulher pelada na cama?

Ele também estava pelado debaixo do lençol? Que filho da puta.

Seus olhos se arregalaram de espanto.

— Merda, foi mal, gatinha.

Soltei um rosnado e larguei a sacola em seu colo.

— Aqui está sua droga de colar, — falei.

Logo em seguida me virei e passei por Oba, deixando o quarto e a suíte sem dizer uma palavra. Sim, todo mundo conhecia a reputação de Park, mas atribuir o papel de amante a mim era uma arrogância e um desrespeito sem tamanho! Big South era um babaca nojento. Nojento pra caramba. Mas a pior parte foi o modo como fiquei excitada por estar no mesmo quarto que ele. Eu não me envolvia com rappers, muito menos com cretinos como ele.

Eu daria minha cara a tapas se não estivesse a fim de dar uns pegas naquele babaca do Big South.

Capítulo 2

Jo

— Epa, espera aí!

A voz de Oba não me fez diminuir o passo. Segui pelo corredor em direção ao elevador. Por mais que eu amasse hip-hop, odiava a maioria dos rappers, principalmente os arrogantes. Eu devia estar no trabalho errado. Eles eram os principais compradores de joias. Droga!

— Ei! — A mão enorme de Oba impediu que as portas do elevador se fechassem e ele entrou. — Torça para que ele não reclame com o Sr. Park.

Fechei a cara.

— Reclamar de quê? Ele recebeu o colar em perfeito estado. Sem um arranhão sequer.

— Sim, mas você o jogou em cima dele.

— Não joguei. Eu meio que... larguei no colo dele.

— E você o xingou.

Ri.

— Você chama aquilo de xingar? Precisa sair mais. Posso fazer muito pior do que dizer alguns simples “porras”.

— Só estou dizendo que ele é um cliente. Não acha que passou dos limites?

— *Eu* passei dos limites? Ele nos deixou entrar naquele quarto quando estava com uma mulher pelada. Ele provavelmente estava nu também! Além disso, me chamou de puta!

— South é gente boa. Falou essa merda da boca para fora. Todo mundo sabe como o Sr. Park se vira. Sem contar que ele costumava mandar Keisha para fazer esse tipo de trabalho o tempo todo. South deve ter pensado que você era a garota dele.

Keisha era a assistente-barra-namorada que eu substituí, por isso, falei:

— Bem, não sou Keisha.

— Essa porra é óbvia, — Oba disse, quando as portas do elevador se abriram.

Estávamos na metade do caminho de volta para a Bijou Park quando percebi que ele tinha razão. Como já estava tendo que lidar com a fúria de Twyla, o Sr. Park provavelmente estava prestes a ser um idiota comigo por eu ter “desrespeitado” um de seus clientes.



O dia estava chegando ao fim e eu estava cuidando da recepção, já que Freda foi embora mais cedo para ir ao médico. Peter Park estava trancado no escritório desde que Oba e eu retornamos, usando mensagens de texto para se comunicar comigo, pedindo para que eu passasse o dia treinando com os ourives e depois substituísse Freda. Sem gritaria. Sem mencionar o nome de Big South.

Talvez ele não tenha me dedurado, afinal de contas.

O movimento estava bem devagar, então fiquei no celular, olhando o Facebook até que ouvi sua voz.

— Park está?

Levantei a cabeça e encontrei seus olhos intensos, cor de chocolate. Ele era bem mais alto do que eu, seus dreads caíam sobre seu rosto impassível. Os lábios carnudos e negros estavam relaxados. Meus olhos percorreram lentamente sua camiseta preta até pararem sobre a letra “S” feita de diamantes pendurada em um cordão em seu pescoço. Era sem dúvida uma peça de Peter Park. Eu poderia reconhecê-las a quilômetros de distância. O Sr. Park tinha seu próprio estilo e era, com toda certeza, o melhor do mercado. Na verdade, dava para ver que ele mesmo havia criado essa joia.

Ergui o olhar na hora em que ele arqueou a sobrancelha. Merda, agora eu o encarava. Pisquei algumas vezes e finalmente falei:

— Tem hora marcada?

Ele olhou para trás, em direção a Dunn, que só fui ver naquele momento, e riu.

— Com o tanto de dinheiro que gasto nisso aqui? Não preciso marcar horário, gatinha. Diga a ele que South está aqui. Ele vai me atender. Ele está aqui, né?

Lá estava ele. O cretino. O cretino pretensioso. Aquilo acabou com o meu estupor. Enviei uma mensagem para o meu chefe, avisando que Big South estava aqui para vê-lo, esquecendo que estava sentada perto da mesa de Freda e que podia ter usado o interfone. Dois segundos depois, a porta do escritório se abriu e Peter Park apareceu usando óculos escuros.

— South! Gostou da joia?

— Sim, sim. Quero falar com você por um minuto.

O Sr. Park assentiu vigorosamente e o levou ao escritório, deixando-me sozinha com Dunn. Não percebi que fiquei encarando a

porta depois que eles a fecharam até o momento em que Dunn disse:

— E aí?

Desviei o olhar da porta para encará-lo.

— Está falando comigo?

Ele riu.

— Não tem mais ninguém aqui, tem?

Suspirei.

— Posso ajudá-lo com alguma coisa?

— Porra, sim... com essa sua bunda maravilhosa.

Balancei a cabeça.

— Uhm. Não. Não estou interessada. Não. Mesmo. — Voltei minha atenção para o celular e acrescentei: — *Putá merda*, tá doido.

— Fala sério, gatinha. Posso levá-la às alturas.

Olhei para a fuça dele novamente.

— NEM pensar.

— Tá a fim do chefe? Já digo que você não faz o tipo dele.

Já tinha me dado conta daquilo pelo tamanho da bunda que vi na cama com ele. Eu não era sem bunda, mas nada chegava perto daquela garota. Nada que me importasse, de qualquer forma. Então, falei:

— Que bom que também não quero nada com ele, não acha?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Sério? Por que estava babando por ele ainda agora?

— Eu não estava...

A porta do escritório de Peter Park abriu de novo e levei um susto. Na verdade, eu pulei na cadeira. Big South passou apressado por mim sem me olhar, e Dunn foi atrás dele rapidamente, deixando nossa conversa perturbadora de lado sobre eu estar babando por aquele homem. Ele estava louc...

— Jo, preciso que venha à minha sala.

Meu olhar estava fixo em Big South novamente. Não fazia ideia de que Peter Park estava parado bem na minha frente. *Que droga havia de errado comigo?*

Assenti, e enquanto o seguia até o escritório, pensei sobre o fato de Big South não ter me olhado quando saiu. Notei o olhar severo do Sr. Park quando ele se sentou na cadeira atrás da mesa, e percebi que eu tinha arrumado problemas.

Merda. Ele me dedurou. Dedo-duro filho da...

— Jo... vou passar o dia fora. Poderia avisar a todos que Big South nos convidou para sua festa de lançamento no sábado à noite?

— Uhm, ok. Claro. Só isso?

— Deveria haver algo mais?

— Ah, não, não. Só imaginei se precisava que eu fizesse algo mais antes que fosse embora.

— Não.

— Certo. — Hesitei e me virei para sair.

— Ah, claro. Ele me pediu para avisá-la que conta especialmente com a sua presença.

Dei meia-volta, confusa.

— Ele disse isso?

Ele assentiu.

— Sim.

— Uhm... Ok. Obri... obrigada?

Deixei o escritório perplexa, e por alguma razão, animada.



— *Deixe-me ver se eu entendi direito. Você deu a louca com Big South? Big South? Está falando sério?*

— Ele é um babaca, Bridgette. Não ligo que ele seja famoso. Ele é um babaca.

— *E você não vai à festa por causa disso? Quem em L.A. não é babaca? Caramba, quem se importa com isso?! Você não vai namorar o cara! Só vai à festa e me levará como você para que eu possa conhecê-lo. Talvez ele me coloque em seu próximo vídeo clipe.*

— Pensei que tinha acabado de gravar um filme. Um vídeo não seria um retrocesso?

— *Um vídeo do Big South não! O homem é um ícone do rap. Ele tem uma carreira que outros rappers dariam tudo para ter. Ganhou uns dez discos de platina, fez turnês ao redor do mundo várias vezes, engravidou uma modelo. Cacete, ele é um deus do rap! Uma participação em um de seus vídeos me transformaria numa atriz super requisitada!*

— Eu não vou, Bridge. Sinto muito... só que não.

— *Não pode fazer um sacrifício nem desta vez? É sério isso, Jo? Nem pela sua melhor amiga?*

— Na última vez que me sacrifiquei, acabei me envolvendo com um homem que fodeu minha vida.

— *Tudo o que tinha que fazer era ir à uma festa comigo para que eu não fosse sozinha. Eu não apontei uma arma para a sua cabeça e a obriguei a falar com Sidney, namorar ou casar com ele. Que saco!*

— É verdade. Mesmo assim, não vou.

— *Jo! Para com isso! O cara a convidou pessoalmente. Você tem que ir!*

— Ele não me convidou pessoalmente para coisa alguma. Ele convidou os funcionários através de Peter Park e pensou que eu iria porque acha que ninguém lhe daria um fora. Bem, agora ele vai aprender. Poderia ter me convidado pessoalmente, teve mais de uma oportunidade para fazer isso, mas não fez, então, ele que se foda. Não

vou.

— *Se você não tivesse tacado a joia em cima dele, talvez ele a tivesse convidado pessoalmente.*

— Bridge...

Salva pela campainha. Fiquei muito feliz por encerrar a ligação, afinal, eu sabia que Bridgette não pararia até que eu concordasse em ir e a levasse comigo.

— Minha campainha tocou, tenho que ir, — falei, desligando antes que ela pudesse responder. Fui até a porta e sorri ao ver o amor da minha vida do outro lado. Tirando-a do colo da minha vizinha, eu disse: — Podia ter usado sua chave, Sra. Sherry.

Ela balançou a cabeça.

— Achei que pudesse estar acompanhada de um homem. — Ela me lançou um sorrisinho.

Até parece.

Ela deu de ombros.

— Nunca se sabe.

— Como ela passou o dia? — Perguntei, ignorando sua resposta. Voltei minha atenção para minha pequena, beijei sua bochecha rechonchuda e murmurei: — Você se divertiu com a Sra. Sherry hoje, Nat-Nat?

Ela franziu seus pequenos lábios de dois anos de idade e me deu um beijo antes de dizer:

— Sim, — sua voz baixinha.

— Participamos da hora da leitura na biblioteca e ela se comportou como uma mocinha. Tivemos um ótimo dia. Obrigada por permitir que eu a levasse à casa da minha amiga nesta tarde. Ver essa boneca sempre a deixa mais feliz. Acho que poder passar um tempo com Nat está acelerando seu processo de cura.

— Sem problemas. Sabia que cuidaria muito bem dela. Você sempre cuida.

— Eu amo isso. Sempre quis ter filhos. Sua mudança para cá e a necessidade em ter uma babá foi uma bênção. Acredite.

Sorri para ela e, depois que foi embora, preparei uma comida no micro-ondas para mim e minha pequena. Nos sentamos para ver *Top Chef*. Nat-Nat assistiu à TV com muita atenção até que adormeceu em meus braços.

Capítulo 3

Jo

A idiota e persistente Bridgette me ligou todos os dias até o dia da festa de Big South. Quando finalmente entendeu que eu realmente não ia, ela ficou sem falar comigo por uma semana. Esse era o jeito dela, a maneira como agia desde que a conheci em um abrigo durante o ensino fundamental, anos antes de eu me juntar a ela para deixar o Alabama e vir para L.A. Fiquei naquele abrigo porque minha mãe teve um colapso nervoso, precisou ficar internada por alguns meses e eu não tinha nenhum familiar disposto a cuidar de mim.

Bridgette esteve sob os cuidados do governo desde seus nove ou dez anos. Seus pais eram viciados. Segundo ela, a família inteira tinha problemas com drogas, inclusive os avós. Pude voltar para minha mãe após quatro meses; Bridgette continuou lá até terminar o ensino médio, mas naqueles meses que passamos juntas criamos um vínculo duradouro apesar de seus dramas e éramos unha e carne na juventude. Eu sabia o quanto ela queria ter sucesso, o quanto ela trabalhava, mas, por enquanto, ela precisava ficar chateada comigo. Ela acabaria voltando atrás. Era o que sempre fazia. Diferente das pessoas que conheci por causa da minha relação com meu ex-marido, Bridgette era minha amiga de verdade. Ela me apoiou durante a bagunça que foi o processo de divórcio e sempre tive muita gratidão por não ter me abandonado como os outros.

Mas a intensidade da nossa amizade não era suficiente para que eu passasse um tempo no mesmo lugar que aquele idiota revoltante e arrogante do Big South.

Isso não aconteceria.

Como era de costume em minha vida, qualquer pensamento remoto sobre meu ex-marido parecia conjurá-lo. Enquanto voltava para a Bijou Park com o almoço do meu chefe naquela tarde, ele ligou. Lutei contra a vontade familiar de ignorá-lo, lembrando a mim mesma que tinha uma filha com ele e atendi a ligação.

— Alô?

— Oi, Jo. Só estou ligando para saber de você e da bebê. Vocês estão bem?

O fato de ele ainda não falar o nome dela me causava uma irritação sem fim.

— Sim, estamos bem, Sid.

— Ótimo. Ótimo. Fiz o depósito deste mês. Precisa de mais alguma coisa?

Preciso que deixe seu arrependimento para trás, que tome uma atitude e pare de pensar que o dinheiro vai resolver tudo.

— Não.

— Beleza. Volto a falar com você dentro de algumas semanas.

— Certo, tchau. — Desliguei antes que ele pudesse responder, estacionei o carro e fui para o trabalho, com a esperança de que meus colegas parassem de elogiar a festa de Big South. Estava cansada de ouvir falarem disso.



Everett

Eu estava no estúdio tentando criar minha parte na colaboração para uma música da Rihanna. Não gostei muito da faixa, mas tinha prometido que faria uma participação já que ela havia contribuído com meu último álbum. O problema é que a batida não me agradava. Além disso, eu estava distraído pra cacete com minha bunda sentada aqui, pensando na gatinha da joalheria de Peter Park. A baixinha gostosa de pele clara e sardas castanho-escuras que cobriam seu nariz e bochechas. Não fazia ideia do que me atraía nela. Já tinha ficado com mulheres lindas e maravilhosas, mulheres famosas — mulheres que outros homens matariam para ter, mas nenhuma delas me intrigou tanto quanto ela.

Ela era toda natural. Madura, provocante, cabelos castanho-claros com um certo tom acobreado, não usava maquiagem. Era bem pequena se comparada aos meus um metro e noventa, sem contar que, eu não conseguia lembrar a última vez em que uma mulher com menos de um metro e oitenta chamou minha atenção. Ela sequer era bonita de um jeito comum, mas, ainda assim, era linda com aqueles olhos grandes e lábios carnudos. Merda, sei lá. Ela era diferente de qualquer outra mulher que eu já tinha visto.

Falei sério quando comentei com Park que estava ansioso para vê-la. Passei a festa inteira procurando por ela, droga. Tinha planejado pedir desculpa do jeito certo, mas fiquei um tanto decepcionado quando ela não apareceu. E agora? Eu estava meio puto com isso. Que tipo de pessoa furaria comigo além de mim mesmo? Mas será mesmo

que levei um bolo? Não tínhamos combinado de nos encontrar para sair nem nada parecido. Eu estava confuso pra caralho. Tinha trinta e sete anos e nunca me senti tão desorientado com relação a uma mulher. Nem com Esther, e o mundo inteiro sabia que eu amava sua bunda.

Teria que deixar isso para lá. Precisava ganhar dinheiro. Isso era o que eu fazia de melhor. Fiquei lá sentado, escutei Rihanna cantar sobre um negão que nunca teria chance com ela e deixei minha frustração com a gatinha servir de guia naquele estúdio.

Capítulo 4

Jo

Parada ao lado da porta ainda de pijama, arregalei os olhos, surpresa. Passei os dedos pelo cabelo, cocei a cabeça e finalmente disse:

— Bridgette? O que está fazendo aqui? — Fazia duas semanas desde que nos falamos pela última vez e o jeito que ela encontrou de me tirar do castigo foi aparecendo à minha porta dessa forma? Bem típico de Bridgette Turner.

— Sei que não esqueceu, sua vaca.

— Esqueci o quê? — Perguntei, confusa. Logo em seguida, senti mãozinhas tocando minha perna.

— Titi Bijiti! — Nat deu um gritinho.

— Oi, Nat-Nat! — Bridgette cantalorou e, baixando a voz, disse: — Jo Lena Walker, prometi em nome de Deus, jurei pelo nome da sua mãe, April, que se você me disser que esqueceu a estreia do filme hoje à noite, o primeiro filme em que não sou uma figurante, darei uma surra em você na frente da minha afilhada.

— Eu não esqueci. Você está adiantada. — *Esqueci, sim.*

— Eu sei. Temos muito o que fazer para deixá-la pronta para o tapete vermelho, — ela se virou e gritou: — Pode vir! — para alguém atrás dela. Segundos depois, ela e Sage, sua maquiadora favorita e nossa amiga, entraram. Como as duas eram barulhentas e falavam besteiras, eu sabia que precisava levar Nat para a casa da Sra. Sherry o mais rápido possível. Torcia para que ela não estivesse ocupada e pudesse ficar com Nat. Caso contrário, Bridgette me mataria e, sinceramente, queria estar lá para apoiá-la.

Como de costume, a Sra. Sherry agarrou a oportunidade de cuidar de Nat, insistindo que ela dormisse lá. Eu odiava minha casa e minha vizinhança quando me mudei para cá com Sid, mas ter uma vizinha como a Sra. Sherry era uma verdadeira bênção. Fiquei feliz por ter decidido ficar após o divórcio.

Quando voltei, depois de deixar Nat na casa da Sra. Sherry,

Sage estava esvaziando a bolsa de maquiagens sobre a mesa da cozinha e Bridgette tinha desaparecido. Antes que pudesse perguntar a Sage onde ela estava, Bridgette gritou:

— Você tem um sapato que combine com esse vestidinho azul royal? — Ela estava no meu closet.

— Acho que não! — Gritei de volta. — Ia usar o vestido preto longo.

Bridgette entrou descontraída na sala que fazia parte do enorme cômodo conjugado. Minha sala de estar, cozinha e sala de jantar eram unificadas. Ela estava com o vestido azul royal curto pendurado no braço enquanto segurava um par de sapatos com salto-agulha na mão. Tinha esquecido deles.

— Você é muito baixinha para usar vestidos longos. Quantas vezes tenho que dizer isso? Só irá deixá-la menor, — ela falou.

— Qual é o problema em ser baixinha? — Perguntei.

— Nenhum, a menos que queira ser vista em meio ao mar de modelos altas que aparecem em todos lugares de Hollywood, certo? Um vestido longo vai fazer você sumir. Vai parecer um hobbit dentro dele.

Revirei os olhos.

— Quem disse que eu estava tentando ser vista?

— Garota, você é muito gostosa para ficar se escondendo, — Sage concordou.

Me joguei sobre a cadeira da cozinha e peguei o controle remoto.

— Que seja, pessoal. Até parece que estou à procura de um homem.

— Deveria estar. Não existe só o Sid nessa vida, Jo. Você precisa voltar à ativa, — Bridgette disse, tirando o próprio vestido do porta-trajes que havia trazido e colocando-o sobre o encosto do meu sofá de couro preto que Sidney tinha escolhido. Eu precisava mesmo comprar móveis novos. Tudo em minha casa me lembrava do meu casamento fracassado.

— Você não namora, — falei.

— Estou focada em minha carreira.

— Talvez eu esteja focada na minha.

— Nem você parece se convencer disso. Trabalhar para Peter Park é um passatempo, da mesma forma quando passou três segundos treinando com Sage para ser maquiadora. A única coisa que sempre quis foi ser esposa e mãe. Você só falava nisso quando éramos mais novas: ser uma dona de casa feliz.

É, não fui uma jovem muito ambiciosa.

— E vimos o que aconteceu.

— Quem poderia imaginar que Sid se transformaria em um

babaca desprezível? Você foi uma boa esposa, Jo, e é uma ótima mãe. Só tem que encontrar um homem melhor desta vez.

— Isso mesmo, garota. Existem homens bacanas por aí, — Sage acrescentou.

— Onde? — Perguntei, erguendo as sobrancelhas.

Sage pareceu refletir por um segundo, contraiu os lábios volumosos e encolheu seus ombros musculosos.

— Quem dera se eu soubesse.

Dei risada enquanto retomava o vídeo que estava assistindo antes de elas chegarem. No momento que Sage me chamou para sentar na cadeira perto dela, Bridgette perguntou:

— Está vendo vídeos no YouTube?

Assenti.

— Sim. *4C Angie*. Ela e Ryan estão fazendo aquele negócio em que discutem sobre os melhores artistas. Estão falando sobre Frankie Beverly e Marvin Gaye agora. Ryan enlouqueceu quando Angie escolheu Frankie Beverly.

— Lembra daquela vez em que falaram sobre Drake e Tupac? Morri quando Angie preferiu Drake, e Ryan a encarou por uns dez minutos até interromperem a filmagem, — Sage comentou.

Ri.

— Sim, foi hilário.

— Ahhh, ele está com o neném deles no colo. Ele é tão fofo! — Sage falou com entusiasmo.

— Aaaaada, esse Ryan é gostoso pra caralho! Puta merda! — Bridgette declarou.

— E maluco por Angie. Eu os conheci em um evento de beleza há um ano, e ele não conseguia tirar as mãos nem os olhos dela, — Sage nos informou.

— Deve ser incrível estar com alguém que seja louco por você, — suspirei.

— Sim... — as duas concordaram, tão desanimadas quanto eu.



O filme era bom demais! Nossa! Muito bem filmado e dirigido, o elenco era todo com atores negros. A história era sobre um grupo de amigos da faculdade que se reencontraram no velório de seu professor favorito, e no processo, recuperaram o tempo perdido e se deram conta de que o modo como as pessoas viam as coisas podia ser distorcido, sem contar que a trajetória de vida de alguém podia sofrer reviravoltas. Bridgette interpretava a esposa de um dos amigos, um cara que todo mundo sempre achou que fosse gay. Ela teve apenas três falas bem curtas, mas apareceu muito em frente à câmera. Sua

desenvoltura na tela era enorme. Eu estava tão orgulhosa dela! Ela sempre sonhou com isso desde pequena e estava alcançando seu objetivo.

Logo após a estreia, aconteceu uma festa numa boate chamada Tablado. Fomos em meu carro até lá, e enquanto acompanhava minha amiga das pernas esbeltas para dentro do local onde poderíamos nos misturar em meio aos produtores, colegas de elenco e todos os que estavam presentes, balançava minha cabeça ao som do ritmo vibrante da música de Charlie Puth, *Attention*.

O lugar estava repleto de pessoas negras lindas que sorriam, dançavam, conversavam e bebiam. Vi algumas subcelebridades quando estava no bar com Bridgette, olhando ao redor do local que reluzia com a iluminação amarela. Independente de quem fosse o DJ, ele era perfeito com sua seleção de faixas R&B e hip-hop. O clima estava muito animado.

Bridgette me entregou uma dose de alguma coisa e eu torci o nariz.

— Sabe que não bebo essas bebidas puras. Precisa estar disfarçado com frutas ou algo do tipo para eu conseguir digeri-la.

Ela me deu uma palmada com sua mão bem-cuidada, suas unhas decoradas com pedrinhas brilhando sob a iluminação fraca.

— Isso é uma comemoração. Você vai encher a cara e vamos dançar bem ao estilo de Reola, Alabama!

Revirei os olhos quando ela tomou a bebida num gole só e sacudiu a cabeça, fazendo seus cachos balançarem. Bridgette era alta, esbelta e tinha uma linda pele de tom acobreado que ela jurava ser uma praga em sua carreira, já que peles negras, claras e garotas hispânicas eram uma tendência. Ela dizia que ser normal, não ter uma aparência exótica, ser uma mulher negra de pele castanha e progressiva estava aniquilando suas chances de sucesso.

Em seu vestido tubinho vermelho, ela levou a mão à cintura e arqueou a sobrancelha.

— Bebe, sua vaca.

Balancei a cabeça.

— Não. Lembre-se que estou dirigindo. Não vou me embriagar para ter que deixar meu carro aqui, e você sabe que a bebida pura vai fazer efeito mais rápido.

— Você nunca bebe comigo, — ela resmungou, e pegou minha bebida para tomá-la também. Eu tinha certeza de que teria que arrastá-la daquele lugar, bêbada como um gambá, no fim da noite.

— Lá está o diretor! Deixe-me apresentá-los! — Bridgette segurou minha mão e fui atrás dela, passando pela multidão em meu vestidinho azul, meu penteado bufante dando o que falar. Sage tinha acertado em cheio na maquiagem, e a julgar pelos olhares e sorrisos

que recebi de alguns caras, sabia que estava muito bonita. Pois é, eu não queria um homem, mas era bom receber essa atenção.

Uma hora depois, meus pés começaram a protestar de dor — acho que até pude ouvi-los gritar palavrões — então pedi licença ao grupo de atrizes que conversavam sobre estarem todas competindo para participarem de um comercial da Fenty Beauty, e fui procurar um lugar onde pudesse ficar sentada até Bridgette decidir ir embora. Dez minutos depois, minha busca sem resultados fez com que eu me encostasse contra a parede, levantando um pé de cada vez para aliviar a dor que atingia meus calcanhares naqueles saltos nada confortáveis. Já estava pensando em qual rede de lanchonete eu iria depois que fôssemos embora, quando alguém deu um tapinha em meu ombro. Ergui a cabeça e vi um senhor de terno preto que estava com um sorriso no rosto e usava um perfume muito bom.

— Com licença, senhora, mas pediram para que eu a acompanhasse até a área VIP.

— Oi? Quem... o quê?

Seu sorriso ficou mais largo.

— Pediram para que eu a acompanhasse até a área VIP. Sou George, o concierge da área VIP.

Que porra era essa de concierge da área VIP?

— Por que você está... por que estou indo para a área VIP?

Ele parou de sorrir.

Acho que a pergunta foi bem idiota. Quem se preocuparia com o *porquê* estaria indo para a área VIP? Além disso... eu provavelmente conseguiria um lugar para sentar.

— Eu... minha amiga... não posso deixar minha amiga.

— Claro que não. Seus convidados podem acompanhá-la.

Bem, tecnicamente, eu era a convidada de Bridgette, mas deixa quieto.

— Uhm... irei buscá-la.

George veio atrás de mim enquanto eu percorria a multidão em busca de Bridgette. Só então tive a ideia de enviar uma mensagem para ela, torcendo para a que visse e me encontrasse no bar.

Ela nos encontrou, seus olhos arregalados de curiosidade. Olhou para George que estava atento ao meu lado, e depois me encarou.

— O que está rolando? Está sendo retirada do local? O que aconteceu?

— Não... por alguma razão, ele está nos levando para a área VIP.

— Área VIP? Sage vai pifar por não ter recusado aquele trabalho para maquiagem a stripper hoje à noite e por não ter vindo com a gente. Espera aí, você acha que isso é coisa do Sidney? Ele está aqui?

A possibilidade do meu ex estar aqui não tinha passado pela minha cabeça, mas ele era o tipo de pessoa que teria acesso à área VIP.

— Meu Deus, espero que não. Se for ele, caio fora daqui.

— Veremos. Talvez não seja ele, — falou. Dava para ver que ela estava doida para entrar nessa tal de área VIP.

Enquanto seguíamos George em direção à escada de vidro, percebi que só podia ser Sidney.

Quem mais poderia ser e que afronta era aquela de mandar alguém me levar para a área VIP? Pensei em alguns palavrões que falaria para ele quando vi um rosto que me fez parar bem no topo da escada. A confirmação do que realmente estava acontecendo veio quando George se aproximou da porta onde o homem estava parado.

— Não acredito nisso, — murmurei.

Bridgette, que conseguiu me ouvir apesar dos gritos de K. Michelle vindos dos alto-falantes, falou:

— Cacete! É o Sid, né? Droga, queria muito ver como são os camarotes.

Balancei a cabeça.

— Não é o Sid. Aquele é o segurança de Big South. Não vou entrar aí.

Bridgette me deu um puxão tão rápido para que eu a encarasse, que fiquei até tonta.

— Presta atenção no que vou dizer. Jo, eu te amo como se fosse minha irmã, mas se você não entrar naquele camarote com aquele homem, vou te dar um cascudo. Não estou de brincadeira. Anda!

— Bridge...

Ela estreitou os olhos.

— A menos que aquele filho da puta tenha abusado sexualmente de você, chamado você de piranha, dito que a sua boceta tem cheiro de peixe ou tenha encostado um dedo em Nat, coloca esse seu rabo dentro daquele camarote! — esbravejou.

— Por que ele diria que minha boceta tem cheiro de peixe? O que está tentando dizer? Eu tomei banho, Bridge...

— Jo, não estou de brincadeira.

— Ele me chamou de puta!

— Só porque você trabalha para um galinha que é conhecido por ficar de sacanagem com suas funcionárias! E você falou que ele disse “foi mal” depois, droga!

— Você age como se esse fosse um pedido de desculpa adequada...

— Vadia, coloca esse seu rabo naquele camarote antes que eu o chute!

— Que saco! Tá bom! Estou indo! — Dei um gritinho. — Droga!

Assim que cheguei à porta, revirei os olhos para um sorridente Dunn e segui George para dentro do camarote.

Como o interior do andar principal da boate, ele era banhado por luzes amarelas e tinha uma parede inteira coberta por janelas que proporcionavam uma vista do primeiro piso. Havia um espaço com sofás de couro preto no meio do cômodo, uma mesa de centro enorme feita de vidro e um pequeno bar com seu próprio bartender aos fundos. Depois que George saiu, o camarote ficou vazio, a não ser pelo bartender, Bridgette e eu. Eu me virei para Bridgette, que compartilhava comigo o mesmo olhar confuso.

Ela deu de ombros.

— Garota, não quero saber. Vou pegar outra bebida e curtir meu momento aqui.

Depois que ela se afastou, fui até as janelas e olhei para o andar de baixo, decidindo tirar os sapatos. Eu estava me sentando no sofá e Bridgette conversava com o bartender quando a porta se abriu e *ele* entrou, acompanhado de perto de seu segurança. Fiquei paralisada, ainda curvada segurando meu pé direito, o decote espremido entre meus braços, ligeiramente boquiaberta.

Que cara gato...

Ele se aproximou usando calça social preta e uma camisa vinho com o colarinho aberto, uma corrente grossa de platina pendurada no pescoço, seus dreads presos em um rabo de cavalo. Ele sorriu quando chegou perto de mim.

— Oi, — ele disse, como se me conhecesse. Sentou-se ao meu lado, não muito próximo, mas perto o bastante para me deixar nervosa.

— Uhm, oi, — respondi.

— Jo, certo?

Franzi a testa, olhei para Bridgette que estava de boca aberta e voltei minha atenção para Big South.

— Como sabe o meu nome?

— Park me contou.

— Ah...

— Você é atriz?

— Uhm... não, estou aqui com minha amiga. Ela está no filme. — Fiz um gesto com a cabeça em direção a Bridgette. Ela entendeu a deixa e correu para se sentar do lado oposto ao meu.

— Sério? Eu sou um dos produtores, — ele comentou.

Bridgette arquejou.

— Verdade? Como eu não sabia disso?

— Não quero que seja divulgado.

Bridgette esticou a mão para ele.

— Ah, sim... Bridgette Turner. É maravilhoso conhecê-lo!

Enquanto eles conversavam sobre o roteirista ser um velho amigo dele, eu me levantei e fui até as janelas de novo, desviando minha atenção e observando a multidão, à medida que minha mente zumbia com tantos pensamentos e meu coração acelerava no peito. Que porra estava acontecendo? Por que ele me trouxe aqui para cima? O que ele queria comigo? Sexo? Numa boate? Nem pensar! Eu não era nenhuma fã piriguete!

— Está lotado lá embaixo, né?

Ele falou bem perto do meu ouvido e quase me matou de susto. Eu me encolhi e me virei para encará-lo. Ele saiu de trás de mim e foi para o meu lado, desviando o olhar da janela e olhando em minha direção,

— Por que me trouxe aqui para cima? — Perguntei.

Ele sorriu, e rugas se formaram no canto de seus olhos. Minha nossa, ele era um homem muito bonito. Sempre achei isso, mas ficar ali olhando dentro do rosto dele era atordoante.

— Você é bem direta, né? Não gosta daqui?

— Acha que vou para cama como você? — Indaguei, ignorando sua pergunta, porque era estúpida. É claro que eu gostava de ficar na área VIP. Quem não gostaria?

Ele arqueou as sobrancelhas e inclinou a cabeça para o lado.

— Muito bem, já que perguntou... *Você quer dormir comigo, gatinha?*

— Pode parar de me chamar desse jeito?

— Desse jeito, como?

— *Gatinha.*

— Certo, como quer que eu a chame então?

— Pelo meu nome.

— Ok... Jo, quer dormir comigo? Se quiser, não vou recusar. — Ele deu uma conferida no meu corpo. — Disso eu tenho certeza.

— Você deve achar que sou alguma fã piriguete ou algo parecido com aquela garota que estava na sua suíte.

Ele franziu o cenho como se estivesse confuso, mas, logo depois, a compreensão tomou conta de seus olhos escuros.

— Como sabe que ela era uma fã piriguete?

Agora foi a minha vez de fechar a cara.

— Você costuma deixar que estranhos vejam suas namoradas peladas?

— Não disse que ela era minha namorada.

— Não interessa. Sua completa falta de respeito por ela é nojenta, e se acha que vou me colocar nessa situação, está totalmente enganado.

— Por isso não foi à minha festa? Porque acha que eu desrespeito as mulheres?

— Se eu acho? Eu sei. Como se sua música não fosse prova suficiente, a Sra. Bunda de Fora era a evidência que faltava. Você permitiu que eu e um grandalhão entrássemos naquele quarto enquanto ela estava pelada e exposta! Você nem ao menos tentou cobrir sua nudez! Você é um porco! Um babaca! Um canalha!

Seu olhar era penetrante e me atingia como um laser. Ficamos um tempo encarando um ao outro antes de ele finalmente dizer:

— Você acha que a minha música desrespeita as mulheres?

— “South na sua boca”? “Ela vai sentar”? “Putas e prostitutas”? “Soca nela”? “Bocetas e Coronas”? Preciso falar a sua discografia inteira?

— Produzi essas merdas quase vinte anos atrás, quando era um moleque que não pensava em mais nada além de sexo. Vai agir como se eu não tivesse evoluído nem um pouco?

— Ah, sim, vi a bunda daquela garota há três semanas. Grande evolução. Além disso, você basicamente falou que sou a puta de Peter Park.

Ele me encarou novamente e a realidade do momento me atingiu. Eu estava em uma boate, na área VIP, discutindo com um estranho que, acredite ou não, era uma verdadeira celebridade. Olhei ao redor da sala e me deparei com os olhares entretidos de Bridgette, Tommy-o-segurança e do bartender sobre nós.

Suspirei e fechei os olhos.

— Olha, só estou dizendo que foi muito desagradável da sua parte...

De início senti o calor do seu corpo, e quando abri os olhos, vi que ele estava bem perto de mim, tão perto que seu perfume invadia meu nariz. Com os olhos grudados em mim, ele murmurou:

— Tem razão. Foi horrível da minha parte. Peço desculpa por chamá-la de puta e por fazer aquela merda que disse que eu fiz.

— Uhm... — Não sabia o que pensar! — Não pode se desculpar com ela aqui. Esse... esse pedido de desculpa é indireto. Não conta.

— Não posso me desculpar diretamente, — ele falou, aproximando ainda mais o rosto do meu.

— Por... por que não? — Perguntei, encarando-o.

— Não tenho o número dela. Não a vi mais depois daquele dia. Não planejo vê-la de novo. Não consigo nem lembrar o nome dela, cacete.

Franzi o cenho.

— Ela...

Ele me beijou, interrompendo minha fala. Em algum lugar ao longe ouvi um arquejo que acredito ter partido de Bridgette. Minha mente gritava comigo, falando para eu dar um fim àquilo, que fizesse *ele* parar. Eu sequer conhecia o cara! Mas não o interrompi. Talvez eu

não pudesse, porque era tão bom ter sua boca contra a minha. Sem língua, apenas seus lábios volumosos cobrindo os meus. Logo em seguida senti sua mão sobre meu ombro e ele se afastou.

— Estava com vontade de fazer isso desde o dia em que jogou aquele maldito colar em mim, — ele disse baixinho.

Ergui a cabeça e toquei meus lábios. O que estava acontecendo? Que porra foi aquela?

— Quê... como assim?

— Queria saber se você era tão gostosa quanto aparenta. Só para constar, você é. — Ele deu um sorriso torto. — Talvez seja mais gostosa do que eu imaginava.

— Eu não joguei o colar em você, — isso foi tudo o que consegui dizer.

— Jogou, sim, e aquilo me excitou. — Sua voz era rouca, baixa, e seus olhos encaravam meus lábios.

— Ah... — Não sabia o que fazer ou dizer. Estava sentindo coisas em lugares que estiveram adormecidos por muito tempo. As sensações atingiam regiões do meu corpo que eu tinha tirado de jogo depois que meu marido me deixou. Minhas pernas estavam fracas e eu só conseguia pensar em como queria que ele me beijasse de novo... e de novo... mais uma vez, e...

— Você é linda para caramba, sabia? — Ele murmurou, e se aproximou novamente, como se tivesse lido meus pensamentos.

Dessa vez, quando encostou seus lábios aos meus, sua língua deu o ar da graça. Na mesma hora, eu abri minha boca, impaciente — impaciente demais. Acho que devo ter gemido quando ele agarrou a parte de trás do meu vestido e me apertou contra si enquanto intensificava o beijo, sua língua devorando cada canto da minha boca. Então, *ele* gemeu, meus braços se ergueram por vontade própria e eu os envolvi em seu pescoço. Tive que lutar para não enroscar minhas pernas em torno dele. Estávamos ofegantes quando finalmente nos separamos. Ele ficou parado, olhando para mim com uma expressão estranha no rosto. Eu estava confusa demais a essa altura, à beira das lágrimas. Que porra estava acontecendo?!

— Chefe... — A voz de Tommy amenizou a sensação de confusão, e eu me afastei um pouco de Big South.

— Tenho que ir. Preciso pegar um voo, — Big South falou, esticando a mão e tocando meu lábio inferior com o dedo. Em seguida, olhou na direção de Bridgette. — Foi um prazer conhecê-la. — Bridgette falou alguma coisa. Não faço ideia do quê.

Seus olhos encontraram os meus novamente, e tudo o que consegui fazer foi ficar imóvel. Aproximando-se, ele me observou, sorriu e virou-se para ir embora. Eu me joguei sobre o sofá e agarrei minha cabeça, sentindo-me intoxicada de tanta confusão e... desejo.

Bridgette correu até mim, gritando, mas não pude me concentrar em suas palavras, porque meu juízo tinha saído daquele camarote junto com o homem corpulento, alto e gostoso que era tão habilidoso em beijar quanto era em fazer rap.

Capítulo 5

Jo

Tenho uma personalidade obsessiva. Algo que herdei da minha mãe, uma das marcas registradas de sua doença mental. Tive sorte por não ter herdado outros de seus problemas. A personalidade obsessiva já era um fardo mais do que suficiente. Fazia você dissecar e examinar os menores incidentes, revirar situações sem parar, analisar cada sílaba de uma conversa antiga, fazer perguntas a si mesmo de maneira interminável, e ponderar sobre as consequências de seus atos sem chegar a lugar algum. Eu era conhecida por ruminar sobre coisas que disse anos atrás, droga.

A estreia e a festa aconteceram na sexta à noite. Passei o sábado inteiro e a maior parte do domingo evitando os telefonemas de Bridgette, obcecada com meu encontro com Big South, sentindo arrepios percorrerem minha espinha só de lembrar dos lábios dele tocando os meus, sua língua invadindo minha boca. No domingo à noite, considerei seriamente ligar meu vibrador abandonado para aliviar a tensão sexual que inundava cada célula do meu corpo.

Fazia uns dois anos que eu não transava, desde que Sid e eu nos separamos quando eu estava grávida de seis meses. Depois que tive Nat, estive preocupada demais em como aprender a cuidar dela — já que não tinha ninguém para me mostrar — para pensar em sexo. Minha mãe faleceu alguns anos depois que conheci Sid, por isso não pôde me ensinar. Aprender sobre maternidade foi um caminho árduo para mim que exigiu muita energia de mim para que eu me preocupasse com um pênis. Até aquela noite na boate, minha região pélvica estava hibernando. Big South a fez despertar e, agora, tudo lá embaixo estava vivo e ativo como moléculas colidindo na atmosfera. Era como se alguém estivesse dando uma festa com música eletrônica bem na minha vulva.

Eu nunca fui muito deslumbrada, então minha obsessão não tinha nada a ver com o fato de que ele era Big South, mais conhecido como Southy, Big 12, Campeão Nacional do Rap. Pois é, ele era uma

celebridade muito bonita com traços fortes e definidos, mas o que fazia minha cabeça girar era o efeito que ele causava em meu corpo.

Nada disso fazia sentido.

Eu estava com tesão e tão perplexa que chegava a ser frustrante.

Por algum motivo, ele se sentia atraído por esse meu jeito esquisito. Talvez gostasse de sardas, lábios volumosos, pernas curtas e levemente arqueadas, e cabelo sem corte. Ele disse *mesmo* que eu era sexy. Mas por quê me beijou duas vezes e partiu sem se preocupar em pegar meu número? Se bem que ele sabia onde eu trabalhava. Talvez planejasse passar na Bijou Park para me ver. É claro que ele não ia fazer isso. Para ele, eu era uma ninguém, apenas mais uma garota que ele beijou. Ele era um astro. Já eu, era apenas um jogo com o qual ele brincava... Certo?

Merda.

Se eu continuasse com isso, acabaria numa ala psiquiátrica igual a minha mãe.

Minha obsessão me levou ao YouTube, onde assisti inotáveis entrevistas com Big South, algumas tão antigas que ele parecia uma criança — rechonchudo e com cara de bebê. O nome dele teve origem em seu amor pelo futebol americano. Big South, assim como o Big 12, um de seus outros apelidos, participou de conferências da liga universitária de futebol. O campeonato nacional era mais um indício de sua paixão pelo esporte. Faria sentido pensar que Big South era proveniente do fato de que ele era do sul e estava acima do peso quando apareceu pela primeira vez no mundo do rap.

Um jovem de dezoito anos corpulento e alto de Houston que fazia rimas espirituosas com um distinto sotaque sulista. Aos vinte, adotou um estilo de vida mais saudável, transformando-se em um cara de um metro de noventa com abdômen trincado e em um rapper talentoso que também era visto como um símbolo sexual. Com vinte e dois anos, viveu um relacionamento com a modelo britânica, Esther Reese, uma mulher deslumbrante de um metro e noventa de altura que parecia uma boneca Barbie com a pele cor de chocolate, era quinze anos mais velha que ele. Para todos que os viam juntos, a relação dos dois era séria. Por mais incompatíveis e diferentes que fossem um do outro, eles se casaram quatro meses após começarem a namorar. Menos de um ano depois, a filha deles nasceu. A relação turbulenta durou mais cinco anos, inspirou o aclamado álbum de South, *E2*, uma carta de amor para Esther, e terminou quando ele a traiu. Até onde sei, nenhum dos dois se casou novamente, mas ambos tinham sido vinculados a várias outras celebridades nos tabloides e nos blogs de fofoca.

Big South era um mulherengo, isso era caso comprovado, que

havia criado músicas misóginas e desrespeitou uma mulher na minha frente. Ele até fez suposições sobre mim, droga! Sim, ele pediu desculpa, mas isso ainda não explicava por que eu o deixei me beijar, o beijei de volta e me sentia tão atraída por ele que estava pegando fogo. Talvez eu precisasse mesmo encontrar um homem para mim, assim pararia de desejá-lo. Uma coisa era certa: eu precisava fazer algo para me controlar.



Everett

Tive que ir para algumas reuniões em Nova York depois da estreia do filme e o esperado era que logo depois eu fosse para Houston, minha cidade natal e o único lugar onde eu tinha uma casa. Em vez disso, voltei para L.A., pensando em uma maneira de ver Jo de novo.

Pois é, ela *ainda* não tinha saído da minha cabeça.

Eu estava em pé, de frente para a janela da área VIP na noite em que a vi — na noite em que vi seu cabelo, na verdade — movendo-se em meio à multidão. À princípio, não sabia se era ela. Sim, o cabelo dela era único — nunca tinha visto mechas tão volumosas e cheias, maleáveis e de aparência macia —, mas, ainda assim, eu a observei por dez ou quinze minutos até ter certeza.

O plano inicial era entrar em contato com Phil, o roteirista que eu conhecia faz tempo, e desconstrair um pouco ao lado dele e de seus amigos naquela noite, mas depois que vi seu corpo sedutor dentro daquele vestidinho apertado, meus planos mudaram. Mandeí aquele cara ir atrás dela, disse a ele para não contar a ela nem a ninguém quem havia mandado buscá-la, mas ele demorou tanto que achei que ela tinha se recusado a acompanhá-lo. Então decidi ir ao banheiro, e quando Dunn me avisou que ela estava no camarote, fiquei surpreso e feliz para caramba. Ela era tão linda de perto que quase perdi a cabeça. A única coisa que me incomodou foi o fato de sua maquiagem cobrir suas sardas, mas, ainda assim, ela era linda de um jeito que só ela conseguia ser. Foi difícil ficar sem tocá-la e isso era muito louco, porque eu sequer a conhecia. E quando eu a beijei? Senti algo que nunca havia sentido antes quando provei de seus lábios volumosos e fartos. Se aquelas sardas estivessem aparecendo, teria perdido o juízo bem na frente de Tommy e da amiga dela. Aquelas sardas me excitavam de verdade.

De qualquer forma, no voo de volta à L.A., criei um plano para conseguir vê-la novamente. Assim que cheguei, fui para a minha suíte no Le Larousse colocá-lo em prática. Eu sempre ficava naquela suíte

quando estava em L.A., já que Esther ficou com a casa depois do divórcio e toda aquela merda me fez desisti de comprar uma casa em L.A.. A suíte da cobertura era cara, mas eu nunca ficava por muito tempo. Se as coisas avançassem com Jo, eu teria que repensar tudo, de repente comprar um apartamento pequeno ou algo do tipo.

Cacete, eu estava planejando um futuro que envolvia uma mulher que falou um monte de merda na minha cara e me deixou cheio de tesão durante todo o processo. Fazia muito tempo que não tinha vontade de fazer nada além de comer uma mulher, mas Jo? Por alguma razão desconhecida, eu acreditava que poderia construir algo com ela. Pela primeira vez em um bom tempo, era aquilo que eu queria, construir algo. Algo verdadeiro. E queria que fosse com ela. Por mais difícil que ela fosse, dava para perceber pelo modo como sempre me olhava e pela maneira como eu me senti quando a beijei, que ela também estava a fim.

Pelo menos, era isso o que eu esperava.

Capítulo 6

Jo

Não dava para acreditar, eu não queria acreditar. Estava mais confusa do que nunca quando saí do carro e entreguei as chaves ao manobrista. Era isso o que estive esperando, pelo qual fui treinada, o que eu queria, mas não desse... *jeito*.

Na quarta-feira pela manhã, depois que pensei ter finalmente tirado Big South dos meus pensamentos, convenci a mim mesma de que tinha imaginado tudo o que aconteceu na boate. Bridgette burlou minhas tentativas de ignorar seus telefonemas enviando-me mensagens de texto como se eu estivesse num relacionamento com o cara e Peter Park me ligou do escritório para informar que eu deveria encontrar um cliente para negociar uma nova encomenda. O primeiro sentimento que tive foi o de entusiasmo. Eu? Park estava finalmente confiando em *mim* para negociar com um cliente? Ele disse que eu tinha carta branca para conceitualizar a joia, ilustrar alguns exemplos e até mesmo criá-la. Além disso, eu receberia uma comissão sobre a venda. Eu o agradei de forma exagerada pela oportunidade, por acreditar em mim, mas ele apenas riu com escárnio.

— Eu *já* lhe daria autonomia assim tão rápido. Você foi requisitada.

Vincos profundos se formaram em minha testa.

— Por quem?

— Big South, por isso, não estrague tudo.

Meus pés pareciam chumbo enquanto eu atravessava o saguão do hotel. O que esse homem queria comigo? O que ele queria *de* mim? Mais uma vez torci para que não estivesse solicitando minha presença em sua suíte com a esperança de que eu tirasse minha calcinha para ele. Isso não ia acontecer. *Nunca*. E eu planejava xingá-lo por ter me beijado.

Mas você também o beijou.

E você gostou.

Sabe muito bem que quer transar com ele.

Assim que saí do elevador, fechei os olhos e tentei ignorar aquela voz estúpida do meu inconsciente. Me aproximei da porta, respirei fundo e bati. A fuça sempre sorridente de Dunn a abriu. Ele fez um gesto para que eu entrasse e lambeu os lábios de forma sedutora.

— Que bom ver você de novo, — ele disse com um toque de divertimento na voz.

Revirei os olhos, entrei na sala de estar gigante, porém, familiar, da suíte e quase pulei de susto quando vi Big South sentado no sofá com as pernas cruzadas. Não sei o que eu esperava — que ele tivesse no quarto ou algo do tipo?

O filho da mãe estava usando uma calça cinza de moletom.

Merda.

Sua aparência era a mesma de sempre — bonita, muito bonita — só esse fato fez com que as lembranças de seu beijo viessem à tona. Eu mal conseguia ficar de pé. Quando a porta se fechou atrás de mim, virei-me de forma brusca e a encarei como se nunca tivesse visto uma porta se fechar. Eu estava nervosa para cacete.

— Sente-se, — ele disse, me fazendo virar a cabeça para olhá-lo.

Meu olhar percorreu a sala e parou sobre uma poltrona a alguns centímetros de mim. Sentei-me nela e cruzei os tornozelos, meus olhos vasculhando a sala novamente antes de encará-lo.

Ele sorriu, exibindo seus dentes grandes e alinhados. Até seus *dentes* eram atraentes.

— Fico feliz em vê-la de novo.

— Você e Dunn, pelo visto, — murmurei.

— O que disse?

Como eu sabia que ele não tinha me ouvido mesmo, falei:

— Não tive escolha já que quero manter meu emprego.

— Tenho pensado em você, — ele respondeu, ignorando meu comentário.

— É claro.

Ele riu.

— Você também tem pensado em mim?

Sem parar.

— Não.

— Eita. Quer dizer que eu não a impressionei na festa? — Ele inclinou a cabeça para o lado e lambeu os lábios. — Nem um pouco?

Descruzei e voltei a cruzar meus tornozelos, passei a mão sobre a perna, olhei para o meu vestido longo com estampa tribal e o encarei novamente.

— Uhm... como sabia que eu trabalhava como aprendiz para Peter Park?

— Perguntei a ele o que fazia no dia que fui até lá para convidá-lo para a festa que você perdeu. Ele me contou.

— Isso só pode ser violação de privacidade ou algo assim... — murmurei.

Me ignorando, ele desconversou.

— Fico imaginando por quanto tempo você tem trabalhado lá e como eu nunca a vi antes. Faço negócios com Park há anos.

— Eu provavelmente estava ocupada em *não* ser a puta dele quando você apareceu por lá.

Ele riu de novo.

— Você é engraçada, sabia?

Dessa vez, *eu* ignorei *seu* comentário e o informei:

— Nunca projetei ou criei uma peça antes. Ele nunca deixou. Tem certeza de que quer que eu faça isso?

— Sim.

Soltei um suspiro.

— Certo...

Houve uma batida suave na porta da suíte, e Big South disse:

— Aguarde um segundo. — Então ele gritou: — Oi, pode entrar!

A porta foi aberta e uma mulher vestindo uma saia lápis curta e extremamente apertada, e um cropped combinando entrou no cômodo, hesitante.

Big South se levantou e pediu para que ela se aproximasse dele. Franzi a testa, imaginando que porra era aquela. O que ele estava tramando? Uma emboscada para um trisal? Bem, ele conseguiu me deixar pu...

— Sheena, né? — Ele perguntou à mulher.

Ela assentiu, seu olhar agitado.

— Jo, esta é Sheena. Pedi para o meu pessoal fazer uma varredura na internet por todas as fotos e postagens da festa onde a conheci, na noite antes de você vir entregar o colar da minha filha. É evidente que ela é a mulher que veio para cá comigo. Para ser sincero, está tudo muito confuso. Eu enchi a cara naquela noite. Não faço isso com frequência, mas estava celebrando um novo investimento. De qualquer forma, aqui está ela. — Ele se virou para a mulher. — Sheena, lhe devo desculpas. Enquanto você estava dormindo, permiti que Jo entrasse aqui com seu segurança e eles a viram nua na cama. Foi desrespeitoso da minha parte. Desculpe-me.

— Tu... tudo bem? — Sheena falou. — Está tudo certo.

Olhei para ele e para ela, e disse:

— Como sei se essa é a mulher certa?

Ele arregalou os olhos como se não esperasse que eu dissesse aquilo. Em seguida, olhou para ela, aproximou-se e sussurrou algo. Ela

girou em resposta.

Sim, era ela. Mesmo vestida, sua bunda podia ser identificada com facilidade.

Desviei os olhos de seu traseiro e os revirei em direção a Big South.

Ele sussurrou mais alguma coisa e ela foi embora. Um segundo depois, ele voltou a se sentar.

— Teve que pagá-la para vir aqui? — Perguntei.

Ele assentiu.

— Meus advogados a fizeram assinar um contrato de confidencialidade caso ela decida tentar me processar.

Eu olhava para baixo.

— Por que se incomodou com isso?

— Como eu já disse, você tinha razão.

— Mas não precisava ter feito na minha frente.

— Eu quis, para mostrar a esse seu lado hostil que não sou tão desprezível, e que apesar da sua atitude, gosto de você. Muito.

Lutei para não revirar meus olhos de novo.

— Aquele colar que eu trouxe era para sua filha?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Sim. Para quem pensou que fosse?

— Sheena.

Ele se curvou e juntou as duas mãos.

— Sheena foi alguém com quem eu trepei. Nada mais, nada menos. Não pago esse dinheiro para dar joias a mulheres que eu só fodi. A última vez que comprei um presente para uma mulher, eu me casei com ela, cacete.

— E depois a traiu, certo? — Não sei por que disse aquilo. Era como se eu estivesse obcecada em confrontar este homem só porque ele parecia gostar de mim.

E eu gostava dele.

Mas por quê?

Ele se encostou no sofá.

— É o que dizem.

— O que isso significa?

— Cabe a você decidir.

Suspirei, olhando para baixo. Peguei minha bolsa e tirei o celular de dentro dela, abrindo o bloco de notas.

— Ok, que tal começarmos? Que tipo de joia você tem em mente? Algo para a sua filha?

Ele me observou por um momento enquanto passava o dedo sobre o lábio. Logo em seguida, assentiu.

— Sim.

— Presente de aniversário ou nada especial? Tem algum prazo

em mente?

— Uhm, sim. Quero dizer, não. Dentro de quanto tempo consegue fazer?

— Depende do que você quer, se é algo muito elaborado, os tipos de pedras que deseja e se elas estão disponíveis para mim.

— Diamantes.

— Ok. Já pensou em algum modelo? Quais são as coisas favoritas dela? Do que ela gosta?

— Além da Rihanna e da Cardi B? Borboletas.

Sorri.

— Eu também gosto de borboletas. Posso desenhar alguns modelos para você e... por quanto tempo ficará na cidade?

Ele deu de ombros.

— Uma semana, mais ou menos.

— Posso voltar para mostrar os modelos daqui a dois dias? Aqui. Mesmo horário. Ou você prefere ir à Bijou Park?

— Pode ser aqui, daqui a dois dias.

Fechei o aplicativo e guardei o celular na bolsa.

— Ótimo!

Assim que eu me levantei, ele fez o mesmo e parou bem à minha frente em questão de segundos. Sua aproximação me deixou meio zozona, então segurei o encosto da poltrona de onde eu tinha acabado de sair e olhei para ele, com medo de que fosse me beijar de novo. Eu sabia que não poderia me responsabilizar pelos meus atos. Poderia acabar nua sem perceber.

Em vez disso, ele ergueu a mão e percorreu o dedo sobre uma das minhas bochechas, meu nariz e sobre a outra bochecha.

— Senti falta delas na noite de sexta.

Levei um tempo para me dar conta de que ele se referia às minhas sardas.

— Quê?

— Tem ideia do quanto é atraente?

Nisso aqui? Um vestido longo largo, jaqueta jeans e chinelos?

— É o quê? — Repeti.

— Quero vê-la de novo.

Hein?

— Uhm, você vai me ver dentro de alguns dias, certo? — *Tínhamos acabado de falar sobre aquilo.* Como sempre acontecia quando eu ficava perto desse homem, fiquei confusa.

Ele balançou a cabeça.

— Não quero esperar tanto assim. Posso vê-la hoje à noite?

— Hoje à noite? Aqui? — *Se eu vier para cá nesta noite, com certeza vou transar com você. Sem dúvida. E não seria nada bom... Seria?*

Ele balançou a cabeça de novo.

— Jantar. Em um restaurante.

Ele estava tão perto que seu hálito quente tocava a pele do meu rosto. Tinha um cheiro gostoso e refrescante.

— Um en... encontro? Com você? Você e eu? Nós? Em um encontro? Juntos?

— Sim.

— Como sabe que estou disponível?

— É isso o que estou tentando descobrir.

— Não... Digo, como sabe que eu não... Que sou solteira?

A inquietação tomou conta de seu lindo rosto.

— Você é? Você é, certo? — O homem praticamente suplicou.

— Sou, mas...

Ele curvou os ombros.

— Puta merda! Que bom, — suspirou. Ele se inclinou e cobriu toda a extensão das minhas sardas com beijos lentos. — Então, aceita sair comigo?

— Sr. South...

— Everett.

— Ev... Everett, eu não saio com rappers.

Ele inclinou a cabeça.

— Mas você os beija?

— Foi *você* quem *me* beijou.

— Você me beijou de volta... e gemeu.

— Você também gemeu!

— Porque você tem gosto de algodão doce. Diga-me, Jo, você derreteria na minha boca?

Cacete!

— Ah... uhm...

— Jante comigo.

— Eu... eu não quero ser vista como o seu mais novo caso naqueles blogs de fofoca. Vivo uma vida sossegada. Gostaria que continuasse assim.

— Podemos ir para algum lugar onde eu sei que há discrição, jantar em um espaço privativo. Prometo que não vou causar problemas. Só queria poder conhecer a mulher atraente e braba que, obviamente, é muito inteligente e não sai da minha cabeça. — Ele segurou meu rosto em suas mãos grandes, olhou dentro dos meus olhos e acrescentou: — *Por favor.*

Merda. O que mais eu poderia dizer diante disso?

— Ok.

Capítulo 7

Jo

— Oi. — Eu estava com vergonha por ter evitado os telefonemas dela por dias, mas sabia que ela queria tagarelar sobre Everett ter me beijado e eu já estava confusa o bastante sem ela por perto para me atçar, me fazendo acreditar que era possível alguém como ele estar interessado em mim. Só que agora, isso era mais do que possível. Estava acontecendo.

Eu ainda estava desnorreada, mas também meio... sei lá. Entusiasmada?

— *Ah, agora você quer falar comigo?* — Ela respondeu.

Decidi aceitar aquele golpe muito merecido e continuei.

— Você trabalha hoje à noite?

Bridgette fazia o que todas as outras atrizes com dificuldades faziam da vida. Ela era garçoneite.

— *Não. Avisei que estou doente.*

— O que há de errado? É contagioso? Preciso que venha me ajudar em algo, mas não quero ficar doente.

— *A única coisa errada é que aquele trabalho me suga. Precisa de mim para o quê? Não sei se estou a fim de ajudá-la, já que tem...*

— Preciso que me ajude a me arrumar para um encontro com Ever... Big South. Pode ligar para Sage, porque vou precisar dela também. Tenho que encontrá-lo às oito.

A ligação foi interrompida tão de repente que meu primeiro pensamento foi que fiquei sem sinal. Tentei retornar para ela umas três vezes, mas não tive resposta. Suspirei e olhei ao redor, me sentindo perdida. Eu não era ligada à tendências de moda. Se dependesse de mim, usaria uma calça jeans e camiseta, mas tinha a sensação de que precisava elevar o nível das coisas com esse homem.

Então, decidi me adiantar e ligar para a Sra. Sherry para importuná-la novamente, pedindo que cuidasse de Nat, e é claro que ela concordou prontamente. Deixei Nat na casa dela e estava prestes a revirar meu armário quando a campainha tocou. Abri a porta depois

de checar o olho mágico.

— Por que desligou o telefone na minha cara?

— Isso é uma emergência, merda. Desliguei para que eu pudesse chegar aqui o mais rápido possível! Sage está a caminho. — Bridgette entrou na minha casa esbaforida.

— Você veio dirigindo ou correndo? — Perguntei, enquanto ela se jogava sobre o sofá.

— Dirigindo, mas corri do carro até aqui. Derramei o chá. Como isso aconteceu?

— Tive que encontrá-lo por causa do trabalho e ele me chamou para sair hoje à noite, e não sei por que eu aceitei. Isso é estupidez, né? O que estou pensando para sair com alguém como ele? — Balancei a cabeça e sentei no sofá ao lado dela.

— Está louca? Quem dera fosse eu quem esse Big South do caralho tivesse convidado para sair. Garota, qual é o problema? Ele é gostoso para caramba e é... *ele!* Cacete, na minha opinião, você ganhou uma bolada. Aposto que ele é bom de cama. Senhor!

— Não vou dormir com o cara, Bridgette!

— E por que diabos não vai? Você sabe que precisa de manutenção.

— Manutenção? O que está tentando dizer?

— Estou dizendo que você não transa há anos. A essa altura deve estar a ponto de dar para Sid.

— Pooooorra, quer apostar?

— É, não acho que esteja tão desesperada assim.

— Não estou. Ouça, e se Big... Everett estiver tentando me usar para conseguir sexo ou algo do tipo?

— Não permita ou permita, *sim*. Eu deixaria...

— Bridgette! Estou falando sério!

— Eu também, droga.

Suspirei.

— Certo... olha, não acho que ele seja assim. Pelo que vi na boate, parece que ele gosta mesmo de você. Deveria ter visto o olhar dele quando você falou aquelas merdas. Acho que ele ficou excitado.

— Ele gosta das minhas sardas. Ele... ele as beijou hoje.

— Ele beijou você de novo?!?!

Assenti.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto da minha amiga.

— Você gosta dele. Esse é o verdadeiro problema aqui, não é?

Soltei um suspiro e menti.

— Não. Só que é estranho da parte dele estar tão... interessado em mim. Nunca um homem me perseguiu desse jeito, e ele é muito famoso. Eu não entendo.

— Por que não? Você é linda!

— Sou esquisita e você sabe disso. Mas, mesmo assim, obrigada.

— Está na cara que ele não te acha esquisita.

Dei de ombros.

— Aonde ele vai levar você?

— Ao Ilbert? Nunca ouvi falar sobre esse lugar antes de ele mencioná-lo. Ele disse que lá eles atendem celebridades e que seguem uma política rigorosa de privacidade. Eu falei para ele que não estou tentando aparecer naqueles blogs de fofoca...

— Ilbert? É um dos lugares mais restritos de todo o estado! Poucas pessoas podem se dar ao luxo de comer lá, e já ouvi dizer que a comida é muito boa.

— Estou com medo, Bridge. Não, estou *petrificada*, cacete. E se isso se transformar em algo? E se eu me envolver e ele me decepcionar? E se eu acabar magoada? Não conseguiria passar por essa merda de novo.

Bridgette segurou minha mão e a apertou.

— Eu sabia que era isso o que estava pensando. Jo, Sid foi, ele é, um verdadeiro cretino que enganou você. Ele merece ter o pau cortado e enfiado goela a baixo. Não sei se lembra, mas eu me ofereci para fazer isso por você. Mas esse cara não é seu ex. É apenas uma companhia, algo que pode ser bacana se parar de se preocupar. Pode ser que resulte em amor e casamento, ou apenas sexo... como eu disse antes, você precisa disso... ou talvez, você vai sair com ele hoje e nunca mais o verá de novo. Não interessa. O que importa é que você precisa fazer algo além de se esconder do mundo porque seu ex-marido é um monte de merda e você teve uma infância difícil. Você merece viver, amiga. Então, viva. Comece hoje. Aproveite a presença do homem com quem metade da população mundial feminina morreria para ter uma única conversa.

Pisquei para afastar as lágrimas.

— Tá... tá bom.

— Agora, vamos ver o que temos no seu armário. Tomara que a gente consiga escolher algo antes que Sage chegue. Olha só, se for continuar encontrando-o, vamos ter que ir às compras.

Sorri e fui com ela até o quarto, pensando comigo mesma que precisava mesmo fazer compras. Eu me isolei depois que Sid foi embora e foquei unicamente em cuidar de Nat, me deixando de lado. Talvez Bridgette tivesse razão. Talvez estivesse na hora de começar a viver de novo, começar a fazer algumas coisas por mim, incluindo passar um tempo com alguém que parecia ser bacana, era bonito, e para ser honesta, um cara de quem já fui fã e por quem já fui fascinada.

Capítulo 8

Everett

Ela estava atrasada.

Eu não era um exemplo em pontualidade, mas ela estava *muito* atrasada, trinta minutos para ser exato, e eu não tinha o número dela. Foi uma mancada da minha parte não ter pedido, mas tive a sensação de que ela ainda não estava pronta para compartilhá-lo comigo. Jo era cautelosa demais. Estava na cara que ela gostava de mim, mas não queria gostar. Eu provavelmente teria que ir mais devagar com ela, mas não conseguia, merda. Ela não saía da minha cabeça e eu não fazia ideia do porquê. Era como se todos esses anos, desde o meu término com Esther, algo tivesse desaparecido e, o que quer que fosse, estava escondido dentro de Jo. Eu sentia uma atração do caralho por ela.

Quando ela finalmente chegou, Tommy a acompanhou até o espaço privativo que eu tinha reservado. Eu me levantei e puxei uma cadeira para ela, lambendo os lábios enquanto dava uma conferida no vestido preto e curto que ela usava, e que proporcionava uma visão incrível de suas pernas arqueadas. Seu cabelo era volumoso e rebelde, e apesar de estar usando maquiagem, incluindo um batom vermelho em seus lábios fartos e macios que parecia deixá-los ainda maiores, eu conseguia ver suas sardas. Não sei se ela percebia, eu achava que não, Jo exalava sensualidade.

— Desculpe o atraso, — ela disse ao se sentar.

Depois de voltar para minha cadeira, falei:

— Trânsito?

Ela pegou o copo de água colocado à sua frente e tomou um gole antes de me lançar um olhar envergonhado, e disse:

— Eu me perdi.

Arqueei a sobrancelha.

— Sério? Não tem GPS?

Ela assentiu.

— Tenho, mas raramente uso porque fico distraída. Isso me

deixa mais nervosa do que o trânsito de L.A., mas encontrei o caminho e consegui chegar. Só que... atrasada.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Há uns nove anos. Desde que tinha dezenove. Vim junto com minha amiga, Bridgette, aquela que você conheceu na festa. Somos do Alabama.

Sorri.

— Pensei mesmo ter ouvido o vestígio de um sotaque. Garota sulista, hein?

Ela riu e deu de ombros.

— Pois é.

— De que lugar do Alabama você é? Tenho família lá.

— Reola. Uma cidade pequena, tão pequena que se você piscar, a perderá de vista. Eu a amava quando era criança, mas acho que hoje já não conseguiria morar lá. Droga, não estou falando coisa com coisa. Desculpe. Estou muito nervosa.

— Nervosa? Por quê?

Seu olhar encontrou o meu e suas pupilas dilataram.

— Porque você é *você* e eu não entendo seu interesse por mim.

— Gosto de você, Jo.

— Sei disso, mas por quê? Já vi fotos suas com outras mulheres e nenhuma delas se parece comigo. Modelos e atrizes. Sou uma garota normal tentando ganhar a vida. Não faço parte do seu mundo.

— Acho que é por isso que me sinto atraído por você. Você é diferente, fala o que pensa, é linda... ou talvez eu goste de mulheres que me xingam.

Ela ficou boquiaberta.

— Eu não xinguei você.

— Xingou, sim. E estava linda para cacete.

Revirei os olhos.

— Então, o que tem de bom aqui? — Jo perguntou, pegando o cardápio.

Dei de ombros.

— Não faço ideia.

Ela olhou para mim.

— Você nunca comeu aqui antes?

Balancei a cabeça.

— Não, mas ouvi falar que os frutos do mar são bons.

Franzindo a testa de leve, ela perguntou:

— Por que me traria a este lugar se nunca veio aqui?

— Estou tentando impressioná-la.

Vi suas bochechas corarem.

— Por falar nisso, você está linda, — falei.

— Obrigada. Ah... você também. Na verdade, o que quero dizer

é... *você também*, — ela gaguejou, finalizando com: — gostosão.

Ri.

— Obrigado.

O garçom chegou, anotou nossos pedidos, retornou logo depois com nossas bebidas — refrigerante de gengibre para Jo e vinho para mim — e ficamos sentados lá, em silêncio por algum tempo.

Por fim, perguntei:

— O que uma mulher como você está fazendo solteira, Jo?

Ela arregalou os olhos.

— Eu era casada. Sou divorciada agora.

Aquilo me surpreendeu e me fez imaginar que tipo de otário deixaria uma mulher como ela escapar, apesar do fato de que eu mal a conhecia.

— Ficou casada por muito tempo?

— Três anos. Ficamos juntos por quatro anos. As coisas terminaram mal. Não gosto de falar disso. Acabou e estou feliz por isso.

— Eu também estou.

Ela me lançou um sorrisinho.

— Me conte algo sobre você que eu não consigo encontrar pesquisando por Big South no Google.

Me encostei na cadeira e pensei por um momento e disse:

— Tenho intolerância à lactose.

Ela abriu a boca e a cobriu, abafando uma risada.

— Sério?

Assenti.

— Pra caralho. Leite, sorvete e requeijão acabam com o meu estômago. É horrível.

Ela riu por mais alguns minutos, pigarreou e disse:

— Tá legal, eu não esperava por isso.

— Aposto que não. O que mais você quer saber?

— Quem é seu melhor amigo?

— Keith Coleman. É o meu melhor amigo desde a quinta série.

— Você ainda tem contato com ele?

Balancei a cabeça.

— Não tanto quanto deveria. Vivo ocupado, faz anos que não falo com ele.

— Deveria entrar em contato com ele.

— Eu sei, mas tenho meus irmãos também. Agora eles são meus amigos mais próximos. Quem é a sua?

— Bridgette.

— Imaginei.

Ela desviou o olhar e depois me encarou.

— Uhm... a sua namorada sabe que está aqui comigo?

— Se eu tivesse namorada não estaria aqui.

Ela sorriu.

— Se é o que diz...

Eu a olhei com atenção.

— Não traí minha esposa, se é isso o que está pensando.

— Então por que não negou quando toquei no assunto da outra vez?

— Porque costumo deixar as pessoas pensarem o que elas quiserem, mas você não é uma dessas... pessoas. A verdade é que não nos separamos porque eu a traí.

— Meu marido, sim. Quero dizer, ele me traiu.

— Ele é um otário, então. Por que alguém a trairia?

— Você não faria isso?

— De jeito nenhum.

Nossa conversa foi interrompida pelo garçom que trouxe nossas saladas, e comemos em silêncio. Logo depois, nossas entradas foram servidas e continuamos em silêncio. Foi Jo quem resolveu interrompê-lo.

— Big... Everett?

Olhei por cima da minha carne.

— Sim?

— Eu tenho uma filha.

Abaixei o garfo. Não esperava por isso. Não fazia ideia de que ela mãe — não que isso importasse.

— Tem?

Ela assentiu.

— Sim. Ela tem dois anos. Não sei quais são suas intenções, mas queria deixá-lo ciente para que possa... — Sua voz perdeu a intensidade.

Eu a encarei por um segundo. Ela estava nervosa de novo e eu não fazia ideia do motivo.

— Para que eu possa, o quê?

Ela deu de ombros.

— Só achei que deveria saber.

— Qual é o nome dela?

— Natalie.

— Que nome bonito. Delicado, assim como o nome da minha filha.

— Ella...

— Isso. Ei, posso ver uma foto da sua filha? Você tem alguma aí?

Ela ficou imóvel por um momento antes de pegar o celular que estava com a tela virada para baixo sobre a mesa, procurou por alguns segundos e o entregou a mim. Sua bebê estava sorrindo para a foto, os

dentinhos brancos brilhavam. Tentei encontrar traços de Jo em seu rosto, mas além dos lábios e do espaço entre os dentes da frente, ela não parecia em nada com a mãe. Era linda, sua pele era um ou dois tons mais escuros que o de Jo e seu cabelo era preto e encaracolado.

— Ela não parece muito com você, — falei, — mas, ainda assim, é linda.

— Obrigada, — Jo respondeu, enquanto eu devolvia o celular.

— O que eu devo fazer agora que você me contou sobre ela? Mudar de ideia? Sair correndo? — Perguntei, voltando a me recostar contra a cadeira.

Ela olhou para a janela coberta por uma cortina que ficava do lado esquerdo da mesa.

— Foi isso o que o pai dela fez... um dia, quando eu estava grávida de seis meses, chegou em casa e falou que não queria mais uma família, que nunca quis filhos. Ele me abandonou, deu entrada no processo de divórcio, não foi ao hospital quando ela nasceu e provavelmente só a viu umas dez vezes na vida. Ele sequer fala o nome dela.

Franzi o cenho e me inclinei, observando-a. Eu sabia que ela era reservada e invocada pra caramba. Mas agora entendia o porquê. Um idiota qualquer a fez sofrer da pior maneira possível, cacete.

— Então ele não foi um otário como eu disse antes. Esse filho da puta é um burro. Como pode um homem tratar a mãe de sua filha desse jeito? Deixar de tratar sua bebê como uma princesa? Ele não vale nem o chão que pisa. Imbecil... — Eu já tinha feito muita merda, mas não aceitava que maltratassem as mulheres. Sempre fui muito franco sobre isso com todos próximos a mim.

Seu olhar percorreu a sala.

— Eu também gosto de você, — ela confessou, do nada.

— Fico feliz por isso.

— E a comida está muito boa. Obrigada por me trazer aqui. Eu... uhm... não saio muito.

— Vamos ter que mudar isso.



Eu praticamente tive que implorar para que ela me deixasse segui-la até em casa. Como ela havia se perdido no caminho para o restaurante, eu não aceitaria não como resposta. Queria ter certeza de que chegaria bem em casa. Quando ela finalmente concordou, parecia que ia chorar, e aquilo me fez imaginar se estaria com vergonha do lugar onde morava. Ela podia morar num ninho de rato que eu não me importaria, droga. Compraria uma casa melhor se ela deixasse, porque Jo me fazia querer cuidar dela.

Quando ela parou na guarita de segurança no que eu sabia que era um condomínio fechado, cheguei a pensar se ela estava me levando para a casa de uma amiga ou algo do tipo. Talvez fosse para a casa de sua amiga atriz?

Eu estava sentado no banco de trás enquanto Tommy seguia seu pequeno Lexus em direção à entrada de carros de uma casa que eu reconhecia, uma que tinha visitado pouco depois de me separar de Esther. Na época, pensei em comprá-la, mas mudei de ideia, decidindo que não queria mais morar em L.A. Estava tentando tirar o meu casamento da cabeça e acreditava que isso seria impossível morando em L.A.. Lembrava que a casa era tão bacana por dentro quanto era por fora. Quem morava lá? Assim que Jo saiu do carro e veio em direção à caminhonete, eu saí, segurando seu braço com gentileza.

— Deixe-me levá-la até a porta.

Ela assentiu e foi na frente.

Quando chegamos na porta, perguntei:

— Essa casa é de quem?

Estávamos de pé na entrada bem iluminada e ela ergueu a sobrancelha.

— Minha.

— Sério? Peter Park paga bem assim?

Ela balançou a cabeça.

— Consegui no divórcio junto com a pensão alimentícia, — ela falou, parecendo envergonhada.

Quem era o ex dela? A porra do Michael Jordan? Eu deveria ter perguntado, mas fiquei com medo. Estava me sentindo ameaçado pra caralho. Dava para ver que aquele que costumava ser seu marido era montado no dinheiro. O que eu poderia oferecer a ela que ele ainda não tivesse oferecido? Merda. Essa revelação me deixou atordoado.

— Ah, sim, — falei, tentando parecer tranquilo. — Você se divertiu hoje? — Perguntei, acariciando suas sardas com as pontas dos dedos.

— Sim. Para minha surpresa, você é bem menos babaca do que eu imaginava.

Caí na gargalhada.

— Fico feliz em saber que consegui melhorar sua impressão sobre mim. — Deslizei o dedo sobre seu nariz e sorri para ela.

— Você gosta mesmo das minhas sardas, né?

— Sim. Você não gosta?

— Não. Sempre as detestei. Meus lábios também. Fui muito caçoada por causa deles quando era criança.

Por falar em lábios... eu me curvei e a beijei suavemente.

— Você se refere a *estes* lábios?

Sua boca estava ligeiramente entreaberta quando ela assentiu.

— Bem, eu gosto deles também.

Percebi que um sorrisinho surgia nos cantos de sua boca no momento que ela ergueu a mão e tocou meu lábio superior.

— Eu também gosto dos seus.

Não sei o que aquele toque causou em mim, mas quando me dei conta, eu estava me inclinando para beijá-la de novo. Dessa vez, ela abriu a boca de imediato e minha língua encontrou a dela. Nos beijamos pelo que pareceu serem horas, suas mãos pequenas acariciando minhas costas enquanto eu segurava seu rosto contra o meu.

Quando nos afastamos, sussurrei:

— Posso vê-la amanhã?

Em meio a suspiros ofegantes, ela respondeu:

— Amanhã à noite? Para jantar novamente? Vou precisar ver com a babá...

— Jantar, almoçar, tomar café da manhã... para fazer um lanche. Não importa. Só quero ver você. — Acariciei sua bochecha.

Fechando os olhos, ela disse:

— Al... almoçar seria melhor.

— Sei que não quer ser fotografada, então podemos comer na minha suíte ou no restaurante do hotel, o que você preferir.

— Tudo bem se for na sua suíte desde que você prometa que não...

— Não vou fazer nada que você não queira.

Ela lambeu os lábios e olhou para mim.

— Esse é o problema. Quero que faça um monte de coisas comigo.

Senti uma pontada no peito.

— Eu... cacete, é sério isso?

— Sim. É sério.

— Droga, Jo. Você está me deixando atordoado, — murmurei.

— Não foi minha intenção. É a verdade. Qual é o seu número?

— Quê? — Eu estava pasmo, perdido em meio aos pensamentos do que eu poderia e o que faria com ela se tivesse oportunidade. Estava duro como uma pedra. As coisas que esta mulher me fazia sentir...

— Me fala o seu número para eu mandar uma mensagem avisando a hora em que podemos nos encontrar para o almoço. Não tenho um horário certo. Depende muito do bom humor do Sr. Park.

— Ok. Uhm, certo...

Trocamos números, eu a beijei mais uma vez e parti com relutância. Dentro da caminhonete, Tommy perguntou:

— Você gosta mesmo dela, hein, Chefe?

Enquanto ele saía da entrada de carros, eu sorri e falei:

— Sim, eu gosto.

Capítulo 9

Jo

Passei o resto da noite obcecada com nosso encontro, é claro. Mas foi um tipo bom de obsessão. Fiquei refletindo sobre cada palavra que ele disse, a maneira como olhou para mim, o jeito como ele pareceu abalado quando eu basicamente contei que queria transar com ele, o modo como me beijou, seu sorriso, seu toque. O olhar que me lançou antes de ir embora, como se a última coisa que quisesse fosse me deixar. Everett “Big South” McClain fazia com que eu me sentisse... especial, desejada, atraente para caramba e poderosa, *muito* poderosa.

Não consegui pregar o olho, mas, energizada pelos pensamentos sobre Everett e animada por poder fazer o que sonhava desde que coloquei meus pés na Bijou Park, saí da cama e cheguei ao trabalho mais cedo. Tive que ficar do lado de fora e esperar para que Freda abrisse as portas duplas para mim. Peter Park já estava lá, mas todos nós sabíamos que não deveríamos incomodá-lo com essas coisas. Quando já estava lá dentro, fui até o escritório dela para ver se precisava que eu fizesse algo antes de ir para a sala de Shirl, onde eu ficava num canto fazendo esboços da joia que deveria criar para a filha de Everett.

— Chegou cedo, hein! — Shirl disse assim que entrou.

Olhei para ela, sorri e assenti.

— Sim. Tenho trabalho a fazer.

— Ouvi dizer que o Sr. Park deu autonomia a você, finalmente. Sei que vai fazer um ótimo trabalho. Você tem um olhar apurado.

Meu sorriso ficou ainda mais largo.

— Obrigada, estou muito entusiasmada, mas morrendo de medo. Espero que não se importe se eu precisar de ajuda.

— É claro que não! Sabe de uma coisa... você está diferente hoje. Está usando maquiagem?

— Um pouco.

— Está linda.

— Obrigada.

Um segundo depois de Shirl ter saído para buscar a joia em que estava trabalhando, no cofre que ficava no local, uma mensagem de Bridgette apareceu na tela do meu celular:

Bridgette: Quando é que você e essa sua cara de pau vão me contar sobre o encontro?

Eu: Que droga! Não faz nem um dia!

Bridgette: Deveria ter me contado os babados ontem mesmo! Como foi?

Eu: Foi bom. Ótimo. Maravilhoso. Ele é bacana. Muito gentil.

Bridgette: Ahhhh (emoji apaixonado). Ele a beijou de novo?

Eu: Sim. Tenho outro encontro com ele hoje. Vamos almoçar.

Bridgette: Oi?!?!?!?! Caramba, Jo! Ele gosta mesmo de você! Espero que se apaixonem, se casem e tudo mais. Isso acabaria com o babaca do Sid.

Eu: Sua idiota. Tenho que trabalhar. Ligo para você depois.

Bridgette: É melhor mesmo!

Balancei a cabeça, coloquei o celular na bolsa e fiquei uma hora com a cara enfiada no meu caderno de esboços. Eu não era a melhor artista, mas até que era razoável, e tive a impressão de que os desenhos de borboletas estavam sendo produzidos sem muito esforço. Eu estava tão concentrada no trabalho que nem percebi que Shirl havia retornado, e o ruído que ela fazia ao organizar alguns arquivos não me incomodava. Quando alguém bateu à porta, eu sequer me mexi.

— Entre! — Shirl gritou.

— Aí está ela. — Reconheci a voz de Freda, mas não olhei para ela até ouvi-la dizer: — Jo, esse pessoal tem uma entrega para você.

Afastando o olhar do meu trabalho, franzi a testa quando vi que Freda era a única pessoa parada perto da porta. Antes que pudesse perguntar a quem ela se referia, um homem apareceu segurando o que parecia ser um vaso enorme com vinte e quatro rosas vermelhas. Fiquei de queixo caído quando outro cara entrou no pequeno escritório e deixou outro vaso aos meus pés, nesse havia rosas amarelas. Um terceiro homem trouxe rosas cor-de-rosa e Shirl rapidamente abriu espaço em sua mesa para elas. Os três caras saíram e retornaram com mais rosas, e o escritório de Shirl ficou praticamente abarrotado com vinte vasos enormes cheios de flores, o último continha um cartão que dizia:

br/

Obrigado por dividir seu tempo comigo ontem à noite. Mal posso esperar para vê-la no almoço. - Everett

br/

Eu estava encarando o cartão, meu coração batendo furiosamente, quando Shirl disse:

— Pelo visto você tem um admirador?

Olhei para ela, sentindo minhas bochechas corarem.

— É o que parece. Me desculpe por isso. Você mal consegue se mexer aqui dentro.

Ela sorriu.

— Imagina, garota. Estou feliz por você. Espero que dê uma chance para esse cara.

— Ah, já estou dando. Vou encontrá-lo para almoçar.

— Que bom!

— Sim, mas o que vou fazer com todas essas flores? — Suspirei. Eu me senti lisonjeada, mas também um pouco atordoada.

— Vou ajudá-la a colocá-las em seu carro mais tarde. Não precisa se preocupar com isso. Coloca essa cabeça no lugar, esteja pronta para esse almoço e aproveite por essa idiota sem marido aqui.

Balancei a cabeça, imaginando se deveria enviar uma mensagem de agradecimento para Everett, mas resolvi agradecê-lo pessoalmente.



Como esperado, Dunn me recebeu na porta. Não havia nenhum sorriso em seu rosto desta vez, apenas um olhar de irritação. Não sabia do que se tratava e não me importava. Não estava lá para vê-lo, mas sim para ver seu chefe. Entrei na suíte e me deparei com uma mesa montada com pratos cobertos por tampas, copos de água e um

belo vaso com flores variadas num canto mais distante do cômodo gigante. Olhando ao redor da sala, imaginei se seria apropriado chamá-lo ou se deveria esperar. Talvez eu pudesse mandar uma mensagem para avisá-lo que estava aqui... ou bater à porta do quarto. Ou ainda...

A porta do quarto foi aberta e ele apareceu usando jeans e uma camiseta branca lisa junto com um par de tênis da sua própria marca, *South*. Seus dreads estavam soltos, suas feições emolduradas por eles estavam mais lindas do que nunca. Um sorriso iluminou seu rosto como se eu fosse tudo o que ele precisava. Bastaram apenas quatro passos para que ele cruzasse a sala e me envolvesse em um abraço tão quente e aconchegante que tudo o que consegui fazer foi fechar os olhos e inalar seu perfume. Ele tinha um cheiro tão, tão bom. O que estava acontecendo? Como é que eu podia me sentir tão atraída por um homem que eu mal conhecia além de sua figura pública?

— Jo, — ele sussurrou em meu ouvido.

Eu me apertei contra ele e sorri, suspirando suavemente.

Ele me manteve em seus braços por mais alguns minutos e recuou um pouco. Tive que lutar contra a vontade de agarrá-lo e puxá-lo de volta para mim.

— Você está cheirosa, — murmurou, seu sorriso foi substituído por um olhar penetrante, enquanto ele dava uma conferida em meus lábios e voltava a me encarar.

— Muito obrigada, e obrigada pelas rosas... por todas elas.

Seu sorriso reapareceu.

— Você as recebeu? Ótimo. Gostou?

— Sim, gostei. Foi muito amável da sua parte.

— Imagina. Sei que foram muitas, mas não consegui escolher uma cor só, e quanto mais eu pensava em você, mais tinha certeza de que merecia todas as cores, merecia todas as rosas que havia no lugar. Por isso comprei todas elas.

— Todas? É sério? Nossa, sabe que... nunca ganhei flores. Nunca.

Ele fez um gesto em direção às cadeiras da mesa e disse:

— Não consigo acreditar nisso. Está falando sério?

Assenti enquanto ele puxava uma cadeira para mim.

— Estou.

— Caramba.

Ele me esperou sentar e me acomodar em meu lugar, e sentou-se na cadeira à minha frente.

— Acabei de pedir alguns sanduíches e batatas fritas. Algo mais leve. Mas então pensei que deveria ter deixado que você escolhesse sua própria comida. Se não quiser comer o que pedi, pode escolher outra coisa. O que quiser.

Levantei a tampa e meus olhos se arregalaram diante do sanduíche de quatro camadas, recheado e cortado em quatro pedaços. Parecia estar delicioso.

— Não, estou bem assim.

Ele me lançou um sorriso que parecia ser de alívio.

— Ótimo. Ei, estou feliz em vê-la de novo. Estava com medo de que não viesse.

Ele estava... com medo?

— Por que eu não viria?

— Ah, sei lá. Toda aquela situação com Sheena, você detestando minha música, o fato de que é a mulher mais bonita que já vi e de que sou muito mais velho do que você. Quando estava me contando há quanto tempo morava em L.A., fiz o cálculo na minha cabeça e percebi que temos nove anos de diferença. Achei que fosse mais velha. Não que você pareça ser mais velha, a questão é que... não dá para saber ao certo com mulheres negras. Todas vocês desafiam os efeitos do tempo e... droga, estou falando demais. Acho que hoje quem está nervoso sou eu.

Quase engasguei com o sanduíche, tossi tanto que ele levantou com um pulo e por pouco não quebrou minha espinha batendo nas minhas costas. Agarrei seu braço, tossi mais algumas vezes e disse:

— Estou bem. Você vai me deixar paralisada se continuar tentando me ajudar. Sua mão é pesada para caramba!

Ele deu um sorriso tímido ao voltar para o seu lugar.

— Foi mal. Está bem mesmo?

— Sim, sim... estou apenas me perguntando se você ficou louco.

Ele franziu a testa.

— Oi?

— Eu era sua fã, Everett. Passei anos acompanhando você. Eu o seguia no Instagram, acompanhava sua vida, via os lugares que visitava, e como já falei antes, as mulheres com quem saía. E você está nervoso por estar perto de uma garota do Alabama que não tem nada nessa vida para oferecer além pensão alimentícia? Sequer tenho uma carreira de verdade. Estou em treinamento!

— *Era* minha fã?

Revirei os olhos.

— Isso foi tudo o que captou do que eu acabei de dizer? É sério? Você é mesmo um cara normal.

— Nunca disse o contrário.

Balancei a cabeça e olhei para o sanduíche gigantesco que eu sabia que não conseguiria comer até o fim e dei outra mordida.

— Olha, já estive com... algumas mulheres. Estive, sim, mas não quis nada sério com elas. Foram apenas um passatempo. Sei que é

bem babaca da minha parte dizer isso, mas é a verdade. Para ser honesto, eu era o mesmo para elas. Com você, quero que seja mais do que isso. Quanto a você não ter nada para oferecer... Tudo o que vejo é uma mulher verdadeira, corajosa, que está indo em busca do seu sonho ao mesmo tempo em que é mãe solo. Ainda lhe resta muita coisa nessa vida, Jo, *além disso*, você é muito atraente, tão atraente que acaba intimidando.

— Ora... obrigada.

— Você tem dificuldade em aceitar elogios, né?

Dei de ombros. Ele me fazia sentir... sei lá, droga. Formigamentos?

— Podemos voltar ao assunto de que *costumava* ser minha fã?

— Ah, sim. Você me perdeu com aquele álbum conceitual. Qual era o nome? Aquele com a arte de capa que só dava para ser vista sob luz negra?

— Está falando do *Southbound*?

— É, esse mesmo. Muito uó. As músicas eram esquisitas demais e as batidas eram horríveis. Aquela merda não fazia sentido algum. Era como se você falasse o que vinha na cabeça, um tipo estranho de monólogo interno.

Ele riu com escárnio.

— Está falando sério? Aquele é um dos meus melhores trabalhos!

Balancei a cabeça.

— Não, você estava entediado e tentou algo diferente. Eu entendo. Está nesse negócio há muito tempo, então consigo entender o seu tédio. Tenho déficit de atenção e fico entediada em questões de segundos. Você tentou, mas estava ruim demais, Everett. Ruuuuim.

— Ruim? Aquela porcaria ganhou disco de platina duplo! — Ele estava ficando chateado e aquilo era meio sexy.

— Ah, foi por causa do efeito Beyoncé.

— Efeito o quê? Agora você vai odiar a Bey também?

— Não, não odeio ninguém! Estou dizendo que Beyoncé é tão boa e amada que um álbum com ela assobiando ganharia um disco de diamante a essa altura. O mesmo se aplica a você. Seus fãs o amam independente de qualquer coisa.

— Menos você, não é?

— Amo seu trabalho antigo. *Pegar de Jeito* era minha praia naquela época, velho! Fiquei viciada nessa música!

— Aaaah, cacete! Velho? Quer dizer que minha idade é um problema para você?

Não consegui segurar a gargalhada.

— Veja só. Abalei suas estruturas! Não, Everett... sua idade não é um problema. De jeito nenhum. Você não é tão velho *assim*. Ainda

está na casa dos trinta. Está tudo funcionando bem, não é? Certo?

— Prefiro mostrar do que falar.

Opa, agora eu fiquei molhada, encharcada, merda... *inundada*.

Na mesma hora.

Olhei ao redor do cômodo e um pensamento me ocorreu.

— A *minha* idade é um problema para *você*?

Ele se inclinou, seu olhar grudado ao meu.

— De jeito nenhum. Serei um homem de sorte se puder ter você comigo.

Lá estava eu, corando novamente. Ouvir aquelas coisas me deixaria mal-acostumada. Seria uma mudança bem-vinda se comparada ao meu passado. Sid não era um cara cruel nem nada do tipo, só não era o homem mais afetuoso. Antes mesmo de nos casarmos, ele já era meio negligente quando se tratava de romantismo. Acredito que ele tenha me amado em algum momento, só não era maduro para expressar seus sentimentos. Seu pedido de casamento foi me levar ao cartório e perguntar “Tá a fim de fazer essa porra? Acho que não quero mais ninguém”.

E a idiota aqui se casou com ele.

— Quero encontrá-la de novo, mas não quero que passe muito tempo longe da sua bebê. Além disso, estou tentando conseguir um horário para esta noite na agenda ocupada da minha filha, — ele falou.

— Podemos almoçar amanhã, se quiser. — Droga, eu parecia desesperada demais.

Ele sorriu.

— Sim. Seria ótimo. Ah, espera... merda, esqueci que vou estar no estúdio amanhã. Não sei quanto tempo vou demorar.

Não consegui esconder meu desapontamento quando murmurei:

— Ah, sim.

— Mas pode ficar lá comigo. Posso pedir para Tommy ou Dunn levar comida para a gente.

— Não tem problema se eu for?

Ele riu.

— Não, o estúdio é *meu*, Jo.

— Ah... Ok. Onde fica?

— O que acha de eu mandar Tommy ir buscá-la quando estiver pronta? Ele pode pegar você no trabalho e levá-la de volta depois do almoço.

Dei um sorrisinho.

— Por quê? Acha que vou me perder de novo?

— Sim.

Fingi revirar os olhos, aborrecida.

— Tá. Pode mandar o Tommy.

— Deixa comigo.

Após alguns minutos, depois de pedir para Dunn ir buscar um pote para o meu sanduíche, ele me acompanhou até o saguão do hotel. Parando perto das portas giratórias, ele me abraçou e beijou minha bochecha.

— Me manda uma mensagem quando chegar ao trabalho. Quero ter certeza de que chegou bem.

Sorri para ele.

— Pode deixar. Até amanhã.

— Não vejo a hora.

Capítulo 10

Everett

Voltar a esta casa, a primeira que já comprei na vida, sempre mexia comigo. O simples fato de estacionar na entrada de carros fazia muitas lembranças — boas e ruins — ressurgirem. Como muitas coisas na vida, as ruins pareciam ofuscar as boas. Estar aqui era difícil para mim, mas eu faria qualquer coisa por Ella, e ela tinha me pedido para vir até aqui passar um tempo com ela em vez de nos encontrarmos em outro lugar.

Quando ela abriu a porta e se jogou em meus braços, todos os pensamentos negativos saíram da minha cabeça. Ela era meu xodó, minha princesa, e por mais que já tivesse quinze anos e fosse apenas alguns centímetros mais baixa do que eu, sempre seria minha garotinha.

— Papai! — Ela gritou, enquanto apertava seus braços ao meu redor. — Estou tão feliz em ver você!

Beije o topo de sua cabeça.

— Poderia ter aproveitado que estou por aqui e ter me visto todos os dias, mas você está muito ocupada para mim, não é?

Ela se afastou dos meus braços e fechou a cara.

— Papaaaa! Sabe que tenho um monte de coisa da escola para fazer, treinos das líderes de torcida e o programa. Tem muita coisa rolando!

O programa ao qual ela se referia era o *Go-See*, um *reality show* que narrava a vida pessoal de Esther e outras três modelos que não estavam mais no auge, mas ainda viviam vidas extravagantes. Esse seriado estava no ar há anos. Ella praticamente cresceu dentro desse programa.

Eu odiava aquela merda.

Passei meses brigando com Esther por causa disso, até Ella, que tinha sete ou oito anos na época, me chamar e implorar para que eu a deixasse participar do programa. Eu tinha certeza que Esther estava por trás disso, porque ela sabia que eu não conseguia dizer não para

nossa filha. Portanto, eu concordei, mas sob a condição de que o tempo dela em frente às câmeras seria limitado. Como o programa foi criado após o nosso divórcio, nunca apareci nele e nem vou. Toda essa coisa de *reality* arruinou nossas vidas. Torcia para que não arruinasse a de Ella.

Enquanto eu a acompanhava pelo interior da casa, falei:

— É, só me resta ficar feliz pelos poucos minutos do seu tempo.

— Papai, para com isso! Desculpa, tá legal? — Ela choramingou.

— Tudo bem. O que vamos assistir? — Perguntei me sentando no sofá. Esther trocava a mobília da casa todos os anos, já que era mestre em gastar dinheiro. Mas não posso mentir, eu até que gostei do novo sofá branco que ela colocou na sala de estar.

Ao pegar o controle remoto e sentar-se ao meu lado, Ella disse:

— *A Bruxa de Blair*. Faz um tempo que quero ver, mas sabe que não posso assistir filmes de terror sem você.

Sorri enquanto ela colocava o filme e se aconchegava perto de mim. Ela ainda era minha garotinha, aquela que tinha o cabelo denso com a coloração igual a minha, mas, ao contrário dos contornos bem definidos do meu rosto, ela tinha puxado as feições suaves e exóticas da mãe.

Conversamos durante o filme, e quando terminamos de assisti-lo, eu estava a par de tudo sobre a vida dela, inclusive sobre o garoto que ela gostava, a quem eu ameacei matar se ela se aproximasse dele. Tive que lembrar a Ella que ela só poderia namorar quando tivesse trinta anos. Falei sério aquela porra.

Terminamos de ver *A Bruxa de Blair* — filme ruim pra caramba se comparado ao primeiro da franquia — e assistimos metade de um daqueles filmes de *Jogos Mortais* antes de ela começar a bocejar. Estava ficando tarde e eu sabia que também precisava descansar, por isso liguei para Tommy vir me buscar. Ele tinha acabado de me enviar uma mensagem para avisar que estava estacionando quando *ela* passou pela porta que conectava a cozinha à garagem, e meu único pensamento foi... *merda*. Esperava não ter que ver a cara dela. Na verdade, só concordei em visitar Ella porque sabia que Esther estaria em um evento e demoraria para voltar. Pelo visto, eu tinha me enganado, porque lá estava ela, usando um vestido preto perolado, linda como sempre aos cinquenta e dois anos.

Dei um abraço em Ella, fiz ela prometer que me ligaria pela manhã, me despedi e a vi seguir em direção ao quarto. Cumprimentei Esther com um aceno de cabeça e fui para a porta. Já estava quase livre daquela casa quando ouvi o ruído de saltos sobre o chão de mármore da antessala e o som agudo de sua voz com sotaque ecoando pelo teto abobadado.

— Everett, espera!

Continuei andando e agarrei a maçaneta quando senti sua mão sobre meu ombro. Com a testa franzida, percorri o olhar entre sua mão e seu rosto.

— O que você quer, droga? — Perguntei, mantendo minha voz baixa.

— Minha nossa! Quanto tempo! Você vai continuar se comportando desse jeito comigo?

Como eu tinha conseguido ficar longe dela por alguns anos, imaginava que pensasse que minha postura tivesse mudado. Pois pensou errado. Esther sempre falava alguma merda. Era de sua natureza, e eu nunca estava com humor para aquilo.

— Olha só, estou sem tempo para isso. Vim para ver Ella e planejei dar o fora antes que você chegasse. Estou indo.

— Everett... ainda sinto sua falta, sabia? Deus do céu, você está muito bem. Talvez pudesse passar aqui quando Ella estiver na escola para que possamos... conversar?

Para Esther, conversar significava trepar. Por isso, respondi:

— *Porra* nenhuma. Nada mudou entre nós. Como eu já te falei anos atrás quando fui embora, não transaria com você nem com o pau do meu pior inimigo, e você *ainda* me enoja. Vou continuar falando com você, jamais a desrespeitaria na frente de Ella, mas, sinceramente, não estou nem aí se você sumir da face da terra.

— Quer dizer que você ainda está aborrecido com o que aconteceu anos atrás? Que egoísmo, Everett.

Abri a porta, e falei ao sair:

— Chame do que quiser. Eu não quero nada com você e nunca vou querer. Tchau, Esther.

— Everett! — Ela gritou.

Eu a ignorei enquanto seguia meu caminho em direção à caminhonete. Sentei-me no banco de trás e fechei os olhos quando Tommy deixou a propriedade.



Jo

Eu tinha acabado de ir para a cama quando recebi uma mensagem de Everett:

Oi, estou indo dormir. Queria dizer boa noite.

Eu: Ahhh, você é um amor. Divertiu-se com sua filha?

Ele: Sim. É sempre muito bom quando consigo vê-la e mal posso esperar para encontrar você amanhã.

Sorri.

Eu: Mal posso esperar para vê-lo também. Boa noite, Everett.

Ele: Boa noite, Jo.

Capítulo 11

Jo

Peter Park só podia estar sob efeito de drogas.

A manhã começou com ele me mandando comprar seu café favorito — um latte de coco — numa cafeteria pouco conhecida que eu sempre tive dificuldade em achar. Depois, tive que ir à sua padaria preferida e comprar dois croissants de chocolate. Os dois estabelecimentos não ficavam perto um do outro e, considerando o trânsito matinal, levei duas horas para completar a tarefa. Assim que retornei, ele me mandou entregar um envelope em um apartamento que ficava num condomínio muito bacana. Bastou um olhar em direção à ordinária que atendeu a porta, e soube que ela era amante dele — uma de muitas. Tomar consciência daquilo me irritou profundamente.

Voltei ao trabalho e estava finalmente continuando os esboços da joia de Everett quando Peter Park me enviou uma mensagem avisando que queria almoçar mais cedo, e me mandou ir ao bairro coreano comprar bulgogi de carne, seja lá o que for. Fiz o que ele pediu e tive que esperar prepararem o prato, porque ele não teve a decência de fazer o pedido por telefone. Levei aquela merda para ele e ainda tive que escutar que aquilo era neobiani e não bulgogi. Me poupe! Sou uma mulher negra de uma cidade rural do Alabama. A culinária coreana não era comum por lá. Como eu poderia saber que aquela não era a comida certa? Ele ainda teve a coragem de perguntar se eu conferi antes de deixar o restaurante, e minha resposta foi: que diferença teria feito? Eu não fazia ideia do que deveria olhar de qualquer maneira.

Por causa disso, tive que pegar minha bunda e voltar ao bairro coreano para comprar o maldito bulgogi e, dessa vez, fizeram a comida certa. Depois que dei uma olhada nela, pude perceber a diferença e prometi a mim mesma que de agora em diante, pesquisaria uma imagem no Google do que quer que ele me mandasse comprar.

Logo após toda aquela palhaçada de Peter Park, já eram duas

da tarde quando consegui enviar uma mensagem para Everett avisando que Tommy podia vir me buscar, que eu estava faminta, exausta e puta. Puta da vida. Meu humor melhorou imediatamente no momento em que acompanhei Tommy em direção a um prédio, ao longo de um corredor, para dentro de um estúdio onde vi Everett sentado em frente a um gigantesco painel de mixagem. O sorriso enorme que tomou conta de seu rosto fez com que eu sorrisse de volta.

Eu mal tinha passado pela porta e ele já havia atravessado a sala e estava bem na minha frente, puxando-me para um abraço.

— Caramba, é tão bom ver você, — ele sussurrou em meu ouvido.

Sorri ao me encostar em seu corpo alto e musculoso.

— Você me viu ontem.

— Faz mais de vinte de quatro horas. É tempo demais. — Ele se curvou, deu um beijo em meus lábios, segurou minha mão e a beijou também.

Minha nossa, esse homem é bom demais para ser verdade!

Meus olhos percorreram a sala — vi Dunn sentado no sofá que ficava do lado oposto à porta e outro homem que ocupava uma cadeira em frente ao painel de mixagem.

— Dunn você já conhece. Este aqui é Heath, o engenheiro de som. Já estávamos terminando.

— Ah, poxa. Pensei que o veria trabalhando. Já acabou?

Ele assentiu.

— Quer ouvir o que fizemos?

— Sim. É algo para outro álbum? Você acabou de lançar um, certo?

Ele me levou até sua cadeira, inclinou-se sobre o painel e apertou alguns botões.

— Sim, tenho uma turnê para começar dentro das próximas semanas. Mas essa aqui é só uma colaboração que estou fazendo com outro artista.

Assim que me acomodei na cadeira, eu disse:

— Ah, sim. Quer dizer então que... essa pessoa vai vir aqui fazer a parte dela?

Ele balançou a cabeça.

— Não, vou enviar minha parte para o produtor e ele vai compilar tudo.

— Certo. — Eu sabia um pouco sobre a indústria da música, mas nem tanto. Era bem interessante. — A música é sobre o quê?

Quando a música começou a tocar, ele disse.

— Ah, umas coisas bem fanfarronas. Bugz e eu temos que compor sobre uma garota difícil de conquistar, contando para ela que não sabe o que está perdendo.

— Ah... então o outro artista é Bugz-NYC? Não sabia que eram próximos assim.

— Não somos. Somos colegas de gravadora. Sinceramente, não acho que nossos estilos combinam, mas a gravadora insistiu nessa colaboração e é o que temos para hoje...

A voz de Everett começou a sair dos auto-falantes, o ritmo e cadência eram familiares. Ele falava com um leve sotaque sulista em uma conversa corriqueira, mas o intensificava quando fazia o rap. Estava bacana, mas já tinha ouvido coisa melhor vindo dele, e foi o que falei depois que o trecho terminou.

— Quê? Você não gostou? — Ele perguntou, incrédulo.

— Gostei. Está legal, mas assim... isso é tudo o que você tem para dar? — Perguntei.

Ele estava de queixo caído quando Heath murmurou:

— Caramba...

— Se isso é tudo o que tenho para dar? O que você quer dizer? Essa porra é um hino!

— Só estou dizendo que se o seu objetivo é impressionar uma mulher, isso não me afetou em nada. E eu sou mesmo uma mulher.

— Jo, você está falando sério?

— Estou... Você já usou cantadas melhores comigo e eu estou aqui, não estou? Precisa ser verdadeiro. Bugz-NYC é genuíno. Já ouviu a parte dele? Aposto que ele vai gritar, esbravejar e fazer todos aqueles barulhos loucos, sendo seu próprio incentivador como sempre faz. A sua letra vai sumir comparado a tudo isso. Sei que você tem um estilo diferente. Você é um contador de histórias e todas as suas palavras são inteligíveis, mas isso não significa que não possa *emocionar* as pessoas. Entende? Você precisa usar uma abordagem mais visceral, sair da sua zona de conforto.

— Merda, — Heath murmurou.

— Dá para calar a boca e guardar a porra do comentário para você, cara? — Everett disparou para ele.

Heath, um cara baixinho de pele negra, ergueu as mãos e se afastou um pouco do painel.

— Não falei por mal, cara. Ela tem certa razão. Bastante razão, droga.

— Caramba, cara! Você concorda com ela? — Everett perguntou.

Heath apenas deu de ombros.

Olhei para Dunn que estava com a cara enfiada no celular e voltei a encarar Everett.

— Você queria uma opinião sincera, né? É isso o que estou dando a você.

Ele ficou parado, os olhos presos aos meus por uns três ou

quatro minutos antes de dizer:

— Coloca para tocar de novo, Heath, — então abriu a porta e entrou na cabine.

Não posso mentir, senti a descarga de adrenalina quando o vi colocar os fones de ouvido e balançar a cabeça ao som da batida. Eu estava prestes a ver o Big South em ação! Fiquei sem palavras quando ele abriu a boca e as palavras começaram a fluir com tanta intensidade que pude senti-las em meu peito.

*Você diz que não tem tempo pro negão aqui
Mas o jeito que me olha me faz questionar, “De onde tirou isso?”
Caramba, você sabe quem eu sou, sabe o que faço
Eu faço acontecer, não preciso de porra nenhuma
Você disse que “Pegar de jeito” era sua praia, que ficou viciada
Aposto que tocou seu corpo na primeira vez que me ouviu rimar
Sei que foi pra cama à noite esperando eu atacar
Sei que agora está molhada, pensando num tal Big
Vou fazer você gozar, gatinha, com uma única investida
Vai sentir cada parte minha antes mesmo de eu gozar
Sei que gosta do que vê... South te deixou sedenta
Vou fazer que suba nas paredes, gritando de A a Z
Você é gostosa pra caramba, boazuda com esses lábios sedutores
O jeito como balança os quadris deixou o negão apaixonado
Cabelo afro, popozuda, seios perfeitos... porra!
Abre as pernas, gatinha... deixa eu ver se me encaixo em você
Quero tanto você que posso até implorar, cacete
Vou fazer esse seu corpo e pernas arqueadas gritarem, “Pooooorra,
Big South!”, quando estiver na minha cama
Não me chamam de Big 12 à toa, gatinha.*

Aquela última frase terminou com a risada que era sua marca registrada e podia ser ouvida em várias músicas dele.

Ele tirou os fones, saiu da cabine e parou ao meu lado.

— O que achou?

Eu me contorci e engoli em seco.

— Ah... melhor.

Ele me lançou um sorrisinho.

— Aham. — Olhando para o celular, ele disse: — Tommy acabou de chegar com nosso almoço. Está com fome?

Assenti.

— Faminta.

— Terminamos por aqui, South? — Heath perguntou.

Everett me encarou com as sobrancelhas arqueadas.

— Terminei, Jo?

Lambendo os lábios, falei:

- Sim. Diria que sim.
- Você ouviu o que ela disse.

Capítulo 12

Jo

Tivemos um ótimo almoço juntos e, naquela noite, conversamos até altas horas por telefone e nos encontramos de novo no dia seguinte para que eu pudesse mostrar os desenhos a ele. Ele ficou impressionado com todos eles, mas escolheu o meu favorito — um que continha um E maiúsculo com a asa de uma borboleta anexada à ponta da letra. Falei para ele que levaria um tempo para finalizá-lo, já que era a primeira vez que eu criava uma joia, e ele disse para eu levar o tempo que fosse preciso.

Não consegui vê-lo pessoalmente antes de sua viagem no domingo pela manhã, mas ele me ligava todos os dias e nos falamos antes de entrar no avião.

Eu já estava sentindo sua falta quando ele recapitulou os compromissos de sua agenda comigo e prometeu me ligar sempre que pudesse. Fazia pouco tempo que eu o conhecia, mas Everett estava criando algo ruim dentro de mim, tão ruim que passei a manhã de domingo envolvida em tristeza, a familiaridade da solidão que senti após o meu divórcio espreitava por todos os cantos da casa de novo. Mas, quando se tem uma filha, não se pode dar ao luxo de ficar deitada num estado de letargia deprimente. Por esse motivo, arrastei-me para fora da cama, fui ao mercado fazer compras e quando parei de volta na minha entrada de carros, vi o Bentley Continental GT estacionado.

Estacionei ao lado dele, fechei os olhos e olhei para Nat sentada na cadeirinha.

— Seu papai está aqui, Nat.

Ela apenas me olhou como se dissesse “Quem?”

Um tapinha em minha janela me fez virar a cabeça. Lá estava ele, em toda sua glória estúpida usando um agasalho e joias em excesso, parecendo a versão masculina adulta de minha única filha. Abri a porta, saí do carro e disse:

— Sid... não sabia que viria aqui.

Sem responder, ele foi até o banco da frente, esticou o braço para o banco traseiro e desprendeu Nat da cadeirinha. Saindo do carro com ela nos braços, ele sorriu e falou:

— Oi, neném.

Os olhinhos de Nat se revezaram entre ele e eu, como se ela tentasse pedir permissão a mim. Sorri para ela e disse:

— Diga oi para o papai, Nat-Nat.

— Oi, — ela disse, hesitante.

— Você quer a mamãe, né? — Ele perguntou, exibindo uma quantidade incomum de bom senso.

Fiquei aliviada quando a entregou para mim. Eu odiava ter que explicar para ela quem ele era sempre que ele decidia aparecer. Fazia seis meses desde a última vez em que a viu. A pobrezinha da Nat não fazia ideia de quem ele era. Mas eu queria que ela soubesse quem ele era, porque nunca conheci meu pai. Queria o melhor para Nat, e por mais estúpido que Sid fosse, acreditava que ele poderia ser um bom pai se tentasse. Ele nunca foi abusivo comigo, apenas egoísta para caramba.

Balançando Nat em meu colo, fiz um gesto em direção à porta.

— Quer entrar por alguns minutos? — Pensei que se ele passasse mais de dois segundos perto dela, Nat pudesse se familiarizar um pouco mais com ele.

Ele pensou por um momento.

— Sim.

Enquanto ele me seguia, falei:

— Deixe-me sentá-la à mesa e dar um lanche para ela. Pode se sentar se quiser. Ou pode dar uma olhada no quarto dela. Finalmente terminei de decorá-lo.

— Caramba, quem morreu? — Essa foi a resposta dele.

Coloquei Nat na cadeirinha.

— Como assim?

— Todas essas flores aqui. Quem morreu?

Tinha esquecido das milhares de rosas que Everett me deu e que eu ainda precisava encontrar um lugar nesta casa espaçosa para colocá-las.

— Ninguém, — respondi.

— Então o que está fazendo com todas essas flores?

Ele estava encarando o buquê coral quando olhei em sua direção — aquele em que havia o cartão. Às pressas, abri um potinho de papinha para Nat e dei uma colher para ela antes de ir para a sala de estar tentar pegar o cartão sem que ele visse.

Mas demorei demais.

— Quem é Everett?

Tirei o cartão da mão dele.

— Não é da sua conta.

Ele olhou para a cozinha e baixou a voz.

— Você está transando com ele?

Fechei a cara.

— Isso te interessa menos ainda.

Ele balançou a cabeça.

— É melhor que não esteja transando com outro negão dentro da minha casa, Jo. Não é para isso que eu te pago. Pago você para cuidar da minha filha, não para trepar com esses negões.

— Me pagar? Não sou sua maldita babá, — esbravejei. — Sou a mãe de Natalie. Você é o pai. Você arca com o sustento da sua filha, seu filho da puta! E essa não é *sua* casa. Fiquei com ela no divórcio, sendo assim, ela é minha!

— Veja como fala, Jo, — ele grunhiu, um pouco mais alto do que um sussurro. — Tudo o que sei é que quando fui embora deixei avisado que não era para ficar transando com um monte de cara. Não está fodendo nenhum dos meus amigos, está? Se um dia eu quiser esse seu rabo de volta, não vai dar muito certo se estiver trepando com meus amigos.

— Ok, já pode cair fora daqui, — protestei baixinho.

— Quer dizer então que não posso mais ver minha filha? Vai afastá-la de mim? É isso o que vai fazer, Jo?

— Não veio aqui para vê-la. Veio aqui para me irritar e tentar controlar algo que você não possui. O que eu faço, com quem eu faço não é da sua conta.

— Está transando com ele na minha cama? — Ele disse com rispidez.

— Saia daqui, Sid. *Agora*. Vá para casa, volte para a mulher com quem se casou depois daquela ladainha sobre não querer mais ficar casado comigo. Ela não está grávida? Não deveria estar fazendo massagem no pé gordo dela ou algo do tipo? Ou então, fazendo o que faz de melhor, vender crack?

— Não faço mais essa merda, você sabe muito bem. E Sonya não tem nada a ver com essa merda.

— Da mesma forma que *você* não tem nada a ver *comigo*... *Além disso*, estou cansada de discutir com você. Vá embora!

— Tá certo. Vou embora, mas não estou de brincadeira. Deixe esse negão fora da minha casa.

Depois que fechei a porta, respirei fundo e quase gritei.

— Ahh!

Nat riu e gritou:

— Rawr! — Suas bochechas estavam sujas de papinha quando ela sorriu para mim, exibindo seus dentinhos brancos. Nat amava leões e rosnava o tempo todo.

Não pude deixar de rir e pensar comigo mesma: *eu precisava me mudar daquela maldita casa já que aquele otário não entendia que ela não pertencia mais a ele*. Depois disso, fui para o lado de fora tirar as compras do porta-malas.

Capítulo 13

Jo

— *Tá fazendo o quê?!* — A voz de Bridgette retumbou em meu celular, penetrando meu ouvido como se ela tivesse gritado em meio ao ruído de uma música.

— O que *você está fazendo? Onde você está?* — Perguntei.

— *Estou na Gruta com Sage, lugar onde esse seu rabo deveria estar!*
— Ela gritou.

Tirei o celular do ouvido e coloquei no viva-voz, diminuindo o volume.

— Vocês são loucas. Nunca voltarei aí. É um lugar pequeno demais e a taxa de consumação é tão barata que fica sempre cheio de gente dura e espaçosa demais. Não, obrigada.

— *Não tem ninguém mexendo comigo e Sage, pooooorra! Vamos nos unir para acabar com elas, cacete!* — Bridgette gritou.

— *É isso mesmo!* — Sage exclamou, concordando.

As duas estavam bêbadas, só isso explicaria o motivo pelo qual estavam me ligando de uma porra de boate barulhenta.

— Espero que nenhuma de vocês esteja planejando dirigir para casa, suas beberronas. Não quero enterrar ninguém.

— *Não, garota. Viemos com Viv.*

— Viv? Desde quando voltou a sair com ela? Pensei que ela estava chateada com você por algum motivo. Não tinha prometido cobrir o turno dela e largou ela na mão?

— *Garota, ela está sempre tão chapada que nem lembra dessa merda.*

— Quer dizer que ela vai dirigir e está chapada?

— *Não, ela não está chapada agora... acho que não. De qualquer forma, você não me respondeu. Tá fazendo o quê? Assistindo Iron Chef?*

— *Não. Best Baker in America.*

— *Isso é triste pra caramba. Você é uma mulher jovem, saudável, com um namorado rico pra caralho e fica deitada em casa assistindo Gordon Ramsay, cacete?* — Tinha virado o celular para baixo, mas ela

gritava cada vez mais e estava prestes a estourar os auto-falantes da coisa.

— Em primeiro lugar, Gordon Ramsay não está nesse programa, pelo menos acho que não esteja. Segundo, Everett não é meu namorado. Terceiro, o que ele tem a ver com isso?

— *Ele pode muito bem ser seu namorado. Além disso, ele tem tudo a ver com tudo. Em vez de ficar deitada aí vendo esse pessoal assando biscoitos, precisa colocar o seu treino cardiovascular em dia nesta pista de dança, assim estará preparada quando o homem voltar, droga.*

Suspirei.

— Preparada para o quê, Bridgette?

— *Para aquele pau! Ele tem ido devagar, mas é apenas uma questão de tempo. Nossa, eu já teria dado para ele a essa altura!*

— *Pooooooooorra, só de olhá-lo eu já daria para ele!* — Sage exclamou.

— *Exatamente!* — Ela berrou. — *Ele já teria arrancado minha roupa!*

Quase pude imaginá-las cumprimentando uma a outra de um jeito bem desleixado.

— Que seja, pessoal. Não chegamos nem perto disso. Estamos só nos conhecendo. Faz apenas algumas semanas que o conheci.

— *Aham. Não esqueça de comer muito iogurte e abacaxis para a sua pepeca ficar com um gosto delicioso quando ele decidir comê-la. Sei que ele vai chupá-la com vontade!* — Bridgette gritou. — *Ele tem cara de quem gosta de dar umas chupadas!*

Balancei a cabeça enquanto encarava o celular de boca aberta. Essa garota...

— Você precisa de ajuda, Bridge. Tipo, terapia.

— *Vai por mim. Olha, vou deixar você assistir esses seus bolos. Aqui está bombando!*

— Ok... Espera! Uhm... Os abacaxis precisam ser frescos? Tenho uns abacaxis em calda. Serve?

— *Sim, tenho certeza de que vai funcionar... sua maluca. Tchau!*

— Tchau, doida.

Assim que encerrei a ligação com Bridgette, meu celular se iluminou de novo e o nome de Everett surgiu na tela. Eu estava sorrindo igual uma boba ao atender.

— Alô?

— *Jo...* — Eu adorava o jeito que ele dizia meu nome, como se me ver ou ouvir minha voz transformasse seu dia.

— Ei... Como estão as coisas?

— *Tudo bem, cansativo. Estou com saudade.*

Fechei os olhos e suspirei internamente. Ele me fazia tão bem.

— Já? Faz apenas alguns dias que está fora.

— *Senti sua falta desde que entrei no avião. Ei, eu não acordei você, né? Nem a sua filha?*

— Não, estava assistindo TV. Acabei de falar com a louca da Bridgette por telefone. Nat ainda está dormindo, senão já estaria aqui.

— *Que bom. Sua amiga está bem?*

— Sim, está bêbada numa boate querendo que eu vá encontrá-la.

— *Você não quis ir?*

— Não estava a fim nesta noite.

— *Você vai à boate com frequência?*

— De vez em quando, mas cansei dos caras tentando me tocar e fazer esse tipo de coisa. Alguns são incansáveis. Achem que a pessoa está atrás de homem só porque você está numa boate. Ficam se esfregando em você. Na maioria das vezes você tem que gritar com eles para afastá-los.

— *Caramba, sério? Que merda!*

— Pois é...

Um silêncio ensurdecedor tomou conta da ligação e essa era uma situação incomum para nós. Nossas conversas sempre fluíam muito bem. Foi super constrangedor.

— Everett, está tudo bem?

— *Sim... Sei lá... Só estava pensando em você indo à boate e... Merda. Ouça, quer ser minha mulher? Minha namorada? Sei que não faz muito tempo que nos conhecemos, mas gostaria que o que temos fosse exclusivo.*

Eu sequer pensei antes de dizer:

— Sim.

Pude ouvi-lo soltar um suspiro.

— *Certo. É oficial então. Tenho muita divulgação desse álbum para fazer. Vou gravar um vídeo com Bugz daqui a dois dias. Depois começam os ensaios para a turnê, logo em seguida a sequência de shows começa. Devo levar um mês até conseguir voltar para ver você, porque fiz toda a divulgação em L.A. antes de viajar e meus shows na Califórnia estão longe, serão no final da etapa norte-americana da turnê. Ainda assim, vou ter apenas algumas horas. Um dia no máximo.*

— Eu sei que você tem que trabalhar, está tudo bem. Não me deve explicação sobre como passa o seu tempo, Everett.

— *Pensei que tínhamos acabado de determinar que eu sou seu namorado.*

— Você é...

— *Então eu devo uma explicação a você, sim. Só quero que saiba que isso é trabalho e que eu tenho que fazê-lo, mas o que estamos construindo juntos é importante para mim. Você é importante para mim.*

— Eu... Eu sou?

— *Sim... e estou com muita saudade.*

— Também estou com saudade e vou ficar feliz quando puder vir me ver. Sou uma mulher paciente.

— *Você é boa demais para ser verdade, amor. Sabia?*

Sorri.

— Isso significa que vai ter que ralar para me conquistar.

— *Caramba, é isso o que estou tentando fazer. Falo com você depois, Jo.*

— Boa noite, Everett.

Capítulo 14

Jo

Estava sentada no sofá vendo Nat brincar com um pequeno jogo de chá que a Sra. Sherry comprou para ela e quase caí para trás quando meu celular tocou, porque tinha certeza que era Everett ligando. Ele tinha o costume de me ligar antes de ir trabalhar pela manhã e antes de subir no palco à noite. Não queria perder seu telefonema.

— Alô! — Atendi, animada.

— Oi, o que está fazendo? — Sua voz era como música para os meus ouvidos e eu me derreti todinha.

— Nada demais. Vendo Nat brincar com alguns brinquedos novos.

— Ah, não está assistindo Top Chef, Master Chef, Iron Chef, The Real Chef-wives of Atlanta, Love and Chef Hop, The Chef Ink Crew, The Chefdashians...

Ri.

— Você me viu apenas algumas vezes, tem falado comigo por telefone todos os dias e acha que já me conhece?

— Quer dizer que eu não conheço?

— Fale um pouco sobre mim então, já que é um especialista em Jo Walker.

— Tá legal. Sua cor favorita é azul, você ama hip-hop, mas odeia minha música, gosta de programas culinários, mas não sabe colocar água para ferver, é caseira e raramente sai, não bebe, Nat é o amor da sua vida e você tenta se fazer de difícil, mas gosta de mim.

— Na verdade, consigo colocar água para ferver, sim, nego. Ele riu.

— Ah, é? Foi mal então.

— Aham, e não me faça de difícil. Já disse que gosto de você.

— Eu sei. Só queria ouvi-la dizendo isso de novo.

Revirei os olhos.

— Tão mimado.

— *Eu sei.*

— Também conheço você, Big South.

— *Ok, manda ver.*

— Você curte hip-hop e é seu maior fã, gosta de se vestir bem e sair, ama ser o centro das atenções, ama sua filha, não curte muito os paparazzi, mas os valoriza enquanto durar sua carreira, não liga para o que as pessoas pensam sobre você e prefere deixá-las pensarem o que quiser, também não sabe cozinhar, gosta de beber, gosta de... não, cancela essa parte. Você AMA mulheres, e já ficou com várias, muitas, caramba... uma pilha, um monte, baldes de...

— *Nunca disse para você que já fiquei com um monte de mulheres.*

— Não foi preciso. Tenho olhos e ouvidos. As fotos e a bunda pelada que já vi são prova...

— *Está tentando me chamar de galinha? Não sou galinha, Jo.*

— Se você diz...

— *Isso tem a ver com Sheena? Olha, não estive com outra mulher desde então. Estive ocupado demais tentando fazê-la se comportar.*

— Quer dizer que devo acreditar que você me conheceu e o seu lado mulherengo simplesmente desapareceu?

— *Não, você deve entender que nunca fui mulherengo. Estive com algumas mulheres, sim, mas nunca brinquei com ninguém. Era sempre uma decisão conjunta, assim como a nossa. Ofereci todo o respeito que a situação exigia. Algumas mulheres lidam bem com sexo casual; outras não se contentam com nada menos do que um compromisso de qualquer espécie. Desde o início percebi que você não era alguém que estaria disposta a viver um relacionamento puramente físico e, para ser honesto, soube desde o começo que queria muito mais do que isso com você.*

— Soube? É sério?

— *Sim, Jo. Fui atrás de você com a intenção de termos um futuro juntos, e esse ainda é o meu objetivo.*

— Nossa, não sei o que dizer.

— *Diga que vai permitir que eu continue minha busca por você.*

— Mas somos um casal agora, certo? Se você é meu namorado, por que precisaria continuar vindo atrás de mim? Não pode ir em busca de algo que você já tem.

Everett ficou em silêncio.

— Falei alguma coisa errada? — Perguntei.

— *Não... Você disse... Caramba, Jo, o que você acabou de falar me deixou com vontade de entrar num avião e ir para L.A. só para ficar na sua frente e ouvi-la dizer isso na minha cara.*

— Dizer o quê?

— *Que você já é minha.*

— Eu sou, e você será muito bem recebido sempre que quiser entrar num avião para vir me ver. Não vou a lugar algum.

— *Caramba, garota. Está me deixando completamente maluco neste momento. Que saco que eu tenha que ir para o local do show. Queria ficar neste celular ouvindo você falar todas essas coisas a noite inteira. Nossa... obrigado, Jo.*

— *Pelo quê?*

— *Por confirmar o que eu soube desde quando arremessou aquele colar em mim.*

Me inclinei no sofá.

— *Eu não arremessei nada em você!*

— *Dããã! Cheguei a pensar: essa mulher joga softbol ou algo do tipo? Você acertou meu pau em cheio com aquilo.*

— *Everett! Não, não acertei!*

Sua risada era tão contagiante que eu logo me juntei a ele. Nat me lançou um olhar curioso antes de começar a rir, mesmo sem saber o que estava acontecendo.

— *Que seja, Everett. O que foi que eu confirmei?*

— *Que você é tudo o que eu preciso há muito tempo, e acho que só me dei conta disso quando eu a conheci. Tenho que ir. Falo com você depois.*

— *Tchau, Everett.*

Encerrei a ligação e me juntei à Nat no chão, bebendo chá imaginário e sorrindo de orelha a orelha.



Eu estava cansada, frustrada e irritada para caramba. Nada parecia dar certo. Depois de ter faltado alguns dias de trabalho porque Nat estava doente — a Sra. Sherry também estava, e não fazia sentido para mim contratar uma babá substituta — tive que encarar a ira de Peter Park. Ele me fez ir em todos os cantos de L.A. resolver problemas por uma semana inteira, abarrotando meu tempo com bobagens, tornando praticamente impossível trabalhar na joia de Everett com a qual eu já estava tendo dificuldades sem suas bobeiras para piorar as coisas.

Fazer joias à mão é complicado e tedioso, principalmente com o conceito que eu tinha planejado. Estava demorando uma eternidade para fazer com que o invólucro de platina parecesse um maldito E, imagina como seria com a asa de borboleta. Ficou claro que eu não era uma artista. Na terceira semana que passei trabalhando nisso, nos pequenos intervalos que conseguia quando Peter Park não me atrapalhava, estava pronta para desistir, para me render e admitir que essa carreira, assim como a de maquiadora, não era para mim.

Além dos meus fracassos profissionais, eu morria de saudade de Everett depois de quase três semanas longe dele. Sim, nós nos

falávamos por telefone todos os dias, literalmente — às vezes, por horas, outras, por meros segundos — ainda assim, eu sentia falta dele, do seu sorriso, da sua risada, de seus beijos. Era como se eu estivesse passando pela abstinência de uma droga que só tinha provado algumas vezes. Everett tinha esse poder. Eu tinha receio de transar com ele de tão apegada que estava.

Era terça-feira e eu estava me sentindo ainda mais desanimada quando peguei o pacote que continha o burrito de carne de Peter Park e voltei para o trabalho. Só de pensar no quanto eu sentia falta de Everett e no quanto aquele trabalho me consumia, fiquei à beira das lágrimas. Para piorar, antes que eu pudesse fechar a porta do carro, recebi uma ligação do babaca do século. Parei ao lado do carro por um tempo, respirei fundo e atendi.

— Alô?

— *Oi, acabei de pensar em uma coisa,* — respondeu.

— O que foi, Sid? Seja rápido. Estou no trabalho.

— *Você está transando com esses negões na frente da minha filha,*

Jo?

Balancei a cabeça fechando a porta do carro com força e segui em direção ao prédio como um furacão.

— Estou sem tempo para isso hoje.

— *Responda, Jo. Está?*

— *Você está?*

— *Eu estou o quê?*

— *Você está transando com negonas por aí?*

— *Ah, você está a fim de brincar hoje, né? Se eu descobrir, Jo. Se eu descobrir...*

Desliguei o celular na cara do imbecil e o guardei na bolsa, ignorando as vibrações enquanto seguia meu caminho para aquilo que estava se tornando meu inferno particular. Oba, que estava vigiando a entrada, me lançou um olhar esquisito quando passei por ele apressada, e quase derrubei o burrito de Peter Park ao entrar no saguão. Parado bem no interior do Bijou Park, encostado na parede com a cabeça inclinada e olhando para mim, estava Everett.

Eu me lancei em seus braços tão depressa que acho que o peguei de surpresa. Ele riu, me abraçou e disse:

— Também senti sua falta, amor. — Me apertando ainda mais contra ele, acrescentou: — *É... Senti muito a sua falta.*

— Não tem ideia de como senti saudade de você, — falei contra o seu peito.

Ele me soltou e me encarou com uma expressão preocupada.

— O que há de errado?

Balancei a cabeça.

— Parece que não tem nada de bom acontecendo na minha

vida além de Nat. As coisas estão... Deixa pra lá. Estou feliz que esteja aqui. Espera aí... O que está fazendo aqui? Não deveria estar em Indianápolis? Não tem um show lá hoje à noite?

— Estou aqui porque senti saudade.

— Mas o seu show... foi cancelado ou algo assim?

— Não. Tenho que estar no avião dentro de duas horas para conseguir me apresentar.

Franzi o cenho.

— Você veio até aqui só para me ver?

— Sim. Já almoçou?

Balancei a cabeça.

— É claro que não. Estive ocupada... Não estava sendo puta de ninguém.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, né?

— Não.

— Tão invocada, — ele murmurou, e aproximou-se da minha orelha, dizendo: — e atraente.

Sussurrei:

— Sério? Quão atraente?

— Continue brincando. — Antes que eu pudesse me dar conta, seus lábios tocaram os meus, ele me puxou contra seu corpo e sua língua invadiu minha boca. Gemi baixinho e ouvi alguém pigarrear.

Afastando-me de Everett, lancei um olhar tímido para Freda e Tommy, que estava sentado em frente à mesa dela. Caramba, tinha esquecido com muita rapidez que não estávamos sozinhos e estávamos no meu local de trabalho.

— Por que não avisa ao Park que está saindo para almoçar? — Everett sugeriu, chamando minha atenção.

— Só se ele deixar, — murmurei.

— Como assim?

— Nada... Já volto.

Atravessei o saguão, passei pelo aquário enorme cheio de peixes exóticos que era o elemento principal da decoração, e bati à porta do Sr. Park.

— É o quê? — Ele disse com rispidez. Pelo seu tom de voz, dava para ver que seu humor estava pior do que antes.

Abri a porta, mas antes que pudesse dizer uma única palavra, ele me repreendeu.

— Já estava na hora. É melhor que não esteja frio! Se estiver, você vai voltar lá e comprar outro porque eu não como comida requentada!

Fechei os olhos bem apertados. Eu vivia numa batalha constante para não xingá-lo. Respirando fundo, decidi não responder e fui até ele para lhe entregar o pacote.

Ele pegou o burrito e o colocou sobre a escrivaninha.

— Cadê o molho de queijo? Você me trouxe um burrito sem molho de queijo? Que saco, Jo!

— Uhm... você não mencionou molho de queijo em momento algum, — falei.

— Eu tenho que falar tudo? Quem come burrito sem molho de queijo, porra?

Que merda, eu como.

— Sr...

— Park!

Dei um pulo ao ouvir a voz de Everett. Eu tinha fechado a porta, mas sabia que qualquer pessoa num raio de dezesseis quilômetros teria ouvido Peter Park gritando comigo.

O Sr. Park se levantou e contornou a mesa, esbarrando em mim ao seguir em direção a Everett, estendendo a mão e sendo ignorado.

— South! Não sabia que estava aqui! — Ele voltou seu olhar acusatório para mim. — Em que posso ajudá-lo?

Everett fechou a cara.

— Pare de gritar com a minha namorada, assim posso levá-la para almoçar.

Peter Park deu meia-volta e me encarou com olhos arregalados. Ele voltou sua atenção para Everett e falou:

— Sua... Jo?

Everett assentiu.

O Sr. Park verificou as horas e me olhou.

— Você ainda não almoçou?

É sério isso, seu filho da mãe?

— Não. Ainda não.

— Vá! Vá! — Ele disse, aproximando-se de mim e segurando meu braço. — Vá...

— Ei, precisa parar de tocá-la desse jeito. Na verdade, nunca mais toque nela de novo, cacete. Nunca.

Desviei o olhar para Everett enquanto Peter Park abaixava a mão depressa.

— Ah... desculpa. Jo, vá almoçar. Quer saber? Pode tirar o resto do dia de folga. Não vou descontar do seu salário.

Quê?

— Mas preciso trabalhar na joia de Ev... Big... *dele*, — protestei.

— Não se preocupe com isso. Não estou com pressa. Venha, vamos comer, — Everett disse.

Concordei e segurei sua mão que estava esticada. Quando agradeci Peter Park por ter me liberado mais cedo, Everett quase arrancou minha mão de tanto apertá-la.

Caminhamos em silêncio até o carro dele, a tensão era nítida. Era óbvio que Everett estava puto com o que tinha ouvido e eu estava extremamente envergonhada. Estávamos chegando no... Em algum lugar, quando ele perguntou:

— Aquele filho da puta sempre fala com você daquele jeito?

Balancei a cabeça.

— Só quando está de mau humor. — *Ou seja, em oitenta por cento do tempo.*

— Por que não pede demissão?

Franzi o cenho ao olhar para ele. Seu olhar estava fixo em mim, o braço apoiado no parapeito da janela do carro e o dedo encostado no lábio inferior.

— Eu... Trabalhar para ele é uma boa oportunidade. Apreendi muito. E, eu... Que merda, não sei, Everett. Ele é desagradável, eu o odeio. Odeio esse trabalho. Estou sofrendo para fazer sua joia. Acho que não quero mais essa carreira. — Eu basicamente vomitei aquelas palavras. Precisava dividir minhas frustrações reprimidas com alguém e, já que ele tinha perguntado, eu o escolhi para ser minha vítima. — Sinceramente, não sei o que fazer da minha vida. Na verdade, isso é mentira. A única coisa que sempre quis foi ser esposa e mãe, ter o que nunca tive antes: uma família de verdade. Mas isso não funcionou, então tenho que fazer *alguma coisa*.

— Mas tem que ser isso? Por pouco não acabei com aquele filho da puta. Jo, eu tenho que trabalhar. Não posso começar a perder shows porque muita gente depende de mim, mas não consigo parar de pensar no fato de que Park trata você desse jeito e não me sinto confortável em deixá-la sabendo que trabalha para aquele bundão. Aquilo é tudo o que ele faz?

Balancei a cabeça.

— Não. Fica pior.

— Pior do que gritar com você?! Ele toca em você? Bate? Tenta transar com você? — Ele me olhou como se estivesse prestes a saltar da caminhonete em movimento.

— Não... Não! O que eu quis dizer é que ele pode gritar mais alto, usar mais palavrões. Hoje foi a primeira vez que ele colocou o dedo em mim, e isso aconteceu porque você o deixou nervoso.

— Ele não quer perder o negócio que tem comigo. Está com o cu na mão. Jo... por que acha que estava tudo bem ficar lá e aceitar aquele abuso? Você precisa tanto assim do dinheiro? Amor, vou ajudar você. Ficarei feliz com isso. Não posso aguentar vê-la sendo maltratada desse jeito.

Eu não precisava de dinheiro. A pensão que o juiz ordenou que Sid pagasse, cobria tanto as minhas despesas quanto as de Nat, e ainda sobrava um pouco. Sem contar que o montante que recebi com o

divórcio ainda estava no banco, parado. Portanto, eu não precisava de dinheiro. Precisava de um propósito. Esperava que fazer joias fosse meu propósito, mas, agora, percebi que não era. Dividi esses pensamentos com Everett.

— Então pede demissão, — ele disse.

— E fazer o quê? Viver às custas do meu ex-marido? Ele já... — Parei de falar. Já tinha despejado o bastante da minha tristeza nele.

— Ele, o quê? Ele está importunando você?

— Ele só está... sendo ele. Olha, antes de conseguir um emprego, eu estava enlouquecendo por ficar dentro de casa o tempo todo.

— Ok, mas quem disse que tem que ficar dentro de casa? Você pode fazer um monte de coisas com a sua garotinha, pode passar mais tempo com ela. Você disse que queria isso. Falamos sobre isso uma vez. Você pode estudar ou fazer algo assim. Jo, você está em uma posição que muitas mulheres gostariam de estar. Tem condições financeiras para fazer o que quiser. Poderia até viajar comigo se quisesse, caramba. Traga Nat com você.

Sorri, meu coração cheio de alegria.

— Não sei se Nat está pronta para viajar, e eu ainda não estou preparada para desistir do meu emprego. Quero ao menos terminar sua joia, mas fico grata por tudo o que está dizendo.

— Jo, não estou nem aí se você nunca terminar essa joia. Neste momento, não me sinto bem dando meu dinheiro para Park. Eu me importo com seu bem-estar. É isso o que é importante para mim agora.

— Queria entender por que... por que significa tanto para você, que fascínio é esse que sente por mim.

— Você é especial, Jo, e se eu tiver que continuar dizendo isso até o fim dos tempos para que você entenda, é isso que vou fazer.

— Você é bom demais, sabia?

Ele me lançou um sorriso enorme.

— Sim, sabia.

Revirei os olhos.



Almoçamos nos fundos de um restaurante de comida afro-americana do qual eu nunca tinha ouvido falar — Senhorita Hattie — e fomos recebidos pela própria Srta. Hattie, que também era de Houston e grande amiga da falecida mãe de Everett. A comida era ótima, eu estava gostando de ouvir sobre a turnê, mas me sentia um pouco triste em saber que ele teria que viajar ainda naquela tarde.

Ao retornarmos à caminhonete com a intenção de voltar ao

Bijou Park para que eu pudesse pegar meu carro, Everett segurou minha mão e a levou aos lábios, beijando a palma, meu punho, braço e ombro. Então, encontrou meus lábios e os beijou com carinho, murmurando:

— Queria poder ficar ou então que viesse comigo.

Ergui a mão e percorri seus lábios com o dedo.

— Eu também.

— Olha só, meu evento anual de caridade está chegando, será daqui algumas semanas. Costuma ser em Houston, mas como minha gravadora está patrocinando, o faremos aqui neste ano. Sei que fica preocupada em ser fotografada comigo, e não vou mentir, com tantos convidados só vou conseguir controlar isso até um certo ponto, mas gostaria que me acompanhasse.

— Eu adoraria. Não ligo mais para as fotos nem blogs de fofoca.

— Àquela altura, não ligava mais para nada além de cuidar da minha filha e passar o máximo de tempo que pudesse com ele. Danem-se os blogs.

— Tem certeza?

— Sim! Nunca fui em nada parecido. Vai ser divertido poder me arrumar e sair de casa por uma noite... Ah, meu Deus! Tenho que arranjar um vestido! — Eu estava mais animada porque sabia que estaria ao lado dele antes de qualquer coisa, mas a ideia de ir a um evento de caridade despertou meu interesse.

— Não se preocupe com isso. Vou pedir para minha assistente entrar em contato com alguns estilistas para marcar algumas provas de roupa para você. Ela também pode providenciar cabeleireiro e maquiador se quiser.

— Ela? Assistente? Não sabia que tinha uma assistente. Quem é a biscate?

— Courtney. Nos conhecemos desde criança, fomos criados juntos. Ela mora em Houston mas viaja comigo de vez em quando. Darei seu número a ela quando encontrá-la.

— Ok.

— Vai acabar tarde, então não esqueça de avisar à babá com antecedência, assim que Courtney te passar os detalhes.

— Pode deixar.

Ele me acompanhou até o meu carro, me beijou com tanta vontade que fiquei com medo de desmaiar. Foi assim que meu príncipe encantado partiu novamente.

Capítulo 15

Jo

Essa foi a primeira vez que ele entrou na minha casa, e por mais que não estivéssemos sozinhos — Sage, Bridgette, sua assistente, Courtney, uma estilista e uma designer de moda estivessem todas presentes — era estranho pensar que enquanto eu estava no meu quarto experimentando outro vestido, ele estava sentado na sala, esperando para dar sua opinião sobre o visual. Como odiei tudo o que experimentei na primeira vez, esta já era a segunda rodada de provas. Desta vez, Everett pegou um avião em um raro dia em que não tinha show, em uma pequena folga de sua turnê, para me ajudar a escolher algo. Até agora, nós dois vetamos por unanimidade cinco vestidos. Eu estava tentando seguir o conselho da minha amiga e considerar apenas vestidos mais curtos, mas era difícil encontrar algo que realçasse meu corpo sem que eu parecesse uma puta.

Bridgette fazia algumas boas considerações, mas Sage, a quem convidei para fazer a maquiagem que complementaria o que quer que eu escolhesse, passou cada segundo que estive perto de Everett devorando-o com os olhos. Tive que arrancar o celular da mão dela para evitar que tirasse uma foto dele. Se antes ela já dizia que ele era atraente, agora ela não parava de repetir aquilo. Eu sabia que esse homem era um gato, caramba. Na verdade, Everett era tão gostoso que tinha que me esforçar para não ficar encarando quando estávamos sozinhos. Não queria parecer obcecada por ele, mas, cacete, ele era tão gostoso que era difícil não ser obsessiva.

Bridgette fechou o zíper do vestido e piscou para mim.

— Acho que é este. Está super atraente, mas de um jeito respeitável, e ele caiu muito bem. Não vai precisar de muita alteração. South vai amar. Tenho certeza!

Dei uma olhada em frente ao espelho e tive que admitir que o vestido ficou bonito em mim. Era coberto por lantejoulas douradas, tinha um decote em V profundo, costas abertas e terminava logo acima dos meus joelhos. Mostrava demais, mas sem revelar todos os

detalhes. Enquanto Sage me ajudava a calçar o Louboutin Douce Du Desert vermelho — ou Flamenco, como a estilista havia chamado e insistido que seria o complemento perfeito para o vestido —, ela murmurou pela décima vez:

— Big South está na sua sala de estar.

— Eu sei, Sage. E adivinha? Ele é um cara normal. Relaxe, por favor.

— Jo... este é um Gia Smalls original, um dos muitos que você experimentou hoje. Esses vestidos custam, no mínimo, cinco mil dólares. Sem contar que Gia Smalls também está em sua sala de estar, juntamente com Carlita Frost que, por acaso, vestiu metade de Hollywood. Estes são Louboutin que nem nos meus sonhos mais loucos poderei comprar sem correr o risco de virar uma sem-teto. Ah, e o filho da mãe me ofereceu mil dólares para fazer sua maquiagem para um único evento. Aquele lá não é um cara normal.

— Para mim, é. Pare de chamá-lo de filho da mãe. — Voltei a me olhar no espelho, sorri e disse: — Gostei. Vamos ver o que Everett acha.

As meninas me acompanharam até a sala onde Everett estava comendo abacaxi em calda. Quando me viu, ele colocou o pote com fruta sobre a mesa, levantou-se e atravessou a sala rapidamente. Parou à minha frente e, logo depois, me rodeou e me puxou para um beijo intenso. Atrás de mim, pude ouvir Bridgette murmurar:

— Acho que ele gostou.

Quis puxar sua cabeça de volta para a minha quando ele se afastou, seu olhar fixo em mim no momento em que perguntou a Gia:

— Quanto?

— Cinco mil e cinquenta, — ela respondeu.

— É peça única?

— Ah, não. Será colocado em meu site como um modelo limitado com cinquenta vestidos disponíveis. Vocês são os primeiros a verem.

— Quanto você cobra para torná-lo uma peça única?

— Qu... quê? — Gia, uma jovem obviamente mestiça, gaguejou.

— Quero que Jo seja a única mulher a usá-lo. Quanto tenho que pagar para que isso aconteça? — Ele se inclinou e encostou o nariz em meu pescoço, respirando fundo. Se suas mãos não tivessem segurando meus braços, eu teria desmaiado.

Sage murmurou:

— Caramba, Jo.

— Não sei, Sr. South. Se eu vendesse todos os cinquenta vestidos conseguiria um pouco mais de duzentos e cinquenta mil dólares.

Ele levantou a cabeça, deslizou o dedo sobre minhas sardas e perguntou:

— O que acha de arredondarmos para duzentos? De bônus, enchemos sua bola no Instagram.

Ele quis dizer duzentos mil dólares? Fiquei com o queixo caído.

— Everett, você não pode...

Antes que eu pudesse terminar de falar, ele me beijou de novo, sua língua deslizando contra a minha, suas mãos enormes sobre minhas costas descobertas. Relaxei diante de seu corpo em questão de segundos, permitindo que minha língua brincasse com a dele. Todos na sala pareceram sumir quando fechei os olhos e gemi em sua boca. O tesão era tanto que eu estava a dois segundos de arrancar aquele vestido, jogar o gostoso do Everett no chão e sentar nele como se não houvesse amanhã. Fazia muito tempo e Everett não estava facilitando as coisas para mim.

Acho que ouvi Gia dizer que o negócio estava fechado ou algo assim. Meus pensamentos estavam nebulosos porque a mão de Everett desceu até minha bunda e a apertou. Foi o toque da campainha que finalmente nos trouxe de volta à realidade, separando-nos.

— Deve... deve ser a Sra. Sherry trazendo Nat. — Era sábado, mas eu tinha pedido à Sra. Sherry que ficasse com ela para que pudessemos fazer as provas com tranquilidade.

Everett assentiu e foi conversar com Gia enquanto eu atendia a porta. Não era a Sra. Sherry, era Tommy, o segurança que tinha trazido Everett. Como eu morava em um condomínio muito seguro, ele não viu necessidade em manter seus seguranças aqui. Minha primeira reação foi entrar em pânico. Será que Everett ligou para Tommy porque já estava indo embora? Ele disse que jantaríamos antes de ele ir, e eu estava ansiosa por isso. Queria que ele conhecesse Nat.

— Ei, o chefe esqueceu o celular. Só vi agora. Pode entregar a ele? — Tommy perguntou.

Pegando o celular, falei:

— Sim, obrigada.

Ele assentiu e foi embora. Segundos depois, entreguei o celular a Everett e voltei para o quarto, onde Gia fez algumas marcações no vestido em locais que precisavam ser corrigidos para melhorar o caimento. Menos de uma hora depois, minha casa estava vazia, com exceção de Everett. Estávamos dando uma olhada no aplicativo de comida, já que tínhamos decidido pedir para comer em casa.

— Courtney é um amor. Gostei muito dela, — falei, enquanto tentava decidir entre comida mexicana e italiana.

— Que bom. Ela é o principal ponto de contato caso não consiga falar comigo em ocasiões como a de hoje em que esqueci meu celular, mas isso só aconteceu porque estava animado demais para ver

você.

Aproximei-me dele e o beijei.

— Sempre fico animada em ver você, mas não consigo acreditar que deu aquele dinheiro todo naquele vestido. Aquilo foi um escândalo, Everett!

Ele tira o laptop das minhas mãos, colocando-o sobre a mesa de centro, e me puxa para o seu colo, curvando-se para beijar meu pescoço antes de afastar a alça da minha camiseta e beijar meu ombro.

— Não acha que por você vale a pena?

Assim que ele me colocou sentada sobre ele e agarrou minha bunda, gaguejei:

— Uhm... eu... sim? Acho.

Ele deslizou a mão sob minha camiseta, segurando delicadamente meu seio esquerdo sob o sutiã, seu olhar preso ao meu.

— Qual é o problema então?

— Eu... É só que... Merda, não consigo pensar.

Lambendo os lábios, ele perguntou:

— Posso tocar você, Jo?

— Já não está fazendo isso? — Perguntei enquanto fechava os olhos e tentava lembrar como respirar.

— Sim, mas não do jeito que quero tocá-la. Posso tocar você do jeito que eu quero, amor?

Com certeza!

— Sim, — sussurrei, abrindo os olhos. — Por favor.

Ele sorriu antes de capturar minha boca e apertar meu seio. Arquejei quando senti ele deslizando a mão que estava em minha bunda para a frente da minha calça de moletom. Não demorou muito para que sua mão enorme estivesse dentro da minha calcinha, massageando-me, e tudo o que consegui fazer foi agarrar seus ombros e rebolar sobre sua mão de forma involuntária enquanto ele colocava o dedo dentro de mim.

Sua boca se afastou da minha.

— Porra, Jo. Você está molhada demais.

Ele me encarava, seus dedos habilidosos e incessantes enquanto observava minha reação. Eu me curvei para beijá-lo novamente, mas ele balançou a cabeça.

— Quero vê-la gozar para mim, amor.

Putá merda. Foi isso o que fiz. Nem um segundo depois, a pressão frenética que crescia dentro de mim se intensificou e explodiu. Joguei a cabeça para trás.

— Evvvvveerrreeettttt! — Gritei igual uma louca conforme o prazer me inundava.

Desmoronei em seu peito, imaginando como tínhamos ido de A

a Z tão depressa. Durante todas essas semanas, nós sequer tínhamos falado em sexo. Tudo bem, ele tinha jogado umas indiretas e é óbvio que eu tinha pensado nisso, mas ainda estava perplexa por estar ali, desfazendo-me em sua mão enquanto seu volume evidente me cutucava por baixo. Mas isso devia ter mais a ver com quem ele era. Pois é, eu tinha tentado disfarçar mais cedo com Sage, mas uma parte minha ainda achava difícil de acreditar que eu estava em um relacionamento com esse homem.

— Caramba, Jo. Você sempre goza rápido assim? — Ele perguntou com as pálpebras pesadas ao lambe os lábios de novo.

Minhas bochechas coraram e mordi o lábio tentando recuperar o fôlego enquanto balançava a cabeça.

— Não... Tem... tem tempo que não faço isso.

Quando me dei conta, ele estava de pé comigo no colo, levando-me para o quarto. No momento em que ele me deitou na cama, a campainha tocou. Dessa vez eu tinha certeza que era a Sra. Sherry, porque ela me mandou uma mensagem para avisar que estavam voltando da casa de sua amiga. Em meio ao meu desejo acalorado por Everett, acabei esquecendo.

— É a Nat? — Ele perguntou sobre meu corpo fraco.

Levantei depressa, parando por um momento para me recuperar.

— Provavelmente, — falei, olhando para ele com um ar de culpa.

— Está tudo bem, amor. Vou lavar as mãos para conhecê-la. — Sua voz era firme, calma e compreensiva; essas eram palavras que eu jamais atribuiria ao homem com quem um dia fui casada.

— Ok.

Estava com as pernas trêmulas quando fui abrir a porta, minha calcinha estava arruinada e minha vulva latejando. Eu ansiava tanto por aquilo, mas não havia nada que eu pudesse fazer neste momento. Fungando o ar, fiquei feliz por aquela parte da casa ser bem arejada. Não dava para sentir o cheiro das carícias de Everett.

— Nat-Nat! — Dei um gritinho enquanto pegava minha filha do colo da Sra. Sherry. — Seu dia foi legal?

A minha garotinha do olhar cansado assentiu e deitou a cabeça em meu ombro.

Sorri para a Sra. Sherry.

— Muito obrigada por ficar com ela hoje.

— Quantas vezes tenho que dizer a você que o prazer é todo meu? Conseguiu escolher o vestido... Meu Deus do céu! É ele mesmo! Sei que você disse que era, mas é ele! — Ela gritou, dando a entender que Everett devia ter entrado na sala.

Então, vi sua mão enorme quando ele parou ao meu lado e a

esticou em direção a Sra. Sherry.

— Oi. Sou Ev...

— Você é Big South! E eu sou Sherry Sykes! Minha nossa! Bonito como sempre, não é? Jo, você saiu do banco de reservas e marcou um golaço!

Arregalei os olhos.

— Eita.

Everett riu e Nat ergueu a cabeça um pouquinho, seu olhar confuso e em alerta, por isso disse:

— Nat, este é o Sr. Everett, um amigo muito especial para mim.

— Ela pode me chamar de Everett, — ele completou.

Ela o olhou por um momento antes de lançar um sorriso para ele.

— Oi, Eveti.

Everett deu um lindo sorriso de volta para ela.

— Oi, Nat. Sabia que você é linda igual a sua mãe?

Ela assentiu.

— Aham. Tenho um leão. Quer ver?

— Sim! Eu amo leões.

No momento em que ela escorregou para fora do meu colo e correu desajeitada para o quarto, a Sra. Sherry elogiou Everett por mais alguns segundos e foi embora.

Nat retornou com dois leões de pelúcia — ela tinha uns cinquenta deles — e entregou um para Everett com um rugido:

— Rawr!

Everett arquejou.

— Minha nossa! Que assustador!

Nat riu.

— Você faz!

Everett agachou-se, bateu no peito e soltou um rugido menos feroz, fazendo Nat ter um ataque de risos que exibia o espaço entre os dentes da frente, igual ao meu.

— Rawr! — Ela gritou.

Everett deitou-se de costas, seu corpo gigante esticado na minha sala de estar enquanto ele rugia de volta para ela.

Nat riu e deitou de costas, rugindo de novo.

Eles ficaram assim até o nosso jantar chegar. Acho que nunca sorri tanto na vida.



Eu estava extremamente nervosa sentada no sofá entre a tagarelice de Sage e Bridgette, esperando que Everett viesse me buscar para o evento de caridade. Meu estômago roncava e se contorcia. O

ruído do falatório delas soava vazio e distante enquanto eu olhava para mim mesma. Dourado e vermelho... será que eu estava exagerada demais? Como se fosse para uma festa natalina?

Agosto nem tinha acabado. Eu deveria ter deixado Bridgette fazer um coque no meu cabelo do jeito que ela queria ao invés de optar pelo meu habitual penteado afro e rebelde. Mas Everett gostava do meu cabelo afro — ele já havia me dito isso mais de uma vez. O meu batom estava muito chamativo? Ainda tinha essas malditas sardas. Everett as amava. Parecia que tinha um fetiche por elas, pelo modo como insistiu para que Sage não as escondesse, mas eu não queria ser observada a noite toda por causa delas... a menos que fosse ele quem me observasse. E se eu ficasse com cara de louca nas fotos porque não estava usando maquiagem o suficiente? Ah, por falar em fotos, tinha tentado me preparar para a possibilidade de o meu rosto estampar os blogs de fofoca como sua mais nova parceira de cama — um blog realmente descreveu dessa forma uma modelo que foi vista com ele — se alguma foto nossa fosse vazada por um convidado. Estava me sentindo paranoica com isso. Além do mais, esta droga de vestido estava mostrando demais a lateral dos meus seios. Minhas pernas pareciam oleosas. Por que não corriji o espaço entre os meus dentes anos atrás? Por que concordei em ir a essa coisa com Everett? Que porra eu estava pensando quando aceitei ser namorada de Big South? Como cheguei a esse ponto na minha vida? O que...

Me levantei em um pulo quando a campainha tocou e quase caí com aqueles saltos de dez centímetros que só fazia com que eu alcançasse os ombros de Everett.

— Eu atendo! — Sage ofereceu, ansiosamente, apressando-se para a porta naquele seu corpo cheio de curvas, apenas alguns centímetros mais alto que o meu.

Dei um tapa na mão de Bridgette quando ela mexeu no meu cabelo com os dedos. Eu estava nervosa demais para aquela merda.

— Pare! — Esbravejei.

— Pare você! Está toda tensa. Você até pode agir assim num encontro às cegas ou algo do tipo. Mas o cara é seu *namorado*, — ela retrucou.

Antes que eu pudesse explicar que fazia apenas algumas semanas que ele era meu namorado, que essa seria nossa primeira aparição juntos e que provavelmente seria apresentada ao seu mundo e ao mundo de forma geral como sua namorada, ele entrou na sala com seus um metro e noventa dos deuses coberto por um smoking preto elegante, seus dreads soltos sobre os ombros.

Fiquei boquiaberta, sem palavras, e até onde pude ver, ele também. Ele ficou parado com a mão no bolso da calça enquanto um sorriso tomava conta do seu rosto. Quando ele finalmente disse meu

nome daquele jeito que só ele dizia, consegui sorrir de volta.

— Everett, — falei.

— Você está... caramba, Jo. Você está linda. — Seu olhar percorreu a sala e se iluminou, como se apenas naquele momento ele tivesse percebido que não estávamos a sós, apesar do fato de que Sage tinha aberto a porta para ele. — Fizeram um ótimo trabalho, meninas. Vou ter que pagar um bônus a vocês.

— Sério?! — Sage deu um gritinho.

Everett assentiu.

— Não brinco com dinheiro. — Ele se aproximou de mim, parou bem na minha frente e deslizou o dedo sobre minhas sardas. — Tenho uma coisa para você, amor.

— Tem?

— Sim. Você está linda, mas falta algo.

Olhei para o vestido.

— O quê?

— Vire-se.

— Oi?

— Vire-se, Jo.

Eu me virei e, um segundo depois, pude senti-lo colocando algo gelado em meu pescoço, ouvi Bridgette gritar:

— Puta merda! — Vi Sage arregalar os olhos.

— O que foi?! — Perguntei assim que ergui a mão e toquei a gargantilha.

— Diamantes amarelos para combinar com seu vestido, — ele disse com um sorriso.

— Amarelos... Isso é meu? Vou ficar com ele? Ou é emprestado...

— É um presente meu para você.

Bridgette correu até o quarto e voltou com um espelho na mão. Era uma bela gargantilha. Deslumbrante. Abaixei o espelho e me virei para Everett.

— Você já gastou dinheiro demais com este vestido e...

— Garota, se você não aceitar o presente do cara e calar a boca, prepare-se! — Bridgette fez um estardalhaço.

Lancei-lhe um olhar penetrante, voltei minha atenção para Everett novamente e disse:

— Obrigada, mas não precisava fazer isso.

— Eu quis. Está pronta para ir? — Ele perguntou, inclinando-se para beijar meu pescoço.

Fechando os olhos e estremecendo um pouco com o seu toque, sussurrei:

— Sim. — Ele poderia me levar para uma maldita cadeira elétrica que eu provavelmente o seguiria saltitante, droga. Estava feliz

por estar com ele.

O evento foi realizado na Segunda Avenida, uma boate muito reservada que pertencia a Everett e seu irmão, Leland. Sim, *aquele* Leland mesmo — Leland McClain, astro da NBA. Tinha esquecido que dois irmãos McClain eram famosos até Everett mencionar o nome de Leland. O terceiro irmão, Nola, administrava a boate. Aparentemente, eu conheceria todos os irmãos McClain naquela noite, incluindo o gêmeo de Nolan, Neil, e sua única irmã, Kathryn.

Fomos até o local em seu SUV. Ele estava sentado ao meu lado, segurando minha mão, mas em silêncio, pensativo. Eu não me importava com o fato de ele estar quieto, porque eu estava nervosa, agitada... merda, *petrificada*. Não me sentia preparada para o que estava por vir: as fotos, as celebridades, ser o centro das atenções ao lado de Everett. Mas essa era a vida dele e eu queria estar nela, por isso tive que aceitar a situação e tentar sorrir para que pudesse tê-lo em minha vida. Eu já tinha me preparado psicologicamente, estava pronta para fingir a noite toda que pertencia a este mundo, a este homem, até que estacionamos em frente a uma boate de três andares e eu vi um tapete vermelho, o flash das câmeras e as pessoas lindas que entravam no prédio.

O pânico me atingiu como um raio. Não imaginei que haveria um tapete vermelho. Everett também não tinha mencionado isso. Fiquei tão ansiosa que minhas mãos começaram a tremer e eu comecei a me coçar. Eu sempre me coçava em situações de ansiedade extrema, mas dessa vez foi pior, porque *todos os lugares* coçavam, inclusive a sola dos meus pés, mas como meus sapatos eram amarrados em um grande laço nos tornozelos, não poderia tirá-los. Soltei um gemido enquanto me remexia no banco, as lágrimas inundando meus olhos. Estava pirando no banco traseiro da edição limitada do Escalade deste homem.

Soltando a mão de Everett, dei tapinhas na bochecha com as palmas das mãos para evitar tirar a maquiagem de tanto coçar. Eu arfava em busca de ar e pude sentir seu calor cobrindo meu corpo.

— Jo? Jo, o que há de errado? — Seu olhar e sua voz pareciam tão preocupados. Eu estava arruinando sua noite, e isso me fez querer chorar ainda mais.

— Vo... vo... você não mencionou um tapete vermelho. Você... Eu... estou... estou com medo.

Ele segurou minhas mãos trêmulas, seus olhos fixos aos meus.

— Medo de quê, amor? Das câmeras? Você disse que não se importava com as fotos.

Balancei a cabeça.

— Não sei. Só sei que estou apavorada. Eu sinto muito. Não foi para isso que você me trouxe. Estou arruinando tudo.

Seus olhos percorreram o interior do carro antes de voltar para mim.

— Imagina, eu... eu sinto muito por não ter mencionado o tapete vermelho. Pensei que você soubesse que haveria um. É raro não ter um nos eventos que frequento. Eu... Você quer entrar pelos fundos? Posso passar pelo tapete sozinho. Foi isso o que planejei fazer se dissesse que ainda não queria ser fotografada, mas acabou dizendo que não se importava. É informação demais, eu sei disso.

Encarei a janela e voltei a olhar para ele. Também não queria ter que entrar sozinha. Eu não conhecia ninguém.

— Não... Vai ficar tudo bem, certo? Não quero... Quero ficar com você se não tiver problema.

— Claro que vai ficar tudo bem. — Ele soltou minhas mãos e segurou meu rosto. — Finja que estamos sozinhos, que não tem ninguém aqui além da gente. Você consegue.

Assenti e respirei fundo, tentei não vomitar quando Dunn abriu a porta e Everett saiu do carro, estendendo a mão em minha direção. Eu a segurei, apertando minha bolsa na outra mão e rezando para não me desequilibrar ao sair da caminhonete.

Everett me puxou para o seu lado na mesma hora, dando um beijo em meus lábios que emudeceu os ruídos das câmeras e os gritos dos repórteres e fãs. Fiquei feliz por Sage ter usado um batom de longa duração, caso contrário, ele teria ficado com a boca manchada. Quando ele recuou e sorriu para mim, realmente pareceu que estávamos sozinhos e aquilo serviu para acalmar meu coração.

Ele segurou minha mão com firmeza enquanto passávamos pelo tapete vermelho e ele parava para falar com repórter atrás de repórter, pessoas que representavam uma ampla variedade de canais, desde o *E!* até o *The Shade Room*. Eu fiquei calada ao seu lado com um sorriso no rosto, rezando para que nenhum deles se dirigisse a mim — nenhum deles se dirigiu —, mas perguntaram quem era sua “acompanhante encantadora”, e ele respondeu:

— Minha namorada, Jo.

Aquilo os deixaria agitados, mas ele continuou andando antes que pudessem bisbilhotar mais.

Assim que finalmente entramos na boate enorme banhada por uma branda iluminação avermelhada por conta da ocasião, fiquei um pouco mais calma. Havia menos flashes de câmeras já que só tinha um fotógrafo oficial e um cinegrafista cobrindo o evento beneficente da Fundação Juanita McClain, uma organização que Everett criou em homenagem à sua falecida mãe. Ele me contou durante uma de nossas muitas conversas que ela havia morrido nova, quando Leland, seu irmão mais novo, tinha apenas onze anos e Everett tinha vinte e dois e era recém-casado. Ella nem era nascida ainda quando as complicações

causadas por um derrame levaram a viúva para longe de sua família aos quarenta e cinco anos. O pai dele morreu anos antes, o que fez com que eu lamentasse por ele. O dinheiro arrecadado pela fundação era revertido para pesquisas de prevenção ao AVC, educação e benefícios voltados para a reabilitação de outros pacientes. Era uma iniciativa muito nobre.

Mal tínhamos acompanhado Dunn para o interior do local com Tommy na retaguarda, quando Everett foi abordado por uma mulher a quem ele me apresentou. Uma mulher que segurava uma taça de champanhe e parecia ter muita familiaridade com ele, tanta familiaridade que quando ele me apresentou, ela me puxou para um abraço, envolvendo-me em seu perfume muito cheiroso.

À medida que avançamos para dentro da boate, Everett disse:

— Aquela era Samantha Streeter, minha ex-empresária e grande amiga.

Assenti, assim como fiz quando conheci produtores musicais, outros cantores e atores que eram verdadeiras estrelas. Era impressionante, para dizer o mínimo, principalmente porque eu não estava em uma boate qualquer observando-os de longe como sempre fazia quando estava com Bridgette ou Sage, ou com as duas. Eu estava conhecendo essas pessoas de verdade, apertando suas mãos. Era surreal, mas não mais surreal do que estar de braços dados com Everett.

Enquanto seguíamos para nossa mesa, pensei em Bridgette e em como estar aqui poderia mudar sua vida e impulsionar sua carreira. Ela era muito talentosa, só precisava de uma chance. Fiquei chateada ao saber que as entradas para o evento estavam esgotadas quando Everett me convidou para vir.

Quando finalmente chegamos à nossa mesa, sorri. Estava na cara que nossos companheiros de mesa eram seus irmãos e suas acompanhantes, já que todos os homens pareciam ser uma variação de Everett — o mais velho do clã — vestidos com smoking. Eles se levantaram, um por um, com o sorriso de Everett no rosto e me receberam à mesa, mas, por algum motivo, tive a sensação de que estavam me recebendo em sua família. Leland parecia ser mais alto, até mesmo do que Everett, enquanto Nolan e Neil eram bem mais baixos — ainda assim, eram mais altos do que eu. Todos eles eram bonitos, suas acompanhantes, deslumbrantes. Nenhum dos homens McClain era casado. Bridgette ia me matar por não tê-la colocado para dentro às escondidas pelas portas do fundos. Sage também.

Sua irmã, Kathryn, era alta, graciosa, linda e a única dos McClain que era casada. Quanto ao seu marido? Ele era gostoso pra caralho! Tive que me esforçar para parar de encará-lo. Enquanto eu me acomodava e ouvia os irmãos provocarem uns aos outros, comecei

a ficar mais relaxada. Estava na cara que esta noite seria ótima.

— Nossa, Ev. Ela é uma mulher de verdade. E é linda. Dá para ver que o cabelo dela é natural. O que aconteceu? As modelos acabaram? — Kathryn perguntou.

— Cala a boca, Kat, — Everett respondeu.

— Ela só está dizendo o que todos nós estamos pensando, — Leland interrompeu. — Vejo que está tentando ser como eu agora. Amo mulheres de verdade. — Ele enfatizou sua declaração colocando o braço ao redor dos ombros de sua acompanhante, sua acompanhante visivelmente mais velha. Leland não devia ter mais de vinte e cinco anos, talvez vinte e seis. A mulher ao seu lado deveria ter quarenta, até mesmo quarenta e cinco, era bonita e cheia de curvas. Era evidente que Leland gostava que suas mulheres fossem provocantes e, sim, reais.

— Epa, você é quem está me imitando, cara, — Everett falou, dando voz aos meus pensamentos, já que Esther era um pouco mais velha do que ele quando eles se conheceram.

— Ev tem razão, — Nolan comentou com um sorriso. Sua acompanhante tinha pele clara e era loira, a única pessoa da mesa sem melanina.

Neil revirou os olhos.

— Nolan, apenas... — Ele suspirou, obviamente irritado com seu irmão gêmeo por algum motivo.

— Apenas, o quê? — Nolan perguntou.

Neil jogou as mãos para o alto.

— Nada. Ei, Ev... fico feliz que esteja ao lado de mulheres que parecem com a nossa terra, diferente de algumas pessoas. Ela ficaria orgulhosa.

— Não comece com isso, Neil, — Nolan disparou.

Everett sussurrou em meu ouvido:

— Neil tem muito orgulho da nossa cultura e não suporta ver Nolan saindo com um monte de garotas brancas.

— Ah, si, — disse com olhos arregalados, mas já tinha percebido isso quando ele se referiu à mãe como terra. As únicas pessoas que já vi usarem esse termo foram os tradicionalistas. Enquanto eu refletia sobre isso, pude me dar conta de que nunca vi Everett saindo com mulheres que não fossem negras. Imaginava qual seria *sua* opinião com relação às práticas de Nolan.

— Não estou começando merda nenhuma. Mas você precisa parar. Está ficando ridículo. O que está fazendo? Indo buscá-las na Ucrânia ou algo do tipo? Estão trepando com você em troca de liberdade? — Neil perguntou, tomando um gole de vinho em seguida. — Todas essas mulheres aqui e sua bunda sentada aí com Svetlana.

A acompanhante de Nolan sorriu e ele deu uma risada, alheio

ao insulto de Neil.

— Quer saber, Neil? Pelo menos eu tenho uma mulher. Eu consigo *mantê-la* ao meu lado. Não fico preso ao passado igual a você. Sua ex já se cansou de casar e você ainda fica aí esperando por ela, droga. Precisa encontrar uma dessas mulheres de que fala tanto para você.

— Vá se foder, — Neil respondeu com raiva. — Seu babaca palmitreiro...

Com um sorriso satisfeito, Nolan disse:

— A verdade dói, né? — Inclinou-se e deu um beijo na bochecha de sua acompanhante encantadora. — Para sua informação, o nome dela é Danya.

Neil deu de ombros.

— Danya, Svetlana, tanto faz.

— Faz quanto tempo desde que falou com Emery pela última vez? Ou ela ainda está ignorando suas ligações? — Nolan perguntou a Neil.

— Você é um covarde, Nolan. Um verdadeiro covarde, — Neil falou ao sair da mesa, retornando alguns minutos depois segurando um copo que com certeza continha algo muito mais forte do que vinho. Naquele momento, a atenção de Nolan estava unicamente em Danya.

À medida que a conversa foi ficando mais leve com Kathryn falando sobre sua loja online, *Quintessência*, um site repleto de camisetas com dizeres peculiares e lindas artes negras em que eu já havia comprado sem saber que pertencia a ela, senti Everett colocar sua mão cálida sobre minha coxa. Coloquei minha mão sobre a dele e sorri, voltando minha atenção para ele.

— Já disse o quanto está linda nesta noite? — Ele perguntou.

Assenti.

— Algumas vezes.

— Só quis ter certeza.

— Bem, eu *deveria* mesmo estar bonita. Você pagou caro por este vestido.

— Pare com isso. Pagaria o dobro para vê-lo nele, porque... *cacete*. — Ele me beijou e assim que nos afastamos, meu olhar percorreu a mesa e, é claro, que todos nos encaravam.

Pigarreei quando um pensamento me ocorreu. Aproximando-me de Everett, perguntei:

— Ella está em outra mesa?

Ele suspirou.

— A mãe dela disse que tinham um evento importante para ir. Algo relacionado a uma filmagem para o programa. — Ao que parecia, aquela história de *reality show* era um assunto delicado para ele, por

isso não me intrometi mais. Simplesmente assenti em resposta.

Deixei meu olhar explorar o salão que ficava cada vez mais cheio enquanto os McClain conversavam entre eles. Dez minutos depois, perguntei a Everett onde ficavam os banheiros. Apesar de eu ter tentado sussurrar, Kathryn me ouviu e se ofereceu para ir comigo já que estava familiarizada com a boate. Então, depois que Everett me deu um beijo suave, seguimos nosso caminho, passando pelo mar de pessoas, até o banheiro feminino.

— Amada, faz tempo que não vejo meu irmão tão feliz, — Kathryn comentou. — Você deve ser muito especial.

Sorri para ela.

— Bem, pelo visto é o que ele pensa.

— Ele...

As palavras de Kathryn se transformaram em um grito quando fui agarrada e puxada em direção a uma parede no corredor escuro que levava aos banheiros.

— Pensei mesmo que tinha visto você. Que porra está fazendo aqui com Big South? — Ele perguntou com raiva enquanto apertava meus braços.

— Sid, me solta! — Protestei. — Não faça isso aqui! Por favor! Me solta!

— Tá fodendo aquele negão, Jo? É com ele que está trepando? Hein? Fala!

— Sid! Me solta, cacete!

— South é o tal do negão Eric?

— Quê... Quem?

— O negão que mandou flores para você! Foi South?

Pelo canto do olho vi Kathryn correndo, e sabia que ela estava indo buscar o irmão. Também sabia que a merda estava prestes a atingir o ventilador.



Everett

— Não acredito que estou sentado ao lado de uma apoiadora do Trump nesta mesa. Nolah, cara, você tem que parar com essa merda, — Neil disse, balançando a cabeça.

— Ela nem é daqui. Ela é russa, Neil, — Nolan falou entre os dentes.

— Exatamente.

Neil tinha tentado parar de falar, mas agora que estava bêbado voltou a criticar Nolan por ter trazido a modelo ao evento, e eu precisei me esforçar para não ralar de rir. A mulher mal falava

inglês, mas seu sorriso estava com tudo em cima. Ela parecia feliz para caramba por estar ali com Nolan, alheia ao fato de que o idiota do Neil estava a ponto de perder a cabeça. Esses dois eram idênticos, mas com personalidades completamente distintas.

Fiquei contente por Jo ter se acalmado e me senti mal por não tê-la preparado da forma correta para esta noite, mas acho que acabei esquecendo que ela não era do meu mundo, embora fosse isso o que eu mais gostava nela. Sinceramente, desde o ensino médio que eu não namorava uma mulher que não estivesse envolvida na indústria da música. Estar ao lado de alguém que não tinha sido arruinado pela fama ou que desejasse alcançá-la foi uma ótima mudança. Uma mudança necessária.

Olhando ao redor do salão, sorri para algumas pessoas que chamaram minha atenção. A casa estava cheia, e com dez mil dólares por ingresso eu sabia que tínhamos arrecadado um bom dinheiro para a fundação. Estava me sentindo orgulhoso, feliz e realizado por passar esta noite com Jo, por isso, quando Kathryn voltou à mesa correndo sem ela, fiquei confuso. Seu olhar agitado fez com que eu me levantasse na mesma hora. Que porra estava acontecendo?

— Ev, cadê os seus seguranças? — Ela perguntou assim que se aproximou de mim.

— Por quê? Onde está Jo? O que está acontecendo, porra? — Eu estava ficando apavorado.

— Um cara acabou de agarrá-la.

— Agarraram ela? — Perguntei praticamente aos berros. — Ele a levou? Ela não está aqui? Jo não está aqui? — Fiquei nervoso, desorientado, prestes a perder o controle com tantos pensamentos insanos. Falei para vários repórteres que ela era minha namorada. Eu era rico, rico pra caralho. Alguém a sequestrou por dinheiro?

Eu deveria ter mandado os seguranças seguirem ela e Kat até o banheiro.

Merda.

— Não... não... eu não sei. Ele apenas a agarrou e começou a falar com ela. Não consegui ouvir o que estava dizendo, mas ela pareceu... sei lá, surpresa? Como se conhecesse ele, mas não esperasse encontrá-lo aqui?

— Ev, precisa de nós? — Leland perguntou, fazendo um gesto em direção a Neil e Nolan.

Balancei a cabeça.

— Não, fiquem aqui.

Fiz contato visual com Tommy que estava do outro lado do salão e sinalizei para que ele me seguisse enquanto eu imaginava se alguém tinha entrado na boate sem ser visto. Eu não tinha ligação com ninguém que faria uma merda como essa, certo? Tommy deve ter

alertado Dunn, porque ele estava bem atrás de mim enquanto eu seguia minha irmã em direção ao lugar em que eu esperava que Jo ainda estivesse. Quando a avistei, fiquei confuso para caramba. O negão a cercava, aprisionando-a contra a parede. Ela parecia um animal enjaulado. Aquela merda me deixou puto.

— Ei, o que é isso? — Tommy perguntou.

— Que porra está acontecendo? Ôh negão, se não tirar suas mãos... — comecei, mas fui interrompido pelo imbecil.

— South, cara... você precisa calar essa sua boca enquanto eu falo com a minha mulher. Não sei o que ela te contou, mas essa boceta aqui tem acesso proibido.

Desviei o olhar do cara e olhei para Jo.

— Mulher?

Ela balançou a cabeça.

— *Ex-mulher*. Sid, para com essa merda!

— Esse é o seu ex? Bugz-NYC é o seu ex? — Perguntei.

— Caceeeete, — Dunn disse.

— Não existe porra nenhuma de ex entre nós. Só estamos dando um tempo, — Bugz falou. — Ela não deveria estar trepando com outro!

— Como estaríamos dando um tempo se você é casado e vai ter um bebê, seu idiota? — Jo gritou.

— Sabe muito bem que só estou com ela por causa da minha carreira. Esse seu rabo impaciente deveria esperar por mim!

— Quê? Está fodido da cabeça? Você me abandonou grávida e sozinha, casou com outra mulher e eu deveria estar em casa esperando você, seu patético? É sério?

— É isso mesmo! Esta boceta... Espere aí, aquela merda que você meteu na minha música era sobre ela? Você estava falando sobre a filha da puta da minha mulher na minha maldita música? — Ele tinha se afastado de Jo e se aproximava de mim.

— Opa, mano, não vai querer ver a merda que vai rolar para o seu lado se você chegar perto dele, — Dunn falou, dando um tapinha no coldre sob a paletó do smoking.

Enquanto ele cuidava de Bugz, eu me aproximei de Jo, pegando sua mão trêmula.

— Você está bem? — Perguntei.

Ela assentiu, hesitante, e sussurrou:

— Eu... eu sinto muito. Ele... Ele está louco. Somos divorciados e não quero nada com ele. Não suporto a cara dele. Lamento que seja o pai de Nat. Casar com ele foi a pior decisão da minha vida.

— Ei, South! Tira suas mãos dela, parça! E é melhor que não esteja tocando na minha filha! Vem me desrespeitar na minha própria música e ainda fala sobre como vai foder a minha mulher!

Me virei e sorri para ele.

— Olha, cara, a culpa não é minha se você não conseguiu ficar com ela. Ela buscou coisa melhor. Você vai ter que engolir. — Dei um beijo nela só para provocá-lo.

O otário tentou passar por Dunn e Tommy para chegar até mim. Bugz devia ser alguns centímetros mais baixo do que ele e era um daqueles negões com o físico igual ao do Snoop Dog; não tinha como competir com eles. Aqueles caras eram gigantes.

— Mandou os seus capangas virem para cima de mim, mas eu vou te pegar! Tem sorte por meus seguranças não estarem comigo!

— Eles não tinham se demitido porque estavam fartos de ter que livrar esse sua bunda de brigas? — Jo disparou.

— Vadia...

— Chega. Tirem ele daqui antes que eu mostre quem é a vadia. Agora! — Falei, olhando para Tommy.

— Eu paguei para estar neste seu evento de caridade ridículo! — Bugz gritou quando Tommy começou a empurrá-lo para as portas dos fundos que ficavam depois dos banheiros.

— Receberá um reembolso. Não quero seu maldito dinheiro, — respondi.

Ele gritou durante todo o caminho até a porta. O DJ ainda estava tocando, então eu sabia que ninguém podia ouvi-lo. Fiquei feliz que as apresentações principais não tivessem começado ainda, mas, ao mesmo tempo, estava puto com Jo, só não queria que Bugz soubesse disso.

Ela estava com o olhar agitado. Dava para ver que ela queria chorar, mas estava se segurando.

— Everett...

Balancei a cabeça.

— Jo, não vou ouvir nada do que me disser neste momento. Você chegou a ir ao banheiro?

Ela curvou os ombros.

— Não, eu...

— Vá. Recomponha-se. Faça o que tem que fazer. Vou esperar aqui.

Ela assentiu e eu esperei. Dei um aceno de cabeça para Tommy e Dunn quando eles retornaram, e assim que ela finalmente saiu do banheiro, eu a acompanhei de volta à nossa mesa antes de ser convocado para subir ao palco com meus irmãos. Acho que tinha razão sobre a música ter abafado o embate, porque, ao que parecia, ninguém além das pessoas da minha mesa sabiam o que tinha acontecido e isso era bom.

Essa foi uma das ocasiões em que fiquei feliz pelo chato do Nolan ter liderado a situação, dando explicações sobre a fundação e

fazendo as apresentações, porque tudo o que eu tinha na cabeça era aquela história de Jo e seu ex. Droga, ele *era* mesmo o ex dela? Será que eu estava arrastando asas para uma mulher casada? Ela disse que eles eram divorciados, e Jo não tinha cara de ser mentirosa, mas será que eu a conhecia de verdade? Será que estava indo muito rápido com ela? Provavelmente, mas, para ser sincero, eu não conseguia evitar, caramba. Quando se tratava de Jo, eu não conseguia me controlar e não sabia explicar o motivo. Por isso que as merdas ditas por Bugz me deixaram desorientado.

Eu deveria ter checado os antecedentes dela, droga. Onde eu estava com a cabeça?

Depois que meus irmãos, minha irmã e eu concluímos nossos deveres de anfitriões, o jantar foi servido, e logo em seguida, a banda favorita da nossa mãe, The Whispers, começou a tocar. Quando voltei para a mesa, Jo se recusou a olhar para mim, quase não falou a noite toda, e não pude deixar de imaginar se ela se sentia culpada ou constrangida. Eu também não tinha muito o que dizer, mas a apresentei a algumas pessoas que passaram por nossa mesa e quando a convidei para dançar, ela não protestou.

No fim da noite, eu já estava cansado de pensar sobre o que estava acontecendo entre nós, e apesar de ter planejado levá-la para casa comigo, achei que seria melhor colocar um pouco de espaço entre nós.

Capítulo 16

Jo

Aquela que deveria ter sido uma das melhores noites da minha vida se transformou na pior. Depois de tudo o que rolou com Sid, eu queria desaparecer, piscar os olhos e estar de volta ao meu sofá, enrolada num cobertor com o ar-condicionado explodindo, aconchegada junto a Nat, pois aquele era o meu lugar. Esse mundo não foi feito para mim. Eu não deveria me arrumar para ir a festas com pessoas ricas, de braços dados com um cara famoso.

Sid tinha provado isso quando me deu um pé na bunda assim que o dinheiro começou a entrar. Ainda estávamos juntos quando ele conseguiu seu primeiro contrato com uma gravadora e quando começou a fazer sucesso, mas ele raramente saía comigo — dizia que era melhor para sua imagem se ninguém soubesse que ele era casado. Engravidar de Nat alimentou ainda mais aquela alegação. Ficou claro que ele não queria que ninguém soubesse que era casado e que tinha uma filha a caminho. Para Sid, eu era boa o bastante para viver em suas sombras, mas ele se certificava de que eu nunca fosse colocada sob os holofotes. Ele estava certo ao tomar essa decisão. Ser o centro das atenções era uma péssima ideia.

Everett ficou diferente depois que Sid foi expulso — quieto, desatento, nada do que ele costumava ser comigo, e isso fez meu estômago revirar de ansiedade. Não consegui jantar, não consegui prestar atenção à música, quase não fui capaz de sorrir e socializar com seus irmãos porque eu sabia que esse seria o nosso fim. Terminaríamos antes de termos começado. Pensei que finalmente tinha encontrado algo bom, alguma coisa — *alguém* — para mim, mas estraguei tudo por não ter sido honesta com ele sobre meu ex-marido paranoico. Não contei tudo a ele por medo de perdê-lo, e mesmo assim, eu o perdi. A prova disso foi o fato de ele me apresentar apenas como “Jo” para as pessoas que se aproximavam da nossa mesa ao invés de “minha namorada, Jo”, como ele fez no tapete vermelho.

Estava desanimada quando entrei no SUV no final da noite.

Senti uma pontada no peito quando ele não segurou minha mão ou sorriu para mim, nem sequer olhou na minha direção no momento em que sentou ao meu lado no carro. Lutei para não me acabar de tanto chorar enquanto o silêncio pesado entre nós tentava me sufocar no caminho para casa. Quando a caminhonete parou na entrada de carros, saí do veículo sem esperar que ele abrisse minha porta, pois eu sabia que ele não faria isso. Corri para a porta de casa e me atrapalhei com o fecho magnético da minha bolsa enquanto tentava abri-la. Se eu estivesse pensando com mais clareza, teria pegado minha chave quando ainda estava na caminhonete. Eu estava tão arrasada que derrubei a maldita bolsa, e quando me abaixei para pegá-la, as lágrimas vieram à tona. Fungando e respirando fundo, finalmente encontrei minha chave e a enfiei na fechadura.

— Não vai me deixar acompanhá-la até a porta?

Levantei a cabeça e vi Everett parado atrás de mim com um sorriso hesitante no rosto.

— Eu... pensei que não fosse querer.

Seu sorriso sumiu quando ele viu meu rosto encharcado de lágrimas.

— Por que eu não iria querer?

— Por... porque você acreditou no meu ex. Dá para perceber. Mas... mas está tudo bem. Eu entendo. Obrigada pela noite. Eu... — Chega. Larguei minha bolsa, cobri o rosto com as mãos e chorei como se tivesse perdido minha melhor amiga.

— Jo...

Balancei a cabeça e virei-me para a porta.

— Pode ir. Vou ficar bem.

Ele não disse uma palavra, apenas estendeu a mão, girou a chave na fechadura e abriu a porta, segurando meu braço enquanto me levava para dentro. Eu ainda estava chorando, sofrendo pelo que poderia ter existido entre nós, pelo que deveria ter existido, mas tudo o que eu considerava bom na minha vida, à exceção de Nat, incluindo a dignidade que batalhei tanto para construir apesar da criação que recebi, Sid arrancava de mim.

Everett fechou a porta e ficamos parados em silêncio na sala de estar.

Meus olhos vermelhos percorreram a sala quando tive um pensamento.

— Pode ficar por um minuto? Preciso mostrar uma coisa a você.

Ele assentiu, hesitante, e eu fui até o quarto, revirei uma gaveta da cômoda e encontrei rapidamente o que estava procurando. Ele ainda estava de pé perto da porta quando voltei e enfiei o amontoado de papel nele.

— Os documentos do divórcio. Não sou esposa nem mulher dele. Não sou merda nenhuma dele, nunca fui, nem mesmo quando éramos casados. Eu não menti para você e nunca disse que esperaria por ele. *Nunca*. Ele deve ter presumido que eu esperaria porque era muito fácil para ele me iludir no passado. Por alguma razão, ele peca em perceber que eu não quero nada com ele. *Nada*.

Ele olhou para os papéis e me encarou logo depois.

— Mas você não me contou quem ele era. Deixou que eu falasse toda aquela merda na música dele sabendo que eu me referia a você. Sabendo que ele... droga, o cara é um imbecil. A indústria da música inteira sabe disso. Mas ele é louco por você e provou isso hoje à noite.

— Se você fosse casado com alguém como ele, não ficaria envergonhado? Nem a própria família tem consideração por ele, pelo menos era assim quando estávamos juntos. Droga, eu tenho vergonha de admitir que o conheço, sem falar que fiz promessas junto dele, mas eu queria *tanto* uma família, nunca tive uma que fosse normal. Na maior parte do tempo, minha mãe estava fora de si, depois morreu quando eu tinha apenas dezoito anos e eu nunca vi meu pai. Aquele idiota pareceu ser uma boa pessoa na época. E eu não sabia que você ia falar o que falou na música dele. Só estava tentando ajudar. Sua rima estava delicada demais no início, delicada pra caralho.

— Delicada pra caralho? Nossa, Jo. Olha, tudo o que estou dizendo é que você poderia ter me contado quem ele era depois que ouviu o que eu disse. Ele é um idiota, mas tem todo o direito de ficar puto com o que eu falei sobre você na música dele.

— Como assim? Como assim ele tem o direito de ficar aborrecido com isso? O cara saiu comigo, me namorou, casamos, fez com que eu acreditasse tanto no talento dele que eu trabalhei em três malditos empregos para nos sustentar, para que ele pudesse parar de traficar e se concentrasse na música. Fui eu que paguei o aluguel do estúdio. Comprei as roupas dele, paguei pelas batidas que ele usou nas faixas de sua fita cassete, paguei pelo site, estava em todos os shows que ele fazia quando andava por aí chamando a si mesmo de Tambor^[1] em vez de Bugz-NYC...

— Tambor? Aquele negão gosta de coelhos ou algo assim?

— Quem sabe? De qualquer forma, fiz todas essas coisas por ele achando que estava ajudando a construir o *nosso* futuro, e sabe o que ele fazia? Ele me escondia. Quando ele me levava a alguns lugares, depois que começou a ganhar dinheiro, ele nunca dizia às pessoas que eu era sua esposa, deixava apenas que eu me misturasse em meio à sua comitiva. Isso me irritou quando engravidei. Ele me deixou porque “ser um homem casado acabaria com sua carreira” e logo depois se casou com a porra da empresária com quem ele já andava de sacanagem. Por algum motivo ele acha que pagar pensão alimentícia

vai consertar o fato de que ele cagou no meu coração! E agora... agora isso.

Joguei as mãos para o alto.

— Você deveria ser uma coisa boa, a única coisa que tenho além de Nat e meus poucos amigos, mas ele também arrancou isso de mim. Sabe todas aquelas merdas que ele falou sobre eu ainda ser dele? Acho que ele provou ser verdade. Eu deveria parar de brigar com ele e ser simplesmente sua ex-mulher/passatempo. Ele comprou esta casa, meu carro e acha que me possui, então eu deveria tomar uma atitude e começar a transar com ele de novo. Qual é o sentido de continuar rejeitando-o? Ele não vai me deixar seguir em frente. Talvez seja isso o que eu mereça por ter ficado com ele antes de tudo. Talvez ele e eu...

Ele encostou seus lábios contra os meus com tanta rapidez que eu nem consegui raciocinar direito. Então eu fiquei lá, dura como uma tábua enquanto sua língua tentava abrir passagem em minha boca, até eu me dar conta de que deveria abri-la para ele. Ele me puxou para mais perto à medida que sua língua explorava a minha, acariciando-a quando levou a mão que estava na minha cintura para a parte de trás da minha cabeça, apertando minha boca contra a sua, deixando-me louca de desejo por ele.

Segurei seus braços e acabei agarrando o paletó do smoking ao explorarmos a boca um do outro. Enquanto uma de suas mãos segurava minha cabeça, a outra deslizava sobre minha bunda. Ele a apertou com vontade, dizendo algo contra minha boca que não consegui entender. Logo em seguida, estávamos indo para trás. Ele estava me conduzindo... para algum lugar. Não consegui abrir os olhos porque nosso beijo parecia ficar mais intenso a cada passo que dávamos. Eu não me importava para onde estávamos indo desde que ele não me deixasse.

Esbarrei em alguma coisa e fui erguida do chão. Demorei um segundo para perceber que estava sendo colocada sobre a mesa de jantar e aquilo me deixou completamente enlouquecida. Envolvi meus braços em seu pescoço e minhas pernas ao redor de sua cintura, e o beijei sedenta, gemendo em sua boca.

— Isssooooo!

Por fim, ele se afastou de mim, respirando com dificuldade quando perguntou:

— Vai buscar Nat hoje?

— Não. A Sra. Sherry disse que poderia passar o final de semana inteiro com ela se eu quisesse, mas devo buscá-la amanhã, — respondi, sem fôlego.

Ele me encarou por um momento. Eu ofegava enquanto o observava, com medo de que ele mudasse de ideia e fosse embora. Ele

levou a mão ao bolso, pegou o celular e fez uma ligação. Eu olhava para ele com a testa franzida, o centro do meu corpo latejando quando ele disse:

— Sim. Podem ir embora. Ligo quando puderem me buscar... provavelmente amanhã.

Ele encerrou a ligação e o celular bateu no chão.

— Deita, amor, — ele grunhiu.

Deitei na mesa de mogno cara pra caralho, respirei fundo quando ele tirou minha calcinha e fechei os olhos na expectativa do que ele faria depois. Ouvi uma cadeira sendo arrastada sobre o chão de madeira, senti suas mãos enormes agarrarem meus quadris e puxarem minha bunda para a beirada da mesa. Um segundo depois, sua boca me tocou e sua língua deslizou sobre meu clitóris.

Me levantei um pouco, surpresa com o prazer repentino, mas ele esticou o braço e me empurrou para trás. Fixei meu olhar no lustre acima de nós, tentando lembrar de como respirar. A sensação era tão boa que parecia ser... de mentira. Diferente de tudo o que já senti em todos os dias da minha vida. Ele lambeu, chupou, abocanhou meu clitóris e eu gritei, agarrando seus dreads enquanto pressionava minha boceta em seu rosto.

— Porraaaaaaaa! Everett! Puta merda!

Ele se levantou por um segundo.

— Você é uma gostosa do caralho! — Murmurou e continuou sua maravilhosa tortura.

Não explodi tão rápido quanto na primeira vez em que ele me tocou daquela maneira, mas não levou muito tempo para que sua língua cheia de habilidades fizesse com que as sensações que se alastravam dentro de mim irrompessem e eu gozei em sua boca. Estremeci e me contorci em cima da mesa, minhas pernas ficaram trêmulas enquanto eu gritava seu nome várias vezes, mas ele continuou como se não tivesse percebido que já havia me levado às alturas. Ele agarrou meus quadris e me manteve imóvel ao me devorar, gemendo contra minha pele sensível.

— Ev... Everett... por favor, — supliquei. Eu enlouqueceria se ele não parasse.

Me levantei bem na hora em que ele balançou a cabeça.

— Você está... está tentando me fazer... Não consigo duas vezes. Mal consegui gozar uma vez... — Parei de falar quando ele chupou com tanta vontade que senti a pressão me consumir. Fiquei coberta de suor. Cada músculo do meu corpo se contraiu. Que porra era aquela que ele estava fazendo e como ele estava fazendo aquilo? Quem era ele? O mago do clitóris? Eu poderia contar nos dedos o número de vezes que cheguei ao orgasmo com Sid e nós ficamos juntos por quatro anos. Mas essa merda que Everett estava fazendo era

sobrenatural. Eu era quase um fantoche em suas mãos... se ele dissesse a palavra “goze”, eu teria me desfeito toda.

Foi isso o que aconteceu... várias vezes. Tive quatro orgasmos antes de ele ceder, levantar da cadeira e colocar meu corpo cansado e suado sentado sobre a mesa. Sorrindo, eu o observei tirar a roupa, seu lindo rosto coberto pela minha essência. Eu estava fraca, cansada, mas ainda o desejava. Quis me beliscar no momento que ele arrancou a roupa, revelando seu peitoral definido, abdômen trincado e coxas torneadas. Estava tão desnorteada, chapada de tantos orgasmos, que não vi de onde saiu a camisinha, mas ao vê-lo desenrolando-a, pensei na rima que ele lançou com tanta confiança naquele dia no estúdio: *Não me chamam de Big 12 à toa, gatinha*. Isso era pura verdade.

Puta merda!

Afastei o olhar de sua virilha e olhei na cara dele.

Ele se aproximou de mim, me beijando de um jeito tão profundo que tive a certeza de que ele havia provado minhas amígdalas, e recuou repentinamente.

— Tire esse vestido, — ele praticamente ordenou.

Obedeci com entusiasmo, removendo o vestido e o sutiã invisível, cobrindo meus seios com as mãos quando fiquei completamente nua.

Movendo minhas mãos, ele perguntou:

— O que está escondendo? Você amamentou Nat?

Ele me decifrava com tanta facilidade. Abaixei a cabeça e assenti. Eles estavam muito flácidos. Não eram retos, mas também não eram empinados. Estive pensando em corrigi-los para que ficassem em pé de novo, mas...

Ele cheirou meu seio direito, chupando-o como se esperasse que fosse expelir ouro. Depois disso, parei de me preocupar, principalmente porque depois que terminou com o seio número um, ele arrebatou o seio número dois. Logo em seguida, ergueu a cabeça e segurou seu pau.

— Everett?

Os dedos ágeis de sua mão livre encontraram o centro do meu corpo, dois deles foram empurrados para dentro de mim.

— Hã, amor?

— Aiiiii, porra! Eu... eu... acho que não vai caber dentro de mim. Nunca vi...

— Vai, sim. Do jeito que está molhada? É claro que vai caber.

— Tem certeza?

— Sim... Você quer parar? Podemos parar se quiser. — Ele estreitou os olhos, uma de suas mãos ainda segurava seu membro enquanto os dedos da outra estavam ocupados com a minha região inundada, deixando-me excitada e confusa ao mesmo tempo.

— Não, — falei.

— Tem certeza?

— Sim.

— Ok.

Em uma sucessão de movimentos que mal percebi, fui deitada de costas, puxada até a beirada da mesa novamente e penetrada por ele — *bem fundo*. Arqueei as costas e gritei.

— Ahhhhhhhh!

— Viu, — ele gemeu, — cab... Ah, porra! Puta que pariu, Jo, cabe!

Enquanto ele entrava e saía de dentro de mim, ergui a cabeça e segurei seu rosto, beijando-o, gemendo em sua boca, fincando minhas unhas em seus ombros. Ele me pegou no colo e nos levou até uma parede, penetrando ainda mais fundo, afastando sua boca da minha e olhando dentro dos meus olhos.

— Você é... gostosa... pra caralho!

Franzi a testa à medida que ele me empurrava contra a parede. Fechando os olhos, gemi.

— Você... também...

— Amor, puta merda! Puta merda! Cacete! — Ele exclamou. Everett era o amante mais falante que já encontrei. Não pude deixar de imaginar se ele era sempre barulhento assim ou se eu realmente era gostosa. Uma coisa era certa: ele era maravilhoso. Se antes eu achava que estava obcecada por ele, agora me transformaria numa perseguidora.

Perdida nessa sensação que eu não conseguia descrever, agarrei seus dreads, puxei sua cabeça para trás e finquei meus dentes em seu pescoço.

Ele gemeu.

— Issoooo! — Depois me beijou e continuou suas investidas, preenchendo-me de um jeito torturante e movendo-se para fora de mim. Ele repetiu o processo em um ritmo constante e frenético ao mesmo tempo. Nós nos beijamos, gememos, gritamos e, por um milagre, quando meu corpo começou a pulsar novamente à beira de outro orgasmo, ele chegou ao ápice, gritando em meu pescoço com sua última estocada, falando o seu último: — Porra!



Acordei um pouco antes do sol nascer com ele deitado ao meu lado, seu corpo pesado envolvendo o meu, sua respiração tocando meu pescoço. Um sorriso tomou conta do meu rosto. Não era um sonho. Ele estava lá comigo, na minha cama, abraçado a mim. Suspirei, fechei os olhos e desfrutei do seu calor.

— Jo... está acordada? — Ele perguntou, baixinho.

Assenti.

— Você está bem? Eu não machuquei você, né?

Balancei a cabeça.

— Que bom. — Ele moveu o braço que envolvia meu corpo e colocou a mão sobre minha vulva. Abri as pernas sem conseguir me controlar e estremei quando deslizou seu dedo dentro de mim. — Está dolorida?

Será que eu estava? Merda, eu estava... mas não me importava, então, menti:

— Não.

Ele me deitou de costas e posicionou seu corpo comprido sobre mim. Sua boca pairou sobre a minha quando ele abriu minhas pernas e acomodou-se entre elas.

— Tem ideia de como você é gostosa? — Ele me beijou com carinho.

Antes que eu pudesse pensar em uma resposta, ele já estava dentro de mim. Agarrei seus braços para me apoiar. Levantei o suficiente para deslizar minhas mãos sobre sua bunda rígida, pressionando-a para que ele chegasse mais fundo.

Ele fechou os olhos, murmurando:

— Cacete, Jo... — e saiu de dentro de mim soltando um gemido.

— Ah! — Gemi.

Ele penetrou mais fundo, mais rápido, com mais força, levando-me ao limite duas vezes antes de ele gozar, desmoronar sobre mim e dizer:

— Jo... o que você está fazendo comigo?

[1] Aqui a autora faz referência ao coelho do desenho Bambi. (No original: Thumper).

Capítulo 17

Everett

Ela não estava na cama quando acordei, o que me levou a pensar se eu teria imaginado tudo o que aconteceu entre nós. Estava quase convencido do que tinha acontecido, que nada nessa vida poderia ser tão gostoso assim, quando ela entrou no quarto com um sorriso tímido no rosto. Eu achava Jo tão linda, era como se ela fosse a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Bonita e atraente para caramba. Quanto à sensação de estar dentro dela? Não existiam palavras suficientes para descrever aquela porra.

Já fiz muito sexo com um monte de mulheres, mas Jo era... diferente. Diferente de um jeito que me deixava com vontade de pegá-la no colo e levá-la para Vegas para oficializarmos as coisas antes que ela decidisse dar outra chance ao ex-marido. Àquela altura, eu faria qualquer coisa por ela, e isso me assustava.

— Essa camisa é a minha? — Perguntei, olhando a camisa social grande demais em seu corpo delicado.

Ela assentiu, mordendo o lábio.

— É. Está com fome?

Sentei na beirada da cama.

— Por quê? Você cozinhou? Não vi nada além de abacaxis na sua geladeira no outro dia... e iogurte, mas a maior parte era abacaxi. Havia cinco abacaxis inteiros e vários daqueles potinhos com abacaxi em calda. Você gosta mesmo de abacaxis, hein?

Eu podia jurar que ela estava corando quando respondeu:

— Gosto, sim. Não sei cozinhar, mas podemos comer mingau de aveia, alguns waffles da Nat ou cereal. Ou podemos pedir alguma coisa.

Fiquei de pé, atravessei o quarto e a puxei para os meus braços.

— Ou eu posso enviar uma mensagem para Dunn e pedir que traga algo para nós.

Ela se aproximou de mim.

— Por mim tudo bem, só não quero que vá embora.

Sorrindo para ela, segurei seu rosto.

— Posso ficar hoje e boa parte de amanhã se você quiser. Depois tenho que viajar de novo.

— Eu quero você, — ela disse, me abraçando. — Everett?

— Oi, amor.

— Ainda sou sua namorada?

Franzi a testa, me afastei um pouco e disse:

— É claro que sim. Por que está perguntando isso?

— Porque ontem à noite você parou de dizer para as pessoas que eu era sua namorada depois daquela situação com Sidney.

— Quem?

— Meu ex. Me desculpe mais uma vez. Eu...

— Jo, olha só... fiquei irritado e confuso com toda aquela merda que ele falou. Você já explicou as coisas e já pediu desculpa. A única coisa que me preocupa é o que você disse sobre voltar a transar com ele. Isso sim...

— Eu estava triste e perdi a cabeça. Sinto desprezo por esse babaca, não deixaria que ele me tocasse nem se fosse o último homem do planeta. Só estou chateada por ele ter agido daquela forma no seu evento.

— Tudo bem, Jo. Está tudo certo. Estamos bem, mas me deixa esclarecer uma coisa. Você é minha namorada, minha mulher. Você e mais ninguém. Preciso ser o mesmo para você.

— Você é!

— Ok. Está tudo resolvido então. Quanto a Bugz, Sidney ou sei lá o quê, *foda-se* ele, mas longe de você.

Ela revirou os olhos.

— Ouça, o que ele fez não mudou nada. Ainda somos nós dois, e depois da noite passada e hoje de manhã, pode ser que nunca se livre de mim.

Ela sorriu.

— Ótimo.

Passamos boa parte do dia na cama após o café da manhã, e eu jurava que ela estava tão gostosa quanto da primeira vez. Ela tinha um gosto delicioso, doce como se fosse feita de fruta, açúcar ou algo assim. Eu nunca tinha provado nada parecido e imaginava o que a deixava gostosa daquele jeito. O que quer que fosse, me deixou viciado. Fiquei com ela na sala tentando assistir uns programas culinários, pensando o tempo todo em devorar a boceta dela, apesar de ter passado parte da manhã lambendo cada parte sua. Minha língua coçava só de pensar em prová-la de novo. Quando eu já não estava me aguentando mais, enfiei o rosto entre suas pernas até ela gritar meu nome e penetrei aquela boceta gostosa dela várias vezes. Na hora que a babá trouxe Nat para casa, eu já tinha perdido a conta de quantas

vezes fizemos aquilo. Foi a pequena Nat quem salvou Jo de mais uma investida da minha língua.

Tinha pedido para Dunn trazer minha mala com ele quando viesse entregar nosso café da manhã, então troquei de roupa e sugeri que fôssemos jantar e levássemos Nat com a gente. Como nossos rostos já estavam espalhados pelas redes sociais por causa do evento beneficente, Jo não viu problema em sair. Ainda assim, comemos em um ambiente privativo de uma pizzaria, mas entramos pela porta principal com Tommy e Dunn à nossa frente e na retaguarda enquanto ela carregava Nat no colo. Foi ótimo. Jo estava mais descontraída do que nunca, e Nat era uma criança que nos divertia com suas risadinhas e rugidos aleatórios. Ela tinha decorado meu nome e já pedia para tomar minha bebida e comer minha pizza. Ela gostava de mim, isso me tranquilizava.

Para que essa situação com Jo funcionasse, eu precisava ter Nat ao meu lado, porque seu pai seria um problema. Ele já tinha feito a equipe dele enviar um e-mail para a minha equipe avisando que não usaria minha parte na música e que eles estavam me cortando do vídeo, mas eu pouco me lixava. A gravadora queria minha participação na faixa para aumentar a audiência dele, não a minha. Ele teria que lidar com as consequências daquilo. Eu realmente não estava nem aí. Na verdade, decidi que usaria aquele trecho e faria minha própria música. Eu a disponibilizaria em uma versão atualizada do meu álbum digital ou algo do tipo. Até estava pensando em chamá-la de “Jo” só para ferrar com Bugz. A ideia em si já me deixou contente.

Quando saímos da pizzaria, havia uma multidão de paparazzi esperando do lado de fora. Jo já tinha me contado que Nat gostava de tirar fotos, ela provou isso ao sorrir animada e acenar para os fotógrafos. Foi fofo, mas eu sabia que toda aquela cena — eu ao lado de Jo e Nat — tiraria Bugz do sério de novo. Eu poderia encarar isso. Só esperava que Jo também pudesse.

Capítulo 18

Everett

Dormi no quarto de hóspedes de Jo naquela noite para não confundirmos Nat caso ela acordasse de madrugada e me encontrasse na cama de sua mãe. Por mim estava tranquilo, pelo menos estava aqui com elas. Só não estava pronto para ficar longe dela. Ainda não. Não quando teria que ir embora na noite seguinte para dar continuidade à turnê que eu me arrependia de ter agendado. Essa situação entre nós era novidade e eu sentia que precisava passar mais tempo com ela para nos aproximarmos mais e, para ser sincero, protegê-la de seu ex. Eu não duvidava que ela poderia lidar com ele. A questão era que... havia algo mais em Jo que eu não conseguia identificar. Algo que a tornava vulnerável a ele.

Ter que me afastar por mais um mês para concluir a etapa norte-americana da turnê me incomodava. Incomodava tanto que não conseguia dormir, além do fato de que eu queria envolver meu corpo no dela. Não tínhamos feito nada desde que Nat voltou para casa, e eu estava com um tesão do caralho. Mas eu era pai e entendia que a coisa mais responsável a se fazer era esperar até que estivéssemos sozinhos novamente. Jo sugeriu verificar com a babá se ela poderia cuidar dela hoje à noite, mas não queria que Nat me associasse a alguém que a mantinha longe de sua mãe. Fiquei deitado no escuro com o pau duro pra caralho, pensando no corpo macio de Jo, em seu cheiro, naqueles lábios carnudos e em suas pernas arqueadas. Eu estava torturando a mim mesmo. Deveria ter voltado para minha suíte e passado a noite lá. Ao menos teria conseguido lidar com meu pau com dignidade. Não poderia fazer aquilo com a pequena Nat dormindo no final do corredor.

Quase saltei da cama quando recebi uma notificação de mensagem no celular.

Jo: Está dormindo?

Eu: Não. O que está fazendo acordada?

Jo: Pensando em você.

Eu: Em que está pensando exatamente?

Jo: Estou cheia de tesão.

Porra!

Eu: Não diga isso.

Jo: Por quê?

Eu: Porque não podemos fazer nada com relação a isso.

Jo: Eu sei. Você é escandaloso demais.

Eu: Como é?! Não faço tanto barulho assim!

Jo: Você grita o tempo inteiro. É escandaloso pra caralho.

Eu: E se eu prometer não fazer barulho?

Jo: Não sei se confio em você.

Eu: Deixe eu ir aí para que eu possa provar.

Jo: Não.

Eu: E se eu implorar? Tô duro pra caralho aqui.

Jo: Está?

Eu: Sim. Vai me deixar ir aí para dar um jeito nisso? Vou ter um ataque.

Jo: HAHA!!! Vai nada.

Eu: Vou lambar e meter gostoso.

Jo: HAHA!!!! Boa noite, Everett. Vá dormir.

Eu: Como vou dormir com o pau duro?

Jo: Conte carneirinhos.

Eu: Que merda. Boa noite, Jo.

Jo: Boa noite.

Coloquei o celular sobre o peito, sorri na escuridão e, de alguma maneira, consegui dormir.

Não sabia por quanto tempo havia dormido quando senti mãos delicadas dentro da minha cueca, beijos em meu peito e ouvi:

— Everett, acorde.

Abri os olhos bem a tempo de ver Jo colocando meu pau para fora.

— O que... Jo?

— Preciso de ajuda para tirar isso. — Ela estava puxando o elástico da minha cueca.

Levantei minha bunda de forma automática. Ela tirou minha cueca e sentou em mim. Só então percebi que ela estava pelada.

— Jo, amor. O que está fazendo? — Perguntei.

Inclinando-se, ela lambeu meu pescoço e sussurrou:

— O que você acha? — Ela agarrou minha ereção, movendo a mão para cima e para baixo.

— Porra, amor. Merda... Pensei que havia dito...

— Não consigo dormir porque não consigo parar de pensar nisso. — Ela fez um gesto em direção ao meu pau. — Mas não grita, tá?

— Eu... caralho, Jo! Não vou gritar, — falei enquanto ela continuou me apalpando.

— Você já está fazendo barulho, — ela sussurrou.

Erguendo a cabeça, falei:

— Estou tentando, amor.

— Espera aí. — Ela saiu da cama, pegou um roupão no chão, cobriu-se e saiu do quarto. Deitei novamente, duro e frustrado para um caralho, imaginando por quanto tempo eu deveria *esperar*. Ela me

deixou pronto para entrar em ação.

Ela apareceu no quarto um minuto depois, trancou a porta e me entregou um cachecol enquanto jogava o roupão no chão.

— Puta merda, você é muito gostosa, — gemi.

— Coloque o cachecol na boca, — ela pediu.

— Oi? Quer me amordaçar? Eu não...

Ela subiu em mim, sentou sobre o meu pau e disse:

— Coloque esse cachecol na boca se quiser essa bocetinha aqui.

Agora.

Coloquei o maldito cachecol na boca, esperando ela começar a rebolar, mas quase perdi o juízo quando ela desceu sobre meu corpo e me abocanhou.

— Ahhh, porra! — Falei com o cachecol na boca.

Ela me tirou de dentro de sua boca.

— Shh!

Assenti, meu olhar fixo nela enquanto sugava cada parte minha. Puta merda! Jo tinhas umas habilidades do caralho! Ver seus lábios ao meu redor, vê-la me abocanhar, tirando-me de sua boca para voltar a me devorar, me deixou descontrolado. Eu precisava parar de olhá-la, senão começaria a gritar e soltar rugidos que não seriam fofos como os que soltei brincando com Nat. Estava prestes a virar uma besta de tanto tesão, mas não conseguia parar de observá-la. Vê-la fazendo aquilo deixava tudo muito melhor. Eu a encarei, gemi contra o cachecol, e quando me dei conta de que perderia o controle, estendi a mão e a puxei sobre meu corpo até ficarmos cara a cara. Arranquei o cachecol da boca e a beijei até perdermos o fôlego, então falei:

— Vai sentar nele, amor? — Minha voz pareceu um resmungo, como se eu estivesse sofrendo ou algo assim. Eu estava mesmo sedento por ela.

— Não sei se consigo, — ela respondeu com uma expressão cheia de desejo.

Eu sabia que talvez ela não conseguisse. Não eram todas as mulheres que conseguiam, por isso não a pressionei.

— Ajoelhe-se, — gemi.

— Cachecol, Everett.

— Ok, droga.

Enquanto ela ficava de quatro, beijei a pele macia atrás do seu pescoço e percorri todo seu corpo até chegar a sua bunda. Em seguida, mordi o cachecol e me posicionei atrás dela, empurrando suas costas para que seu peito ficasse apoiado na cama, e deslizei um dedo em seu interior, arrancando-lhe um gemido. Jo estava tão molhada que parecia existir um chafariz na boceta dela. Tive que fechar os olhos para me acalmar antes de penetrá-la. Pude sentir seus joelhos cederem quando ela gemeu mais uma vez e gritei contra o cachecol. Ela era tão

quente, molhada e apertada que eu não sabia por quanto tempo eu conseguiria aguentar. Vi o momento em que ela agarrou o lençol assim que meti e deslizei para fora, meu coração acelerado no peito. Mordi a mordaca, grunhindo e gemendo. Queria falar com ela, dizer o quanto eu amava sua boceta, o quanto sentiria falta dela quando estivesse fora, que ela seria minha para sempre, que eu perderia a cabeça só de pensar em outro homem tocando nela, que ela era especial para mim, mas não consegui porque ela tinha razão. Eu não era capaz de controlar o volume da minha voz quando estava dentro dela. Por isso, soltei todos os tipos de ruídos animais contra o cachecol, e quando a senti apertando e estremecendo em torno de mim, perdi toda a minha compostura, chegando ao ápice com um rugido abafado antes de deitar de costas e puxá-la para o meu peito.

— Pensei que fosse *lamber* e meter, — Jo disse, tentando recuperar o fôlego.

Sorri, acariciando suas costas e sua bunda.

— Quem disse que eu terminei?



— *Como foi seu voo?* — Ela perguntou.

— Tranquilo. Dormi o tempo todo. Você me deixou exausto.

— *Mas você gostou.*

— Claro que sim.

Após um momento de silêncio, Jo disse:

— *Já estou com saudades.*

— Eu também. Você pode vir para um dos meus shows. Eu compro sua passagem. Pode trazer Nat também.

— *Tenho que trabalhar, Everett.*

Suspirei.

— Você precisa pedir demissão antes que eu tenha que pegar o Park na porrada. Sabe que não ligo para a joia na qual está trabalhando. Ella não precisa daquilo. Só a encomendei para ficar perto de você.

— *Eu imaginei, mas quero terminá-la. Não estou pronta para desistir. Graças a você, o Sr. Park me trata como um ser humano agora, mas é muito louco saber que ele não podia ser legal comigo por vontade própria.*

— É por isso que você deveria sair de lá.

— *Eu sei. Pelo visto gosto mesmo de sofrer. Veja só com quem me casei.*

— Não faça isso.

— *O quê?*

— Não fale assim sobre si mesma. Você merece o melhor. Eu

sou o seu melhor.

— *Sim, você é mesmo.*

— Que bom que sabe disso. Ei, preciso ir, amor. Tenho reuniões por Skype e passagem de som.

— *Eu sei. Você é um homem ocupado e super requisitado, Big South.*

— Queria estar com você. Te ligo mais tarde.

— *Ok, tchau.*

Voltei minha atenção para Courtney. Ela veio comigo para Montreal para cuidar dos negócios que eu precisava conduzir enquanto tentava deixar tudo pronto para o show daquela noite. Íamos para Toronto no dia seguinte e depois para Nova York onde haveria um show no final de semana. Eu estava cansado, zangado por ter deixado Jo e meio distraído enquanto Courtney repassava minha agenda.

— Entendeu? — Ela perguntou.

Assenti.

— Sim. Vou ficar feliz quando essa turnê acabar. Não sei se vou fazer outra como essa. Estou ficando velho.

Sem tirar os olhos do tablet, ela respondeu:

— Bem, faz tempo que tenho falado para ir devagar. Você já conquistou tanta coisa que os netos de Ella poderão viver bem confortáveis com o seu dinheiro. Precisa passar mais tempo vivendo do que trabalhando. Conquistou esse direito, Ev.

— Pois é, você tem razão. Por falar em Ella... ainda tenho tempo de ligar para ela antes da próxima reunião? Acho que está no horário de almoço dela. Ela me enviou uma mensagem pela manhã querendo saber como estou namorando e ela não sabe de nada. Ela nos viu no Instagram ou algo do tipo.

— Você não contou para ela porque não queria que Esther soubesse ou por causa do que aconteceu com o ex de Jo no evento beneficente?

— Kat te contou?

— É meu trabalho saber de tudo o que acontece na sua vida.

— Sim, Kat te contou. Sei lá, Court. Não quero que Esther saiba, mas também não tinha certeza de como seriam as coisas com Jo no início. Eu gostava dela, mas hoje? Caramba...

— Você gosta *mesmo* dela, né? O que rolou com o ex dela não serviu para parar você?

— Sinceramente, acho que nada poderia me impedir de ficar com ela. Ela é especial.

Courtney afastou o olhar do tablet e sorriu.

— Percebi que ela é diferente das outras mulheres com quem já ficou. Ela é verdadeira e muito amável, não foi contaminada por esta

indústria. Você merece ser feliz, e dá para ver que estar ao lado dela te faz bem. Sem contar que ela é muito diferente de Esther.

— Essa é a melhor parte.

— Sim. Ligue logo para Ella. A reunião é em vinte minutos.

— Sim, senhora, comandante.

Capítulo 19

Jo

— *O que está fazendo?* — A voz de Bridgette tomou conta do interior do meu carro.

— Voltando para o trabalho com o almoço do Sr. Park, — respondi ao deixar o bairro coreano com um prato que eu não conseguiria pronunciar o nome dentro de um pacote no banco traseiro.

— *Está trabalhando?*

— É segunda, certo? Eu trabalho de segunda à sexta, o que me faz lembrar que eu achava que ser assistente do Sr. Park era ruim, mas a assistente de Everett trabalha vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana!

— *Sim, mas South não é um merda como o seu chefe que é humilhado pela esposa, mas age igual a um babaca com você.*

— Não é mais assim.

— *Por causa de South. Estou tentando entender por que foi trabalhar em plena segunda-feira depois de passar o final de semana com essa sua boceta na boca de um puta bilionário. Você apareceu na internet. Eu teria entrado num avião com ele carregando Nat nas costas, garota.*

— Não acho que seja bilionário. Ele é?

— *Falta pouco. E como pode ter certeza? Eu fiz minha pesquisa assim que ele começou a tentar se aproximar de você. Você não fez a sua?*

Eu sabia que ele era rico, isso estava mais do que claro. Ele manteve uma carreira extremamente bem-sucedida durante toda sua vida adulta, compôs todas as suas músicas e era dono dos direitos autorais de todas elas. Apesar de nunca ter criado sua própria gravadora ou produzido para outros artistas, ele tinha um monte de contratos de patrocínio e endosso. Então, sim, ele era rico, mas eu, mais do que ninguém, sabia que não era o dinheiro que fazia com que um homem agisse como tal, por isso, respondi:

— Não! Não estou pesquisando sobre o patrimônio do cara. Isso não importa. O que importa é que ele é bom para mim, gentil com Nat

e...

— Pegou você desprevenida.

— Sim. Isso também.

Bridgette soltou um suspiro melancólico.

— *Ele é o homem dos meus sonhos. Rico e com o pau grande.*

— Nossa.

— *Ele é mesmo!*

— Bem, mantenha sua bunda longe dele.

— *Não sou do tipo que trai as amigas e tenta separar as pessoas.*

De qualquer forma, eu não teria chance com ele. Ele nunca tira os olhos de você quando está por perto. É bem bonito, na verdade.

Aquilo fez meu coração bater mais rápido.

— Sêrio? Acha que ele está louco assim por mim?

— *Tenho certeza! Vou tentar pegar aquele gostosão do Leland.*

— Acho que ele curte mulheres mais velhas.

— *Eu sou mais velha. Ele tem vinte e seis e eu tenho vinte e oito.*

— Bem mais velha.

— *Droga, não ganho uma.*

— Talvez Neil seja uma boa opção. Ele é um dos gêmeos.

— *Cacete, vou querer ele.*

Ri.

— Certo, vou arrumar um jeito de colocar vocês dois no mesmo lugar. Ah, mas ele é mais baixo do que Leland e Everett.

— *Eu não me importo, porra.*

Balancei a cabeça.

— Tchau, Bridgette. Vou desligar antes que essa sua cara de pau me deixe doida.

— *Tchau!*

Quinze minutos depois, cheguei ao trabalho e estava prestes a sair do carro quando meu celular vibrou com uma notificação de mensagem.

Everett: Estou com saudade de você e da MBDM.

Estava com um sorrisão bobo no rosto quando respondi:

O que é MBDM?

Everett: Melhor boceta do mundo.

Agora eu estava gargalhando.

Eu: Nossa. Esse nome é muito grande.

Everett: Era isso ou molhadinha, já que você fica molhada para caramba.

Eu: Você me deixa molhada. Eu não ando desse jeito por aí o tempo todo.

Everett: Jo?

Eu: Oi?

Everett: Venha me ver em Nova York neste final de semana.

Eu: Está com tanta saudade assim?

Everett: Sim. Venha me ver, amor.

Por falar em ficar molhada... cacete! Ele estava me deixando excitada por mensagem de texto.

Eu estava digitando minha resposta quando um estrondo quase fez eu derrubar o celular. Ergui a cabeça e vi Sid com os punhos pressionados contra a janela do carro.

Merda.

Revirei os olhos com as pálpebras fechadas e suspirei. *Lá vamos nós.*

— Saia daqui! — Gritei com a janela ainda fechada. Eu achei que ele estaria me esperando em casa após o evento beneficente. Como não tive notícias dele durante o final de semana, pensei que ele tivesse criado juízo. Pensei errado.

— Preciso falar com você! — Ele gritou de volta. — Saia do maldito carro!

— Não! Vá embora!

— Fale comigo e eu vou!

Bati com a mão no volante.

— Puta que pariu! — Bati nele com a porta ao sair do carro. — O que você quer, cacete?!

Ele esfregou a parte de trás do pescoço e sacudiu a cabeça de um modo dramático. Sid era bonito de um jeito grosseiro. Alto, pele negra de tom mediano, corpo razoável. Não era tão musculoso quanto Everett, mas era bonito com seus olhos pequenos e fios de cabelo grossos que quase sempre estavam trançados. Os lábios volumosos e negros que ele possuía, resultado de seu hábito de fumar, o deixava

ainda mais atraente. Era uma pena que fosse um louco.

— Estou tentando descobrir quando foi que você pensou que não tinha problema em começar a trepar com Big South. Como foi se envolver com aquele velho bundão quando eu estava bem aqui esperando por você? Se estava a fim de foder, tudo o que tinha que fazer era me falar, Jo.

Joguei as mãos para o alto.

— Eu já não sei mais o que dizer. Você me traiu, virou as costas... houve um processo de divórcio com um ajuste formal e um acordo de custódia. Você está casado com outra mulher com quem você já fodia, é claro, e agora ela está grávida de um daqueles filhos que você me disse que não queria quando me deixou. Lembra disso? E você ainda tem a cara de pau de ficar chateado com quem estou trepando?

Ele ficou perplexo.

— Quer dizer que você *está* transando com ele?! Não estão apenas saindo? É sério isso, Jo?! Você está fodendo Big South?

O meu lado encapetado que eu lutei tanto para suprimir mostrou as caras e disse:

— Bem, na verdade, é *ele* quem está *me* fodendo. Está me fodendo pra caralho. Fico toda dolorida. Quer saber mais? Mal posso esperar para que ele me foda de novo.

Ele estreitou os olhos.

— Vou matá-lo. Vou matar aquele filho...

— Tá, tá, tá. — Entrei no carro e peguei minha bolsa junto com a comida do Sr. Park. — Tenho que voltar para o trabalho. Volte para aquela baranga da sua mulher e me deixe em paz. Não sabia que existiam porto-riquenhas feias até conhecê-la.

Quando bati a porta do carro, ele disse:

— Não pode me ignorar, Jo. Temos uma filha juntos.

— Aham, com relação a isso, você precisa ligar com antecedência quando quiser vê-la em vez de simplesmente aparecer de surpresa. Nunca se sabe quando estarei *fodendo*.

— É melhor que não esteja trepando com aquele negão na minha casa quando a minha filha estiver lá! Não estou de brincadeira!

Ele ainda estava gritando quando entrei no prédio. Depois de entregar a comida ao Sr. Park, finalmente respondi a última mensagem de Everett:

Vou pensar.



Everett

— *Namorada? Ela é sua namorada? Por que não fui informada sobre isso, Everett? Por que tive que descobrir pela internet e através da nossa filha? Vi fotos suas com ela. Ela estava com uma criança no colo?*
— Esther vivia nos Estados Unidos há mais de trinta anos, desde que era adolescente, mas parecia ter acabado de chegar. Não abandonava aquele sotaque britânico de jeito nenhum.

— Por que está me ligando do celular de Ella? — Perguntei, ignorando o interrogatório estúpido.

— *Porque não me atende quando ligo do meu. Você faz isso há anos.*

— Então essa sua cara de pau deveria entender que não quero falar com você. — Isso nunca deu errado. Fiz um ótimo show em Toronto, estava super empolgado apesar da saudade que sentia de Jo, e Esther apareceu para arruinar o que restava da minha noite.

— *Precisamos conversar se planeja manter essa mulher perto da nossa filha.*

Suspirei.

— Ella tem quinze anos, já é quase uma adulta, Esther. Quando chegar a hora de ela conhecer Jo, discutirei isso com ela.

— *Jo? Esse é o nome dela? Ela é uma daquelas modelos da nova era? Achei ela esquisita. Não faz o seu tipo.*

— E qual é o meu tipo? Modelos britânicas traidoras?

Ela bufou ao telefone.

— *Não acredito que ainda não me perdoou depois de todos esses anos.*

— Quando foi que você me pediu perdão, Esther?

— *Estou pedindo agora. Perdoe-me, Everett, e acabe com essa farsa que criou com essa dona de casa.*

— E fazer o quê? Voltar para você? Nem. A. Pau.

— *Everett...*

— Não me interessa o que pensa da minha namorada. Ela é minha, não sua. Ou será que é isso? Quer ela para você?

— *Isso foi golpe baixo.*

— Como assim? Quer dizer que eu não vi você com a cara enfiada entre as pernas da babá de Ella enquanto o seu segurança estava com a cara entre as suas? Não foi por isso que te larguei?

— *Você é um babaca.*

— É duro ouvir a verdade, né? Não se preocupe, vou respeitar nosso acordo. Não contarei a Ella nem a ninguém a verdade sobre suas obscenidades. Aliás, vou continuar deixando que as pessoas pensem que fui eu quem estragou tudo, mas cale a sua boca e fique longe de Jo. O que eu faço, com quem eu faço, não é, nunca foi e jamais será da sua conta. Mantenha-se no seu maldito lugar.

— *E que lugar é esse? O da ex-mulher que você ama odiar e*

desrespeitar?

— Vou tentar não rir da sua cara falando sobre desrespeito. E não, seu lugar é fora da minha vida, o mais longe possível de mim. Você fodeu o nosso casamento e agora vai ter que lidar com isso. Não tem o direito de falar sobre o que eu faço, e não me interessa o que você faz. Não me ligue mais para falar merdas, Esther. — Encerrei a ligação antes que ela pudesse responder, olhei para o relógio e ao ver que era tarde demais para ligar ou mandar mensagem para Jo, deitei na cama do hotel e liguei a TV, torcendo para que isso me fizesse dormir. Que saudade eu sentia da minha namorada, droga.

Capítulo 20

Jo

Aproveitei o fato de que Peter Park estava com medo de Everett, ou pelo menos com medo de perder o negócio que tinha com ele, e tirei a sexta-feira de folga para fazer tranças no cabelo. Eu sei que faltar ao trabalho para fazer o cabelo é bem inconveniente, mas estava cansada de ter que lidar com ele, e como costumava fazer uma ou duas vezes por ano, paguei alguém para domá-lo. Comprei um modelo de cabelo para tranças que tinha uma cor parecida com o meu e depois passei cinco horas sentada com a bunda dormente no chão de Hera Carter enquanto ela fazia a mágica acontecer — fiquei muito fofa com as tranças que chegavam até a minha cintura. Comprei algo para comer, busquei Nat na casa da Sra. Sherry e estava prestes a dar banho nela quando alguém bateu à porta. Gelei, porque eu sabia que era Sidney. Eu tinha certeza disso. Conseguia *sentir*. Estava de muito bom humor quando cheguei em casa, mas agora ele o arruinaria.

Não, ele não vai fazer isso.

Coloquei na cabeça que apesar de ele ser o pai de Nat, eu não deixaria que ele continuasse me aborrecendo por causa de Everett.

Com Nat no colo, abri a porta, e antes que ele pudesse falar, eu disse:

— Sidney, acho que falei para você ligar quando quisesse vir aqui. Vou avisar ao segurança na guarita para não deixar você entrar sem me avisar antes. Tenho o direito de não ser atormentada.

— Foi mal. Olha, eu vou sair em turnê. Só queria ver minha filha antes de viajar.

Arqueei a sobancelha.

— Só isso? Só está aqui para isso? Nada de ameaças? Gritos? Palavrões?

Ele lambeu os lábios e balançou a cabeça.

— Só quero ver minha garotinha.

Hesitei, mas me afastei da porta e deixei que ele entrasse.

— Quer segurá-la?

Ele balançou a cabeça.

— Não, sei que ela não me reconhece. Ela sempre parece ficar... desconfortável quando eu a seguro.

Nossa, ele percebeu?

— Quer sentar então? — Perguntei. Nat estava sonolenta e pesada. Eu precisava sentar mesmo que ele não quisesse.

— Ah, sim.

Nós nos sentamos em silêncio. Era estranho estar na presença dele sem que ele estivesse falando coisas sem noção ou me ofendendo. Isso me fez pensar em Peter Park. Por que eu continuava girando em torno de homens cretinos e me prendia a eles mesmo sabendo que não me faziam bem? Sid era o pai de Nat e isso o mantinha conectado a mim, mas e quanto a Peter Park? Por que eu me recusava a pedir demissão? Everett era a única exceção em tudo isso, mas o fato de ele ser tão carinhoso comigo me deixava sem saber o que fazer ou como lidar com ele. Ser respeitada por um homem, seja ele *qual* for, era esquisito demais para mim. Estava com saudade dele, mas não tinha coragem de ir ao seu show em Nova York. Pensei sobre isso e resolvi que não iria, dei uma desculpa esfarrapada na qual ele provavelmente não acreditava, e nem sei o porquê. Acho que era difícil de acreditar que eu merecia alguém tão bondoso e normal como ele. Ou talvez eu fosse apenas louca como minha mãe.

Afastei esses pensamentos e vi Sid me encarando. Com a testa franzida, perguntei:

— Está tudo bem, Sid?

— Sim. Tenho que ir. Obrigado.

E assim, ele foi embora. Foi o encontro mais estranho que já tive com meu ex-marido.



Everett

O show em Nova York foi ótimo, um dos melhores dessa turnê. Dei o meu melhor, cantei quase vinte anos em música para a multidão, terminando com meu maior sucesso, *Pegar de jeito*. Senti a energia do público e retribuí com a minha, estava suado e exausto quando acabou, duas horas depois. A última coisa que eu queria era conhecer esse bando de filhos da puta, mas peguei uma toalha preta com Courtney e a acompanhei até uma pequena recepção na parte de trás do palco. Tirei fotos com alguns fãs que tinham acesso VIP, fiquei feliz em ver alguns amigos, principalmente John Legend, que estava presente com a esposa. Ele me convidou para um show particular que faria na noite seguinte e eu disse que estaria lá, apesar de não estar no

clima e que provavelmente não iria.

Estava puto com Jo. Ela disse que não poderia vir ao show porque não queria desorganizar a rotina de Nat ou algo assim. Isso era mentira. Eu tinha certeza. Também tinha a sensação de que ela estava me afastando. Isso me incomodava pra caralho. Eu me sentia como um cara qualquer que ela havia encontrado nas ruas.

Já tinha passado quase uma hora desde o fim do show quando cheguei ao camarim, lugar em que poderia ficar sozinho e relaxar por um tempo. Isso era tudo o que eu precisava. Era hora de baixar a adrenalina e parar de pensar em Jo.

Courtney e Dunn me levaram até a porta, mas eu entrei sozinho, imaginando quem havia apagado as luzes e se tinham retirado minhas coisas, principalmente minha água. Tinha bebido um pouco durante o encontro com os fãs, mas ainda estava com sede. Tateei até encontrar o interruptor e pulei de susto quando vi um movimento. Fiquei de queixo caído, meu coração acelerado no peito. Ela estava diferente com aquele cabelo, ainda mais sedutora com a calça jeans apertada e uma das camisetas da minha nova turnê, *Chave de Ouro*.

— Jo? — Perguntei, como se quisesse ter certeza de que era ela mesmo. Eu estava louco por ela. Só fui perceber isso naquele exato momento. Meu coração estava a ponto de sair pela boca simplesmente porque ela estava aqui.

Um sorriso tomou conta de seus lábios. Ela usava um batom escuro, meio roxo. Estava muito bonita.

— Não está me reconhecendo com meu cabelo novo, Big South? Gostou? — Afastando-se da parede onde estava encostada, deu um passo em minha direção.

Segurei as pontas de toalha pendurada em meu pescoço.

— Sim. Ficou bonito. O que está fazendo aqui?

Ela arqueou as sobrancelhas, se aproximando de mim com seu perfume doce.

— Nossa, pensei que estava com saudade.

— Estava, mas você disse...

— Sei o que eu disse. Mudei de ideia.

— Por quê?

— Porque também senti sua falta. — Ela ergueu a cabeça e me beijou, fazendo minha cabeça girar. Eu estava velho demais para sentir o que estava sentindo, mas não tinha jeito. Retribuí seu beijo e a puxei para mais perto, esquecendo que estava cansado, com sede e irritado. O mundo desaparecia quando eu estava com ela.

— Cadê Nat? — Perguntei quando finalmente nos afastamos.

— No hotel com a Sra. Sherry, — ela respondeu enquanto beijava meu pescoço.

— Você trouxe a Sra. Sherry também?

Ela assentiu.

— Não me pareceu certo deixar de trazê-la, além disso, quando contei para a Sra. Sherry que estava vindo ver você, ela imediatamente concordou em vir para ficar com Nat. Ela é apaixonada por você, sem contar que estou pagando um bom dinheiro.

Eu ri.

— Ela não é apaixonada por mim.

— Dããã. É, sim.

Sorri para ela.

— Você é maluca.

Sua mão percorreu meu peito e parou entre minhas pernas.

— Eu sei. Está feliz em me ver?

Inclinei a cabeça.

— O que você acha?

Ela respondeu apertando meu pau e abrindo minha calça.

Me encostei contra a porta todo atrapalhado ao tentar trancá-la.

— O que está fazendo, amor?

— Estou a ponto de colocar o South na boca, se não tiver problema.

— Com certeza não.



Jo

Eu poderia me acostumar com isso — ficar deitada de conchinha com ele, com seu braço pesado e musculoso sobre mim, sentindo as batidas do seu coração contra minhas costas. Fiquei nervosa quando decidi surpreendê-lo, com medo de que ele estivesse com outra mulher apesar de Courtney, foi ela quem me ajudou a organizar a viagem e me levou até o camarim dele, me garantindo que ele passou todas as suas noites sozinho. Mas assim que ele pisou dentro do camarim e me olhou daquele jeito que só ele fazia, todos os meus medos desapareceram. Estar ao lado desse homem me trazia uma paz que eu não sabia descrever e que não entendia. A única coisa que eu sabia era que nunca senti isso antes, nem com Sidney ou qualquer outro cara que já namorei. Nem durante a infância senti essa paz, conforto e segurança. Era uma sensação estranha, mas muito bem-vinda.

A minha mãe nunca teve muita estabilidade emocional para me proporcionar esse sentimento de segurança, e Sidney não era maduro o suficiente apesar de termos a mesma idade. Mas com Everett era diferente. A maneira como ele me olhava, as coisas que dizia para

mim, o modo como fazia com que eu me sentisse importante, tudo isso me enchia de amor e gratidão.

Eu queria fazer xixi, mas odiava ter que me mexer, não queria ficar longe dele nem por um minuto. Quando tentei sair da cama, ele apertou ainda mais o meu corpo nu contra ele e gemeu.

— Nããããã.

— Preciso fazer xixi, amor, — sussurrei.

Ele resmungou e me soltou, dando um tapa na minha bunda cheia de celulite quando levantei. Assim que terminei e voltei para a cama, ele me abraçou e sussurrou sonolento em meu ouvido:

— Por que demorou tanto?

— Demorei só três minutos.

— Tempo demais.

Coloquei a mão em seu braço e sorri.

— Você é muito mimado.

— Sou. Ei, vai ficar aqui por quanto tempo?

— Acho que até segunda. Por quê?

Ele se moveu na cama, deitando-me de costas enquanto abria minhas pernas e se posicionava entre elas.

— Vou estar de folga a semana inteira. Aconteceu um imprevisto no local do show em Nova Jersey, um incêndio ou algo assim, então tivemos que remarcar-lo. Você podia tirar a semana de folga e ficar aqui com Nat. Podemos levar Nat para assistir o musical de *O Rei Leão*. Posso te levar para experimentar comidas típicas de Nova York: pizza, sanduíche grego. Conheço um restaurante jamaicano muito bom. Além disso,... John Legend me convidou para um show particular amanhã à noite, podemos ir juntos. O que você preferir. Só preciso de você aqui comigo.

Meu coração disparou. Estava empolgada e... feliz. Então respondi:

— Vou falar com a Sra. Sherry e ligar para o Sr. Park, mas adoraria ficar aqui para explorar a cidade com você. Nunca estive aqui.

— Sério? Bugz não é daqui? O pessoal de Nova York vive se gabando disso.

— Sim, ele nasceu aqui, mas a família dele se mudou para Long Beach quando ele tinha dois ou três anos. Ele diz ser daqui, mas não conhece muita coisa. Nós nunca saímos de L.A. quando estávamos juntos.

Ele me beijou antes de dizer:

— Vou te mostrar o mundo, amor. É isso o que você quer?

— Tudo o que eu quero é você.

Ele piscou, seus olhos escuros menos sonolentos e mais gentis, com uma aparência quase sonhadora ao me beijar novamente.

— E eu quero você.

Capítulo 21

Everett

Fiz tanto barulho na noite em que Jo apareceu de surpresa que Dunn bateu à porta e perguntou se eu estava bem. Depois que menti dizendo que estava, coloquei a toalha suada dentro da boca, agarrei o cabelo de Jo e gozei no mesmo instante. Eu jurava que teria que deixar a arena numa maca de tão cansado que fiquei. Quando chegamos ao hotel e ela tentou ir para o próprio quarto, olhei como se ela tivesse enlouquecido e a levei para o meu; transamos em cada canto da minha suíte até pegarmos no sono. Na manhã seguinte, fiz com que ela cancelasse a reserva do quarto dela e Tommy trouxe sua bagagem para o meu. Não entendi por que ela achou que precisaria do próprio quarto. Tiramos a Sra. Sherry da acomodação em que ela estava e a colocamos numa suíte junto com Nat no mesmo corredor que a nossa, e tomamos café da manhã juntos em meu quarto.

A Sra. Sherry era uma mulher maneira para caramba, de boa aparência, que deve ter sido muito bonita no auge de sua juventude, e talvez Jo tivesse razão quando disse que ela era apaixonada por mim. Dava para ver o carinho que ela sentia por Jo e Nat, e eu sabia que não tentaria nada comigo. Fiquei tão feliz por ela ter concordado em passar a semana aqui que me ofereci para fazer seu pagamento acrescido de um bônus. Ela falou sem parar durante o café da manhã, contando sobre a creche que ela administrou anos atrás antes de se casar com um guitarrista independente muito conhecido — Lonny Sykes. O cara era uma lenda. Todo mundo que gostava de música já tinha ouvido falar dele.

— Nossa, — falei. — Ele era um dos melhores.

Ela deu um sorriso animado, mas pude ver lágrimas se formando em seus olhos.

— Ele era um músico excelente e o melhor marido que uma mulher poderia ter. Cuidou muito bem de mim. Nunca me faltou nada, com exceção dos filhos, mas isso não estava em nosso destino. É por isso que sou muito grata por Jo permitir que eu cuide de Nat-Nat.

Ela é um sonho para mim.

Sorrindo, voltei meu olhar para Nat que estava sentada no colo de sua mãe analisando uma laranja, e assenti.

— Sim, ela é especial. Olho para ela e lembro da minha filha nessa idade. Muito esperta.

— Sim! Esperta demais! — Jo se gabou. — Ela gosta muito de você. Vive me falando que o Eveti sabe rugir muito alto. Você a impressionou.

Eu ri.

— É sério? Eu também gosto dela e gosto *muito* da mamãe dela.

Jo corou quando olhei para ela e ouvi a Sra. Sherry bater palmas ao dizer:

— Ahhhhhh.

A pequena Nat desceu do colo da mãe, veio até minha cadeira e estendeu a laranja para mim.

— Abre, Eveti.

Olhei para ela e pensei que meu coração fosse explodir. Sentia saudade de quando Ella era pequena e inocente assim, quase tinha esquecido como era ter uma criança tão pequena por perto. Sorrindo para ela, peguei a laranja e a sentei em meu colo. Depois que a descasquei, dei um gomo para ela. Ela se virou e me deu um abraço.

— Obrigada! — Exclamou como se eu tivesse lutado contra um urso e salvado a vida dela. Naquele momento soube que ela tinha roubado meu coração igual a sua mãe.

Após o café da manhã, nós nos separamos. Levei Jo para comprar algo para usar no show do Legend enquanto Nat e a Sra. Sherry foram para o museu das crianças em Manhattan. Também dividimos nossos seguranças — Dunn ficou comigo e com Jo, e Tommy acompanhou Nat e a Sra. Sherry. Nos encontramos para almoçar, momento em que Nat pediu para sentar-se ao meu lado e acabou comendo mais a minha comida do que a dela. Tivemos um dia ótimo, um dos melhores que tive durante uma turnê. Foi tão bom que dei a Courtney uma semana de folga muito merecida.



O show de Legend foi realizado no salão do Hotel Lyon, o que me fez pensar em Nat. Mas todas as vezes que eu olhava em direção a Jo e a observava dentro daquele vestidinho preto que comprei para ela, meus pensamentos se transformavam. Ela estava tão linda que eu só conseguia pensar em levá-la de volta para a suíte e tirar aquele vestido.

O show fazia parte da comemoração de aniversário do estilista Claude DuMont, e o salão estava abarrotado de celebridades, muitas

das quais passaram por nossa mesa antes do show começar. Estávamos no meio do salão, então tínhamos uma ótima visão de tudo. Estava observando as pessoas quando ouvi Jo dizer:

— Nossa. — Ela olhava para o celular.

Com as sobrancelhas erguidas, perguntei:

— O que foi?

Ela olhou para mim e falou:

— Bridgette me disse que eu apareci na internet, mas eu não fazia ideia da dimensão disso tudo porque faz um tempo que não entro nas redes sociais. Estou no Instagram. As pessoas sabem meu nome completo e que fui casada com Sid. Até mencionaram que a minha filha também é dele. Que loucura.

Fiz uma careta, torcendo para que ela não entrasse em pânico e chutasse minha bunda. Jo nunca quis ser o centro das atenções. Ela deixou isso bem claro desde o início, mas pensei que tivesse superado a situação já que não parecia se importar em aparecer em público comigo. Passamos o dia esbarrando em paparazzi, droga.

— O que estão falando sobre você? Alguma coisa ruim? — Perguntei.

— Hum... não sei ainda. Estou vendo uma postagem na página Babado Forte intitulada: *Nova namorada de Big South é ex de Bugz-NYC. Parece que a mana deu uma boa renovada.*

Dei de ombros e sorri para ela.

— Eles mentiram?

Ela revirou os olhos.

— O fato é que as pessoas estão concordando, falando um monte de bobagens sobre Bugz, dizendo que ele não sabe fazer rap, que não tem talento.

— Vou repetir. Elas mentiram?

Balançando a cabeça para mim, ela continuou:

— Algumas estão me chamando de puta do rap, dizendo que só posso ser uma interesseira já que estou com dois rappers diferentes e tenho uma filha com um deles. Ah, tem um comentário falando que só tenho interesse em artistas com discos de *platina* e que devo ser uma stripper já que todos os rappers só ficam com strippers ou com as Kardashian-Jenner. Tem outro que diz que é provável que eu logo fique grávida de você, isso se eu já não estiver. Uma garota comentou que eu subi o nível, mas que você desandou e perguntou como você pôde trocar Esther por mim. No comentário de baixo, um cara falou que não tem dúvidas de que você vai me trair como fez com Esther. Li outro comentário que dizia que não dava para entender, porque eu nem sou tão bonita assim. Um cara falou que devo fazer um boquete muito bom e que devo ter uma boceta bombástica.

— Ok, — falei, tirando o celular da mão dela. — Vamos

desligar isso. A Sra. Sherry tem meu número. — Desliguei o aparelho e o coloquei sobre a mesa.

— Acha que estou chateada com o que estão dizendo?

— Está?

Ela deu de ombros.

— Pensei que ficaria, mas essas pessoas não me conhecem, assim como não conhecem Sid, nem você, então... sinceramente, não me importo.

— Está preocupada com a reação de Bugz?

Ela estreitou os olhos.

— Ele é um imbecil. Sempre será um imbecil. Nada vai mudar isso. Se ele vai pirar por causa disso? Sim, mas eu não ligo. E elas não mentiram. Ele não tem talento se comparado a você. Não consigo acreditar que já sustentei ele e essa carreira estúpida dele.

Assenti.

— Quer dizer que não se importa com as fofocas, blogs e com toda essa merda que eu atraio? Não vai fugir disso? Fugir de nós dois?

Ela olhou dentro dos meus olhos e sussurrou:

— Não, amor.

Agarrei a cadeira dela e a puxei para mais perto de mim. Eu a beijei e disse:

— Que bom, mas não vou devolver seu celular. Talvez eu seja um mimado, mas não quero dividir sua atenção hoje à noite.

Ela sorriu e inclinou-se na minha direção.

— Assim não vou poder prestar atenção em John Legend?

— Isso aí.

Ela deu uma risada e beijou minha bochecha.

— Tenho dois bebês agora? Você e Nat?

Coloquei meu braço sobre seus ombros.

— Sim. E, Jo?

— Hã?

— Tinham razão quando disseram que você tem uma boceta bombástica.

— Tá falando sério? É boa assim?

— Sim, cacete... Essa porra é uma bomba nuclear. Mal posso esperar para me enterrar nela de novo. Seu boquete então? Puta merda.

Ela me lançou um olhar que demonstrava que seu desejo por mim era tão forte quanto o meu por ela e sussurrou:

— Você é muito safado. — Quando se aproximou para me beijar, um piano começou a tocar. John Legend me impediu de colocar a mão na massa bem ali naquela mesa.



A noite foi mágica, linda e quase perfeita. Everett estava um pedaço de mau caminho com aquela calça e camisa social, sem contar que se em algum momento tive dúvida se estava bonita em meu vestido, ele rapidamente a fez desaparecer.

Quanto ao show? Minha nossa! John Legend era bom demais, sua voz combinada à atmosfera intimista fez com que eu sentisse de tudo — desejo e admiração por Everett, e extrema euforia. Passei a primeira metade do show balançando ao som da música em minha cadeira, depois Everett se levantou e me ofereceu sua mão, conduzindo-me em uma dança ao lado da mesa. Fomos os primeiros a fazer isso e vários outros casais seguiram nossa deixa. Ele me abraçou e eu fechei os olhos, relaxando contra ele ao dançarmos algumas músicas antes de voltarmos para nossos assentos. Eu estava muito próxima dele, sorrindo, beijando-o e cheia de tesão assim que John Legend terminou sua breve apresentação. Foi aí que ouvi a voz dela.

— Everett? Pensei mesmo que fosse você. — Não era surpresa para ninguém que ela estivesse aqui. Afinal, era a festa de aniversário de um estilista e ela era uma modelo. Esther Reese estava de pé ao lado da nossa mesa, sua maquiagem e cabelo estavam impecáveis. Ela me analisava com os olhos entreabertos e me arrependi de não ter colocado Sage em um avião para que viesse fazer minha maquiagem. Eu tinha feito um bom trabalho, mas, ainda assim, não pude deixar de me sentir simples demais diante do olhar daquela mulher. Ela era linda de morrer.

— Sim, sou eu, — Everett respondeu sem rodeios.

Esther ficou calada, com seus olhos sobre mim, e o clima pesou, ficou constrangedor para caramba, então estendi a mão para ela e disse:

— Oi. Eu sou Jo. — Pelo visto Everett não nos apresentaria.

Ela torceu o nariz para mim e respondeu:

— Sim, eu sei. — Ela voltou seu olhar para Everett. — Uma palavrinha, por favor?

— Por quê? Tem algo de errado com Ella? Onde ela está? Ela está aqui com você?

— Não, está na casa de uma amiga, Jessica, e ela está bem.

— Então não tenho merda nenhuma para falar.

Arregalei os olhos e lancei um olhar para ele. Esther parecia tão chocada quanto eu.

— Ev-Everett, — ela gaguejou.

— Falei grego? — Ele perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

— Deus do céu, vai se comportar desse jeito na frente *dela*?

Ele se aproximou dela.

— Esther, eu conheço você. Veio até aqui para desrespeitá-la, sequer apertou a mão dela. Agora ela sabe que você não significa porra nenhuma para mim, porque é bem isso mesmo. Ela precisava saber disso, então, obrigado por agilizar a situação vindo até aqui. Agora já pode ir, senão vou contar para ela *por que* eu não me importo com você.

Ela me encarou, perplexa, e foi embora.

Everett levantou e estendeu a mão na minha direção.

— Venha. Vamos antes que ela volte e eu realmente tenha que envergonhá-la.

— Uhm... Ok. — Foi tudo o que consegui dizer.



— Eu a flagrei me traindo, — ele falou em meio à escuridão do quarto. Estávamos na cama e eu estava exausta, porque ele me pegou de jeito antes que chegássemos à porta.

— Esther? — Perguntei, mas me senti uma idiota por isso. A quem mais ele estaria se referindo? Nunca ouvi falar que ele esteve em outro relacionamento após o casamento, além do nosso. Sim, ele dormiu com muitas mulheres, disso todo mundo sabia, mas nenhuma delas nunca alegou ser sua mulher. Eu fui a primeira a quem ele se referiu como sua namorada em público desde Esther.

— Sim. Eu estava em turnê. Parece que estou sempre em turnê. Enfim, Ella estava com quatro anos na época e tinha uma babá em tempo integral. Eu estava com saudade da minha família e decidi pegar um voo para L.A. durante as folgas entre os shows. Faria uma surpresa para elas. Quando cheguei lá, encontrei Esther na cama com a porra da babá, em uma verdadeira cena pornô.

Arquejei e tirei a cabeça de seu peito, procurando seu rosto na escuridão.

— É o quê?! Ela é lésbica?

Ele suspirou.

— Não sei. Acho que é bi, porque o segurança dela também estava presente. Foi um maldito ménage. Na porra da minha cama. Na minha casa. A sexualidade dela não me interessa, o que importa é que ela me desrespeitou dessa forma. Eu nunca a traí, *nunca*, e acredite, eu poderia ter feito isso.

— Everett, eu... Minha nossa.

— Pois é, ela fez isso depois de eu ter cuidado dela. Esther não tinha um centavo quando ficamos juntos. Agendava alguns trabalhos de vez em quando, mas era consumista. Ainda é. Assim que oficializamos nosso relacionamento, eu cuidei dela, porque para mim

ser um homem é isto. A casa foi a primeira que comprei na vida e ela a tomou de mim, apesar de eu não a querer mais depois de ter visto toda aquela merda. Ela... ela me magoou, Jo, e eu nem tinha aceitado a perda de minha mãe ainda. Aquilo me fez sofrer tanto que demorei muito tempo para superar. Nunca pensei que fosse querer outra mulher dessa maneira até conhecer você. Ela enxerga isso. Ela sabe que o que existe entre nós é verdadeiro, e não gosta disso. Por isso ela foi até a nossa mesa.

— Ela quer voltar com você?

— Sim.

— Ela disse algo sobre mim? Sobre nós?

Pude senti-lo mexer a cabeça.

— Sim. Ela tem me ligado para falar um monte de merda.

— Tipo o quê?

— Nada de importante, amor. Só quis explicar o que aconteceu entre nós para você não pensar que estou sendo um babaca com ela sem motivo algum.

— Ok... mas você não é assim com ela o tempo todo, nem perto de Ella, né?

— Não, não. Tento ser o mais cordial possível. Não a xingo perto de Ella nem faço nada desse tipo, mas Ella sabe que não somos amigos. Para ser honesto, passei os últimos dez ou onze anos tentando ficar longe dela. Eu deveria saber que ela estaria lá hoje. Detesto pensar que ela arruinou a noite para você.

— Ela não arruinou nada.

— Que bom.

— Everett?

— Oi.

— Sei que ela fez você sofrer, mas isso foi há muito tempo.

— Eu sei. Só fiquei mais puto por ela tentar humilhar você. Não me sinto preso a ela, se é isso o que está pensando. Mas eu a conheço. Esther vai levar as coisas para o outro lado se eu for legal com ela. Vai ver isso como uma abertura para ficarmos juntos de novo e essa merda não vai acontecer.

— Acredito em você, e obrigada por hoje. Foi lindo apesar de ela ter ido à nossa mesa.

— Você também é linda, amor.

Capítulo 22

Jo

Pedi demissão.

Acordei na última manhã daquela semana em Nova York e percebi que não queria ficar longe desse homem. Liguei para Peter Park, pedi as contas e tive a sensação de que um peso tinha sido tirado das minhas costas. Quando contei a novidade para Everett, assim que retornamos para a suíte depois de usarmos a academia do hotel, pensei que ele fosse me esmagar quando me ergueu do chão em um abraço apertado. Já a Sra. Sherry ficou exultante. Acho que ela via isso como uma aventura, uma chance de deixar a vida tranquila que vivia em L.A. Eu enxergava da mesma maneira. Além disso, estava caidinha por Everett “Big South” McClain, quem não estaria? Principalmente depois de tudo o que vivi antes de conhecê-lo. Ele era bom para mim, para Nat, inclusive para a Sra. Sherry. Ele até comprou um guarda-roupa completo para ela quando ela concordou em viajar com a gente durante a etapa final da turnê norte-americana.

Tive a oportunidade de assistir diversos shows dele em vários estados. Conheci muitos fãs e um monte de celebridades nos encontros pós-show, demos uns amassos em uma praia particular em Miami. Fiz amor em inúmeros hotéis, conheci os primos dele quando estávamos em Houston, conheci Ella quando fomos vê-lo cantar na Virgínia. Ela era legal apesar de não ser muito amigável, mas era respeitosa e eu não podia exigir mais do que isso. Quando voltamos para L.A., para o último show nos Estados Unidos, já fazia um pouco mais de um mês que eu estava viajando com ele, e por mais exaustivo que fosse, eu sabia que sentiria falta disso, mas também estava feliz por estar de volta à minha casa, onde poderia sossegar por um tempo.

Sid andava quieto, não ligou, não comentou sobre as postagens nas redes sociais com relação a mim e Everett, mas, ele também estava viajando. De qualquer forma, não era incomum da parte dele ficar sem falar comigo e com Nat. Pensei que ele fosse perder a cabeça por conta das coisas que as pessoas estavam falando sobre ele — coisas essas

que, graças a Deus, estavam caindo no esquecimento — e porque meu relacionamento com Everett já não era mais segredo para ninguém com o tanto de fotos nossas espalhadas nas redes sociais. Fomos até mencionados por Wendy Williams em um dos quadros de seu programa, o *Hot Topics*. É claro que ela fez críticas, dizendo que não daríamos certo e que todos sabiam que ele não tinha um relacionamento desde Esther Reese, mas acabou me elogiando por conseguir segurá-lo por mais tempo do que a maioria. Nem liguei. Quando decidi pedir demissão e acompanhá-lo em suas viagens ao redor do país, coloquei na cabeça que, independentemente do que existia entre nós — fosse passageiro ou eterno —, era isso o que eu queria, era o que eu precisava, e aproveitaria enquanto durasse.



*O seu rebolado me deixa louco para te pegar de jeito
Mudar seu sobrenome
E prender seus pulsos
Dar um tapa na sua bunda
E depois beijá-la
Deslizar para dentro, fazer você gemer e gritar*

*Te pegar, te pegar, te pegar de jeito!
Te pegar, te pegar, te pegar de jeito!
Te pegar, te pegar, te pegar de jeito!*

Continue rebolando por sua conta e risco...

Eu estava toda suada depois de passar o show inteiro de pé curtindo as batidas e rimas do meu namorado. Até vibrei com as músicas do álbum *Sentido Sul* que fizeram parte do repertório. Fui a vários shows e ouvi aquelas músicas tantas vezes que elas acabaram subindo no meu conceito. Agora que sabia a verdade sobre o que levou o casamento deles ao fim, percebi que *Sentido Sul* foi o primeiro álbum que ele lançou após o divórcio, e consegui entender melhor as músicas. Tinha uma ideia mais clara de onde ele estava com a cabeça naquela época. Everett estava sofrendo, e aquelas músicas foram sua terapia. Algumas soavam desorganizadas e aleatórias, mas era arte, *sua* arte, e eu a amava assim como amava tudo nele. Mas fiquei feliz por ele ter ouvido meu conselho e removido do repertório uma música que tinha um grito agudo no fundo. Ela me deixava apavorada e acabava com a energia do show.

— Uhu! Uhu! Uhuuuuu! — Bridgette gritou com os braços erguidos enquanto rebolava ao som da batida do maior sucesso do meu namorado.

Sorri para ela ao erguer as mãos.

— South! South! South! — Gritei junto com a multidão quando South foi de um lado a outro do palco, segurando o microfone em uma mão e usando a outra para cobrir os olhos.

— Vejo que estão todos jogando a bunda para o alto! Quem está a fim de uns pegas?

As mulheres na plateia gritaram, incluindo a tonta da Sage. Eu a encarei e ela deu de ombros.

— Vamos lá, pessoal. Quero ver vocês jogando a bunda para o alto! Vai! Vai! Vai! — Everett incentivou. A multidão foi à loucura. Vi até alguns caras rebolarem. Foi insano!

Assim que a música terminou, Everett parou no meio do palco com um sorriso enorme no rosto.

— L.A., tenho que confessar que este foi o melhor show da melhor turnê da minha vida. Recebi muito carinho de vocês. Quase vinte anos na indústria da música e vocês continuam comprando ingressos, ouvindo minha música, aturando esse coroa aqui. Muito obrigado!

Uma garota atrás de mim gritou:

— Big South! Você é um gostoso, porra!

Estávamos em um setor especial, rodeadas por celebridades — Sage tinha apontado para cada uma delas gritando coisas do tipo, “Aquele é o Luke James?” ou “Sei que aquele não é o LeBron!” ou ainda, “Negaaaa, aquela é a Amber Rose!” Isso significava que a vaca devia ser famosa. Não me virei para olhar, porque aquele preto gostoso em cima do palco era meu. Eu não tinha dúvida disso. Ele fazia questão de me lembrar.



— Isso! Isso! Isso... — Fui interrompida quando sua boca encontrou a minha. Sua língua, a mesma que ele usava para transmitir suas letras, moveu-se com indelicadeza em minha boca enquanto ele agarrava meu pescoço pela frente, usando a outra mão para apertar meu seio, lançando-se contra meu sexo de um jeito incansável, entrando e saindo de dentro mim num ritmo frenético. A sensação era tão... maravilhosa.

— Boceta gostosa do caralho! Puta merda, Jo! — Ele gritou quando afastou sua boca da minha. Logo em seguida beijou minhas sardas, minha testa e minha boca novamente.

— Everett! Ahhhh!! — Eu estava sobre uma mesa em seu camarim no Staples Center porque, pelo visto, ele não aguentou esperar que chegássemos à minha casa para me atacar.

— Quer saber de uma coisa? Eu te amo! Eu te amo, Jo!

Eu o ouvi, escutei cada sílaba que ele falou, mas a onda de prazer me deixou prestes a explodir. Não consegui pensar em uma resposta, mal conseguia lembrar de respirar. Agarrei a mesa, soltando um gemido alto quando meu orgasmo atingiu o auge, silenciando todos os ruídos, paralisando cada parte do meu corpo, exceto minha vulva.

Minhas costas bateram na mesa, e senti suas mãos enormes segurarem minhas pernas e posicioná-las sobre seus ombros enquanto ele se aprofundava mais, gritando meu nome a cada investida. Vincos profundos se formaram em sua testa e ele me encarava como se eu fosse algo maravilhoso, bom demais para ser verdade. Quando explodiu, ele me ergueu como se eu fosse uma boneca ou um dos bichos de pelúcia de Nat, me segurou em colo e gemeu em meu ouvido.

Quando as coisas acalmaram e eu já tinha quase recuperado o fôlego, falei:

— Nunca vou entender como você tem tanta energia para fazer isso depois de ter passado duas horas naquele palco. Você é uma máquina. — Envolvi meus braços ao redor de seu pescoço suado e encostei minha cabeça na dele.

Ele riu.

— Nunca tive tanta resistência. Deve ser sua boceta.

— Estou começando a achar que isso é tudo o que gosta em mim. Aposto que se eu pudesse removê-la do meu corpo, você me largaria.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Não, amor. Amo tudo em você. Mas neste momento, estou dentro de uma das minhas partes favoritas.

— Uhm. Até me deixou fraca agora, com as pernas bambas. Talvez tenha que me carregar para casa.

— Pode deixar. Carrego você até os confins do universo, amor.

Depois que nos recompomos, rimos igual duas crianças enquanto ele me carregava nas costas durante todo o trajeto entre a arena e o nosso carro.

Capítulo 23

Jo

— Os abacaxis estão quase acabando.

Desviei o olhar dos papéis que estava lendo e dei de cara com Everett parado em frente à geladeira aberta.

— Estão?

— Sim, tem apenas dois potinhos de abacaxi em calda e um recipiente com pedaços da fruta que você descascou.

— Estão acabando porque você não para de comê-los.

Ele deu de ombros e puxou o pote com as frutas cortadas.

— Também gosto de abacaxi.

— Isso é óbvio. — Voltei minha atenção para os cardápios espalhados sobre a bancada da cozinha. — O que Ella gosta de comer? Comida chinesa, indiana, mexicana, hambúrguer?

Ele revirou a gaveta de talheres, arrancou a tampa do pote e aproximou-se de mim. Segundos depois, um pedaço de abacaxi preso em um garfo apareceu na minha frente. Assim que abri a boca para comê-lo, Everett respondeu:

— Pizza, como qualquer adolescente americana.

— Algum sabor específico?

— Não se preocupe. Já disse que posso cuidar disso.

— Mas a casa é minha. Sou eu quem está organizando esse pequeno jantar. Não deveria contribuir de alguma forma? Quem dera eu soubesse cozinhar...

Ele deixou o pote de lado.

— A sua contribuição é fazer o pai dela feliz, e quando eu fico feliz, ela também fica. Pare de se preocupar. A noite vai ser ótima. Além disso, não precisa saber cozinhar quando tem um namorado rico, — ele disse antes de me beijar.

Dei um passo para trás, interrompendo nosso beijo.

— Ela não gosta de mim, provavelmente porque a mãe dela também não gosta. Pude perceber isso naquela vez em que ela foi assistir ao seu show, apesar de ela ter tentado ser legal. Parecia que

ela não me queria lá, — tagarelei, ignorando suas tentativas de me tranquilizar.

— Ela é territorialista e muito mimada, nunca me viu namorando com ninguém e não está acostumada a ter que dividir minha atenção com outra pessoa, mas isso não significa que ela não gosta de você. Ela só não a conhece, Jo. Assim que conhecê-la, irá amá-la tanto quanto eu.

Suspirei.

— Você tem razão.

Ele se inclinou e beijou meu pescoço, envolvendo-me em um abraço.

— Sabe que sim. Ei, por que não tira a calcinha rapidinho?

— Uhm, não.

— Por quê? Nat está cochilando, certo? Não vou fazer barulho. Você pode me amordaçar se quiser. Enfiar sua calcinha na minha boca depois de tirá-la.

— Você tem noção de que desde que fiz isso há algumas semanas, você não para de pedir a mesma coisa? Acho que gostou. Só fiz isso porque não consegui encontrar outra coisa e você ia nos fazer ser expulsos do hotel.

Ele riu e arqueou as sobrancelhas.

— Sim, mas aquela porra foi sexy pra caralho. O jeito como a tirou e colocou na minha boca... Meu Deus! Veja o que acontece quando eu penso no que fez comigo. — Ele pega minha mão e a coloca sobre sua virilha.

— Everett, estou menstruada. Você sabe disso.

— E você sabe que eu não ligo para isso.

Abri a boca para responder, mas a campainha tocou.

— Nem pensar. Quem quer que seja pode deixar uma mensagem, — ele falou, recusando a me soltar.

— É a porta, não o celular.

— Eu sei.

Revirei os olhos.

— Me solte, coroa.

Ele afrouxou seu aperto e enquanto me seguia em direção à porta, disse:

— Quer dizer então que não está mais interessada no pau do coroa aqui?

Sorri para ele e falei:

— Você está louco.

Chequei o olho mágico, abri a porta e dei um pulo quando Bridgette gritou:

— Você está grávida?!

— Está? Pensei que tinha acabado de dizer que estava

menstruada, — Everett gritou atrás de mim, em pânico. Ele tinha dado a ideia de fazermos alguns exames quando estávamos na Carolina do Norte... ou foi na Carolina do Sul? Viajamos para tantos lugares durante a turnê que não consigo me lembrar. Em todo caso, ele sugeriu que colocássemos nossos exames em dia, assim poderíamos parar de usar camisinha já que eu tomava anticoncepcional. Agora, ele parecia a ponto de enlouquecer achando que eu estava grávida.

— Você também não contou para South? Isso é golpe baixo, Jo! — Bridgette deu um gritinho.

— É mesmo! — Everett concordou. — Como esconderia isso de mim?

— De nós! — Bridgette exclamou.

— Opa! Dá para vocês se acalmarem antes que acordem a Nat? Eu *não* estou grávida. Uso DIU. Você mais do que ninguém sabe que eu não cometo deslizes, Bridgette. Nat foi planejada. Sid e eu quisemos engravidar. Ele foi mudar de ideia depois. Além disso, a maré está vermelha para o meu lado. Ev, pode checar se acha que estou mentindo.

— É isso o que vou fazer, — ele respondeu.

— Eca, que nojo, — Bridgette resmungou.

Everett deu de ombros com um sorriso tímido no rosto.

— Acha mesmo que eu esconderia algo assim de você? Sério, Ev?

— Não... mas ela é sua melhor amiga. Pensei que fosse uma fonte confiável. Você... você está brava comigo, amor?

— Estou.

— Droga. Obrigado, Bridgette, pelo fora que me fez ganhar, — Everett reclamou. — E por arruinar tudo por aqui, — acrescentou.

— Foi mal, — Bridgette falou com um olhar estranho.

Suspirei.

— Conversaremos sobre isso depois, Everett.

Aproximando-se de mim para que só eu o ouvisse, ele sussurrou:

— Você poderia me castigar me amordaçando com sua calcinha e fazendo aquilo que sabe com a língua.

— Até parece, você está igual a um disco arranhado. — Não tive o cuidado de sussurrar.

Beijando minha bochecha, ele disse:

— Vou dar uma descansada. Sinta-se à vontade para vir comigo.

— Não, obrigada, — retruquei.

— Quem vai perder é você. Dunn vai passar aqui para deixar um negócio para mim. Pode me acordar quando ele chegar.

— Ok.

Ele ainda podia nos ouvir quando Bridgette perguntou:

— Puta merda, ele está morando aqui, não está? Sid está de acordo com isso?

Eu a encarei.

— Sim, ele mora aqui agora e foda-se o Sidney.

Ela ergueu as mãos.

— Foi mal. Me desculpe por mencioná-lo.

— Aham. De onde você tirou que eu estava grávida?

— Todos os blogs estão no Instagram falando sobre isso, garota.

— Bem, eles não sabem o que estão dizendo. O meu útero está vazio e, como eu disse, você deveria saber disso. Everett e eu estamos juntos há pouco tempo, vou precisar ter um anel no dedo e trocar alguns votos antes de ter mais filhos.

Seguindo-me até o sofá, ela disse:

— Pois é, esqueci as suas regras: nada de sexo no primeiro encontro, nada de bebês antes do casamento. Mas vocês estão aqui trepando horrores antes do casamento.

— Não vou negar que possuo necessidades, então não tenho uma regra para isso.

— Nem eu, cacete, mas continuo carente de um pau.

— A culpa é sua. É você quem não quer namorar.

— Que seja. O que aconteceu com aquela história de me apresentar ao irmão de South?

— Ev não quer deixar. Disse que o irmão é um alcoólatra militante que gosta de jogos de azar e ele não quer arriscar me ver chateada se Neil começar a pedir dinheiro a você.

— É o quê? Alcoólatra militante que gosta de jogos de azar? Essa porra não faz sentido.

— Foi o que eu falei para ele.

Ela se jogou no sofá e suspirou.

— Bem, estou feliz por você. Está seguindo em frente e tem Big South na palma da sua mão.

Balancei a cabeça.

— Não, não tenho.

— Ah, por favor. O cara está de quatro por você e você por ele. Estão até falando em casamento. Lembro que depois que Sid foi embora, você disse que nunca se casaria de novo.

— Não estou falando em casamento, eu só disse que teria que estar casada antes de ter outro filho.

— O que significa que agora você enxerga essa possibilidade.

A campainha tocou de novo. Quando vi, Everett passou correndo em direção à porta.

— Achei que estivesse descansando, — falei.

— Não consegui dormir sem você.

— Ahhhh, — Bridgette cantalorou.

Lutei para não sorrir, mas fracassei.

Não me surpreendeu o momento em que Nat apareceu na sala esfregando os olhos, seu vestido amarelo todo amarrotado. Seus olhos brilharam quando ela viu minha amiga, e foi correndo sentar no colo dela, deitando a cabeça em seu peito.

— Caramba, toda vez que eu a vejo ela está maior e mais bonita, — Bridgette observou.

Assenti.

— Sim, ela está crescendo rápido.

— Amor. Venha até aqui rapidinho. — Everett estava do lado de fora, mas espiava pela fresta da porta. Lancei um olhar divertido para Bridgette enquanto Nat saía do colo dela e corria para ele, gritando seu nome.

— Eita, — Bridgette disse.

— Não se sinta mal. Ela também me troca por ele. É maluca pelo Eveti dela.

Bridgette riu quando Everett pegou Nat no colo e beijou a testa dela.

— Pelo visto, ele também é maluco por ela.

— É, sim.

— Nat, pede para a mamãe vir, — Everett falou.

Segurando o pescoço dele, ela respondeu:

— Não. Eu quero Eveti! Vamos!

— Mas a mamãe precisa vir também, Nat.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Quero ir com Eveti.

Eu os encontrei na porta com a enxerida da Bridgette atrás de mim, torci meu nariz para Nat e murmurei:

— Traidora.

Assim que cheguei ao lado de fora, arquejei e cobri a boca com a mão. Bridgette deu um gritinho:

— Meu Deus do céu!!

Nat soltou um rugido e riu sem nenhum motivo aparente enquanto Everett perguntou:

— Gostou?

Eu me aproximei, desviando o olhar da placa customizada onde lia-se *Jo*, percorrendo o laço vermelho enorme sobre o teto e encarando o restante da caminhonete — uma Mercedes AMG G65 preta nova em folha.

Olhei para ele com os olhos arregalados.

— Everett... o que você fez?

— Comprei uma caminhonete para você, — ele disse, como se tivesse ido à rua comprar uma casquinha de sorvete para mim.

— Por quê? Eu não precisava de um carro.

— Jo, outro dia mesmo você disse que gostaria de ter um carro maior, que era difícil colocar e tirar Nat da cadeirinha porque o Lexus é muito pequeno e só tem duas portas.

— Sim, mas eu poderia ter comprado um. Você não precisava ter feito isso por mim.

— Eu quis, — ele falou, depois perguntou a Nat, — Você gostou do carro novo da mamãe?

— Carro novo! — Nat repetiu para ele.

— É um exagero. Você passou da conta. Você sempre passa e...

— Sei que por mais que a Sra. April Curry não tenha ensinado mais nada a você, ela com certeza a ensinou a agradecer, Jo. Então, agradeça, — Bridgette me repreendeu.

Eu sei que estava sendo difícil e que o preço daquele veículo não doía no bolso de Everett, mesmo que custasse mais de duzentos mil dólares. Mas não era fácil para mim aceitar presentes e *ponto final*, muito menos algo grandioso assim. Ele sabia que eu era desse jeito. Por isso, esperou pacientemente que eu considerasse o que ele tinha feito.

Por fim, fui até ele, abracei a lateral de seu corpo enquanto ele segurava Nat no outro braço e disse:

— Obrigada.

Ele beijou minha testa.

— De nada, amor. Foi adaptado especialmente para você. Tem até pedais ajustáveis para suas pernas curtas.

— Você está tirando sarro das minhas pernas?

— Não, eu amo suas pernas. Você sabe disso. Mas elas são curtas pra caralho.

— Curtas pta caralho! — Nat gritou. Ela falou aquelas palavras com mais clareza do que qualquer outra.

Balancei a cabeça.

— Viu o que você fez? Ensinou minha filha a xingar.

Ele parecia envergonhado.

— Desculpe. Esqueci. Não diga isso, Nat. Essa palavra é feia.

— Curtas pra caralho! Curtas pra caralho! Curtas pra caralho!

— Ela repetiu toda feliz enquanto Everett a levava de volta para casa, implorando para que ela parasse.



Everett

O jantar foi um desastre.

Ella estava bem quando eu a peguei em casa, mas ficou

insuportável no momento em que colocamos os pés na casa de Jo. Ela mal abriu a boca, olhou com desdém para a residência e brincou com a comida em silêncio, ignorando as tentativas de Jo de conversar com ela. Eu fiquei puto, mas aguentei tudo aquilo. Foi quando ela revirou os olhos quando Nat tentou dividir sua pizza com ela que quase perdi o controle. Só então me dei conta do quanto ela se parecia com a mãe e de que eu deveria ter lutado pela guarda compartilhada quando ela era menor. Na época, eu estava trabalhando como um louco, por isso pensei que Esther pudesse proporcionar um ambiente mais estável para ela e que as visitas funcionariam melhor para mim. Agora eu via que foi um grande erro ter permitido que Esther tomasse a frente da criação dela.

Pude perceber que aquela situação partia o coração de Jo e fazia com que ela se sentisse mal, mesmo não sendo culpa dela. Se havia alguém culpado naquilo tudo, esse alguém era eu. Então, levei Ella para casa na caminhonete de Jo, seguido pelos meus seguranças que dirigiam o meu carro.

— Vai me contar qual é o seu problema? — Perguntei, quebrando o silêncio que preenchia o veículo.

— Nenhum, — ela murmurou.

— Ah, pelo jeito como agiu nesta noite, tem alguma coisa errada, sim. Você não gostou de Jo?

Olhei para ela bem a tempo de vê-la revirar os olhos.

— Ella, a menos que tenha uma convulsão, não revire mais seus olhos para mim. Você tem boca. Me fale o que há de errado com você.

— Ela é uma mercenária, papai. Todo mundo sabe disso, menos você. — Seu olhar estava fixo na rua à nossa frente.

— De onde você tirou isso? Viu no *É do Babado*, *Furo do Hip-hop*, *Wendy Williams*?

— Vi nas fotos dela que você postou no Instagram ao lado do carro em que estou sentada, dizendo para todos que foi um presente para ela. Você sequer me deu um carro ainda!

— Você não pode dirigir, Ella.

— Eu sei disso, mas não importa. Ela mora naquele bairro, naquela casa e tem uma filha com Bugz. Agora ela está com você. Dois rappers ricos? Isso tem cara de gente mercenária. Ela vai fazer você sofrer, papai.

Suspirei.

— Ela e Bugz estiveram juntos antes de ele ser famoso. Ela praticamente cuidou dele e o ajudou no início da carreira.

Ela me lançou um olhar.

— Foi isso o que ela contou a você?

— Se você pensar em quando eles se casaram, vai ver que é verdade.

Ela voltou a olhar para a rua e perguntou:

— Por que comprou este carro para ela?

— Porque eu quis. Porque ela merece.

— Merece por quê? Porque ela transa com você?

— Pode parar agora!

— Pelo modo como está gritando comigo, deve ser isso mesmo.

Soltei um suspiro.

— Estou tentando conversar com você, ouvi-la para tentar entender por que me fez passar vergonha hoje à noite, mas não vamos esquecer que eu sou o adulto aqui, Ella. Você não manda em mim e não pode falar comigo do jeito que quiser. Vi naquele programa a maneira como você fala com sua mãe. Uma coisa é o seu relacionamento com ela, comigo as coisas são diferentes. Você vai me respeitar e está acabado.

— Desculpe, — ela murmurou.

— Não me interessa se você não gosta de Jo. Você vai ter que respeitá-la também. E nunca mais maltrate aquela garotinha de novo. Ela não tem culpa de nada. Não foi certo tratá-la daquela maneira.

— Eu sei... mas sinto que está me trocando por ela.

Por pouco não colidi com um carro que estava na minha frente.

— O quê? Gatinha, você sempre será minha princesa. Eu me preocupo com Nat, mas ninguém vai tirar o seu lugar no meu coração.

Ela me encarou com um olhar gentil.

— Jura, papai?

— Sim! Eu só quero que você fique confortável com Jo... porque ela não vai a lugar algum se eu puder evitar.

— Você está morando com ela, papai?

— Por enquanto, sim. Mas estou procurando outro lugar.

— Para você e ela?

— Para Nat e você também quando quiser nos visitar.

— Vai se casar com ela?

— Talvez.

— A mamãe sabe disso?

— Não é da conta dela, Ella.

— Ela ainda acha que vocês dois vão voltar a ficar juntos. Eu sempre soube que isso não aconteceria, mas ela... Não vai ser fácil para ela ver você se casando com outra pessoa.

Suspirei.

— Eu nunca fiz ou falei nada que a fizesse acreditar que ficaríamos juntos de novo.

— Eu sei.

— Não posso mudar os sentimentos dela, e não posso abrir mão da minha felicidade por ela.

— Sim. Dá para ver que você está feliz.

— Então será que você pode ficar feliz por mim e ser legal com Jo quando encontrá-la novamente? Ela é muito bacana e, acredite, não é nenhuma mercenária. Eu saberia se fosse.

— Tá bom, vou tentar.

— Tentar?

— Tááááá! Vou ser mais legal com ela.

— Obrigado, princesa.



Fui recebido com música quando passei pela porta da casa de Jo. *All this love* do DeBarge irrompia do aparelho de som enquanto ela e Nat dançavam na sala de estar. Fechei a porta e fiquei parado por um tempo, observando e pensando no quanto eu amava as duas, em como a minha vida era diferente com a presença delas, no quanto vivi na solidão sem nem perceber.

Para ser bem sincero, tenho que admitir que tive culpa pelo fim do meu casamento, porque estava sempre trabalhando, sempre no estúdio ou viajando, e nunca diminuí o ritmo para criar Ella da forma correta, mas era o que eu deveria ter feito. Agora eu conseguia enxergar isso. Eu perdi uma família, mas faria tudo o que estivesse ao meu alcance para não perder essa e tentaria ser mais presente na vida de Ella.

Jo deu um pulo e levou a mão ao peito quando meu viu.

— Que susto! — Jo gritou em meio a música.

Sorri quando Nat percebeu que eu estava lá e veio correndo até mim. Eu a peguei no colo e fechei os olhos por um segundo enquanto ela passava os bracinhos ao redor do meu pescoço. Logo depois eu os abri, e perguntei para Jo:

— O que você sabe sobre DeBarge, minha jovem?

Baixando o volume da música, ela disse:

— Era o grupo preferido da minha mãe, junto com Diana Ross e Dolly Parton.

Fui até o sofá e me sentei. Nat saiu do meu colo.

— Já volto! — Ela anunciou, indo pegar um dos leões do chão antes de voltar para mim.

— Nossa, sua mãe tinha um gosto eclético para música, — observei.

Jo se sentou ao meu lado, colocando a mão sobre a coxa que Nat não estava ocupando.

— Seria esse um jeito legal de dizer que ela estava descontrolada?

— Não. Isso significa que ela tinha um bom ouvido para música e não fazia distinções. Ela gostava do que a agradava. Eu também sou

assim.

— Verdade. Eu já contei a você que meu nome foi inspirado na música de Dolly Parton, *Jolene*? A única diferença é que minha mãe o dividiu: meu primeiro nome é Jo e o nome do meio é Lena ao invés de Lene.

— Sério?

Ela assentiu e abaixou a cabeça.

— Ela era... minha mãe era tão linda, tão bonita. Era um pouco mais alta do que eu e tinha uma pele negra macia. Não tinha sardas, espaço entre os dentes, nem cabelo com a cor estranha. Ela era perfeita. Acreditava em contos de fadas, amava rir, achava que as mulheres deveriam viver relações amorosas magníficas assim como Liz Taylor e se casarem dez vezes se fosse preciso. Ela usava vestidos e salto alto em todos os lugares. Nunca saía de casa sem maquiagem. Ela era engraçada quando estava feliz, a melhor mãe do mundo que não sabia cozinhar, nem lavar e passar, e me deixava comer bolo no café da manhã e bala no jantar.

“Por mais divertida que fosse, era como se eu estivesse sendo criada por uma criança. Eu não tinha limites, e se ela estivesse namorando, conversava comigo sobre os caras, me contava *tudo* sobre eles. Ela não conseguia manter o emprego, porque se não tivesse com vontade de ir trabalhar, ela simplesmente não ia. Sem contar a depressão que quando a atingia, transformava-me em uma criança que tinha uma mãe infantil em uma que não tinha mãe nenhuma.”

Ela se levantou do sofá e foi até o aparelho de som, virando-se para mim.

— Uma vez, ela me disse que eu finalmente conheceria meu pai. Ela tinha ligado para ele, e ele estava a caminho da cidade em que morávamos. Vale lembrar que eu fui fruto de um lance que aconteceu entre os dois, e ele desapareceu antes que ela chegasse ao fim do primeiro trimestre, por isso eu não o conhecia. Eu estava terminando o ensino fundamental quando ela me contou sobre a suposta visita, e fiquei tão animada, quase tão animada quanto ela. Ela me falou que meu pai foi o grande amor da vida dela e que eles ficariam juntos de novo. Ela estava convencida disso, de que finalmente seríamos uma família, e também conseguiu me convencer.

“Eu menti quando disse que nunca o tinha visto, Ev. Quando cheguei da escola naquele dia, minha mãe estava no quarto com a porta trancada, então fui para o meu quarto fazer o dever de casa. Quando fui pegar alguma coisa para comer, eu o vi saindo pela porta da frente. Eu o chamei, dizendo, ‘Papai?’, e ele parou por um tempo antes de continuar andando sem sequer dizer uma única palavra ou olhar para mim. Eu o vi de costas apenas. Uma vez em meus vinte e oito anos, eu vi as costas do meu pai. O meu cabelo é igual ao dele.

Acho... acho que ele estava com vergonha de olhar para mim, ou será que estava com vergonha *de* mim? Sei lá. Ainda não encontrei uma explicação para essa parte.”

— Jo, amor...

— Depois disso, ela ficou semanas sem sair do quarto, não falava comigo, não ia trabalhar. Ficamos sem comida, mas nossa vizinha foi legal a ponto de me dar o que comer no jantar todos os dias, assim que me viu tentando roubar comida de um mercadinho do bairro. Nossa energia elétrica foi cortada. Em seguida, minha professora ligou para o conselho tutelar porque eu estava indo para a escola com as roupas sujas. Minha mãe foi internada e eu tive que ir para um abrigo porque ninguém da família dela quis cuidar de mim. Isso não me surpreendeu, já que eu nunca conheci a família da minha mãe. Sempre foi só nós duas e, pelo que me disseram, eles lavaram as mãos quando ela engravidou de mim. Ela os envergonhou ao engravidar do jovem pastor que meu avô, também pastor, acolheu. Eles a culparam, apesar de ela ter só dezoito anos e ele ter uns trinta.

“De qualquer forma, acho que eles me viam como parte do constrangimento, então tive que ficar no abrigo por alguns meses. Foi lá onde conheci Bridgette, e sou muito grata por isso, porque ela me ensinou a sobreviver. Depois que minha mãe foi liberada e autorizada a ficar comigo de novo, ela já não era mais a mesma. Nunca mais foi feliz. Os remédios pareciam entorpecê-la, mas assim ela conseguia seguir em frente, além disso tínhamos dinheiro porque ela começou a receber aquilo que as pessoas da minha cidade chamavam de auxílio dos loucos. Eu era jovem, mas foi muito fácil juntar dois mais dois. Ela e meu pai estavam naquele quarto fazendo o que adultos fazem, e quando terminaram, ele deve ter dito a ela que a fantasia familiar que ela tinha nunca seria uma realidade. Ela nunca mais foi um ser humano completo depois disso, mas foi uma mãe melhor na medida do possível. Pelo menos havia comida de verdade. Ela tinha uma tendência de ficar obcecada com as coisas, e nunca deixou de pensar no que poderia ter vivido com meu pai. Ela morreu falando sobre isso.”

— Como ela morreu? Ela estava doente? — Perguntei baixinho, tentando não acordar Nat, que tinha dormido em meu colo.

— Ela tomou uma dose excessiva de remédios para dormir na noite da minha formatura do ensino médio. Eu estava celebrando com Bridgette, que era da mesma turma que eu, e quando cheguei em casa mais tarde naquela noite, encontrei minha mãe e um bilhete dizendo que eu já estava mais crescida e que não precisava mais dela, por isso ela decidiu se matar. Mas eu precisava dela, sim. Precisava muito. Ela era... ela era tudo o que eu tinha. Tudo o que eu já tive além de Bridgette. Ela era o meu mundo.

Quando vi a primeira lágrima rolar, dei Nat gentilmente no sofá, e fui até Jo, puxando-a para os meus braços.

— Sinto muito, amor.

— Tudo bem. Eu só... Foi difícil. Era coisa demais para suportar aos dezoito anos. Nossa vizinha me ajudou a planejar o enterro. Eu não tinha dinheiro, mas o diretor da funerária se compadeceu de mim e parcelou o pagamento. Tive que arrumar um emprego, mas sequer consegui pagar pela lápide. Ela ainda não tem uma, porque eu... não consigo. Sabia que conheci meus avós e tia pela primeira vez no enterro dela? Eles foram muito frios, nem ao menos tentaram construir um relacionamento comigo. Apenas apareceram e foram embora quando terminou. Eu fiquei tão mal na época... Teria perdido a cabeça se não tivesse vindo para cá para ficar com Bridgette.

— Amor...

Ela me olhou com o rosto molhado.

— Tudo o que eu falei foi para chegar neste ponto: se você precisar terminar comigo por Ella, vou entender. Ela não gosta de mim. Eu sei disso e não espero que você me escolha. Família é algo que eu nunca tive, mas sei que é tudo. É por isso que aturei tanta merda do Sid. Quero que Nat tenha uma família. Não vou culpar você se tiver que me deixar por causa de Ella. De qualquer forma, o que eu tenho de bom para oferecer a você? Sempre haverá pessoas falando de mim por conta do meu passado com Sid, você obviamente não quer ter filhos comigo e...

Segurei seu rosto úmido e olhei em seus olhos.

— Jo, o que foi que eu disse a você sobre falar mal de si mesma?

— Eu... Eu sinto muito, mas é a verdade. Que serventia eu tenho para você? Você não precisa de mim.

— Você enlouqueceu? É claro que eu preciso de você! Está achando que vou abrir mão de você? Ella vai ficar bem. Ela vai aprender a amá-la tanto quanto eu. Só vai levar tempo. Ela só viu você pouquíssimas vezes.

— E se isso não acontecer? E se ela nunca gostar de mim?

— Ela vai ter que respeitar tanto você quanto a minha decisão de ficar com você. Eu te amo com todo o meu ser, nunca senti nada igual. Você e Nat têm um lugar no meu coração, assim como Ella; vocês só ocupam compartimentos diferentes. Vamos resolver tudo isso. Eu conversei com ela, ouvi o que ela tinha a dizer e avisei que não vou tolerar que você e Nat sejam desrespeitadas.

— Everett, você não fez...

— Fiz, sim. Ela errou ao agir daquela maneira, e eu errei por ter deixado Esther educá-la sozinha. Tem muita merda para eu corrigir. Mas o principal aqui é que eu amo a minha filha e amo você.

Nenhuma de vocês duas vão a lugar algum.

— Everett, eu...

— Com relação à situação de mais cedo envolvendo a gravidez... Eu fiquei chateado porque pensei que estivesse escondendo de mim. Jo, tenho uma filha com alguém que eu desprezo; acha que eu não teria um filho com a mulher que amo?

— Mas você amava Esther, certo?

— Eu nem sei mais, droga. Costumava achar que sim, mas não é possível, porque não sentia por ela o que sinto por você. Eu era jovem e ela era Esther Reese. Um maldito ícone. Todos a queriam e *ela me* queria. O que eu quero dizer é que eu me preocupava com ela, mas nada se compara ao que temos. Não vou deixar você, não importa o que aconteça, ok?

Ela se aproximou de mim e acenou.

— Ok.

— Jo?

— Sim?

— Foda-se seu pai e a família da sua mãe. Você tem a Bridgette, a garota da maquiagem, Nat, a Sra. Sherry e a mim. Nós somos sua família, e eu, por exemplo, te amo pra caralho.

Ela apertou os braços ao meu redor e disse:

— Eu também te amo.

Capítulo 24

Jo

— Travessuras ou gostosuras! — Everett e eu gritamos pela enésima vez enquanto Nat nos acompanhava com seu “Rawr”.

Ela estava vestida de Simba de *O Rei Leão*. Eu era o Timão e Everett deveria ser o Scar, mas como ele estava usando um conjunto de moletom branco e uma máscara aleatória de um leão com uma barbicha desenhada com marcador permanente, não dava para saber ao certo. Ele havia insistido em ir pegar doces com a gente, estava mais empolgado do que Nat, e apesar de parecermos um pouco deslocados com Tommy nos seguindo pelo bairro, estávamos nos divertindo e não atraímos muita atenção. Esse foi o primeiro ano em que eu a levei para pegar doces, e todos da vizinhança tinham sido muito legais. Nat se saiu muito bem e conseguiu uma tonelada de guloseimas.

— Já decidiu qual vestido vai usar para o PNHH? — Ele perguntou enquanto levava Nat até a próxima casa. Ele se referia ao Prêmio Nacional de Hip-hop, ao qual deveríamos comparecer dentro de algumas semanas. Ao mesmo tempo em que procurava um vestido para a premiação, também tinha que me preparar para viajar com ele para o Texas, onde passaríamos o Dia de Ação de Graças. As coisas estavam ficando cada vez mais frenéticas, mas eu estava feliz e curtindo essa jornada que estava vivendo ao lado de Everett.

Passávamos nossos dias tanto na minha casa quanto andando por aí. De vez em quando ele saía para reuniões ou para cuidar de negócios, para trabalhar no estúdio ou para passar um tempo a sós com Ella. Mas, na maioria das vezes, estávamos sempre juntos e eu amava isso.

— Ainda não, — eu finalmente o respondi. — Você já sabe quais músicas vai tocar no show da premiação?

— Como serei homenageado por minhas realizações ao longo da vida, estou pensando em misturar alguns dos meus maiores sucessos, talvez lançar algo novo. Não sei. Vou dar um jeito.

— Travessuras ou gostosuras! — Gritamos bem na hora em que chegamos à casa seguinte.

— Rawr! — Nat acrescentou.

A senhora colocou balas no balde de Nat, e ela gritou:

— Obrigada!

Quando voltamos a andar, Everett falou:

— Nossa, deram a você um pacote inteirinho de barras de chocolate com recheio de pasta de amendoim. Você vai dividir comigo, Nat?

Ela sorriu para ele e assentiu. Não fiz a mesma pergunta a ela por medo de ser rejeitada, já que ela era completamente time Everett. Eu roubaria alguns quando ela estivesse dormindo.

Quando chegamos em casa, Nat estava apagada, por isso decidi pular o banho dela — apenas removi a fantasia antes de colocá-la na cama. Também tirei minha fantasia, coloquei uma camiseta e fui para a sala, onde encontrei Everett fuxicando os doces de Nat que ele tinha espalhado sobre a mesa de centro, perto de sua máscara de leão.

— Vou contar para Nat que você está roubando dela, — falei ao me sentar ao lado dele.

— Ela não vai acreditar em você. Somos amigos. Você só está brava porque não faz parte do clube da Nat e do Everett. De qualquer forma, ela disse que dividiria comigo, então pare com a antipatia.

— Ela não sabe o que a palavra *dividir* significa. Ela apenas o ouviu fazer uma pergunta e assentiu. Ei, quero essas bolinhas de caramelo.

Ele me entregou um pacotinho.

— Toma. Nat e eu não queremos essa coisa nojenta.

Enquanto eu abria a embalagem, rebati:

— Bolinhas de caramelo são da ora. Você e Nat não sabem o que estão perdendo.

Ele abriu um mini Snickers e o colocou na boca, respondendo:

— Você é doida.

Ficamos sentados em silêncio, comendo os doces da minha filha descaradamente até que Everett disse:

— Jo, você... Nós podemos... Quero morar junto com você.

Parei de mastigar.

— Como assim? Você já não mora aqui?

— Sim, mas quero que seja *oficial*.

— Você passa todas as noites e grande parte dos dias aqui. Inclusive, dorme na minha cama em vez de ficar no quarto de hóspedes. Tem algo mais oficial do que isso?

— Quero a nossa própria casa.

— Esta é a minha casa, e também pode ser sua.

— Mas ela tem lembranças da sua vida com Bugz. Quero algo

que nunca foi dele e que não seja só seu. Algo que seja nosso.

— Ah, sim...

— Eu já comprei uma casa.

— Você fez o quê? Onde?

— Em Calabasas. Ainda está vazia. Quero que a veja assim que estiver mobiliada. Ou você quer ajudar com essa parte?

— Ev, acho que... que não estou pronta para isso. Acho que não estou pronta para ir embora daqui. Esse é o único lar que Nat já teve. Estou confortável aqui. Eu só... preciso de tempo. Você está indo muito rápido.

O meu coração ficou despedaçado quando vi o olhar decepcionado dele.

— Eu sei que estou, mas... Eu te amo, Jo. Parece que conheço você a vida inteira. Amo estar aqui com você e Nat, mas você mesma disse que Bugz acha que esta casa ainda é dele. É difícil para mim não pensar nisso. Mas... não vou pressioná-la. Só queria que soubesse que esse é o próximo passo que eu quero dar.

Assenti.

— Eu entendo.



Mais um maldito tapete vermelho.

Pelo menos dessa vez eu sabia que isso estava previsto, mas não fiquei nem um pouco calma, afinal, as coisas estavam diferentes de quando fui ao evento beneficente com Everett. Agora eu era uma mulher publicamente conhecida, foco de todo os tipos de assuntos e, com certeza, não seria mais ignorada pelos repórteres. Assim que a nossa limusine se aproximou do local do evento em Nova York, tudo ficou em silêncio enquanto eu tentava lembrar mentalmente o nome do estilista do meu vestido e dizia a mim mesma para não sorrir daquele jeito estranho que eu fazia quando estava desconfortável, além disso, acho que Everett estava se preparando para receber a homenagem e fazer sua performance. Ele sempre ficava quieto e concentrado antes de um show. Pude perceber isso diversas vezes quando ele estava em turnê, então era algo que não me surpreendia. Estávamos de mãos dadas, um sinal de que estava tudo bem entre nós e que não havia motivo para eu pensar que seu silêncio fosse algo com que eu devesse me preocupar, principalmente pelo modo como ele transou comigo antes de deixarmos o hotel. Puta merda!

Um pouco antes de chegarmos, recebi uma mensagem de texto da minha antiga colega de trabalho, Shirl.

Shirl: Sei que eu queria que você arranjasse um

namorado, mas tinha mesmo que pedir demissão e esquecer de mim? Ligue para mim de vez em quando!

Eu respondi: Desculpe! Estive ocupada, mas prometo ligar.

Shirl: É melhor mesmo, Sra. South.

Aquilo me fez rir. Eu sempre achava graça quando as pessoas se referiam a Everett como Sr. South. Será que elas fariam como Shirl e me chamariam de Sra. South se nos casássemos um dia? Aquele pensamento me levou a outro: será que Everett se casaria comigo um dia? Será que eu ia querer isso?

Antes que eu ficasse mais obcecada, a limusine parou e uma porta foi aberta. Assim que Everett saiu do carro e a gritaria aumentou do lado de fora, coloquei o celular na bolsa, segurei a mão que ele estendeu para mim e desci da limusine, aparecendo para os flashes das câmeras e os gritos ensurdecedores. Com Tommy e Dunn próximos de nós, Everett encostou a mão em minha lombar que estava exposta no vestido curto e sensual de Alexander McQueen, inapropriado demais para o clima frio de novembro em Nova York, e me conduziu pelo tapete vermelho. Paramos, posamos para fotos, respondemos perguntas, sorrimos, e na metade de todo ritual, parei de me sentir uma completa impostora. Eu soava e parecia uma profissional, quase como se eu pertencesse àquele lugar. A pergunta que mais me fizeram foi sobre o meu vestido. Algumas pessoas perguntaram como nós nos conhecemos, se eu estava orgulhosa dele, coisas bem inofensivas, mas a maioria das perguntas foram respondidas por Everett.

Assim que entramos, fomos levados para os nossos assentos localizados na primeira fileira de um teatro monstruoso.

— Você está bem? Não parecia nervosa lá fora, — ele disse ao sentar ao meu lado.

Assenti, olhando ao redor enquanto as pessoas tomavam seus lugares.

— Na verdade, eu não estava.

— Isso foi efeito do sexo que fiz com você, e você ainda ficou falando toda aquela merda, tentando agir como se não quisesse aquilo.

Arqueei a sobranceira para ele.

— Eu *sempre* vou querer fazer sexo. Você sabe disso. Só não queria ficar fraca e tropeçar no maldito tapete vermelho, Everett. Ei, será que Bridgette e Sage vão ficar muito lá no fundo? — Virei o pescoço para ver se conseguia localizá-las atrás de nós.

— Não. Eu consegui lugares bons para elas.

— Obrigada. Elas ficaram tão felizes por poderem vir. Você ainda pagou pelas acomodações delas. Sou quase sua fã de novo.

— Quase? O que eu preciso fazer para ter você de volta?

Antes que eu pudesse responder, J. Cole se aproximou e parabenizou Everett.

A-porra-do-J-Cole!

Tive que me segurar para não gritar, “Cole World!”, igual uma idiota.

Logo depois dele vieram Nas, Jay-Z e Drake. Estávamos sentados a poucos centímetros de Jay e Bey, e bem na frente do Common. Meus olhos estavam prestes a saírem das órbitas diante daquilo tudo. Se eu tivesse visto Andre 3000 em algum lugar perto de nós, eu teria pirado. Sempre fui louca pelo 3 Stacks!

— Você está ciente de que eu também sou famoso, certo? Fica aí tietando esses caras! — Mimado do jeito que era, ele parecia mesmo irritado.

— Ahh, venha cá, — falei, inclinando-me para beijá-lo. — Você sabe que eu te amo, mas esses são meus rappers favoritos, amor.

— Caramba, Jo. É sério? Eu não estou em lugar nenhum na lista?

Sorri para ele.

— É claro que sim! Você está no meu top cem!

Ele balançou a cabeça.

— Grande merda...

Beijeí sua bochecha e me virei bem a tempo de ver Bridgette e Sage irem para seus lugares algumas fileiras atrás de nós. Sorri e acenei para elas, girando em meu assento e dando de cara com Sid e sua esposa, Sonya, que tinha dado à luz um menino recentemente. Eles tomaram seus lugares na primeira fileira, bem na nossa direção, na outra ponta do corredor estreito. Olhei para Everett horrorizada.

Ele pegou minha mão e a apertou, aproximando-se e sussurrando:

— Foram os produtores baba-ovo que fizeram isso. Apenas ignore. Quer trocar de lugar para eu ficar ao lado do corredor?

Observei Everett naquela camisa e calça social, e quase esqueci qual era o problema em questão. Nossa, como ele estava gato! Quando finalmente parei de pensar besteira, disse:

— Não. Se eu sair daqui vai parecer que ele está me incomodando.

— Ele está?

— Não, — menti. A verdade era que a existência de Sid me tirava do sério.

— Que bom. Eu te amo.

— Eu também te amo.

Senti meu celular vibrar e quando o tirei da bolsa, vi o que Sid havia enviado:

Vc tá muito gostosa pra ser comida, amor.

Eu soltei um suspiro, apaguei a mensagem e virei todo o meu corpo na direção de Everett, que agora conversava com Offset, Quavo ou Takeoff — um dos três. Todos esses caras eram iguais para mim.



A premiação foi muito divertida, e com Kevin Hart como apresentador, as risadas foram garantidas. Ele fazia piadas sobre tudo e com todos, incluindo com ele mesmo. Tudo isso combinado às performances, principalmente de uma das minhas favoritas, Cardi B, e eu mal notei a presença de Sid. Eu estava ocupada demais curtindo as músicas, saindo do meu lugar para dançar — enquanto Everett ficava ao meu lado, super elegante com as mãos nos bolsos balançando a cabeça ao som das batidas — para pensar nele.

Foi uma noite ótima com apenas um momento de vergonha alheia, a hora em que Kevin disse:

— Tantas mulheres no mundo e vocês, rappers, pegando a mesma gata. Veja só Bugz e South. Que porra é essa?

Everett gritou:

— Isso não tem graça, neguinho.

A plateia riu e Kevin disse:

— Vou calar minha boca antes que South suba aqui ou o marginal do Bugz.

Não me dei ao trabalho de olhar para Sid. Fiquei feliz quando Kevin voltou sua atenção para o DJ Khaled.

Everett recebeu o prêmio de Melhor Trabalho do Ano, mas perdeu o de Álbum do Ano para Kendrick Lamar. Quando aceitou o prêmio por seu trabalho, ele agradeceu a várias pessoas menos eu. Eu me senti meio desprezada, mas lembrei a mim mesma que fazia pouco tempo que estávamos juntos. Na verdade, eu não tinha contribuído em nada para sua carreira, mas, ainda assim, fiquei contente por ele. Então, tratei de deixar meus sentimentos feridos de lado.

Ele me explicou que quando o homenageassem no final da premiação, seria exibido um vídeo narrando sua carreira, que incluiria diversas entrevistas que concedeu durante toda sua vida. Ele seria levado para os bastidores, assim poderia se preparar para cantar alguns de seus maiores sucessos e, logo em seguida, receberia o prêmio. Eu estava vendo outra categoria ser apresentada quando o

mesmo homem responsável em acompanhar os convidados se aproximou de mim. Eu o acompanhei, confusa, até uma sala minúscula localizada na parte de trás do palco. Everett estava sentado em uma cadeira, olhando para baixo. Assim que o acompanhante saiu e fechou a porta, deixando Tommy do lado de fora para vigiá-la, eu perguntei:

— Aconteceu alguma coisa?

Ele olhou em minha direção com a testa franzida.

— Estou nervoso pra caralho, Jo.

— Como assim? Você nunca fica nervoso antes de subir ao palco. O que foi?

Ele balançou a cabeça.

— Fazer shows é uma coisa. Essa merda é um programa ao vivo. Tem milhões de pessoas assistindo. Sempre fico nervoso em situações como essa.

— Finja que é um show, amor.

— Isso não vai funcionar.

— O que pretende fazer então?

— Vou precisar da sua boceta bem rapidinho para me acalmar.

— Quê?

— Vou precisar da sua boceta, — ele disse, como se fizesse sentido treparmos neste armário de vassouras de um camarim com milhares de pessoas andando de um lado para o outro do lado de fora.

— Foi para isso que me chamou aqui?

— Sim.

— Onde faríamos isso? Aqui?

— Sim.

— Nem pensar!

Ele ficou agitado.

— Vai me deixar com vontade?

— Vou!

— Qual é, Jo. Por favor? — Ele resmungou.

— Everett! Não vou passar o resto da premiação toda melada.

Ele enfiou a mão no bolso da calça e puxou uma camisinha.

— Usarei isto.

Eu me aproximei dele.

— O que você está fazendo com a *porra* de uma camisinha quando não as usamos mais?

— Ai, cacete. Peguei com Tommy, amor. Não estou de gracinha com mais ninguém.

— Tommy sabe que estamos aqui para trepar?

— Sabe quantas vezes Tommy e Dunn nos ouviram transando em camarins, Jo?

Suspirei.

— Mas nós fizemos isso antes de deixarmos o hotel! Não é possível que queira fazer de novo!

— Eu *preciso*, amor.

— Everett...

— Por favor. Vai ser rápido. Você só tem que levantar o vestido, curvar o corpo e segurar esta cadeira.

Ele saiu da cadeira e eu balancei a cabeça antes de tirar a calcinha e enfiá-la na boca dele.

— Tá, — finalmente concordei. — Pelo visto você gosta de trepar nos camarins.

Ele me penetrou tão rápido que minhas pernas bambearam quando agarrei o encosto da cadeira.

— Ahhhh, porra! — Gemi baixinho.

— Gue bocheta gotosa do garalho! — Ele gaguejou com minha calcinha na boca enquanto agarrava meus quadris e lançava-se para dentro de mim como se estivesse disputando uma corrida.

— Ai! Ai! Ai! — Gemi em resposta ao atingir o ápice rapidamente. Ele tentava não gritar, já que a mordança não estava sendo de muita serventia para calá-lo. Ele fazia barulho por nós dois. Se não fosse pelo som da performance de Migo, teríamos sido descobertos, com certeza. Mas, não dava para esquecer que essa era uma premiação de hip-hop, então devia estar rolando um monte de coisa bizarra por trás daquelas portas fechadas.

Em meio a onda de eletricidade causada pelo orgasmo, eu o ouvi dizer claramente:

— Você está arrancando a última gota, Jo!

— Cala a boca, Ev... Everett, — gaguejei.

— Mas eu... Porra! Nossa! Terminei, amor. — Ele me viu e enterrou o rosto em meu pescoço, chupando-o.

— Chegou a hora de colocar o rabo entre as pernas e voltar para lá, né? — Perguntei depois que recuperei o fôlego.

— Você tem vergonha de transar comigo? — Ele murmurou em meu pescoço.

— Não, mas não quero instigar aqueles rumores desagradáveis sobre eu ser a puta do rap.

— Fodam-se os rumores. Temos um ao outro e eu sou seu namorado. É natural transarmos.

— É, você tem razão. Está melhor agora, Big South?

— Sim, pronto para subir ao palco e mandar muito bem na apresentação.

Como eu tinha um problema de lubrificação prolongada, ainda estava me sentindo pegajosa e molhada, por isso pedi ao cara que me acompanhava para me mostrar onde era o banheiro, assim poderia tentar me limpar. Ainda tinha o fato de que eu estava sem calcinha,

porque a minha foi arruinada pela boca de Everett. Eu estava muito desconfortável quando voltei para o meu lugar e encontrei Sonya sozinha. Sid estava concluindo o seu show com *Chega de Joguinhos*, a música que deveria contar com a colaboração de Everett, mas acabou se tornando um grande sucesso dele e do rapper Talent, o Prodígio. Imaginava que Everett estivesse em algum lugar atrás do palco se preparando para sua apresentação.

Eu sorri quando a homenagem começou e diversas pessoas, desde a professora de música de Everett na época do ensino médio até sua filha, apareceram elogiando seu talento e a amplitude de seu sucesso. O locutor narrou os recordes que ele tinha batido ao tocar para multidões em shows esgotados mundo afora, vendendo um total de mais de cem milhões de discos e emplacando inúmeras músicas nas paradas de sucessos. Fiquei um pouco vacilante, mas mantive o sorriso no rosto, quando Esther apareceu no telão e disse:

— South é um dos maiores. Eu soube disso quando o conheci há tantos anos atrás. Eu me apaixonei por seu talento primeiro. Casei-me com ele pela grandiosidade do seu coração. Everett é um homem muito generoso. Eu casaria com ele de novo em um piscar de olhos, — ela concluiu sua declaração com uma risadinha cheia de segundas intenções.

Piranha.

Ela não se casaria outra vez *porra* nenhuma se eu pudesse evitar.

Eu não era famosa por ter feito algo além de transar com dois rappers, então é claro que não fui entrevistada. Eu era namorada dele, não esposa, mas eles tinham mesmo que *entrevistá-la*? Faz tanto tempo que eles estão divorciados.

Deixei meus pensamentos de lado quando ouvi:

— É isso aí, galera! Com vocês, o homem do momento, o campeão nacional! Biiiiiiiig Sooooouuuth!

Caramba! Ele começou cantando *Pegar de Jeito* como eu havia sugerido, e a multidão explodiu. Dei um pulo do meu assento com a boceta ainda molhada e dancei, cantando a música aos berros. Sem ter que olhar para trás, eu sabia que Bridgette e Sage faziam o mesmo.

Pegar de Jeito transformou-se em *Ela Vai Sentar*, uma música antiga sobre sexo oral e tinha rimas que mencionavam uma mulher “engolindo seus soldadinhos”. Era indecente mas a metáfora era muito boa, e a batida era um estrondo. Eu também havia sugerido essa música. Depois, ele passou para trabalhos mais atuais, músicas menos insinuantes, como *A verdade*, *Agente Firme* e *Minha Menina*, uma música que ele compôs para Ella. Fui eu quem as sugeri também. Everett estava apresentando o repertório inteiro que eu tinha organizado para ele. Isso me deixou tão orgulhosa!

Então, uma introdução familiar começou a ser tocada, uma que reconheci com facilidade porque já a tinha ouvido milhões de vezes quando eu era criança. Era uma introdução instrumental de *All This Love* do DeBarge sendo repetida em meio ao som de uma bateria. O pequeno trecho já havia sido utilizado antes por outros artistas, mas não dessa maneira. Fiquei paralisada, com a testa um pouco franzida. Independente do que fosse, era a primeira vez que eu ouvia aquilo e já tinha adorado.

— Está tranquilo para vocês se eu tocar algo novo bem rápido?
— Everett gritou no microfone.

A plateia urrou.

— Tá certo então, escutem!

*Eu não sou do tipo que vai com calma, apesar de já ter feito isso
uma ou duas vezes na vida*

*Vou chegar aos oitenta rindo à toa, porque é assim que eu me sinto,
gata, de todo coração*

*Você me fez pensar um monte de besteira quando eu achava que
tinha virado essa página*

*Por mais que eu tente me afastar, sempre acabo te querendo ainda
mais*

*Você é jovem e já passou por tanta coisa, tanta coisa que te fez
sofrer*

*Mas você é linda demais, especial e verdadeira, por isso estou mais
do que disposto a tentar*

*Tentar ser um homem melhor para você e dar o que você merece de
verdade*

*Um amor que vem do coração, fazer de você a minha vida, o centro
do meu universo*

*Oh, você é tudo o que eu quero, é o X da minha equação, a solução
para o que eu preciso*

*Eu te amo; você é minha alma, meu coração, minha rainha negra
invocadinha...*

Trey Songz surgiu no palco cantando um trecho de destaque na música, em uma versão alterada do refrão original.

As pessoas estavam com as mãos erguidas, movendo-se ao som da batida relaxante, algo que não era muito a cara de Big South mas combinava muito com Everett. Continuei firme enquanto ouvia a música, imaginando se ela era sobre mim. Era, né? Tinha que ser... certo?

Os meus questionamentos foram respondidos quando ele desceu os degraus na lateral do palco e veio até mim. Ele pegou minha mão enquanto ainda segurava o microfone, e cantou os últimos versos da música com delicadeza.

Amo o jeito que você ama, o modo como me desafia e não tem medo de falar o que pensa, mas está sempre ao meu lado

Amo ver o seu sorriso e as caretas que você faz, a forma como dorme quando estou acordado

Especial é uma palavra que não pode descrevê-la, você é um tesouro, uma joia

Acho que foi por isso que encontrei você na Bijou

O que estou tentando dizer é que, amor, nunca vou deixar você partir

Você tomou meu coração, consertou o que foi destruído, e é por isso que eu te amo de todo coração.

Ele me abraçou em meio aos gritos de celebração e aplausos. A essa altura, eu já estava chorando e mal consegui ouvir o que ele disse no pé do meu ouvido.

— Eu sei que vou rápido demais com as coisas, mas faz tempo que estou preparado para esse momento, só precisava encontrar você para concretizá-lo. Eu te amo e quero amá-la para sempre. Não precisamos fazer isso agora, mas espero que queira fazer acontecer mais cedo ou mais tarde.

O homem se ajoelhou, tirando um anel do bolso, e eu acho que ele me pediu em casamento. Eu não tinha muita certeza, porque estava aos prantos e a multidão fazia muito barulho. Só então senti alguém me sacudindo e, quando ergui o olhar, vi que Bridgette e Sage tinham saído de seus lugares e gritavam algo para mim. Outros rappers apressaram Everett, dando tapinhas em seus ombros, gritando coisas para ele com sorrisos enormes nos rostos, mas ele nunca tirou os olhos de mim.

Apesar da onda de choque, fui atingida por um calor que só irradiava de Everett e da maneira como ele me tratava, da forma como me tocava e do modo que me amava. Eu também o amava. De um jeito descomunal.

Então, eu estendi minha mão e sussurrei:

— Sim!

Ele colocou o anel em meu dedo e me agarrou, dando-me um abraço apertado.

— Obrigado, — sussurrou em meu ouvido e beijou minha bochecha. Logo depois, ele seguiu em direção ao palco para receber a estatueta de Melhor Trabalho do Ano.

Eu me mantive firme e assisti o momento com Bridgette e Sage ao meu lado.

— Agora que terminei de amarrar meu burro a Jo, quero agradecê-la por estar aqui comigo e por não me deixar com cara de tacho rejeitando meu pedido. Nunca sei o que esperar desse seu lado

desagradável.

A multidão caiu na gargalhada.

— Quero agradecer também à minha filha, Ella, que deve estar puta comigo por não tê-la deixado vir para ouvir esse monte de palavrões que soltamos neste palco hoje. Agradeço aos meus fãs, meu empresário, minha família...

Fechei os olhos e ouvi, meu coração transbordando, tão feliz quanto no dia em que Nat veio ao mundo.

Capítulo 25

Jo

As minhas mãos estavam tremendo, eu mal conseguia respirar e estava toda me coçando. A TV estava ligada, mas a tela era um borrão e o som que emanava combinado ao ruído de conversa ao meu redor produzia uma cacofonia irritante. Eu precisava de silêncio para poder pensar direito — do jeito que as coisas estavam, meus pensamentos pareciam um prato de macarrão todo emaranhado. Estava tudo tão alto e confuso na minha cabeça que sequer consegui ficar obcecada com a maneira de como chegamos a esse ponto.

Ergui a cabeça e olhei para a porta, pensando se deveria ir embora, voltar para minha casa em L.A. Pegar Nat, que estava dormindo na suíte da Sra. Sherry, e entrar no primeiro voo disponível, mas isso seria muito errado. Como eu poderia justificar a minha fuga quando tudo o que aconteceu foi culpa minha? Se não tivesse sido por mim, ou se Everett não tivesse nenhuma relação comigo, ele estaria naquela sala, naquele momento, provavelmente tirando as roupas de outra mulher e glorificando o corpo dela, amando-a como ele me amava. E ele estaria melhor sem mim. Ele era tão carinhoso comigo, tão maravilhoso com Nat. Ele cuidava de nós, e olha no que deu.

Dei um pulo e olhei para o celular em minha mão quando ele começou a tocar. O celular *dele*. Era Esther... de novo, ligando porque sabia o que tinha acontecido, obviamente. Isso me fez pensar por que ela faria ligações uma atrás da outra quando o bom senso já deveria ter dado as caras e avisado que ele não poderia atender. Fechando os olhos, coloquei o telefone ao meu lado na cama e deitei. Minha cabeça latejava e meu estômago protestava por estar vazio. Eu deveria estar em uma festa pós-premiação. Nós deveríamos estar em uma festa rindo, bebendo e dançando.

Deveríamos estar celebrando.

— Você precisa de algo? — A voz de Bridgette era baixa, quase apreensiva.

Abrindo os olhos, encarei seu rosto preocupado.

— Everett.

— Eu sei. Eu sei e lamento pelas coisas estarem desse jeito.

— Por que *você* lamenta? A culpa é *minha*. Tudo isso é culpa minha.

Bridgette fechou a cara ao perguntar:

— Como assim? Você não podia controlar o que aconteceu.

Soltei um suspiro e voltei a me sentar.

— Podia, sim. Eu entrei na vida de Everett com toda essa bagagem. Não sou idiota. Deveria ter levado a minha vida do jeito que estava levando: sozinha. É isso o que eu mereço. Everett é inocente nisso tudo, e toda porcaria que ronda minha vida acabou de... — Eu desmorenei, lágrimas rolando sobre meu rosto quando abaixei a cabeça e solucei. Senti os braços de Bridgette me envolverem e me apertarem. Sage, que ficou encarando o laptop de Everett desde que retornamos para o hotel, falou alguma coisa que não consegui entender em meio aos ruídos do meu próprio choro e o barulho da TV.

— Você ouviu o que Sage disse? — Bridgette perguntou.

Balancei a cabeça, mas antes que Sage ou Bridgette pudessem repetir o que tinham dito, alguém bateu à porta. Eu me mexi na cama para ir atender, mas Sage a abriu antes que eu pudesse levantar.

Dunn entrou, deu uma olhada ao redor do quarto e me encarou com uma expressão indecifrável, mas com cara de poucos amigos.

— Recebi uma ligação mandando eu ir buscar o chefe. Ele quer que você vá também.

— Era isso o que eu estava tentando falar para você. Liberaram ele, — Sage disse.

Eu assenti e perguntei a Dunn:

— Pode me dar um segundo para eu me recompor?

Ele deu de ombros.

— Vou ficar lá fora.

Sage e Bridgette me ajudaram. Eu recusei quando se ofereceram para refazer minha maquiagem, passei um pouco de brilho labial, coloquei óculos escuros e deixei a suíte vestindo moletom, com o meu celular e o de Everett na bolsa enquanto acompanhava Dunn até o carro que nos esperava, ignorando os paparazzi que se aglomeravam em frente à entrada do hotel. Suspirei e fechei os olhos assim que me acomodei sobre o banco preto da caminhonete alugada, aliviada porque veria Everett, mas ainda nervosa por conta dos acontecimentos da noite.

— Você é um veneno, sabia disso? Mulheres como você acabam com tudo.

Arregalei os olhos, e por um segundo, pensei ter imaginado as palavras de Dunn.

— É o quê? — Respondi.

— Você é um veneno. South é um cara bom. Você apareceu e acabou o mundo dele. E eu cheguei a pensar que você não queria nada com ele. Por que está aqui ferrando a vida dele?

— O que disse? Você vai mesmo falar comigo desse jeito quando estou noiva do seu chefe?

— Também não sei como conseguiu isso. Você não faz o tipo que é para casar. O seu tipo é para ser fodido e largado para lá.

Eu sabia que Dunn não gostava de mim, mas ele nunca havia me desrespeitado tão abertamente desde que Everett e eu começamos a namorar. Foi muito surpreendente ouvir o que ele tinha dito. O meu estado de choque foi substituído pela Jo Encapetada que disse:

— Quer saber de uma coisa? Eu sei que você tentou se aproximar de mim a algum tempo atrás, mas juro que está parecendo que você quer trepar com o meu namorado. É isso? Você está com ciúme porque ele gosta de me foder? Quer ele para você? Teve fantasias com relação a isso?

— Vá se foder, vadia! Você acha que é especial? Não foi a primeira puta que com quem ele trepou no camarim. Nem será a *última*, porra.

Aquele golpe foi duro, mas a Jo Encapetada se recuperou rapidamente.

— Você está nos ouvindo, Dunn? Isso o deixa excitado ou algo do tipo? Bem, eu tenho o controle daquele pau. Uma pena para você.

— Você não é porra nenhuma.

— Tenho que discordar. Eu sou a porra toda. Em breve serei a Sra. Porra Toda. Mais conhecida como a esposa do seu chefe.

— Ele não é apenas o meu chefe, é meu amigo e...

— Não, ele é o seu patrão, e assim que eu contar sobre a nossa conversinha, ele será o seu *antigo* patrão.

— Esse seu rabo está aqui de passagem, vagabunda. Se você causar minha demissão, vai ter que lidar com consequências permanentes, mas não se preocupe com isso, porque sei que ele queria que você estivesse neste carro para chutar sua bunda. Ele deveria ter feito isso há meses.

Ele terminou de falar assim que estacionou na delegacia. Abri a porta de trás do veículo e tentei passar por uma nova multidão de paparazzi, mas acabei perdida no mar de câmeras, corpos e vozes ensurdecedoras. Comecei a ficar desesperada, e estava à beira das lágrimas quando senti alguém segurar o meu braço. O meu primeiro instinto foi puxá-lo rapidamente, mas quando percebi que era Everett, lancei-me em sua direção. Ele me deu um abraço apertado e pediu desculpa antes de voltarmos para a caminhonete.

Capítulo 26

Everett

Seis horas antes...

Eu recebi meu prêmio, falei com a imprensa nos bastidores e voltei para o meu lugar antes do final da premiação. Ainda havia um prêmio a ser entregue e uma apresentação prevista, depois Jo e eu poderíamos dar o fora dali. Eu estava ansioso, porque tínhamos motivos para comemorar, abriríamos um champanhe na festa após o evento e faríamos amor assim que voltássemos para o hotel — isso se eu conseguisse me segurar por tanto tempo.

Fiquei feliz pra caralho por ela ter aceitado o meu pedido. Depois de pensar muito sobre isso desde o dia em que a vi pela primeira vez, finalmente criei coragem. Para ser sincero, eu duvidava que ela fosse aceitar, afinal, ela era a mulher mais do contra que eu já conheci. Mas ela disse sim sem questionar. Quando voltei para o meu lugar, eu esperava que ela tivesse pensado mais e mudado de ideia. Pensei que talvez ela tivesse reagido no calor do momento e aceitado o pedido sem de fato querer aceitá-lo. A questão era que eu estava indo muito rápido com as coisas, mas, em compensação, eu a amava de verdade. Eu tinha certeza disso, por isso fiquei aliviado quando sentei ao lado dela e ela se aproximou para me dar um beijo com um sorriso enorme no rosto.

— Eu amei a música, — ela disse.

Fingi um olhar de surpresa.

— Caramba, é sério? Você curtiu uma música do Big South?

Ela revirou os olhos.

— Deixa para lá.

Enquanto os indicados à categoria de Melhor Colaboração eram anunciados — uma categoria a qual não fui nomeado — segurei a mão esquerda dela e passei o polegar sobre o anel de diamantes de quinze quilates em seu dedo. Ela sorriu para mim e perguntou:

— Comprou com Peter Park?

Sorri.

— Nem pensar. Ben Baller viu a cor do dinheiro.

— É lindo. Obrigada.

— De nada, amor, mas não é tão lindo quanto você.

Na hora que Blac Chyna anunciou Bugz-NYC e Os Guerrilla Hittas como ganhadores com a música, *Solta a Rima*, Jo disse:

— Vai tentar arrancar minha calcinha mais tarde?

— Amor, estou com sua calcinha bem aqui. — Dei um tapinha no bolso da minha calça.

— Droga, tem razão.

Eu ri e a beijei, segurando sua mão novamente.

— (...) quero agradecer aos fãs. Vocês têm me apoiado desde o primeiro dia, porra. Quero agradecer também a minha gravadora, minha família, em especial aos meus filhos; a pequena Natalie e meu recém-nascido, Junior. Quero agradecer a minha esposa atual e pedir desculpa a minha ex-mulher. Fiquei sabendo que rolou umas merdas por aqui enquanto eu estava nos bastidores, e vejo que estraguei a porra toda com você, amor. Vejo isso com clareza agora, Jo. Sem querer faltar com o respeito à minha esposa, eu ainda te amo.

Assim que Bugz desceu do palco em meio a aplausos e gritos, eu olhei para Jo, que parecia querer cavar um buraco e se enfiar dentro dele. Logo em seguida, olhei para a esposa de Bugz, sentada do outro lado do corredor estreito, e ela parecia ter levado um tapa na cara.

— Que merda foi essa? — Jo disse baixinho.

— Você está bem? — Perguntei, porque eu não estava, caramba. Como disse Jo, “que merda foi essa?” O cara ficou louco? Quem diz aquele tipo de coisa na frente da esposa?

— Estou bem, mas, sério, o que foi isso?

Dei de ombros.

— Eu só sei que esse filho da mãe pode declarar seu amor o quanto quiser, mas é melhor que ele não toque em você.

— Ele não vai. Não vou deixar.

— Certo... Está pronta para comemorar?

Ela assentiu, arqueou a sobrancelha e lambeu os lábios.

— Mal posso esperar.

Percorri o dedo sobre suas sardas.

— Não acredito que você disse sim. Não acha que estou indo rápido demais?

— Acho, mas estou acostumada. É o seu jeito, e é claro que eu aceitei. Eu te amo, e posso até ter tomado algumas decisões burras no passado, mas não sou estúpida. Eu teria que ser estúpida para não me casar com você.

Segurei a parte de trás de sua cabeça, abrindo caminho por suas tranças, e a beijei. Ela segurou meu pulso e me beijou de volta. A

música preencheu o teatro, e pude ouvir a voz áspera de Bugz quando sua apresentação de encerramento começou. Ficamos daquele jeito, presos e perdidos um no outro, enquanto as pessoas gritavam e cantavam junto com ele. Eu sabia que a multidão estava dançando ao som da música, porque a faixa era muito da ora. Eu não tinha problema em admitir isso, mas tudo em que conseguia pensar era Jo e no quanto eu a amava, no quanto eu precisava dela, em como eu era abençoado por tê-la encontrado. Ela até podia pensar que não tinha contribuído em nada com meu trabalho, mas a verdade era que tinha agregado muito à minha vida com sua honestidade, lealdade e um nível de realidade que eu sentia falta. Jo me proporcionava coisas que o meu dinheiro jamais poderia comprar.

Quando ela afastou a boca da minha, eu não sabia o que estava acontecendo, mas ergui a cabeça e percebi que Bugz estava bem na nossa frente, ainda fazendo seu show. Eu estava tão perdido nela que não notei sua presença barulhenta, resmungona e confusa. Ela olhou para mim e eu olhei para ela. Ficamos sentados como dois idiotas, o olhar dele fixo em Jo e um cinegrafista atrás dele registrando o momento. Só agora me dei conta de que deveria ter levado Jo embora ou tê-la deixado ficar nos bastidores comigo e ido embora depois de receber o prêmio, porque esse babaca estava pedindo para levar umas porradas em rede nacional.

Eu não fazia ideia do que ele estava dizendo, mas seus olhos continuavam grudados em Jo, o que me fez pensar que seus murmúrios eram dirigidos a ela. Ele estava me desrespeitando bem na minha cara! Agarrei a mão dela e me inclinei para dizer algo. Eu sequer sabia o que ia falar, cacete, mas ela estava visivelmente abalada e eu precisava desviar sua atenção dele. Assim que ela olhou para mim, senti algo puxar seu braço e ela encarou Bugz mais uma vez. Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, o negão deu um puxão na minha namorada que a fez levantar e tentou abraçá-la, mas ela se debateu, afastando-se dele. A essa altura, ele não estava mais cantando. Talent estava fazendo sua parte na apresentação, já que estavam cantando a música nova para encerrar a premiação.

Saí do meu lugar e empurrei Bugz, fazendo-o perder um pouco do equilíbrio, mas, ainda assim, ele conseguiu agarrá-la.

— Para trás, caralho! — Gritei.

Ele riu, inclinando-se como se fosse beijá-la enquanto ela se contorcia, lutando contra ele, e foi aí que perdi a paciência. Eu o empurrei com tanta força que ele quase caiu e teve que soltar Jo para recuperar o equilíbrio. Em uma questão de segundos, fiquei cara a cara com ele, meu peito estufado enquanto eu a mantinha fora do seu alcance.

— Para trás você, negão! — Ele gritou. — Estou pouco me

fodendo se você está trepando com ela ou colocando anéis no dedo dela. Ela é minha!

— Você enlouqueceu! Posso garantir que tenho total controle sobre isso! Deixe de ser burro e vá viver a sua vida! Você não tem uma esposa?!

Senti meus ombros serem tocados pelas mãos que eu conhecia muito bem e ouvi a voz suplicante de Jo.

— Ev, deixa isso para lá. Você está na TV. Venha, vamos embora.

Sem desviar o olhar do ex dela, eu disse:

— Afaste-se, amor. Afaste-se.

— Experimente chamá-la de amor mais uma vez! — Bugz gritou.

Balancei a cabeça.

— Cara, você é um filho da mãe que está a fim de levar umas porradas por ficar importunando o meu *amor*.

— Garanto que vou trepar com ela hoje, porque ela não vai sair daqui com você. Eu juro que ela não vai embora com você! Isso é fato, negão!

Dei uma risada de escárnio.

— Ah, tá. — As pessoas nos rodeavam, inclusive Tommy, que provavelmente estava esperando o meu sinal para se envolver na situação. O pessoal gritava todo tipo de merda que eu não consegui entender, e o maldito cinegrafista estava muito bem posicionado para captar o episódio, mas eu não me importava. Segurei a mão dela que estava sobre meu ombro e falei:

— Então *veja* ela ir embora comigo.

Bugz ficou paralisado por um segundo enquanto eu puxava Jo para o meu lado, mas não demorou muito e agarrou o braço dela.

— Volte aqui, Jo.

Ela gritou:

— Pare com isso, Sid! — Ela segurou meu braço, puxando-me para longe dele. Eu estava andando de costas por precaução, caso ele tentasse me dar um soco, e vi o momento em que o filho da puta agarrou a bunda dela. Aquilo foi o fim para mim. Eu não sei se só reagi daquele jeito porque queria muito, *muito* mesmo comê-lo na porrada. Tudo o que sei é que quando vi o sorriso no rosto dele, soube que não poderia deixar aquilo passar em branco, principalmente quando havia milhões de pessoas assistindo.

Eu gritei:

— Filho da puta! — E dei um soco nele.

A multidão se dispersou quando ele tropeçou, e eu o soquei uma... duas... três vezes. Os seguranças tiveram que me tirar de cima dele, momento em que fui detido e acabei sendo preso, mas não me

importava. Eu sabia que tinha dinheiro suficiente, bons advogados, e que só levaria uma advertência já que nunca tinha sido fichado. Mas fiquei com o coração em pedaços quando fui algemado e vi as lágrimas rolando pelo rosto de Jo. Só então me dei conta de que minha única filha também veria aquela merda — seu pai sendo preso. Aquilo acabou comigo. O que eu fiz, droga? Tinha perdido a cabeça por causa de Jo.

Capítulo 27

Jo

Presente...

Everett abriu a porta do carro para mim e me ajudou a entrar na caminhonete, sentando-se, logo em seguida, no banco traseiro. Olhei para ele assim que Dunn deixou a delegacia e o vi encarando a janela, pensativo. Eu queria falar alguma coisa, mas não sabia o que seria apropriado dizer em circunstâncias como essas. *Peço desculpa por meu ex ser um maldito lunático*, não parecia muito adequado.

O meu estômago se contorcia, e pude sentir aquele desconforto familiar na pele, sinal de que a coceira induzida pela ansiedade atacaria novamente. Fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes, pois sabia que essa não era a melhor hora para eu ter um colapso. Agora não. Fixei meu olhar no meu lado do veículo, dizendo a mim mesma que logo estaríamos de volta ao hotel, onde eu poderia abraçar minha filha. Isso faria com que eu me sentisse melhor.

Everett se mexeu no banco ao meu lado, mas continuou sem olhar para mim até o momento em que segurou minha mão esquerda, olhou para ela, e disse:

— Dunn!

— Sim, chefe.

— Preciso falar com você quando chegarmos ao hotel.

— Certo.

Everett virou-se em minha direção.

— Você trouxe meu celular?

Eu franzi um pouco a testa e assenti, tirando o celular da minha bolsa e entregando-o a ele.

— Obrigado, — ele disse, soltando minha mão e voltando sua atenção para o celular.

Eu não soube o que pensar quando ele começou a fazer ligações, mas depois percebi que Everett tinha incorporado seu lado empresário e eu sabia que quando ele ficava assim, era porque queria ficar em paz. Então peguei meu telefone e decidi dar uma olhada no

Instagram. O meu número de seguidores tinha explodido assim que Everett e eu começamos a namorar — minha identidade foi descoberta pela multidão de pessoas — e continuou aumentando apesar do fato de que fazia semanas que eu não postava nada e que nunca tinha publicado uma foto minha ao lado de Everett. Eu estava com sessenta mil seguidores, uma quantidade enorme, mas que não se comparava aos quase dez milhões de seguidores de Everett. Ele havia postado várias fotos nossas, mas atendeu o meu pedido e não postou nada de Nat. Eu podia lidar com as pessoas falando mal de mim, mas ela não merecia ser alvo de críticas.

Como esperado, os burburinhos rolavam soltos no Instagram por causa da briga. Todos os blogs a noticiaram e havia um monte de gente enchendo a seção de comentários com especulações. A maioria das pessoas concordava que a porrada que Sid levou foi bem merecida, outras acreditavam que Everett e eu já tínhamos um caso quando eu ainda era casada com Sid, havia uma tonelada de teorias e vários insultos dirigidos a mim, como de costume. Quando vi um comentário sugerindo que a minha filha não era de Sid, e sim de Everett, eu fechei o aplicativo.

Fiquei aliviada assim que chegamos ao hotel. Eu só conseguia pensar em ir ao quarto da Sra. Sherry e abraçar Nat. A essa altura, ela era a única coisa certa na minha vida, a única coisa que Sid não tinha interesse em arruinar. Por mais que a Jo Encapetada tivesse dito toda aquela merda, revidando as críticas de Dunn, a Jo Sensata sabia que ele tinha razão. Eu não fazia bem a Everett por conta da minha relação com Sidney. Sidney não deixaria as coisas assim. Ele não ia parar de confrontar Everett, e era apenas uma questão de tempo para que Everett cansasse disso tudo.

Everett falou algo para Dunn que eu não pude entender, porque estava ocupada demais abrindo a porta e saindo do carro. Everett me alcançou antes que eu chegasse ao saguão, segurando meu braço e perguntando:

— Está com pressa?

Assim que eu entrei no elevador, dei de ombros.

— Estou cansada. Está tarde... Ou cedo. — Quando eu disse aquelas palavras, percebi que estava muito tarde para perturbar a Sra. Sherry e Nat, e isso me entristeceu.

— Sim, eu entendi, — ele respondeu.

— Sei... sei que você também está cansado. Eu não queria...

— Eu sei. Relaxe, Jo.

Ele me acompanhou até a nossa suíte, que já não contava com a presença de Sage e Bridgette, e falou:

— Vou falar com Dunn e já volto.

— Quer que eu espere por você acordada?

— Sim.

Assenti.

— Ok.

Ele virou as costas. Nada de beijos. Apesar de seu lado sensível, ele mal encostou o dedo em mim desde que saiu da delegacia. Eu me esforcei para ficar acordada e esperar por ele, mas acabei dormindo depois de tanto chorar.



Eu acordei no meio da noite, mas não entendi por quê. Ele estava colado em mim com sua perna sobre a minha, seu braço pesado em cima da minha cintura, seu corpo musculoso pressionado contra minhas costas. Eu suspirei e tentei relaxar. Ele estava aqui. Ele não havia me deixado.

— Pensei que fosse me esperar acordada. — Sua voz estava rouca e carregada de sono.

— Eu tentei. Avisei a você que estava cansada.

Ele me apertou contra o seu peito.

— Sim.

— Ev?

— Hã?

— Desculpe-me pelo comportamento de Sidney, por ter sido preso e...

— Você não tem que se desculpar, não foi culpa sua. Além disso, eu sou um rapper. Essa merda toda deve ter impulsionado a venda dos meus discos e elevado minha credibilidade.

Fiquei em silêncio, sem saber o que dizer.

— Você não vai me largar, Jo. Não por causa disso.

— Eu não ia largar você. Achei que você fosse me deixar.

— Eu te amo. Não vou a lugar algum.

— Eu também te amo.

— Então está tudo resolvido.

— Sim... Você ligou para Ella?

— Aham, falei para ela que estava bem. Liguei para minha irmã e meus irmãos, para o meu empresário, minha agente e demiti Dunn. Os negócios estão todos em ordem.

Eu me virei na cama para encará-lo no escuro.

— Você demitiu... Por quê?

— Porque ele deixou você sair da caminhonete sozinha na delegacia usando um anel de um milhão e quatrocentos mil dólares. E mesmo que achasse que não tinha o dever de proteger *você*, *eu* tive que passar pelos paparazzi sozinho para chegar até o carro. Sem contar que ele andava muito preocupado ultimamente. Estava na hora

de ele ir.

Balancei a cabeça.

— Ele vai me culpar.

— Por que ele faria isso?

Não respondi.

Uma lâmpada foi acesa, e Everett me encarou.

— O que está acontecendo, Jo?

— É... — Conte para ele todas as coisas que Dunn tinha dito para mim dentro da caminhonete quando estávamos indo buscá-lo. — Ele tentou ficar comigo antes de começarmos a namorar, mas não sei se ele gostava mesmo de mim ou o que de fato estava rolando, mas não gosta de nos ver juntos.

Everett levou a mão ao queixo.

— Eu sabia que havia alguma coisa errada com ele e imaginei que tinha a ver com você. Se eu soubesse de todas as merdas que ele disse a você antes de demiti-lo... Paguei uma indenização muito alta para ele te tratar dessa maneira, e ele ainda insinuou que estou transando com outra pessoa? Espero que ele tente cumprir a ameaça que fez a você. Filho da puta...

Eu me deitei de costas e olhei para o teto.

— Quando vai contratar outra pessoa?

— Assim que possível. Pedi para Tommy entrar em contato com alguns caras que possam estar procurando emprego.

— Ótimo, porque você não pode ficar sem segurança com Sid por aí agindo desse jeito.

— Dunn foi o único que importunou você, né? Tommy não?

— Não, Tommy sempre foi bacana comigo.

— Certo. Descanse. Tenho que ir ao Fórum amanhã de manhã e preciso que esteja comigo.

— Fórum?! — Dei um gritinho.

— Sim, o meu advogado fez um milagre pedindo todos os tipos de favores para conseguir me libertar sob um termo de compromisso, mas ainda tenho que encarar o juiz.

As lágrimas rolaram antes que eu pudesse segurá-las. Ele me abraçou forte e disse:

— Eu sei que está tudo uma bagunça, mas preciso que faça uma coisa por mim.

— O qu... o quê?

— Seja minha fortaleza e me apoie independente do que aconteça. Consegue fazer isso? Eu preciso saber que não vai desistir de mim, Jo, que pode ser forte por mim. Essa é única forma de superarmos isso e tudo o que as pessoas tentarem fazer contra nós.

— Me desculpe por estar chorando. Eu choro demais, né?

— Não, amor. Não é isso o que estou dizendo. As coisas estão

complicadas, muito complicadas. Bugz é um imbecil que não vai dar o braço a torcer. Dunn falou um monte de merda. Eu pisei na bola por permanecer na premiação depois do pedido de casamento, mesmo sabendo que Bugz não me daria um aperto de mãos para me parabenizar. Não é à toa que está chateada. Se você precisa chorar, então chore. Só estou pedindo que por mais que fique chateada e chore, ainda assim, deixe-me amar você. Não use isso como uma oportunidade para esquecer o que estou tentando mostrar a você todo esse tempo.

— O que seria isso? — Perguntei, enxugando o rosto.

— Você tem valor. Você merece o mundo, Jo, e eu o darei a você. Só preciso que você permita.

— Eu consigo ser forte. *Vou* ser forte... por nós dois. — Ergui a mão e encarei meu anel.

— Acha que eu gastei muito dinheiro nele, não é?

— Sim, mas você não vai aceitá-lo de volta.

Ele riu.

— Você poderia tentar me devolver, mas eu não aceitaria. Você é minha e eu sou seu, Jo. Para sempre. Por toda a eternidade.

— E eu sou grata por isso.

Capítulo 28

Everett

Na manhã seguinte, a data do julgamento foi marcada e fui autorizado a deixar Nova York sob a condição de que viajaria apenas para L.A. e Houston, lugares onde eu possuía algumas propriedades. Qualquer viagem a trabalho teria que ser aprovada pelo tribunal, de acordo com cada caso, incluindo a etapa europeia da minha turnê, que estava agendada para começar depois das festas de fim de ano. Por sorte, os demais afazeres podiam ser tratados por telefone ou Skype.

Fretei um avião para nos levar de volta para casa, incluindo as amigas de Jo, porque eu sabia que ela se sentiria mais confortável dessa maneira. Eu estava fazendo tudo o que podia para mantê-la calma, pois era óbvio que seu ex sabia exatamente quais pontos atacar para conseguir o que ele queria dela. Não era uma questão de eu estar preocupado de que ela voltasse para ele. O que me preocupava era a culpa que ela sentia pelos absurdos que ele fazia para afastá-la de mim. Eu sabia que ele não queria ficar com Jo. Ele até podia amá-la, mas se realmente quisesse ficar com ela, não a teria abandonado. Para nós, homens, as coisas eram preto no branco. A verdade era a seguinte: ele simplesmente não queria que ela ficasse com mais ninguém, e estava claro que ele não esperava que ela fosse seguir em frente. Eu não entendia o porquê, mas agora que ela estava vivendo sua vida, ele resolveu enlouquecer. Será que ele se casaria com ela de novo se tivesse oportunidade? Acredito que sim, mas será que ele a trataria melhor? Será que se comportaria como um homem que se arrependia mesmo de seus atos? Porra nenhuma. Bugz era aquele tipo de negão que tentaria reconquistar uma mulher só para maltratá-la de um jeito ainda pior e convencê-la de que ela merecia aquilo. Em pensar que tantas mulheres caíam nesse papo o tempo todo... Mas como eu disse, não acho que Jo voltaria para ele, ela ficaria sozinha, algo que ela também não merecia.

Observei Nat enquanto ela olhava as nuvens do lado de fora e Jo encarava o nada. A princípio, pensei que ela estivesse olhando para

mim, mas deu para perceber que seu olhar não estava fixo em nada especial. Por isso, saí do meu lugar, peguei Nat e a coloquei em meu colo, sentando-me ao lado de Jo.

— O que você está pensando, Jo Lena?

Seus olhos sobressaltados encontraram os meus.

— Estava imaginando se você já mobiliou sua casa nova.

— Você quis dizer a *nossa* casa nova? A que comprei para *nós*?

Ela sorriu para mim.

— É, essa mesmo.

— Sim, boa parte dela. Por quê?

— Depois que chegarmos em L.A., vou precisar passar em casa para pegar algumas coisas, assim poderemos nos mudar para a nossa casa nova. Nós três.

— Sério? Está falando sério, Jo? — Depois de tudo o que aconteceu, eu tinha planejado convencê-la a ir morar comigo, mas jamais teria esperado que ela fosse decidir por conta própria. Jo não queria nada de mim, independente do quanto eu queria oferecer, mas sabia que ela enxergava a casa como um presente também.

Ela assentiu.

— É sério, sim. Não posso esperar que fique na minha casa depois de tudo o que aconteceu, sabendo que Sid ainda acha que ela pertence a ele e pode aparecer a qualquer momento para causar confusão. Além disso, eu não quero mais ficar lá, nem ficar longe de você, então vamos nos mudar. Já conversei com Nat sobre isso durante o café da manhã quando você estava ao telefone. Não sei se ela entendeu mesmo, mas tomara que ela se adapte bem.

Assim que Nat encostou a cabecinha em meu peito, um sinal de que estava prestes a pegar no sono, eu falei:

— Você é a constante dela. Ela vai ficar bem desde que esteja com você.

— E com você. A primeira coisa que ela perguntou quando contei sobre a casa nova foi: “Eveti vem?”

Eu sorri e dei um beijo na testa de Nat.

— Sou louco por vocês, sabia?

— Tem que ser mesmo para querer aturar Sid só para ficar com a gente.

— Ele é um nada. Apenas um pequeno incômodo. Já dei umas porradas naquele rabo dele. Não me importo de fazer isso de novo.

— Rabo, — Nat murmurou enquanto dormia. A maneira como ela conseguia focar sua atenção em palavras como aquela era estranho e genial. Lancei um olhar de culpa para Jo, dizendo a mim mesmo que teria que ficar atento ao que falava perto de Nat-Nat.



Sorri ao ver a expressão de Jo quando passamos pelo portão da propriedade. Jo estava acostumada com dinheiro e coisas elegantes. Bugz podia ser um babaca, mas não era mesquinho nem mão de vaca no que dizia respeito a ela e a Nat, com exceção do carro infantil que ele deu para ela. Ele pagava uma boa pensão, fechou um ótimo acordo com ela quando se separaram e sequer a confrontou durante o processo de divórcio. Por isso, ver aquele olhar maravilhado em seu rosto quando nos aproximamos da casa me deixou com a sensação de que eu tinha realizado algo grandioso. Jo não era uma pessoa fácil de impressionar, e quando *ficava* impressionada era sempre com um certo desconforto dirigido ao que ela considerava serem preços exorbitantes. Nós discutíamos com frequência sobre o modo como eu gastava dinheiro, principalmente quando ele era gasto com ela. Mas, neste momento, quando ela se virou para mim de queixo caído, percebi que ela estava sem palavras, possivelmente espantada demais para se preocupar com a grana pesada que foi, obviamente, colocada naquela casa.

— Ahhhhhh, ti linda! — Nat deu um gritinho, apontando para a casa.

— É, sim, Nat-Nat. É, sim, — Jo disse baixinho.

— Fico feliz por terem gostado. Pensei que teria que comprar outra, — eu falei, tentando não parecer tão entusiasmado quando passei os números para Jo: mais de seiscentos metros quadrados situados em um hectare de terra. Seis quartos, oito banheiros, uma sala de estar para a família, uma sala para receber visitas e sala de jantar, um escritório e um cinema. Era uma casa com estilo italiano que possuía um monte de janelas e teto elevado, incluindo uma entrada com seis metros de altura.

Tommy dirigiu a caminhonete pela entrada circular, parando em frente à casa. Eu saí do carro e abri a porta de Jo enquanto ela tirava Nat da cadeirinha. Nat chegou à porta da frente antes de nós, empolgada para ver o interior.

Mostrei a ela o andar de baixo primeiro e sorri quando ela arfou ao ver que a parede de correr da cozinha levava para o quintal, local reservado para momentos de diversão. Boa parte da casa estava mobiliada e decorada, menos o cinema e quatro quartos.

Para a alegria de Nat, nós entramos no elevador e fomos para o segundo andar, e o primeiro cômodo que mostrei à Jo foi o quarto principal decorado com tons de azul, porque eu sabia que era a cor favorita dela. Nele havia um banheiro feminino e um masculino, closets e uma sala de estar enorme. Nossa última parada foi o quarto de Nat, que tinha toda a decoração inspirada na selva — desde a pintura nas paredes até o edredom estampado com um leão que estava sobre a bicama infantil.

Nat subiu na cama inferior, pulando e dando gritinhos. Logo em seguida, soltou um rugido:

— Rawr!

— Pare de pular na cama, Nat, — Jo avisou, virando-se para mim antes de olhar ao redor do quarto, parando em frente ao banheiro. — Ela também tem o próprio banheiro?

Eu assenti.

— Todos os quartos têm um banheiro privativo, exceto o nosso, é claro, que tem dois.

— Vamos ter que colocar uma fechadura na porta, senão ela vai ficar brincando no vaso sanitário o tempo todo. Ela faz isso, sabia?

— A maioria das crianças na idade dela faz. É por isso que tem uma trava de segurança nele. A chave está em nosso quarto. Eu também pedi para substituírem o vaso por um modelo infantil, assim ela terá facilidade para subir e descer dele.

— Nossa, você pensou em tudo, — ela disse baixinho com a voz vacilante.

Eu me aproximei dela e a puxei para um abraço.

— Eu sei que essa é uma mudança muito grande, mas vamos ficar bem. Eu prometo. Nat parece ter gostado, e...

— Não é isso. Eu só... Você disse que tinha comprado uma casa para a gente e eu sequer pedi para vê-la. Você colocou móveis e a decorou para nós, até mesmo para Nat. Fez isso por nós e eu simplesmente ignorei, tentando me manter presa a algo que eu sabia que precisava me libertar. Eu sinto muito, Everett.

— Está tudo bem, amor.

— Não, não está. Prometo que vou parar de discutir com você e aceitar as coisas de bom grado.

— Aleluia! Você já estava me deixando cansado.

Ela riu em meu peito.

— Ev?

— Hã?

— Quanto custou esta casa?

— Pode parar. Não vou contar a você. Venha. Estou com fome e acho que Courtney abasteceu a geladeira.

— Eu também estou com fome. Vou ter que aprender a cozinhar para usar aquela cozinha. É maravilhosa!

— Você pode aprender se quiser, mas não é por isso que vou me casar com você. — Sacudi as sobrancelhas para ela.

Depois de revirar os olhos para mim, ela disse:

— Venha, Nat. Vamos papar.

— Papar! — Nat respondeu.

Capítulo 29

Jo

Eu achava que a minha casa era segura, mas morar em uma propriedade fechada com um sistema de alarme de última geração dentro de um condomínio fechado eram outros quinhentos. Fazia uma semana desde que nos mudamos para a casa nova, e nesse curto espaço de tempo, entendi os sacrifícios que Everett fez durante o período em que morou comigo em minha antiga residência. Havia uma casa para hóspedes onde seus seguranças — Tommy e os outros caras que ele contratou — podiam ficar quando estavam de serviço e quando precisavam ficar à disposição caso ele precisasse deles. Não tinha espaço suficiente para isso na minha antiga casa. Havia muito mais espaço na propriedade atual que também contava com um escritório que ele usava para comandar seus negócios em vez de ter que se esconder no meu quarto de hóspedes, torcendo para que Nat não fosse perturbá-lo. Além disso, ele parecia mais relaxado agora, muito mais confortável. Seus irmãos, que também viviam em L.A., vinham aqui com frequência, e era sempre muito divertido porque todos eles eram meio malucos. Para ser sincera, eu adorava morar aqui com ele. A sensação era de que tínhamos algo só nosso, o que era novidade para nós dois. Quando ele me perguntou se eu queria terminar de decorar ou de escolher a mobília para os quartos de hóspedes e para o cinema, eu disse a ele que a decoradora estava fazendo um ótimo trabalho e não havia motivo para dar pitaco no trabalho dela.

Sid ligou duas vezes após o fracasso que foi a premiação. Graças a Deus, as conversas foram breves, já que ele só ligava para ter notícias de Nat... e minhas, claro. Ele agia como se não tivesse bancado o babaca e provocado Everett a dar umas porradas nele em rede nacional, o que fez com que ele fosse preso. Sid conseguiu se safar da prisão porque ele sequer tentou enfrentar Everett. Eu provavelmente deveria ter prestado queixa contra ele pelo constrangimento que passei diante de milhões de pessoas, mas preferi

não ter que pensar na situação. Além do mais, as porradas que Everett deu nele foram um castigo mais do que suficiente. Eu tinha visto um vídeo dele no TMZ, após a premiação em Nova York, e o lado esquerdo de seu rosto estava completamente inchado. Ele não conseguia nem abrir o olho. Pois é, ele recebeu o castigo que merecia. Sem contar que Everett havia pedido para eu deixar isso para lá, pois ele estava confiante de que Sid fosse nos deixar em paz. Eu não tinha tanta certeza quanto a isso.

Pouco mais de uma semana antes de irmos para Houston passar o Dia de Ação de Graças com a família dele, Everett insistiu para que eu participasse de uma reunião com Courtney. Estávamos sentados na sala de estar agregada ao nosso quarto, e eu estava curiosa. Será que ele queria que eu me sentisse acolhida em seu mundo? Eu já me sentia assim. É claro que era interessante conhecer todas as partes de seu lado profissional, os compromissos e todo esse tipo de coisa, mas estávamos nisso há duas horas e eu já estava com sono de ficar sentada sem contribuir com nada.

— Jo, tem algumas coisas que preciso verificar com você, — Courtney falou.

Eu me virei para olhar para Everett, que estava sentado ao meu lado na namoradeira, com a testa um pouco franzida antes de voltar minha atenção para Courtney.

— Comigo?

Ela assentiu.

— Primeiro, Everett tem uma entrevista e uma sessão de fotos marcada para a *Essence*. É algo que ele já tinha concordado em fazer há um tempo, mas agora querem saber se podemos incluir você.

— Eu? — Falei, como se não tivesse muitas palavras em meu vocabulário.

— Sim, inicialmente eles queriam conversar com Everett sobre a carreira dele, longevidade e objetivos futuros. Agora querem incluir a história de vocês, como se conheceram e tudo mais.

— Nossa, *Essence*? Essa era a revista favorita da minha mãe. Sem tirar nem pôr. Quando ela não podia comprar um exemplar, ela roubava. Ela adorava essa revista, — tagarelei.

— Você quer participar? — Everett perguntou, desconfiado. Ele sabia que eu não era cadelinha da imprensa. Mas estávamos falando da *Essence*.

— Eu... O que você espera que eu diga? Eu devo ser a mulher mais desinteressante do planeta Terra. Não sou formada, não tenho emprego nem intenção de conseguir um. Sou apenas uma mãe que tem um relacionamento com um homem famoso.

— Você é mais do que isso para mim. Você é o meu equilíbrio, me faz sorrir e é o motivo pelo qual eu espero ansiosamente pelo

futuro, da mesma forma que me faz ansiar para ver o crescimento de Ella.

Os meus olhos ficaram marejados na hora.

— Everett...

Ele sorriu para mim.

— É isso mesmo, amor. Você também faz outras coisas que provavelmente não quer que eu mencione no tribunal.

— Não se atreva!

Sorrindo, ele se aproximou para beijar minha bochecha e disse:

— Fique tranquila. Olha só, essa será a minha chance de mostrar ao mundo tudo o que você faz por mim, mas posso fazer isso do mesmo jeito, independente se participar da entrevista ou não. É você quem sabe. Vou entender se não quiser...

— Eu quero. Vou participar. Acho que minha mãe gostaria disso se estivesse aqui. Ela ficaria feliz em me ver na *Essence*. Ela ficaria... ficaria orgulhosa de mim.

— Você estará dentro e fora da revista. Eles nos garantiram que estaríamos na capa. Ela teria ficado muito orgulhosa mesmo, né?

Fiquei chocada.

— Na capa? Espere até eu contar para Bridgette. Tenho que ligar para ela agora!

Courtney ergueu a mão enquanto equilibrava o iPad no colo.

— Espere, Jo. Tenho recebido diversos pedidos para que você entre em contato com várias empresas que querem trabalhar com você.

— Está falando sério?

Ela assentiu.

— Tem estilistas querendo vesti-la para futuras premiações. A *S.H.E. Athletics* quer criar uma linha de tênis esportivos. *Pink Vodka* quer que você seja o rosto da campanha deles. A *Glam On It Cosmetics* quer trabalhar em colaboração com você na criação de uma coleção de brilho labial. Eles disseram que seus lábios são perfeitos.

— Quê? Mas... por quê?

— Você está no auge, amor, — Everett falou. — Eles sabem que foi casada com Bugz, mas que agora está comigo, e que eu quebrei a cara dele por sua causa. Eles estão encantados com você. Além disso, existe essa... coisa em você, a mesma que me deixou fascinado e que enlouqueceu Bugz. Você é especial.

Eu balancei a cabeça.

— Não, eles só estão tentando descobrir por que vocês cismaram com essa minha fuça desengonçada.

— Você sabe muito bem que eu não gosto quando fala essas merdas, Jo. Você é linda, por dentro e por fora.

— Aos seus olhos, sim, e fico lisonjeada, mas não sou linda para

ser modelo. Sou apenas uma mulher normal com um monte de defeitos.

— São para essas pessoas que as empresas vendem seus produtos. Mulheres normais, e agora, você é uma referência para todas elas, — Courtney declarou.

Ela tinha razão.

Everett colocou a mão enorme sobre minha coxa.

— Jo, você fica incomodada por não ter uma carreira, certo? Foi por isso que aceitou aquela porcaria de trabalho com Park? Bem, se você quiser, aqui está sua chance de ser uma empreendedora. Mas como eu já disse, a escolha é sua.

Ele também tinha razão. Eu estava recebendo essas oportunidades de mão beijada. Isso tudo não podia ser coincidência. Mas...

— Isso vai parecer que estou pegando carona no seu sucesso, não acha? — Perguntei, assim que o pensamento me atingiu. — Vou parecer mesmo uma mercenária se eu aceitar as ofertas desse pessoal.

Everett deu de ombros.

— As pessoas já estão te chamando disso, não estão? Você vai poder ganhar sua própria grana, amor. Estou aqui para apoiá-la e você sabe disso, mas eu sei que vocês, mulheres, gostam de ter o próprio dinheiro.

Assenti ao me dar conta de que algumas mulheres rezavam para encontrar oportunidades como essas, e nenhuma delas parecia ser trabalho de verdade. Elas pareciam ser um... divertimento. Eu precisava me divertir.

— Acho que vou aceitar.

— Tem certeza? — Everett perguntou.

— Sim. Posso ao menos ver o que as empresas têm a dizer.

Courtney sorriu.

— Ótimo! Vou passar o seu e-mail para elas. E se me permitir, vou compartilhar esse endereço com quem entrar em contato comigo no futuro para falar sobre você.

— Mas antes que você concorde em encontrar com essas pessoas, vou agendar uma reunião com o meu advogado, a menos que você conheça algum que possa negociar os contratos, — Everett ofereceu.

— Não, o seu advogado está de bom tamanho.

Everett acompanhou sua assistente que era quase uma irmã para ele até a porta, e eu continuei no mesmo lugar, grudada na poltrona. Eu estava assustada, apavorada com tudo isso, mas também me sentia empolgada e mais animada do já havia me sentido com um emprego.

Assim que peguei o celular para ligar para Bridgette e contar as

novidades, ele tocou. Eu o encarei por um tempo quando o nome de Sidney apareceu na tela. Não era uma questão de querer ignorá-lo, mas sim o fato de que eu estava atordoada com as mudanças que estavam prestes a acontecer em minha vida. Por isso, deixei a ligação cair, mas ele ligou de volta rapidamente.

Dessa vez, eu atendi.

— Alô?

— *Cadê você?*

— Em casa. Por quê?

— *Por que não está atendendo à porta então?*

Droga. Eu não tinha contado para ele que havia me mudado. Isso nem passou pela minha cabeça.

— Ah, nós nos mudamos. Eu ia mesmo contar a você.

— *Se mudaram? Para onde? O seu carro ainda está aqui. Estou olhando para ele.*

— Nós estamos em Calabasas e eu estou com um carro novo.

— *Você está morando com South?*

— Sim.

— *Jo, como vou ver minha filha, caralho? Você a levou para a casa desse filho da puta?*

— A casa também é minha, e acho que deveríamos estipular horários para visitas. Chega de aparecer de surpresa. Nat merece estabilidade.

— *Estabilidade que você foi procurar ao levá-la para a casa desse negão?!*

— Everett não é um qualquer, Sid. Nat o conhece. Podemos fazer isso dar certo se tivermos maturidade, mas você não pode continuar provocando o meu noivo. Ele está mais do que disposto a esquecer tudo o que aconteceu na premiação de hip-hop se você concordar em parar de agir dessa maneira.

— *Noiv... Quer saber de uma coisa? Foda-se essa porra toda!* — Ele gritou as palavras ao telefone e desligou.

Um segundo depois, recebi uma mensagem dele:

Sinto muito, Jo. Estou tentando lidar com essa merda, mas não consigo suportar o fato de que vai se casar com esse negão. Eu ainda te amo.

Esse negro era um verdadeiro lunático.

Balancei a cabeça quando finalmente levantei e fui até o quarto de Nat, onde ela estava cochilando. Enquanto eu decidia se deveria acordá-la para prepará-la para o jantar — tínhamos planos de comer fora — eu o senti atrás de mim.

Envolvendo os braços ao meu redor, ele se inclinou e acariciou

meu pescoço antes de sussurrar em meu ouvido:

— Quer fazer umas coisinhas antes que ela acorde?

Sorri.

— Não.

Ele me pegou no colo, me fazendo gargalhar.

— Ah, não?

— Pare, Ev! Se você me fizer acordá-la, com certeza vai ficar sem o que quer.

Enquanto me carregava para o nosso quarto, ele disse:

— Quer dizer que eu sou o escandaloso? — Ele me colocou deitada na cama e subiu em cima dela.

— É isso mesmo! É melhor que fique quieto, senão ela vai bater à porta antes que você termine.

— Você já sabe o que fazer.

— Cara, os seus fãs jamais acreditariam que você curte mordanças em forma de calcinha.

Ele riu antes de me dar um beijo.



Everett

Ligue para mim.

Por que está me ignorando?

Precisamos conversar!

Como pôde ficar noivo sem falar comigo?!

Eu pensei que você nunca fosse se casar de novo.

Mentiroso!

Por que está agindo desse jeito?

Ligue para mim.

Ligue para mim.

Ligue para mim.

Everett, ligue para mim!

Eu suspirei enquanto lia as mensagens de Esther. Ela estava pirando. Desde quando eu precisava consultá-la antes de tomar uma decisão? Será que ela esqueceu que todo esse papo de eu nunca mais me casar de novo só aconteceu porque eu a peguei fazendo uma maldita orgia na minha casa? Ela estava aborrecida, talvez até magoada, porque acredito que se sentia confortável contanto que eu estivesse sozinho e infeliz, trepando com um monte de mulheres em uma tentativa de me conectar com alguém, mas ela teria que continuar irritada, pois eu não abriria mão de Jo. Não se eu pudesse evitar. Eu não ligava para o que Esther, Bugz ou o mundo inteiro achava disso. Estar com ela me fazia feliz, completo, e isso era tudo o que importava.

A hora de ir dormir era minha parte favorita do dia, quando tudo ficava em silêncio. Virei a cabeça e passei um tempo observando-a dormir com seus olhos fechados, sua boca ligeiramente aberta, suas sardas que eram um espetáculo à parte, seu cabelo emaranhado, e sorri. Deletei todas as mensagens estúpidas de Esther, tirei uma foto de Jo e a coloquei no Instagram com a legenda: *Minha bela adormecida*. A foto já tinha quase mil curtidas alguns segundos depois, quando dei um beijo no nariz dela e a abracei.

Ela fez uma careta com os olhos ainda fechados, e murmurou:

— Hã-hã. Não consigo mais. Você... Minha boceta está cansada, amor. Vá dormir. Resolvemos isso pela manhã. Você vai poder aproveitar o quanto quiser. Eu prometo.

Eu sorri, beijei a testa dela e peguei rapidamente no sono.

Capítulo 30

Jo

Everett, Nat e eu chegamos em Houston na segunda-feira do Dia de Ação de Graças. Como Bridgette não tinha família, ela veio passar o feriado com a gente. Tommy era o nosso único segurança, mas ficaria apenas por um dia, já que Everett costumava pagar dois de seus primos para fazerem a segurança quando ele estava na cidade. Assim que o avião fretado aterrissou, tivemos que nos apressar e ir direto para o local da enorme campanha de distribuição de alimentos que Everett financiava todos os anos. Ele tinha me avisado para usar roupas confortáveis porque ele sabia que essa seria nossa primeira parada, e eu passei a informação para Bridgette, mas ela estava decidida que queria ficar bonita. Ela nos ajudou sem reclamar, mas eu sabia que seus pés deviam estar gritando por causa dos saltos que ela usava.

Depois que terminamos de auxiliar os voluntários na entrega dos perus, sacolas com farofa de pão, legumes enlatados, tortas congeladas e cartões de presente da loja de departamento, fomos para a casa de Everett, localizada em uma cidadezinha há alguns quilômetros a oeste de Houston, em um terreno que também possuía uma casa de campo que ele havia construído para sua mãe e que agora era o lar de sua tia.

A residência de Everett em Houston era linda. Era uma casa com tijolos vermelhos, cinco quartos e cinco banheiros completos, com uma estrutura bem menor do que a nossa casa em L.A., mas com mais privacidade, já que Everett era o dono de vários hectares de terra que a rodeava.

Cansados da viagem e do trabalho que tínhamos participado, fomos para o andar de cima da casa, onde eu caí na cama com Nat para tirar um cochilo. Eu estava cansada demais para me preocupar com o que Bridgette e Everett planejavam fazer. Dei um sorriso quando acordei algumas horas mais tarde e vi a cama vazia. Um aroma maravilhoso vindo da cozinha invadiu o quarto. Everett havia

me contado que sua tia Everlina, de quem ele herdou seu nome, ficaria conosco e cozinharía para nós durante toda a semana, incluindo boa parte do jantar de Ação de Graças. Segundo ele, ela era mais uma mãe do que uma tia para ele, por isso eu estava ansiosa para conhecê-la e experimentar o que parecia ser hortaliças e carré suíno. Tia Everlina foi quem criou Leland e Kathryn depois da morte de sua mãe, porque eles tinham onze e dezesseis anos na época. Everett, Nolan e Neil eram mais velhos.

Eu estava louca para conhecer todas as suas tias, tios e primos, e me familiarizar com eles, assim como tinha acontecido com seus irmãos quando nos mudamos para a casa nova. A única pessoa que eu não estava com vontade de ver era Ella, que chegaria na quarta-feira à noite. Eu sei que não era legal da minha parte dizer isso, mas era a verdade. Por mais que eu tentasse ser gentil e cordial quando ela visitava Everett, tudo o que eu recebia em troca era desrespeito e respostas exasperadas. Ela era esperta o suficiente para agir como se tentasse se dar bem comigo quando estava perto de seu pai, mas assim que ele virava as costas, mesmo que por meros segundos, a Srta. Cheia de Si voltava a atacar. Eu sabia que o motivo para tudo isso era o ciúme. O pai dela estava construindo uma família, e por mais que ele tentasse incluí-la nela, ela se sentia deixada de lado. Eu decidi lidar com isso, lidar com ela, e não me preocupei em contar para ele, porque não queria que ele achasse que tinha que escolher entre nós duas. Eu não era idiota, droga. Sabia que seria uma batalha perdida para mim, e eu não queria perder Everett. Nunca. Então eu fazia questão de levar Nat para a casa da Sra. Sherry sempre que Ella ia nos visitar, pois eu não queria que os sentimentos da minha pequena fossem magoados por uma adolescente. Eu aturava a maldade de Ella e tentava retribuir com bondade. A única coisa que eu torcia para que não acontecesse era que ela, em algum momento, precisasse morar conosco, porque isso nunca daria certo.

Após uma passadinha rápida no banheiro, desci a escada para o segundo andar e fui até a cozinha, onde encontrei uma senhora forte misturando algo dentro de uma tigela enorme — com um olhar mais atento, percebi que era salada de maionese —, e Nat estava sentada à mesa comendo geleia. Dei um beijo em sua testa e me aproximei da mulher.

— Oi, — falei baixinho. — Tia Everlina?

Ela olhou para mim, a pele negra e macia de seu rosto, que era muito parecido com o de Everett, abriu-se em um grande sorriso.

— Jo?

Eu sorri de volta, me aproximando mais, e estendi a mão para ela.

— Sim, senhora.

Ela balançou a cabeça e abriu os braços.

— Você está prestes a se casar com o meu sobrinho preferido, garota. Acha mesmo que vai escapar com um simples aperto de mãos? Vou precisar de um abraço!

Com um sorriso enorme, dei um passo em sua direção, e logo fui envolvida no abraço carinhoso daquela mulher que era alguns centímetros mais alta do que eu.

Assim que nós nos afastamos, ela segurou meu rosto e sorriu.

— Aham, agora eu entendi.

Eu fiz uma careta.

— Entendeu o quê?

— O que *ele* vê em você, o que o fez brigar por sua causa na TV. Faz parte da sua essência. Ela não é sombria como a daquela vaca com quem ele foi casado. Eu sabia que ela não era flor que se cheire. A mãe dele também sabia disso. Nós tentamos avisá-lo, mas ele sempre foi cabeça dura. Só que dessa vez, com você, ele acertou.

Escutei a voz dele antes de sentir sua mão sobre meu ombro.

— Quer dizer então que ela passou no seu teste? — Ele perguntou.

— Eveti! — Nat gritou. — Ganhei geleia!

— Foi a titia Everlina que deu a você? — Ele perguntou.

Ela exibiu todos os seus dentinhos para ele ao assentir.

— Você disse obrigada? — Eu perguntei.

Ela assentiu de novo.

— Disse, sim. Essa garotinha tem bons modos. Alguém aqui a está educando muito bem. — Tia Everlina voltou sua atenção para a tigela e disse: — Você fez um bom trabalho, Fominha. Escolheu uma mulher maravilhosa dessa vez.

Fominha?

— Pare com isso, titia. Ninguém mais me chama assim, — Everett resmungou.

— Todo mundo aqui em Millstone se refere a você desse jeito. — Ela arqueou as sobrancelhas. — Ah, você não contou o seu apelido para ela?

Olhei para ele por cima dos ombros.

— Não, senhora. Ele não me contou.

— Droga. Lá vamos nós, — Everett murmurou.

— Bem, esse garoto sempre foi muito bom de garfo. O pai dele, Randy... que Deus o tenha... costumava dizer que se ele não parasse de comer tanto, acabaria inchado e explodiria! — Tia Everlina segurou a própria barriga e soltou uma gargalhada. — Randy com certeza tinha um parafuso a menos! Repetiu tanto isso que todos começaram a chamar Everett de Fominha.

Everett suspirou.

— Qual é, titia!

— O que foi? Ninguém mandou você vir até aqui. Vá para lá assistir TV enquanto eu conheço um pouco mais sobre Jo.

— Não, não vou deixar que você continue falando coisas para espantá-la.

Balancei a cabeça ao me virar para ele.

— Bridgette está por aqui?

— Ela está sentada lá fora conversando com Tommy, — Everett respondeu.

— Está? — Eu sabia que já fazia um tempo que ela andava em uma missão incessante para encontrar um pênis, missão essa que tinha ganhado mais força depois que comecei a namorar com Everett, mas Tommy? Ele não era feio, mas era tão... grande, além de ser um segurança. Bridgette era conhecida por sair com homens metrosssexuais que se portavam de um jeito impecável. Talvez eles apenas estivessem conversando de forma amigável.

Mas eu duvido, eu a conhecia muito bem. Ela estava tentando arrumar um pau.

— Sim... — Everett falou, tirando o celular do bolso para atender à uma ligação. A conversa durou menos de um minuto, e quando se virou para mim, ele disse: — Era Courtney me lembrando da entrevista de amanhã com Latisha Grandy da rádio KCHT. Ela é gente boa. Nos conhecemos há muito tempo. Ela estará aqui às cinco da manhã. A minha entrevista será durante o programa matutino. Você quer participar? Ela pediu para que participasse se estivesse disponível.

Franzi a testa. O coitado do Everett estava sempre trabalhando de algum jeito, mesmo quando *não* deveria estar.

— Mas eu não trouxe Sage para fazer minha maquiagem.

— Tenho certeza de que Latisha pode trazer um maquiador, amor.

— Não posso usar qualquer tipo de maquiagem na minha pele, Ev.

— Bridgette pode ajudá-la. Você tem algo para vestir? Se não tiver, podemos ir comprar.

— Uhm... — Eu estava a ponto de entrar em pânico. Apesar de eu ter certeza de que ele havia mencionado isso antes, tive a sensação de que tinha sido pega de surpresa. Havia sempre tanta coisa acontecendo em seu mundo. Será que um dia vou me acostumar ao seu estilo de vida?

— Latisha Grandy? Ela não é aquela que costumava ser sua namorada? — Tia Everlina perguntou.

Namorada?

— Sim, no ensino médio, — Everett respondeu.

— Ela ainda gosta de você, não é? — Everlina replicou.

Everett deu de ombros.

— Não estou sabendo de nada disso, titia.

Ela me lançou um olhar e disse:

— Foi isso o que ouvi por aí. A garota ainda gosta de você.

— Eu tenho, sim, o que vestir, e Bridgette pode me ajudar com o cabelo e a maquiagem. Ela pode distrair Nat também. Estarei pronta pela manhã, — falei.

Ele se aproximou de mim e beijou meus lábios com carinho.

— Ótimo. Acho que você vai gostar de Tish.

Tish, né?

— Tenho certeza que sim.



Everett

Eu sabia que as coisas estavam calmas demais.

Na segunda-feira à noite, depois que colocamos Nat para dormir no quarto conectado ao quarto principal, consegui convencer Jo de que deveríamos transar, apesar de sua preocupação em fazer aquilo com a minha tia dormindo no final do corredor. Na manhã seguinte, eu estava muito bem-humorado para a entrevista que, a propósito, foi ótima. Tish sempre foi uma pessoa bacana, e mesmo que ainda gostasse de mim, ela demonstrou muito respeito à Jo, que arrasou na entrevista apesar do seu nervosismo antes de começarmos. Jo sempre conseguia controlar as emoções em situações como essa, algo que me fez perceber que ela se sairia muito bem trabalhando com aquelas empresas que a sondavam. Jo era inteligente e se expressava super bem, foi feita para estar à vista do público, por mais que ainda não percebesse isso. Ela só precisava de alguém para colocá-la no lugar ao qual pertencia. Ela se encaixava ao meu mundo mais do que imaginava.

À tarde naquele mesmo dia, eu a levei à Casa de Repouso Mar de Paz onde meu tio Tisdale, único irmão do meu pai ainda vivo, morava. Ele estava confuso para caramba mas sempre me reconhecia. Ficamos com ele por alguns minutos antes de irmos almoçar na cidade, na minha rede de lanchonete favorita, junto com meus primos gêmeos, Tadd e Toot — sim, havia uma tendência para gêmeos na família —, que estavam fazendo nossa segurança já que Tommy deveria ir para L.A. passar o feriado com a família. O otário estava tão envolvido com a amiga de Jo, Bridgette, que decidiu ficar, mas eu o mantive de folga para dar uma oportunidade aos meus primos de ganharem uma grana. Depois disso, voltamos para a minha casa e para

Nat. Essa era uma das coisas que eu mais amava em Jo: ela não gostava de ficar longe de sua garotinha por muito tempo, mesmo que Nat fosse louca por Bridgette e não se importasse em ficar com ela.

Mais tarde, ainda na noite de terça-feira, tia Ever — era assim que eu a chamava — pediu ajuda a Jo e Bridgette na cozinha. Durante o café da manhã, deixamos escapar que elas não sabiam cozinhar, e eu pensei que minha tia fosse ter um ataque quando soube. Eu tentei falar para ela que isso não importava para mim. Eu tinha condições de contratar uma pessoa para cozinhar para nós, mas para alguém como tia Ever que amava comida e adorava cozinhar, uma mulher que não sabia cozinhar não era uma mulher de verdade. Ela não conseguia entender.

Como eu disse, as coisas estavam calmas. Todo mundo estava se dando muito bem. Bridgette e Jo até pareciam gostar das aulas de culinária de tia Ever. Nat estava feliz como sempre ficava. A minha penca de primos passou a quarta-feira vindo até a nossa casa só para nos ver. Leland e os gêmeos tinham chegado. Leland ia ficar comigo, e os gêmeos, junto com a mais nova namorada estrangeira de Nolan — uma mulher diferente da que conhecemos no evento beneficente — iam dormir na casa da minha mãe que ficava dentro da propriedade. O único problema era que eu não conseguia entrar em contato com Ella. Passei dois dias tentando ligar e enviando mensagens para saber quando o voo dela chegaria, já que ela tinha decidido viajar em um horário mais tarde do que o que Courtney havia reservado, mas não tive resposta. Eu estava ficando preocupado que algo tivesse acontecido com ela. Estava cogitando ligar para Esther quando ela finalmente me retornou, dizendo que tinha chegado em Houston e que viria de Uber até a minha casa.

— Por que você faria isso? — Esbravejei ao telefone. — Isso não é seguro! Eu ia pedir para o seu primo, Toot, ir buscá-la.

— *Eu não estava a fim de ficar esperando por uma carona*, — ela se queixou.

— Se tivesse respondido às minhas mensagens ou atendido às minhas ligações para me dizer o horário em que chegaria, a sua carona já estaria aí esperando por você!

— *Me desculpe! O meu celular não tem funcionado direito. Pode parar de gritar comigo?*

Eu suspirei, levando a mão à testa enquanto olhava para Leland, que me encarava com o cenho franzido. Nós estávamos assistindo a um jogo de futebol americano apesar da minha preocupação com o silêncio dela. Embora eu estivesse aliviado por ter falado com ela, a minha filha podia ser tão frustrante quanto qualquer outra mulher.

— Apenas tome cuidado... E da próxima vez, mantenha contato

comigo.

— *Ok. Me desculpe, papai. Vejo você daqui a pouco.*

— Tá bom.

— Está tudo bem, mano? — Leland perguntou assim que desliguei o celular e o coloquei sobre a minha coxa.

Eu balancei a cabeça e esfreguei o rosto.

— Não sei. Crianças, cara.

Ele riu.

— E você vai ter que lidar com mais uma: Nat. Você gosta de sofrer, cara!

— Que nada! Na paternidade, as coisas boas superam as ruins. Você vai ver.

— Tá louco, não vou ter filhos. É por isso que gosto de mulheres mais velhas. Esse desejo de ter filhos não existe mais no organismo delas. Tudo o que querem é um Leland. — Ele abriu a gola da camisa polo.

Dei um sorriso para ele.

— Pelo jeito que sempre faz trabalho voluntário em programas para jovens... Você ama crianças.

— Eu gosto de crianças, mas não quero ter nenhuma. Sou egoísta demais para essa merda.

— Tá bom, negão. Você é jovem. Ainda tem tempo para mudar de ideia.

— Aposto que eu não vou. Mas faça o que você achar melhor. Dá para ver que está disposto a passar por isso novamente ao lado de Jo. Ela faz bem a você. É um doce de pessoa. Não é igual a maldita Esther. Eu nunca a suporrei.

— Ninguém que compartilhava do mesmo sangue que eu a suportava, porra. Mas eu não conseguia enxergar quem ela era.

Ele deu de ombros.

— Eu também ficaria cego se fosse você, cacete. Ela ainda chama atenção.

— Não inventa.

— Não, cara. Gosto que elas sejam mais velhas, mas também gosto que tenham coração. Esther não tem sentimentos.

— Isso não é mentira. Vou ver o que Jo está fazendo.

— Beleza, vou ficar por aqui para ver se consigo roubar um pedaço da torta de batata doce de tia Ever.

— Tá legal. Mas não mexa no bolo de abacaxi. Eu pedi para ela prepará-lo para Jo.

— Você já me disse isso dez vezes, cacete! Não vou mexer no bolo da sua mulher, cara!

— É melhor mesmo, negão.

O meu irmão e eu saímos da sala de cinema — ele foi para a

cozinha e eu para a sala onde sabia que Jo e Nat estariam. Bridgette e Tommy tinham saído cedo pela manhã para fazerem passeios turísticos, segundo nos disseram. Jo tinha certeza de que eles estavam trepando em algum quarto de hotel. Essa devia ser a opção mais próxima da verdade, mas dane-se.

Eu escutei a música antes de chegar à sala: *Upside Down* de Diana Ross. Apesar de Jo ser fã de hip-hop, seu gosto musical ainda era muito influenciado por sua mãe, um fato que eu achava cativante. Por mais difícil que tenha sido sua criação, ela ainda a respeitava profundamente. Entrando na sala, eu me recostei contra a parede sem ser visto e a observei dançar ao som da música com Nat. Eu amava ver as duas se divertindo — a pequena Nat, mesmo sendo muito nova para saber a letra, cantava com todas as suas forças. Jo segurava as mãozinhas dela, conduzindo a dança. Ainda assim, eu sabia que esses momentos cheios de dança coincidiam com o fato de que ela estava preocupada. Ela e Nat dançaram e cantaram versões reduzidas de quase todas as músicas existentes do Outkast por uma semana depois da minha prisão. E o que me deixava desanimado era saber onde ela estava com a cabeça hoje — em Ella.

Eu queria que houvesse algo que eu pudesse fazer com relação ao seu desconforto e ao comportamento desagradável de Ella. É claro que ela estava agindo como uma adolescente respeitosa na minha frente, mas quando eu sugeri levar Ella e Nat para um passeio juntas, Jo se descontrolou e me contou sobre as atitudes de Ella quando eu não estava prestando atenção, e disse que queria proteger Nat daquilo. Eu entendi e percebi que era por isso que ela levava Nat para a casa da Sra. Sherry sempre que Ella estava por perto. Apesar de tudo isso, ela concordou em vir para cá comigo, mesmo sabendo que Ella também costumava vir, porque acreditava que a presença de toda a família atenuaria as coisas. Agora parecia que ela já não tinha tanta certeza.

Enquanto eu a observava remexer os quadris ao som da música, eu me perguntei por que tudo tinha que ser tão complicado, por que todos — Ella, Esther, Bugz e a porra do mundo inteiro — não podiam aceitar as coisas. Tudo o que eu mais queria era amar essa mulher e construir uma vida com ela. Isso era pedir muito, droga?

Fechando os olhos, eu suspirei, e os abri novamente quando ouvi o som de veludo atingir os meus ouvidos. Jo ainda estava de costas para mim enquanto cantava junto com Diana Ross. Jo estava cantando. Não, era mais do que isso. Ela podia *cantar*. Ela cantava bem pra caralho.

Putá merda!

Eu fiquei de queixo caído quando ela continuou cantando bem alto, superando Bruce Springsteen em sua própria música. No

momento do refrão, ela girou, levando a mão ao peito e dando um gritinho quando me viu.

— Você me matou de susto, cacete!

— Susto! Susto! Susto! — Nat repetiu. Eu sorri para ela, imaginando por que ela não escolhia repetir os palavrões que a mãe dela falava igual fazia comigo.

— Foi mal, amor. Por que não me contou que sabe cantar? — Perguntei, conforme a música terminava.

Ela fez uma careta.

— Não sei. Você acha que eu sei cantar?

— Você *não* sabe disso? Ninguém nunca te falou?

— A minha mãe já, mas ela não era muito confiável.

— Bridgette? Bugz?

— Bridgette já me ouviu cantar. Olha, eu não canto perto das pessoas, Ev. Não gosto, — ela disse, desviando o olhar.

— Não entendo por que, caralh... por que não. Amor... — *Missing You* começou a tocar e eu parei de falar.

— O que foi? — Ela perguntou. — Está tudo bem?

— Cante essa.

— Oi? Eu acabei de falar para você que não canto na frente das pessoas, Ev. Se eu soubesse que você estava aqui, não teria cantado.

— Ok, mas cante essa.

Ela suspirou e balançou a cabeça enquanto Nat vinha em minha direção e puxava a perna da minha calça. Eu a peguei no colo e disse:

— Jo Lena, por favor?

— Pufavôô, — Nat cantarolou.

Jo respirou fundo e coçou a testa.

— Eu não conheço essa.

— Não minta.

— Pare com isso, Ev. Eu não sou boa nisso.

— Caramba, mulher, será que dá para você fazer o que eu peço sem discutir comigo?

Ela resmungou:

— Ai, tá bom!

Respirando fundo, ela finalmente começou a cantar junto de Diana Ross, iniciando de forma suave e tímida. A cada nota, pude ver sua confiança aumentar, e ao chegar à ponte que ligava ao refrão, ela elevou o volume de sua voz. Ela me surpreendeu! Quando disse que ela sabia cantar, eu me referia ao modo como ela parecia com a Ledisi — uma voz consistente com um timbre agudo e incorporado que podia alcançar uma série de notas.

Quando a música terminou, ouvimos leves aplausos atrás de mim. Eu não pude me virar para ver quem era porque meus olhos estavam grudados nessa mulher determinada e talentosa que não fazia

ideia do que possuía. Ao mesmo tempo que eu estava admirado e encantado, fiquei com o coração apertado pela garotinha que vivia dentro dela e que não teve a oportunidade, ou não compreendia, o quão especial ela era.

— Garota! Como é possível essa voz ter saído desse seu corpo tão pequeno? — Tia Ever falou, parando ao meu lado. — Você lembra um pouco a Stephanie Mills.

— Eu vivo falando que ela sabe cantar, mas ela não me ouve, — Bridgette disse, parando atrás da minha tia.

— Ev, por que você não me contou que ela sabia cantar assim, cara? — Foi a vez de Leland falar.

Eu balancei a cabeça.

— Acabei de descobrir.

— Ela precisa ir para um estúdio, urgente, — Leland disse.

Antes que eu pudesse responder, a voz de Toot ecoou pelo corredor.

— Ei, Fominha. Sua filha chegou. Acabei de abrir o portão para ela.

Jo tirou Nat do meu colo e saiu do cômodo.

— Vou colocá-la para tirar uma soneca, — ela disse baixinho, mas de forma repentina.

Eu suspirei, sabendo que ela estava apenas tentando proteger sua filha de Ella, e me sentindo mal por ela achar que era necessário.

Leland me lançou um olhar, mas eu só balancei a cabeça.

— Preciso conversar com Jo por um segundo. Receba Ella para mim.

— Beleza, — ele disse, ainda me olhando de um jeito curioso.

Deixei todos no andar no andar de baixo e subi a escada bem a tempo de ver Jo saindo do quarto de Nat e fechando a porta.

— Eu não vou permitir que ela seja cruel com Nat de novo. Já disse que não vou. Eu deveria ter reprimido Ella na primeira vez que ela agiu assim com vocês.

Jo sorriu para mim, hesitante, colocando a mão sobre o meu peito.

— Estava na hora da soneca dela, Ev. Está tudo bem. Vou descer para receber Ella daqui a pouco. Não estou fugindo dela; só preciso de alguns minutos.

— Jo...

— Ev! Ei, dá para você vir aqui? — Leland gritou do andar de baixo, sua voz ecoando pela antessala.

— Espere um minuto!

Jo fechou os olhos com força.

— Pare de gritar, por favor. — Ela apontou para o quarto de Nat. — Ela nunca vai conseguir dormir se continuar gritando.

— Foi mal, — falei baixinho. — Amor, eu prometo que as coisas vão ficar bem. Eu vou *fazer* com que fiquem bem.

— Ev, cara, você precisa vir aqui!

— Merda! — resmunguei.

— Everett! — Jo esbravejou, apontando o dedo em direção à porta de novo.

— Foi mal! — Sussurrei. — Eu já volto, ok?

Ela deu de ombros e eu levei a mão à cabeça, confuso, enquanto descia a escada. Os meus passos vacilaram assim que cheguei à antessala e dei de cara com Ella e com a maldita Esther Reese.

Capítulo 31

Everett

— Você veio trazê-la? — Eu perguntei ao encarar o rosto coberto por culpa de Ella e a expressão sonsa de Esther.

— É o quê? Por que eu pegaria um voo só para trazê-la? Ela não é um bebê, Everett, — Esther disse.

Cocei a testa.

— Tem negócios para resolver em Houston?

— Não.

Voltei minha atenção para Ella e arqueei a sobrancelha.

— Então o que está acontecendo? — Eu esperava que uma das duas respondesse a minha pergunta.

— Se não estiver mais precisando de mim, vou dar uns telefonemas, — Leland disse. Ele estava de pé perto da porta, atrás de Esther e Ella.

Eu olhei para ele.

— Pode pedir para Jo vir até aqui?

Ele assentiu e seguiu em direção à escada.

Voltei minha atenção para Ella novamente. Ela abaixou a cabeça, olhou para mim e suspirou.

— Posso falar com você por um momento? — Ela pediu com um olhar e um tom de voz suplicante.

Eu assenti, olhei ao redor e segurei o braço dela, levando-a para a sala de jantar.

Fechando a porta, eu comecei a falar.

— Eu sei que você não gosta de Jo, mas isso...

— Mamãe ia passar o Dia de Ação de Graças sozinha, papai. Ela estava muito triste por isso, — ela resmungou.

— Eu tenho direito ao Dia de Ação de Graças e ela ao Natal. Sempre foi assim. Essa não é uma novidade para ela. Faz dez ou onze anos que ela vai visitar a mãe em Londres no Dia de Ação de Graças. O que aconteceu dessa vez?

— Eu... eu não sei. Elas brigaram ou algo do tipo.

— Quer dizer então que a ideia foi sua?

Ela deu de ombros, mas eu não era idiota. Esther a deixou com a pulga atrás da orelha e fez aquilo parecer escolha de Ella. Pelo visto ela estava manipulando a própria filha para tentar ferrar com a minha vida. Em toda minha vida, eu nunca bati em uma mulher, mas Esther Reese estava começando a me tentar a sorte.

Alguém bateu à porta, e eu a abri lentamente dando de cara com os olhos arregalados de Jo.

— Oi, Ella. Everett, seu irmão disse que você me chamou?

Depois que Ella murmurou uma resposta desanimada para Jo, eu assenti.

— Sim. Entre.

— Ela vai poder ficar? — Ella perguntou, assim que Jo entrou na sala, lançando um olhar agitado tanto para mim quanto para Ella.

— Deixe-me conversar com Jo. Não vou demorar, — respondi.

Ella curvou os ombros e saiu, fechando a porta ao passar. Jo permanecia imóvel, a alguns centímetros da porta.

— Esther está aqui, — eu falei.

Jo me olhava fixamente.

— Eu sei.

— Não sei o que dizer, amor. Eu sabia que ela estava armando para cima de nós, mas chegar a esse ponto? — Soltei um suspiro e olhei para ela.

Jo se aproximou de mim.

— Ela quer ficar? Aqui? Com a gente?

Eu assenti.

— Ella quer que ela fique? Essa ideia foi dela?

— Acho que ela acredita que a ideia tenha sido dela, mas eu sei que foi Esther quem a plantou.

— O que você vai fazer?

Eu fechei a cara.

— O que você acha que eu vou fazer, cacete? Vou falar que ela não pode ficar!

— Ella vai achar que fui eu quem pediu para você fazer isso.

— Eu não estou nem aí!

— Mas eu sim! Isso é muito pior do que eu pensava. Se ela concordou em trazer a mãe, é porque não gosta de mim. Ela vai me culpar e odiar se você expulsar a mãe dela depois de ela ter visto que você estava aqui conversando comigo.

Eu balancei a cabeça.

— Não, ela não vai pensar assim.

— Vai, sim! Se for para continuarmos juntos...

— Se?!

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— *Se for para continuarmos juntos*, eu gostaria de ter um relacionamento decente com ela. Gostaria que pudéssemos coexistir de alguma forma. Isso nunca irá acontecer se ela pensar que eu mandei você expulsar a mãe dela.

— Nós não temos espaço suficiente.

— Ela vai ter que dividir o quarto com Ella.

Eu fiquei sem reação por um momento, levei as mãos à cabeça e disse:

— Não posso fazer isso. Eu sequer suporto o fato de ter que conviver no mesmo planeta que ela. Ela não vai dormir na minha casa e foda-se, Jo. É sério. Foda-se.

Ela assentiu.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos chegar a um meio-termo então. Ela não poderá ficar aqui, mas poderá vir para o jantar amanhã.

Eu suspirei.

— Ev, estou tentando encontrar uma solução para nós dois. Estamos falando da sua filha.

— Ella não é mais uma garotinha, Jo.

— Ela é a sua garotinha.

— Merda! Tudo bem. Vamos.

Ela parecia confusa e um pouco cansada quando segurei sua mão e a levei para fora da sala. A minha filha e a mãe dela estavam na antessala. Só então percebi a mala da Louis Vuitton atrás delas.

— Ella, o seu quarto está pronto. Vou subir com suas malas daqui a pouco. Esther, você pode vir jantar conosco amanhã, mas... não pode ficar aqui, se é isso o que tinha em mente.

Esther arregalou os olhos e lançou um olhar para Ella, que se aproximou de mim.

— Papai...

Eu balancei a cabeça.

— Ela pode vir para o jantar amanhã e está acabado. Eu te amo, Ella, e quero viver o dia de amanhã com você, mas a sua mãe não pode ficar aqui. Não seria apropriado, muito menos confortável.

— Confortável para quem? — Ella perguntou.

Inclinei a cabeça para o lado.

— O que disse?

Ela encarou Jo antes de voltar a olhar para mim.

— Nada.

— Ah, sim, foi o que pensei. Já pode ir para o seu quarto. Mais tarde conversaremos mais.

Ella abaixou a cabeça e caminhou lentamente em direção à escada. Quando eu tive certeza de que ela não estava mais por perto, olhei para minha ex-mulher, e disse:

— Quanto a você, sua dissimulada, pegue suas coisas e vá

embora. *Agora.*

Jo segurou meu braço.

— Ev...

— Everett, eu duvido que haja acomodações disponíveis tão em cima da hora, — Esther disse baixinho.

Com as sobrancelhas arqueadas, eu perguntei:

— Por acaso eu estou com cara de preocupado?

— Ela pode ficar na minha casa com Neil e Nolan. Tem bastante comida na geladeira, — tia Ever sugeriu. Ela estava em algum lugar atrás de mim, mas não me virei para ver onde exatamente.

— Não se preocupe, titia. Ela não irá valorizar a sua hospitalidade, além disso, ela pode muito bem encontrar um lugar. Toot!

O meu primo apareceu em questão de segundos.

— Oi, primo.

— Poderia levar Esther até a cidade? Ela precisa encontrar um lugar para ficar.

— Sim, sem problemas.

Esther me lançou um olhar furioso antes de pegar a mala de rodinhas e seguir para a porta com Toot.



Jo

Eu não suportava essa mulher. Não suportava o jeito como ela pronunciava o nome de Ella com aquele sotaque carregado que não deveria nem existir, já que ela tinha vindo para os Estados Unidos muito antes de eu nascer, sem contar a maneira como ela sorria com seus dentes perfeitamente brancos, alinhados, sem espaço extra entre eles ou o modo gracioso com que ela andava, sua maquiagem e cabelo impecáveis, mas acima de tudo, eu não suportava a forma como ela olhava para o meu namorado. Mesmo com a casa cheia com a família Amerson — parentes maternos de Everett — eu continuava pensando nessa mulher, nessa intrusa irritante.

Mas foi você quem o encorajou a convidá-la para o jantar.

Eu era muito idiota.

Esther chegou para o jantar pela manhã, quando Everett e eu ainda estávamos dormindo — Ella abriu a porta para ela antes mesmo do nascer do sol. Quando eu entrei na cozinha para ver se tia Everlina precisava de ajuda com o café da manhã, Esther já estava lá vestida como se fosse participar de uma sessão de fotos para a revista *Marie Claire*, enquanto eu usava uma camiseta, calça de moletom e um

cachecol cobrindo minha cabeça sem nem ao menos ter tomado banho. Depois que a tia de Everett me garantiu que estava tudo sob controle, dei um pequeno aceno de cabeça para Esther, o qual ela não se incomodou em retribuir, e fui para o quarto me arrumar.

Eu estava uma pilha de nervos. Everett já estava de pé, concentrado em seu celular quando retornei e corri para o chuveiro sem dizer bom dia. Eu estava quase acabando de tomar banho quando ele se juntou a mim e me fodeu até eu ficar de bom humor, um humor que foi arruinado pela presença dela quando Everett, Nat e eu fomos tomar café da manhã com todo mundo — tia Everlina, Bridgette, Tommy, Ella, Leland e Esther — apesar de ela mal ter aberto a boca na presença desagradável de Everett.

Às dez horas daquela manhã, eu estava colocando o casaco em Nat para caminharmos pela propriedade. Fazia uns dez graus lá fora, frio demais para o que eu estava acostumada. Everett estava tão distraído assistindo a um jogo de futebol americano com os irmãos que não me viu saindo.

Eu estava próxima à quadra de basquete, a alguns metros do pátio, quando ouvi a voz dela.

— Jo?!

Parei de forma tão abrupta que Nat me olhou com os olhos arregalados e uma expressão curiosa. Dei uma olhada para trás e a vi andando em nossa direção usando uma calça jeans apertada, um casaco azul-marinho e lindas botas marrons de montaria. Eu a observei aproximar-se de nós.

Inclinando-se, ela apoiou as mãos com unhas muito bem feitas sobre os joelhos e sorriu para Nat.

— Olá. Acho que não fomos devidamente apresentadas. Eu sou Esther. Qual é o seu nome?

— Nat! — Minha filha respondeu com um sorriso cheio de dentes, sua marca registrada.

— Natalie, — eu corrigi.

— Ah, que lindo! — Esther elogiou.

— Obrigada! — Nat respondeu sem demora.

Esther endireitou-se e olhou para mim.

— Você se importa se eu caminhar com vocês? Eu gostaria de conversar.

— Na verdade, eu me importo *sim*.

— Ah, é? Bem, eu só queria dizer que fico feliz por você e Everett, e espero que possamos nos dar bem, pelo bem de Ella.

Eu a encarei por um momento antes de dizer:

— Ok. Obrigada.

Assim que eu me virei para continuarmos nossa caminhada, ela disse:

— Que bom que esteja de acordo, porque como mãe da única filha dele, a única filha que ele *sempre* terá, estarei presente em sua vida por um longo tempo.

Dei uma risadinha enquanto pegava Nat no colo.

— Ok. Foi ótimo conversar com você.

— Qual é a graça? — Ela parecia... desapontada.

— *Você* está tentando me aborrecer, me intimidar, me assustar, fazer com que eu acredite que exerce um papel muito importante na vida de Everett quando já ficou claro que você *não* faz parte dela. Teve que arrumar uma maneira de passar o Dia de Ação de Graças com ele, ele não atende suas ligações e a forma como ele a rejeita é quase constrangedora. Você exala desespero e não me assusta. Sabe aquela história sobre Ella ser a única filha que ele terá? Tudo bem, se é o que você diz... Mas eu sou jovem. Muito mais jovem do que você. Na verdade, você poderia ser minha mãe e avó da minha filha. Que loucura, não acha? — Dei uma risada, mas continuei falando antes que ela respondesse. — Os seus óvulos já devem estar passados, mas os meus estão em perfeitas condições, apenas aguardando serem fertilizados por Everett. Temos treinado muito para isso, sabia? E eu amo cada segundo.

Antes que ela pudesse rebater, as portas que davam para o pátio foram abertas e um homem com um metro e noventa de pura fúria se aproximou de nós. Por instinto, deitei a cabeça de Nat sobre o meu ombro e cobri seus ouvidos, porque Everett parecia prestes a xingar Esther.

Ele parou entre nós, encarando-a enquanto dizia:

— Você só pode ter enlouquecido para vir falar com ela!

Diante de seu corpo imponente, vi que os olhos delas tinham se arregalado.

— Como vamos ser da mesma família, estávamos apenas conversando.

— Eu não sei qual língua preciso usar para que você entenda, mas eu não quero nada com você. *Nunca*. Você não queria passar o feriado com Ella? Então vá fazer isso! Ela está dentro de casa, não aqui fora. Fique longe de Jo!

— O qu... o que ela tem de tão especial? — Havia lágrimas em seus olhos, mas eu não conseguia simpatizar com ela. Ela era uma causadora de problemas e isso era óbvio. Além disso, estava transformando a filha em um peão nesse jogo que tentava jogar com Everett. Eu não podia ter respeito por isso.

— Ela não destruiu a porra da minha vida!

Quando eu percebi que Ella estava perto das portas assistindo todo o alvoroço, dei meia-volta e continuei minha caminhada com Nat em meu colo, pois eu sabia que o drama familiar estava prestes a sair

do controle.

Quinze minutos depois, eu estava de mãos dadas com Nat, deixando-a caminhar ao meu lado, quando ouvi o ruído dos cascalhos atrás de mim — alguém se aproximava de nós —, e mesmo sem olhar, eu sabia quem era. Ele nos alcançou, e para a alegria de Nat, a pegou no colo. Ele a jogava para o alto e ela ria como nunca.

— Você a fez andar tudo isso? As pernas dela são pequenas demais.

— Ela é muito pesada para ser carregada.

— Não é, não.

— Eu não sou um homem alto e musculoso, então ela é, sim.

Ele fez um gesto para a casa de dois andares com estrutura branca por onde estávamos passando.

— Este terreno foi o primeiro imóvel que comprei. Eu construí essa casa para minha mãe quando eu tinha dezenove anos. A minha casa veio depois, quando Esther e eu nos separamos. Antes da minha mãe vir morar aqui, ela alugava um apartamento, o mesmo onde fui criado. Cinco crianças em um apartamento com dois quartos. — Ele balançou a cabeça. — Tínhamos uma casa antes do meu pai morrer, mas nós a perdemos um ano depois. Ele não tinha seguro de vida e ela não tinha estudos, por isso teve que batalhar muito, mas era uma ótima mãe. Ela era alta, forte, linda e tinha um coração enorme. Era uma pessoa boa.

— É uma casa adorável, e eu sei que para ter criado um homem tão bom quanto você, ela tinha que ser uma boa mãe. — Assim que passamos pela casa, seguindo em direção a uma área arborizada, eu perguntei: — O que aconteceu com seu pai?

— Quer saber como ele morreu?

Eu assenti.

— Ele era motorista de caminhão. Dormiu ao volante e colidiu com outra carreta. Disseram que ele morreu com o impacto. Eu era muito novo, Leland era um bebê quando aconteceu. Kat estava na alfabetização. Acho que os gêmeos tinham sete anos, e eu me tornei o homem da casa aos onze.

— Deve ter sido uma pressão enorme para um menino aguentar.

Ele deu de ombros.

— Acredito que sim, mas não enxergo dessa maneira. O meu pai era um bom homem, o melhor. Fiquei honrado em ocupar seu lugar.

— Então você passou a cuidar financeiramente de toda a sua família assim que possível, certo? Eu li em algum lugar que você colocou todos os seus irmãos na faculdade.

— Eu fiz o que pude, tentei ser uma figura presente para eles.

Principalmente para Leland, porque sempre fomos muito próximos. Eu sempre tive essa sensação de que precisava cuidar dele.

— É por isso que Leland vive grudado em você?

Ele me olhou com uma expressão confusa.

— O que quer dizer?

— Eu quase não vi seus outros irmãos desde que chegamos aqui, e eu sei que Kat veio visitar a família do marido nesta semana, mas Leland parece estar se divertindo com você desde que ele chegou na cidade. Dá para ver que ele te admira.

— Pois é, sou o irmão mais velho dele.

— Sim, nada que eu já não soubesse.

— Você queria ter irmãos?

— Eu só queria ter uma família.

Ele colocou o braço sobre meus ombros, puxando-me para perto dele.

— Agora você tem uma, e estão todos dentro da nossa casa, apesar de serem totalmente perturbados.

Eu ri.

— Perturbados como?

— Leland não quer ficar com mulher nenhuma a menos que o útero dela esteja inoperante, e sim, pode ser que ele esteja tentando ser igual a mim, já que eu cometi o erro de me casar com Esther. Nolan não namora ninguém que não esteja precisando de um visto, e Neil não dá um tempo da bebida nem dos jogos de azar para conseguir namorar. Quanto a Kat, ela é ótima, mas acho que ela e Wayne não estão tão felizes quanto querem demonstrar. Tia Ever e tio Lindell moram juntos desde sempre, mas ele nunca se divorciou da primeira esposa. Você não vai conhecê-lo hoje, porque ele sempre passa o feriado com os filhos que ele teve antes de conhecer tia Ever. Ainda tem a tia Wyvetta e o tio Lee Chester que você não conhece... eles são irmãos da minha mãe, e meus primos Lunch Meat e Barbie. Todos eles são loucos.

— Você não mencionou Esther. Ao que parece, ela acha que faz parte da sua família também.

— Jo...

— Estou brincando com você, Fominha.

— Não faça isso.

— Você tem uns cinquenta nomes, cara, mas acho que Fominha é o melhor!

— Pare com isso antes que Nat comece a me chamar dessa mer... coisa.

Eu ri e continuei andando pelo caminho de cascalhos que era rodeado por árvores.

— Está tudo bem entre nós dois, amor? — Ele perguntou.

— Sim. Mas não vou mentir. Essa situação é estranha e me passa a impressão de que as coisas com Ella não vão melhorar. Eu quero muito, muito pegar as minhas coisas e levar minha filha embora daqui.

— Se fizer isso, eu vou com você. Eu também não quero ficar perto de Esther, e foi você quem disse que ela poderia vir para o jantar.

— Para o jantar! Não para passar o dia inteiro aqui!

Ele abaixou a cabeça.

— Eu sei. Esther e Ella estão...

— Conspirando contra mim.

Ficamos quietos por um tempo até ele parar e se virar para mim. Nat estava dormindo em seus braços.

— Eu não sei o que fazer com Ella, — ele admitiu.

O meu olhar estava fixo ao dele.

— Eu imagino. Você nunca viveu uma situação assim antes.

— Eu quero que ela goste de você, mas mesmo que isso nunca aconteça, eu não vou deixar você partir. Eu queria poder *fazer* com que ela gostasse de você, mas ela sempre será influenciada pela mãe. Talvez eu... tenha que viver relações separadas com vocês, mas os dias como o de hoje ficariam impossíveis. Não sei...

— Eu poderia... nós poderíamos...

— Se disser essa merda mais uma vez vou começar a pensar que está procurando uma escapatória. Você quer ficar comigo, Jo?

Eu o encarei, surpresa.

— Você sabe que sim! Eu te amo!

— Então pare de tentar me deixar, porra! — Ele esbravejou.

Eu dei um salto para trás, meus olhos percorrendo a mata ao nosso redor à procura de algo que eu não sabia o que era. Ele nunca ergueu o tom de voz comigo. Ele devia estar muito irritado.

— Eu não estou tentando deixar você. Não é isso o que eu quero. Estou apenas tentando ser prática e deixar avisado que não espero que você me escolha ao invés da sua filha, — falei baixinho. — E você não tem que gritar comigo.

Nat levantou a cabeça e ele começou a balançá-la para tentar fazê-la voltar a dormir.

— Eu sinto muito, — ele disse, baixando o tom de voz. — Estou frustrado. Quero que Esther vá embora. Quero que este dia acabe.

— Eu também quero. Vamos voltar. Daqui a pouco será a hora do almoço.

Ele assentiu, segurou minha mão e nos levou de volta para a casa.

Capítulo 32

Everett

— Minha irmã, vou te falar uma coisa, você mandou muito bem nesse molho! Uau! — Tio Lee Chester gritou do outro lado da mesa.

— Obrigada, — tia Wyvetta agradeceu com um sorriso enorme no rosto. Ela era mais baixinha do que tia Ever, mas era forte e uma cozinheira quase tão boa quanto ela. O repertório culinário de tia Ever era mais abrangente do que o da irmã dela, mas tia Wyvetta era uma especialista em molhos.

— Está muito bom, — Jo concordou. Estávamos na grande mesa da sala de jantar junto com minhas tias, Everlina e Wyvetta, meu tio, Bridgette e Leland. Nolan e Neil, a acompanhante de Nolan, um monte de primos, Ella, Esther e Tommy deviam estar na cozinha ou na sala principal. A esposa de Toot, Miko, estava na sala principal dando comida para Nat. Miko era doce, tranquila e amava crianças. Nat gostou dela assim que a viu.

Era assim que passávamos os feriados em minha família: de um jeito informal, mas sempre juntos. Eu fiquei feliz por Jo fazer parte disso, já que ela não era próxima de sua família. Também fiquei feliz porque Esther não estava aqui com a gente. Eu estava disposto a pagar para que pessoas enchessem a mesa de jantar, só assim eu a manteria longe de mim.

— Quer dizer então que foi por essa aí que você brigou na TV? — Tio Lee Chester perguntou grosseiramente.

— Lee, por que tem que falar desse jeito? — Tia Ever repreendeu.

— Ué, não foi isso o que aconteceu? Eu assisti no BET. Esse canal não é o mesmo desde que se livraram do Donnie ‘Dr. Olhos Verdes’ Simpson. De qualquer maneira, você acabou com aquele cara por causa dela, sobrinho!

Dei de ombros.

— Fiz o que tive que fazer, tio. Só isso.

— Você sempre foi briguento. Vivia se metendo em problemas

por brigar na escola. Adorava dar umas porradas em todo mundo, — tio Lee comentou, dando a gargalhada que era sua marca registrada.

Jo olhou em minha direção.

— É sério?

Eu assenti.

— Faziam bullying comigo por ser gordo, então eu batia neles. Eles entenderam a mensagem.

Ela me lançou um olhar triste, como se lamentasse pelo meu eu adolescente. Eu sorri para ela antes de me inclinar e beijar sua bochecha.

Tio Lee se recostou na cadeira, dando tapinhas em sua barriga de cerveja.

— Bem, ela é uma coisinha fofa. E tem pele clara. Mulheres com a pele clara costumam ser bravas igual uma cobra cascavel.

— Ela é mesmo, — dei uma risada.

Pelo canto do olho, vi Jo revirar os olhos.

— Não é possível ser tão ruim assim e permitir que a ex-mulher passe o dia toooodo aqui, — tia Ever comentou. Bridgette cobriu a boca com a mão, seus olhos arregalados.

— Está tudo bem. Ella queria passar o feriado com a mãe, — Jo disse de um jeito quase convincente.

— Caramba, eu queria fazer parte da nova geração. Os homens conseguem escapar de tudo. As mulheres estão dispostas a dividir... — Tio Lee balançou a cabeça. — Deve ser legal.

Jo curvou-se sobre a mesa sem pestanejar.

— Não estou disposta a dividir nada, muito menos Everett. Sou uma mãe divorciada, e entendo como é querer passar os feriados ao lado de sua filha, mas é só isso. Sabe esse manda-chuva aqui que todos vocês chamam de Fominha? Eu perco o juízo por causa dele. Pode acreditar.

Tia Ever caiu na gargalhada, tia Wyvetta ficou chocada, Bridgette cumprimentou Jo, Leland riu, eu abri um sorriso de orelha a orelha e tio Lee me lançou um olhar engraçado.

— Que braveza, hein? Eu te falei, — ele disse.

— Eu sei, mas adoro isso, — respondi.

— Aposto que sim. Opa, meu telefone está tocando. — Ele apertou o botão no fone de ouvido bluetooth que devia ser de uns quinze anos atrás, e atendeu a ligação aos gritos. — Quem tá falando? — Ele disse aquilo como se ninguém pudesse ouvi-lo.

Bridgette engasgou tentando conter uma gargalhada.

Jo olhou para mim e sussurrou:

— Não acredito que ele tem um fone assim. Faz muito tempo que não vejo um desses.

Eu me aproximei dela.

— Ele é uma figura.

Ela riu.

— Daqui a pouco estou aí! Você deveria ter vindo! Não quer fazer mais nada além de ficar dentro de casa assistindo *Family Feud*. Eu já te falei que Steve Harvey não quer saber de você... Mulher, eu já falei que vou daqui a pouco! Sim! — Tio Lee apertou o botão de novo, balançando a cabeça. Até onde eu lembrava, ele e sua esposa, Lou, brigavam igual cão e gato.

— Ever, a doida da Lou quer que eu leve um pouco de comida para ela, — ele disse para a irmã.

Tia Ever assentiu.

— Vou preparar um prato cheio para ela. Eu queria que ela tivesse vindo nos ver.

Tio Lee balançou a cabeça.

— Lou não bate bem da cabeça. Nunca quer ir a lugar algum. Sobrinho! Onde você encontrou Jo? Como se conheceram?

— No trabalho dela. Ela trabalhava em uma joalheria e, um dia, foi entregar um colar que eu tinha comprado para Ella. Depois disso, não consegui mais esquecê-la.

— Que fofa! Você ainda trabalha lá, querida? — Tia Wyvetta perguntou.

— Não, senhora. Estive muito ocupada com Everett me arrastando pelo país inteiro.

— Em turnê? Eu amava acompanhar Everett nas turnês.

Resmunguei ao ouvir a voz de Esther. Eu não tinha percebido que ela havia entrado na sala, mas imaginei que tivesse passado pela porta que levava à antessala.

Neil entrou na sala segurando um prato, olhou ao redor, balançou a cabeça e disse:

— Não quero me envolver nessa merda. — Ele deu meia-volta e foi para a cozinha.

Um segundo depois, Nolan apareceu com um prato na mão, e recostou-se contra a parede. Ele deu uma mordida no que estava comendo, olhando para mim, Esther e Jo como se estivesse assistindo uma partida de tênis.

Tia Wyvetta, que nunca gostou de Esther, disse:

— De onde você é, Jo? Imagino que seja do sul.

Jo sorriu para minha tia.

— Nascida e criada em Reola, Alabama, uma cidadezinha próxima de Huntsville.

— Ah, é? Temos parentes no Alabama. Quem são seus familiares? Qual é o seu sobrenome?

— Walker, mas antes de eu me casar com o pai da minha filha, meu sobrenome era Curry. O nome da minha mãe era April Curry,

seus pais se chamam Leon e Oradean Curry. O nome da minha tia é Audrey Curry.

Nossa, eu descobri mais sobre a família de Jo neste momento, do que durante todo esse tempo que eu a conhecia. A verdade é que eu nunca me intrometi em questões relacionadas à família dela, porque sabia que era um assunto delicado, da mesma forma que Esther era para mim.

— Quem são seus avós paternos? — Tia Ever perguntou, assumindo o lugar de tia Wyvetta no interrogatório.

— Uhm... Eu não os conheço, mas o nome do meu pai é James Bright.

Caramba, eu estava mesmo descobrindo um monte de coisas.

— Bright? Que nome estranho, — tia Wyvetta comentou.

— Nem tanto. Eu conheço várias pessoas com o sobrenome Bright, tanto aqui quanto no Reino Unido. Acho que eu tenho parentesco com algumas delas. Não seria engraçado se fôssemos parentes? — Esther se intrometeu.

— Hilário, — Bridgette murmurou.

— Já nos conhecemos? — Esther perguntou.

— Não. Eu tento não me familiarizar com quengas. Sinto muito, — Bridgette respondeu.

— Isso! É isso aí! Era isso o que eu estava esperando. Mais ação! — Tio Lee falou animado. — Ai, merda! Meu telefone está tocando. — Ele apertou o botão do fone de novo. — Quem tá falando? Earl? Estão jogando baralho? O preguiçoso do Willy está aí? Eu *tenho* dinheiro! Tenho quinze dólares comigo neste momento! Sim... sim... aham... Vou passar aí e acabar com vocês depois que eu levar um prato de comida para Lou... Tá bom. — Ele apertou o botão mais uma vez e fixou seu olhar cheio de expectativa em Esther.

Mas eu falei antes que ela tivesse a chance de abrir a boca:

— Ella não está aqui, Esther.

— Eu sei, — ela respondeu.

— A sua filha é um amorzinho, Jo. Uma boneca, — tia Wyvetta se intrometeu.

— Obrigada, — Jo respondeu.

Esther estava de pé, com um prato e um garfo na mão. Toda vez que eu olhava para ela, a filha da mãe estava comendo um pedaço do bolo de abacaxi de Jo.

— Você acabou com o meu feriado para passar um tempo com ela, então vá procurá-la.

Eu me virei de costas para ela assim que tia Wyvetta perguntou a Jo:

— Quais são seus planos para depois do casamento?

— Além de querer criar minha filha, tenho analisado algumas

oportunidades de trabalho.

— É mesmo? — Tia Wyvetta perguntou.

Jo assentiu.

— Ela precisa ir para um estúdio. Jo tem uma voz que você nem imagina, — comentei.

— É sério? — Tia Wyvetta perguntou novamente.

— Ev... — Jo resmungou.

Esther gaguejou atrás de mim.

— É disso que se trata esse acordo? Música? Você quer começar a produzir ou gerenciar pessoas e ela é sua primeira artista? Agora eu entendo... são apenas negócios!

Antes que eu pudesse responder, Jo virou-se na cadeira.

— Acordo? Do que você está falando? Everett veio atrás de mim, ele me perseguiu sem parar, deu em cima de mim e eu me apaixonei por ele. Eu não estou nem aí para cantar. O que eu quero é ficar com ele e criar minha filha. Você precisa esquecê-lo, meu Deus!

— Ah, conta outra! Você estava com Bugz e agora está com Everett. Você canta. A sua intenção é muito óbvia! — Esther falou com empolgação, como se tivesse descoberto a solução para um problema.

— Mas que merda! É o que agora? Eu já falei que levaria comida para você, cacete! Você está me deixando preocupado!

Enquanto tio Lee discutia com a esposa, eu disse:

— Se eu vir esse monte de bobagem em algum blog, Esther, a merda vai feder para o seu lado.

— Você está me ameaçando?

— Não, estou fazendo uma promessa.

— Para você ter ficado irritado desse jeito, então deve ser verdade. Ela está usando você e você também está usando ela. Eu sabia que não dava para acreditar nisso. Você e *ela*? Disposto a criar a filha dela? Ter que aturar seu ex? Agora eu entendi.

— Você é mais louca do que parece, sabia? Veio até o Texas para tentar atrapalhar minha vida. Você não consegue perceber que o fato de não ter seguido em frente depois de todos esses anos é patético? Vou deixar bem claro: Eu. Não. Quero. Você. Nunca vou querer você. Já tenho quem eu preciso e todo esse seu complô estúpido não vai mudar isso. Que droga! Se toca, Esther!

Todo mundo ficou em silêncio enquanto Esther apenas me encarava.

Jo olhou para mim.

— Vou dar uma olhada em Nat. Sinto muito por ter convencido você a recebê-la para o jantar. Ela é... — Ela balançou a cabeça e se levantou.

— O que está acontecendo, mãe? — Ella perguntou com

timidez. Eu não sabia que ela estava aqui na sala.

Jo hesitou, olhando para Esther. Acho que estava esperando para ver qual seria a resposta dela.

— Ella, pode se despedir da sua mãe. Se quiserem passar mais tempo juntas, vão ter que ir para outro lugar, — falei.

— Uhm... — Ella me olhou antes de encarar a mãe.

— Eu só queria respostas. Precisava saber por que ela era especial, tão especial a ponto de você quebrar a promessa que fez para mim, — Esther disse.

Segurei Jo pelo pulso antes que ela pudesse sair da mesa.

— Eu não prometi nada a você, Esther. Você não quer falar sobre isso na frente de Ella, eu sei que você não quer. Mas já que insiste, por mim tudo bem. E para você?

Ela hesitou por um momento antes de sair da sala.

— Papai...

Balancei a cabeça.

— Você vai ficar ou vai embora?

— Vou ficar... mas acho que eu deveria ver como ela está.

Eu assenti e me levantei, segurando a mão de Jo.

— Vamos dar uma olhada em Nat.

Assim que saímos da sala de estar, ouvi tio Lee Chester dizer:

— Outra maldita ligação... o que é agora?!



Jo

Eu desviei os olhos da porta que ligava nosso quarto ao quarto de Nat e os fechei, tentando afastar a ansiedade.

— Você precisa relaxar, Jo, senão vai me sufocar.

As minhas coxas apertavam a cabeça dele, mas era difícil me concentrar naquele momento com a casa cheia de gente.

— Estou tentando.

Ele deslizou a língua sobre meu clitóris e eu estremeci, abrindo as pernas.

— Isso, amor. Vou penetrar você, — ele murmurou, seu hálito quente tocando minha carne sensível.

— Ai! — Sussurrei assim que ele colocou o dedo dentro de mim. — Everett...

— Uhm...

Com sua língua enorme, ele percorreu meu clitóris enquanto introduzia mais um dedo à minha região úmida. Eu me contorci, pressionando minha vulva em seu rosto assim que ele estendeu a mão e agarrou meu mamilo, massageando-o. Agora, a minha mente estava

vazia de pensamentos, agitada com o aumento das vibrações entre minhas pernas. O meu coração batia descontrolado à medida que sua língua me devorava e seus dedos me exploravam. Minhas costas se curvaram assim que uma alegria imensa me atingiu, percorrendo meu corpo. Eu me contraí e preendi a respiração quando uma onda de prazer me inundou, agarrando o cabelo do meu namorado. Assim que os meus sentidos começaram a voltar ao normal, eu abaixei os braços.

Segundo depois, percebi um movimento e senti seu hálito em meu rosto. O cheiro da minha essência atingiu meu nariz e ele me beijou. Ele colocou a língua em minha boca, deslizou seu pau para dentro de mim, deixando-me sem fôlego.

Seus olhos estavam fechados, sua boca aberta enquanto saía e entrava de novo. Ele sussurrou:

— Você tem ideia do quanto eu te amo?

Tentei descobrir como eu poderia respondê-lo quando era tão gostoso tê-lo dentro de mim.

— Não... Quanto? — Eu gemi.

— Eu te amo tanto que não há nada que eu não faria por você, — ele disse com a voz rouca.

— Voc... você morreria por mim?

— Hoje mesmo.

— Mentiria por mim?

— Agora.

— Mataria por mim?

— Sem pensar duas vezes.

— Ahhhh, eu faria o mesmo p...por vocêêê.

Ele manteve seu ritmo tranquilo, permitindo que eu sentisse cada parte dele.

— Jo...

— Quero ficar em cima, — murmurei.

Sem questionar, ele parou e deitou de costas ao meu lado. Eu sentei em cima dele, segurando-o para colocá-lo dentro de mim.

— Não precisa ter pressa, amor, — ele resmungou. — Posso ajudá-la se precisar. É só pedir.

Eu assenti, mordendo o lábio enquanto eu me sentava lentamente sobre ele, gemendo baixinho. Contraindo minhas coxas, ergui os quadris e desci de novo. Eu consegui controlar o ritmo e a profundidade, foi muito bom, mas precisava ser honesta: usei toda a minha energia naquilo.

Ele estendeu a mão e segurou a parte de trás da minha cabeça, colocando meu rosto próximo ao dele.

— Você está se esforçando demais, amor. Relaxe. Posso ajudá-la?

Eu assenti no momento em que ele agarrou minha bunda e

moveu-se em sincronia com os meus movimentos. Fechei os olhos, apoiando-me em seu peito, inclinando-me para lamber seu pescoço. Sua ereção me massageava em vários ângulos diferentes, em diversos níveis de profundidade, e essa... essa sensação foi diferente, um tipo de prazer que eu nunca havia sentido antes. Eu soltei um gemido quando o êxtase me atingiu e o orgasmo começou a se formar, fazendo com que eu abrisse a boca e jogasse a cabeça para trás. Parei de respirar assim que as sensações me invadiram e me enfraqueceram, e eu desmoronei sobre seu peito. Um segundo depois, fui colocada de bruços e ele me penetrou por trás, deslizando com facilidade pelas paredes encharcadas da minha boceta. Enfiei o rosto no colchão e gemi descontrolada enquanto ele aumentava o ritmo de suas investidas, resmungando baixinho com o peso do seu corpo sobre mim.

— Jo! Jo! Jo! Ahhhhh, caralho! — Ele gritou antes que eu o sentisse expandir-se dentro de mim e enrijeceu assim que desabou sobre minhas costas, sua respiração entrecortada atingindo meu pescoço. Ficamos deitados por alguns minutos enquanto eu sustentava o peso do seu corpo. Depois de um tempo, ele se levantou e saiu de dentro de mim, deitando-se de costas e me puxando para os seus braços.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Eu assenti.

— Mais do que bem. Ainda consigo senti-lo e a sensação é muito gostosa.

— Caramba, amor. É sério?

— Aham. Já não sirvo mais para outro homem.

— O objetivo era esse mesmo.

— Você o atingiu.

— Que bom.

— Ei, você só gritou quando já estava no fim. Não sei se fico orgulhosa ou preocupada com você.

Ele riu.

— Por que ficaria preocupada?

— Sei lá. Talvez porque eu não seja mais interessante para você.

— Nada disso. Você ainda é uma bomba nuclear. Eu estava apenas tentando mostrar a você que posso me controlar. Quase consegui.

— Estou surpresa por não ter acordado a casa inteira.

— Tia Ever foi para casa. Não tem ninguém aqui além de Tommy e Bridgette; que devem estar trepando em algum lugar; Ella, que dorme igual a uma pedra, e Nat, que não tem o sono leve como você pensa.

— Não importa. Vou te amordaçar da próxima vez.

— Por que não fez isso hoje? — Ele parecia estar mesmo decepcionado.

— Porque você me pegou de surpresa ao me lamber quando eu já estava dormindo.

— Essa não foi a primeira vez que eu fiz isso.

— Mas você tem que considerar o fato de que eu não estou acostumada com essa casa e há outras pessoas aqui.

— Então vamos ter que vir para cá com mais frequência. Você gostou da viagem?

— Sim.

— A presença de Esther ferrou tudo, né?

— Sim, mas não foi culpa sua.

— Eu não deveria ter permitido. Não vou deixar isso acontecer novamente.

— Ev?

— Oi, amor.

— O que você prometeu a ela? Por que ela estava tão convencida de que o nosso relacionamento não podia ser verdadeiro?

— Pelas mesmas razões que Bugz não consegue aceitar as coisas. Ela é maluca. Eu não prometi nada para ela. Quando eu a peguei me traindo, falei que nunca mais amaria alguém. Acho que disse que também não me casaria de novo. Eu não imaginava que ela fosse enxergar isso como uma promessa de fidelidade. Esther é louca e está com dor de cotovelo porque devia pensar que havia uma chance de voltarmos. Todos que convivem comigo tentaram me avisar que ela não valia nada. Eu deveria ter escutado. Ela foi a razão pela qual eu e meu amigo, Keith, brigamos. Ele tentou me contar sobre ela, mas eu não dei ouvidos. Fiquei envergonhado demais para tentar me reaproximar dele após o divórcio.

— Eu lamento, Everett.

— Foi estupidez minha, não sua.

— Mas eu sei como é se sentir assim. Quer dizer então que você nunca disse para ela que havia uma chance de vocês voltarem a ficar juntos?

— Não, caramba! Você alguma vez disse para Bugz que esperaria por ele?

— Claro que não! Quem você pensa que eu sou?

— Pois é. Tenho que conversar com Ella. Isso não pode se repetir. Nunca mais.

— Sim.

— Obrigado por ficar ao meu lado nos últimos dias, amor.

— Onde mais eu deveria estar? Quero estar onde você estiver.

— Eu te amo, cacete!

— Eu também te amo.

Alguns minutos mais tarde, quando eu já estava quase pegando no sono, ouvi ele dizer:

— Ouviu isso?

— O quê? — Perguntei, sonolenta. — Minha boceta voltando para seu tamanho normal?

Ele deu uma risada.

— Não. Eu ouvi um barulho. Você não ouviu?

— Não.

Depois de um tempo deitado, ele saiu da cama.

— Aonde você vai? — Perguntei

— Ver o que foi isso. Já volto.

— O que poderia ser? Ninguém pode passar pelo portão ou pelo sistema de segurança.

Ele me ignorou, acendendo um abajur e procurando a cueca no chão. Me sentei e peguei sua camiseta, entregando-a a ele enquanto eu vestia meu roupão.

— Fique aqui, Jo.

— Não, vou ver Nat.

— Darei uma olhada ne...

Desta vez, pude ouvir o barulho com clareza e nós dois ficamos paralisados. Poderia ser qualquer coisa ou alguém, já que não estávamos sozinhos em casa, mas algo parecia errado. Muito errado.

Eu não sabia de onde tinha vindo o ruído, mas observei quando Everett foi em direção ao closet. Ele hesitou por um momento antes de abrir a porta. Dei um grito assim que eu a vi.

As palavras de Everett refletiam os meus pensamentos.

— Que porra é essa?

Ela se afastou dele, seus olhos agitados e sua boca aberta. Escutei uma movimentação do lado de fora e uma batida à porta.

— Chefe! Vocês estão bem?

— Claro que não! — Respondeu Everett.

A maçaneta girou e a porta foi aberta. Estava destrancada porque quem mais entraria aqui além de Nat? Ela tinha autorização para nos pegar de surpresa, mas nunca fez isso. Por mais paranoica que eu fosse de ela nos pegar fazendo alguma coisa, Everett tinha razão: quando Nat dormia, nem um tornado conseguia acordá-la.

— O que está... Só pode ser brincadeira! — Tommy gritou. Bridgette estava atrás dele.

— O que você está fazendo no meu maldito closet?! — Everett esbravejou, furioso. — Você foi embora. Como entrou na casa de novo?!

— Papai? — Ella apareceu no corredor enquanto Tommy se aproximava de Everett. Bridgette abriu a porta que dava acesso ao

quarto de Nat e deu uma olhada nela antes de voltar sua atenção para o tumulto em nosso quarto.

— Mãe?! — Ella soltou um gritinho ao ver a mãe agachada no closet.

— Você nos filmou? — Everett berrou, ignorando sua filha. Sem dar tempo para Esther responder, ele arrancou o celular da mão dela, o arremessou contra a parede, batendo-o com força no chão duro de mogno. Ele o chutou para longe e se aproximou de Esther. — Como foi que você entrou na minha casa, caralho?!

— Eu... eu... eu só precisava ver com meus próprios olhos se era mesmo verdade. Eu...

— Mãe... Papai...

— Saia daqui, Ella! — Everett gritou sem sequer olhar para ela.

— Fui eu quem a deixou entrar! — Ella revelou com a voz trêmula.

Everett a encarou, vincos profundos formaram-se em sua testa.

— O quê?!

— Ela estava tão triste e... Ela me ligou chorando, dizendo que não queria ficar sozinha em um quarto de hotel. Depois que todos foram dormir, eu abri o portão e a deixei entrar em casa. Ela estava dormindo no meu quarto e iria embora antes de todo mundo acordar. Mãe, o que você está fazendo aqui?

Esther balançou a cabeça.

— Eu... eu ainda amo o seu pai. Everett, eu não pude evitar.

Everett abaixou a cabeça.

— Ella... eu não sei o que dizer. Eu não... Volte para o quarto.

— Papai...

— Volte. Para. O. Quarto.

Com lágrimas nos olhos, Ella correu para o quarto e a atenção de todos voltou para Esther.

— Tommy, poderia buscar a mala, bolsa, o que quer que essa filha da puta tenha trazido de volta para cá e jogar lá fora?

— Sim, chefe.

— E chame um táxi.

— Entendido. — Tommy saiu.

Bridgette permaneceu onde estava, mas eu tive a sensação de que ela também precisava sair dali, então pedi para que ela ficasse com Nat até as coisas se acalmarem. Ela concordou rapidamente.

Quando restou apenas nós três no quarto, Everett disse:

— Eu sabia que havia algo de errado, mas chegar ao ponto de conspirar para voltar à minha casa, entrar às escondidas no meu quarto, esconder-se no meu closet para me ver transar com a minha mulher? Você precisa ser internada.

Esther balançou a cabeça.

— Ela nem ao menos sabe satisfazê-lo. Eu vi...

— Escute, mas escute bem! Eu não quero você! Ela é a única que eu desejo! O que mais eu preciso dizer para que você entenda essa porra?!

Tanto Esther quanto eu pulamos de susto.

— Vou entrar com um pedido para uma ordem restritiva contra você. Chegue perto de mim ou de Jo e você vai para a cadeia.

— Temos uma filha juntos!

— Uma filha adolescente! Como você mesma disse, ela não é um bebê. Não preciso da sua permissão para estar perto dela. Esther, você está dentro da minha casa sem autorização. Se eu tivesse uma arma aqui, essa seria minha justificativa para atirar em você. Eu poderia chamar a polícia. Tenho testemunhas de que você está me perseguindo. Mas, por causa de Ella, vou deixar que vá embora. Se *qualquer coisa* sobre mim e Jo aparecer na imprensa, eu vou transformar a sua vida em um inferno e jogar toda a merda no ventilador. E não se esqueça de que eu tenho provas. Eu não me importo mais!

— Me desculpe, — ela choramingou.

— Leve as suas desculpas para fora da minha casa!

— Meu celular... Preciso de um celular. Como vou chamar um táxi quando eu voltar para L.A.?

— Eu estou com cara de quem se importa? O problema é seu!

Ele recuou para ela sair do quarto. Tommy estava do lado de fora com as coisas dela, e eu apenas observei enquanto ele a acompanhava pelo corredor. Eu não sei o que aconteceu comigo — se foi a invasão da minha privacidade ou o fato de que ela estava andando às escondidas pela casa enquanto minha filha dormia, inocente —, só sei que a minha pele começou a queimar, meus olhos arderam, e assim que Everett se aproximou de mim perguntando se eu estava bem, tudo o que consegui fazer foi balançar a cabeça, chorando.



Everett

Voltamos para casa em um jatinho particular no dia seguinte, dois dias antes do planejado. Jo estava quieta, segurando Nat no colo enquanto Bridgette estava sentada ao seu lado, distraída com o celular. Eu estava sentado de frente para elas tentando encontrar um jeito de corrigir essa bagunça. Nolan, Neil e Leland também estavam a bordo porque iriam a um jogo em L.A. no dia seguinte, mas eu não estava com vontade nenhuma de conversar com eles. Eu sequer

conseguia achar graça nas implicações de Neil com Nolan sobre mandar a namorada dele de volta para casa em um voo comercial. Ele continuava se referindo a ela como Svetlana quando eu sabia que esse não era o nome dela, mas sim da garota do evento beneficente. Estava tudo distorcido, e pelo visto, o único lado positivo da situação foi o arrependimento de Ella por ter deixado sua mãe entrar na casa — desde que acordou, ela estava tratando Jo e Nat muito bem. Ela também estava no avião, sozinha em seus pensamentos, olhando pela janela. Eu dei uma bronca nela antes mesmo do amanhecer, mas ela viu que o que fez foi errado.

Assim que Bridgette saiu da poltrona, eu a ocupei rapidamente, aproximando-me de Jo ao perguntar:

— Você está bem?

Ela me olhou com seus olhos inchados e assentiu.

— E você?

— Para ser sincero, não. O meu dever é proteger você e Nat. Estou fazendo um péssimo trabalho, não acha?

Ela balançou a cabeça.

— Se o que ela fez foi culpa sua, então todas as merdas que Sid tem feito é culpa minha.

— Acho que você tem razão.

Ela suspirou.

— Por que temos dois ex insanos que não nos deixam em paz?

— O seu fala mais do que faz. A minha? Não sei nem o que dizer. Ela é uma psicopata, caralh... Caramba.

— Sim. Eu só... Eu me sinto suja por saber que ela estava nos assistindo, ouvindo nossas conversas íntimas. Sem contar que ela viu o meu esforço para...

— Esqueça o que ela disse. Ela estava querendo irritar você. O que ela viu foi que estávamos nos divertindo, fazendo algo que ela sente falta. É sério, porr... Merd... Esqueça ela, não deixe isso mudar o que existe entre nós, por favor. Você tem todo o direito de querer fugir disso, mas eu imploro para que não vá. — Olhei para Nat, que estava entretida com algo no iPad de Jo.

— Eu te amo, Ev. Não consigo simplesmente acordar num belo dia e decidir que vou deixar você. Mas não vou agir como se não estivesse desconfortável. Eu... Eu me sinto violada.

— Eu também. Falei sério quando disse que vou pedir uma ordem restritiva.

Jo assentiu e fechou os olhos, encerrando a conversa. Eu não tinha certeza se ela acreditava em mim. Teria que demonstrar que não falei aquilo da boca para fora.

Capítulo 33

Jo

Quer dizer então que o negão esqueceu mesmo.

Desde a hora que acordamos até agora eu estava esperando ele falar aquilo. Ele tinha dito, “Bom dia”, “Dormiu bem?”, “Está com fome?”, “Está dolorida?”. Falou ainda a minha frase preferida: “Posso comer sua boceta?” Sim, eu dei para ele, mas ainda assim, não o ouvi dizer as palavras “Feliz aniversário” nem uma vez. Eu estava tão chateada que sequer conseguia raciocinar direito. Ele conseguia lembrar de tudo, inclusive as letras de suas milhares de músicas, mas lembrar do meu aniversário era complicado demais.

Passei o dia inteiro fazendo beicinho — sim, beicinho. É claro que Bridgette ligou para mim, assim como Shirl, apesar de eu não ter mantido contato com ela como deveria, mas ninguém veio me visitar ou me presenteou. Esse aniversário estava sendo uma droga, principalmente porque o homem que declarava seu amor por mim quase todas as horas do dia não havia lembrado.

Agora, ele estava no estúdio, mas tinha passado boa parte do dia no escritório que ficava em casa, e eu passei o tempo sentada vendo Nat brincar e encarando o feed do meu Instagram. Eu ainda era notícia, ou melhor, fonte de muita especulação, mas nada que fosse parecido com o que a louca da Esther presenciou enquanto se escondia no closet foi publicado. Pelo visto ela tinha bom senso suficiente para cumprir a ordem restritiva. Sim, Everett conseguiu uma. O advogado dele não brincava em serviço. Além de Everett, a medida restritiva abrangia tanto eu quanto Nat, e eu nem compareci ao tribunal no dia em que foi expedida. Ela estava proibida de entrar em contato com a gente. Se quisesse falar com Everett sobre Ella, teria que ser através dos advogados. Eu fiquei feliz por isso, porque ainda me sentia desconfortável por ela ter nos visto transando. Aquilo foi doentio.

Everett perguntou se eu queria pedir uma ordem restritiva contra Sid, mas eu recusei. Sid falava muita merda, mas já tinha provado que não poderia fazer mal nem a uma mosca. Além disso, eu

tinha esperança de que um dia ele fosse um pai decente para Nat. Precisávamos nos comunicar abertamente para isso acontecer. Eu já tinha percebido que Sid era inofensivo, apesar de gostar de falar besteira, e que sentia prazer em irritar as pessoas. Quanto à Esther, era uma descompensada.

Mas quando meu celular vibrou e o nome de Sid apareceu na tela, a ordem restritiva pareceu bem mais atraente, porque eu não estava com humor para lidar com suas loucuras.

— Alô? — Falei com uma voz distante. Eu estava cansada de tudo.

— Oi, eu só queria te desejar um feliz aniversário.

Tirei o telefone da orelha e o encarei. Ele lembrou?

— *Jo? Está aí?*

— Sim... Obrigada?

— *De nada, amor. Sinto sua falta.*

Eu suspirei.

— Sid, não...

— *Tudo bem. Eu só queria que você soubesse. Nat está bem?*

Ele falou o nome dela quando não havia a presença de uma plateia?

— Sim. Ela está bem. Estou no quando dela observando-a brincar.

— *Ela gosta daí? Da casa nova?*

— Gosta.

— *E você?*

— Sim, eu gosto.

— *Quem bom. Envie uma foto dela brincando para mim.*

— Ok.

Nós conversamos por mais alguns minutos que ele usou para fazer um monte de perguntas sobre Nat, em especial quais brinquedos ela gostava, porque ele queria comprar um presente de Natal para ela. Ele até pediu desculpa por nunca ter comprado nada para ela. Eu desliguei o telefone com esperança de que esse fosse o primeiro passo na direção certa, e passei os minutos seguintes tirando fotos de Nat.

— Ei.

Ergui a cabeça e encontrei Ev parado perto da porta de Nat. Como sempre, ela largou o que estava fazendo e correu para ele. Enquanto ele a pegava e a jogava para o alto, eu terminei de selecionar uma das dez fotos que tirei de Nat e a enviei para o pai dela. Logo depois, olhei para ele com um sorriso desanimado.

— Ei.

— O que há de errado com você? — Ele perguntou, perdido.

— Nada, Ev. Nada.

— Que bom. Ligue para a Sra. Young e veja se ela pode ficar

com Nat-Nat hoje à noite. Eu quero sair. — A Sra. Young era nossa nova babá substituta, a amiga da Sra. Sherry, que esteve doente e que Nat visitou várias vezes. Ela não era igual a Sra. Sherry, mas era muito gentil e carinhosa quando se tratava de Nat. Antes que eu pudesse responder, ele acrescentou: — Eu já falei com a Sra. Sherry. Ela está ocupada.

Eu fiquei toda esperançosa. Se ele queria sair, talvez tenha se lembrado.

— Qual é a ocasião? — Perguntei.

— Preciso de um motivo para levar minha mulher para sair?

— Não. Só pensei que houvesse um.

Ele veio até onde eu estava, sentada ao pé da cama de Nat, e beijou minha testa.

— Não há. Ligue para ela.

Eu suspirei.

— E se eu não quisesse ir?

— Você não quer?

Eu queria, droga. Estava cansada de ficar em casa, mesmo que fosse uma mansão, e estava com pena de mim mesma.

— Vou ligar para a Sra. Young.

Jantamos na mesma sala privativa do Ilbert onde tivemos nosso primeiro encontro. Eu fiquei quieta enquanto aproveitava o meu biscoito de lagosta, lembrando de ter chegado atrasada e estar super nervosa em ter um encontro com *Big South*. Naquela época, eu não entendia seu interesse por mim. Na verdade, eu ainda não entendia, mas sabia que o que ele sentia por mim era verdadeiro.

Tentei ser participativa enquanto ele falava, dizendo a mim mesma que era bom para mim e que me amava como nenhuma outra pessoa. Sim, ele esqueceu o meu aniversário, mas não era o fim do mundo. Se o meu pai biológico esqueceu que eu existia, então Everett podia ganhar uma colher de chá dessa vez.

Ele pegou minha mão quando saímos do restaurante e entramos na caminhonete com Tommy ao volante. Eu estava pronta para ir para casa transar, porque por mais que ele tenha esquecido, Everett ficava um gato de calça jeans e camiseta branca.

Quando Tommy estacionou em frente à boate de Everett, Segunda Avenida, eu franzi a testa.

— O que estamos fazendo aqui? Pensei que iríamos para casa.

— Eu não falei que iríamos para casa, falei? — Ele estava olhando para o celular quando me respondeu.

— Não, mas eu pensei que era para onde iríamos.

— Está com pressa para chegar em casa? Precisa de alguma coisa? — Ele perguntou, olhando para mim.

Sim, de você.

— Não sei... Por que estamos aqui?

— Tenho que verificar uma coisa. Você quer entrar?

Eu me recostei contra o banco, cruzando os braços sobre o peito.

— Não.

— O que há de errado com você?

— Nada, Everett. Nada mesmo. Não tem nada de errado comigo, droga.

Ele riu.

— Eu já volto. Você e esse seu comportamento esquisito podem esperar aqui.

Virei-me e encarei a janela.

— Que seja.

Ele se inclinou e beijou minha bochecha.

— Já volto, sua invocada.

Limpei minha bochecha no ombro, recusando-me a encará-lo quando abriu a porta, rindo ao pedir para Chink — um dos seguranças novos que era um gigante porto-riquenho — acompanhá-lo. Eu o observei sair do carro enquanto Tommy permaneceu ao volante. Eu queria chorar, mas aguentei firme. Ele tinha mesmo esquecido o meu aniversário.

Droga.

Não sei quanto tempo fiquei lá sentada, lutando contra as lágrimas quando Tommy falou:

— Ei, o chefe quer que você entre.

Confusa, verifiquei meu celular.

— Ele mandou mensagem para você?

— Sim.

— Por que ele não enviou a mensagem para mim?

— Não sei. Só sei o que ele me mandou.

Respirei fundo e mandei uma mensagem para Everett:

Você não pode falar diretamente comigo? Por que fica enviando mensagens através de Tommy como se não tivesse o meu número?

Everett: Foi mal. Você vai entrar? Eu vou demorar um pouco. Não quero que fique aí esperando.

Eu continuei sentada por um tempo antes de abrir a porta, resmungando:

— Esse filho da mãe...

— Opa, opa, opa! — Tommy disse. — Quer que eu seja demitido? Você sabe que não pode sair do carro sem mim. O chefe

não brinca com isso.

Foda-se o seu chefe.

Apesar do pensamento ter passado pela minha cabeça, esperei por Tommy. Assim que chegamos lá dentro, Tommy disse que iríamos ao escritório, onde encontramos Chink de guarda. Ao entrarmos, cumprimentei Nolan de um jeito desanimado antes de olhar para Everett.

— Estou aqui, — falei.

Ele sorriu para mim, virou-se para o irmão e disse:

— Ela é muito invocada.

— O que você aprontou, cara? — Nolan perguntou. — Ela está com cara de que quer arrebentar você.

Inclinando a cabeça, eu perguntei:

— Pois é, o que você aprontou, *Everett*?

Ele se afastou da mesa de Nolan e se aproximou de mim.

— É você quem tem que me dizer. Venha. Quero te mostrar uma coisa.

Assim que ele segurou meu braço e me levou para fora do escritório, eu perguntei:

— Podemos ir para casa depois?

Ele chegou perto do meu ouvido enquanto andávamos.

— Você está querendo transar, né?

Antes que eu pudesse responder, uma luz ofuscante atingiu meu rosto e uma mistura de vozes gritou:

— Surpresa!

Eu pulei de susto, e quando meus olhos se adaptaram à luz, vi a pista da boate cheia de gente. Nós estávamos no palco e Everett estava sorrindo. Eu estava tão aborrecida com ele que não percebi que era para lá que ele estava me levando.

— Feliz aniversário, Jo! — Ele disse em meio a uma risada. — Você achou que eu tinha esquecido, né?

Eu voltei a olhar para a multidão e comecei a chorar. Eu nunca tive uma festa de aniversário de verdade. *Nunca*. Eu soluçava como um bebê. Senti os braços de Everett me envolverem e ouvi a multidão gritar:

— Ahhhhhh.

— Ei, ei, está tudo bem, — Everett me reconfortou.

Eu o abracei e sussurrei:

— Obrigada.

— Venha. Vamos sentar, — ele disse ao pegar o microfone e anunciar: — Vou levar a aniversariante para nossa mesa. Venham parabenizá-la.

Em meio as felicitações e aplausos, chegamos à nossa cabine e nos sentamos. Everett pediu um coquetel havaiano para mim, e eu não

recusei a dose de bebida alcoólica, tomando-a em um só gole para acalmar meus nervos impactados pela surpresa.

— Você estava puta da vida com South! — Bridgette provocou assim que entrou em nossa cabine e me abraçou. — Deu para perceber quando falei com você mais cedo ao telefone.

Eu revirei os olhos.

— Quer dizer que você sabia de tudo?

— É claro! Fui eu quem convidou todo mundo.

— Quem está aqui?

— Viv, Hera, Sage, a Srta. Shirl da Bijou Park, Teki e Meek da padaria onde você trabalhou. Nossa antiga colega de apartamento, Debbie, Marie daquela loja de celulares que você trabalhou há alguns anos. Eu planejava te contar que ela se mudou para cá. A Sra. Sherry também está aqui, mas foi South quem a convidou.

— Uau! Foi por isso que ela não pôde ficar com Nat. Mas o lugar está lotado. Quem são as outras pessoas?

Bridgette deu de ombros.

— Acho que são amigos do seu namorado.

— Além dos meus irmãos e irmã, e seus acompanhantes.

A música de G-Eazy, *No Limit*, começou a tocar e eu automaticamente comecei a rebolar onde estava sentada, porque era essa a vontade que essa música despertava — rebotados involuntários. Me aproximei de Everett, que estava conversando com um cara que eu não conhecia, e falei:

— Você se importa se eu for para a pista de dança com Bridge?

— Não, a festa é sua, amor. Aproveite.

Saímos da cabine e fomos paradas por várias pessoas que queriam me desejar um feliz aniversário, incluindo Nolan, que me apresentou à sua acompanhante russa — uma mulher diferente da que tínhamos conhecido no evento beneficente e da outra que conhecemos no Dia de Ação de Graças —, Kat e o marido, que não pareciam felizes, Leland, que estava com uma mulher que parecia ser presidente de uma associação de pais e mestres, um Neil bêbado e mais um monte de gente que eu não conhecia até finalmente chegarmos à pista de dança, bem a tempo de pegar a parte da música que a Cardi B cantava. Eu dancei tanto que acabei esbarrando em Kendrick Lamar. Sim, o fodão do Kendrick Lamar estava na minha festa. Fingi costume, pedindo desculpa e olhei para Bridgette, que estava com os olhos arregalados.

Eu continuei dançando, mas Bridgette se aproximou de mim e disse:

— Eu nunca vou me acostumar com isso.

— Eu também não, — respondi.

Depois que a música terminou, voltei para a cabine enquanto

Bridgette foi colocar sua missão em prática: ficar com um dos amigos ricos de South. Ela não conseguiu ir muito longe porque Tommy, aquele que deveria estar fazendo a segurança, aproximou-se dela. Eu não sabia o que existia entre eles e ela também não falava sobre o assunto, mas ele gostava dela. Isso era óbvio.

Havia um pedaço de bolo de aniversário esperando por mim sobre a mesa — era de abacaxi. Comendo um pedaço, eu me aproximei de Everett e ele colocou o braço sobre meu ombro, beijando-me.

— Tenho uma confissão a fazer, — gritei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Sobre o quê?

Encostei minha boca sobre seu ouvido.

— Eu como abacaxis o tempo todo porque Bridgette me contou que eles deixam a boceta saborosa.

— Você acha que eu não sabia disso?

Fiquei de queixo caído.

Ele assentiu.

— Aham... Por que você acha que eu ainda os compro para você? Agora termine de comer para que eu possa comer uma boceta de aniversário quando chegarmos em casa.

Eu balancei a cabeça e comi outro pedaço.

— Bobo.

— Mas você continua comendo o bolo.

— Você esqueceu de mim, né?! — Uma voz familiar gritou.

Saí da cabine e dei uma abraço em Shirl.

— Que alegria ver você!

— Você está linda, parece tão feliz.

— Eu estou!

— Sinto sua falta no trabalho, mas fico feliz por ter saído de lá. Também estou muito feliz por isso. — Ela fez um gesto em direção a Everett. — Garota...

Eu ri.

— Deixe-me apresentá-la à isso então.

— Finalmente!

E foi assim que passamos a noite: ao lado de pessoas me desejando um feliz aniversário enquanto eu as apresentava a Everett e ele me apresentava a seus amigos. Havia tanta gente famosa e seus seguranças misturados junto comigo e meus amigos que era surreal.

Eu tinha bebido três coquetéis havaianos e estava me sentindo inebriada quando Everett perguntou:

— Está pronta para ver seus presentes?

— Essa festa já não é o meu presente?

Ele balançou a cabeça, pegando uma caixa de presente que eu

não tinha notado embaixo da mesa. Uma pequena multidão se formou em frente à nossa cabine enquanto eu desamarrava o laço vermelho e retirava a tampa. Na parte de dentro havia várias passagens aéreas em aberto com várias datas de partida para Bora Bora, Venezuela, Rio, Bali, Maui, e Veneza. Meus olhos turvos encontraram os dele.

— Ev...

— Entrei com um pedido de contestação pela denúncia em Nova York. Eu vou ter que comparecer perante ao juiz novamente para oficializá-lo, mas vou prestar serviços à comunidade e recebi liberdade condicional por alguns meses. Assim que tudo estiver finalizado, vamos fazer essas viagens após a etapa europeia da turnê, caso ele permita que eu viaje para o exterior. Não coloquei passagens para a Inglaterra, Alemanha ou França aí dentro porque esses lugares são pontos de parada da turnê e você já estará comigo. Eu disse que mostraria o mundo a você, e é isso o que vou fazer... começando por aí. — Ele fez um gesto em direção às passagens.

Eu estava chorando de novo quando o agradei. Ele me puxou para um abraço e disse:

— Espere. Tenho mais uma coisa.

Assenti, enxugando os olhos. Ele tirou o celular do bolso, deu alguns cliques na tela e o segurou na frente do meu rosto. Nele havia uma foto de uma lápide com o nome da minha mãe.

— Você precisa me passar as datas para serem acrescentadas, mas já está pago. Comprei em um lugar próximo a sua cidade natal. O cara da marmoraria disse que conhecia sua mãe e que sabe onde ela está enterrada...

Cobri sua boca com a minha, dando-lhe um beijo demorado e intenso antes de segurar seu rosto e dizer:

— Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Depois disso, eu não consegui me afastar dele, meus hormônios atiçados por seus lindos presentes. Pelo que eu senti quando coloquei minha mão sobre sua coxa, ele também estava agitado. Ele disse que poderíamos ir para a área VIP a qualquer momento se eu quisesse ter privacidade, então assim que cheguei ao ápice, falei para ele que eu queria ir para o andar de cima. Assim que entramos na única sala da área VIP que não consistia em um espaço aberto, eu fiz Everett trancar a porta e o ataquei antes que ele pudesse sentar-se direito, chuei seu pau como se quisesse arrancá-lo de seu corpo, fiz com que ele gritasse como uma garota branca de doze anos chamada Molly. Depois eu me sentei sobre ele — algo que eu estava fazendo muito melhor, porque a prática leva à perfeição — até gritarmos igual a dois maníacos. Assim que nos recompomos, eu estava pronta para ir para a pista de dança de novo.

Foi uma noite boa, a melhor das noites. Uma noite *perfeita*. E eu

devia tudo aquilo a Everett “Big South” McClain.

Capítulo 34

Jo

Sid estava a caminho para entregar os presentes de Natal de Nat. Passamos quase uma semana trocando mensagens um com o outro, e para minha surpresa, ele não disse nada estúpido, o que me deixou feliz, porém cautelosa. Com ele, você nunca sabia quando as coisas mudariam.

Olhando pelas janelas enormes da antessala, eu esfreguei as palmas das mãos e mordi o lábio. Deixá-lo vir até nossa casa era um risco que eu estava correndo. Tive que convencer Everett de que foi uma decisão acertada e eu realmente esperava que Sid não fizesse com que eu me arrependesse.

— Você age como se fosse a um encontro, caramba.

Virei-me para encarar Everett, revirando os olhos.

— Não diga isso. Eu só estou... nervosa. Ele tem agido como se tivesse algum discernimento, mas nunca se sabe. Tenho medo que ele enlouqueça de novo quando vir a casa e o meu carro.

— Bem, se isso acontecer, temos seguranças armados na propriedade. Vou pedir que eles acompanhem a entrega desse presente. Se esse babaca der um passo em falso, está acabado para ele.

— Claro... Que bom que eu levei Nat para a casa da Sra. Sherry. Fiz isso porque não queria que ela visse os presentes, caso Sid os traga desembrulhados, mas também não queria que ela o visse sob a mira de uma arma por sorrir para mim.

Com um sorriso no rosto, ele disse:

— Que seja. É melhor que ele se comporte, porque estarei lá com você. — Ele me lançou um olhar de quem esperava que eu fosse protestar.

Mas eu disse:

— Ok.

Ele deu um passo para trás e levou a mão ao peito.

— Você não vai discutir comigo? — Aproximando-se, ele colocou a mão em minha testa. — Você está bem? Está doente?

Eu dei um tapa na mão dele.

— Você é um idiota.

— Já me disseram isso.

— Assim como você, eu não quero ficar sozinha com ele. Não tenho tempo para lidar com ele caso entenda mal as coisas e pense que isso é um encontro, já que gosta de agir como se ainda estivéssemos em um relacionamento.

O celular de Everett apitou com uma notificação de mensagem, e depois de encará-lo por um segundo, ele me olhou e disse:

— Tommy acabou de autorizar a entrada dele. Vamos.

Fomos para a entrada de carros e observamos o Range Rover de Sid parar em frente a nós.

Everett resmungou atrás de mim quando Sid saiu do carro e foi até a parte de trás da caminhonete pegar os presentes.

Eu notei Tommy e Chink se aproximarem ao nosso lado, além de Oba — sim, aquele Oba —, parado nos degraus atrás de nós. Everett o havia roubado de Peter Park porque eu já estava familiarizada com ele. Todos olhavam para Sid enquanto ele se aproximava de mim com algumas caixas muito bem embrulhadas.

— Caramba, — ele disse. — E esses filhos da puta aí, hein? Vocês têm um exército nessa porra.

Peguei as caixas com ele.

— Muito obrigada. Nat vai ficar muito empolgada, — falei, ignorando o comentário dele. Sim, havia segurança em excesso, mas depois do espetáculo que ele deu na Premiação Nacional de Hip-hop, o que ele queria?

— E aí, South? — Sid falou, dando um aceno de cabeça para Everett.

— E aí? Chink? Recolha essa caixas. Tem mais alguma, Bugz? — Everett perguntou.

— Sim, tenho mais cinco. O camarada aí pode vir buscá-las na caminhonete se não tiver problema para você.

— Pode ser, — Everett respondeu, provavelmente com a intenção de limitar a proximidade de Sid comigo o máximo possível.

Eu fiquei observando Chink retirar as caixas da caminhonete de Sid, ciente de que ele me encarava, rezando para que ele não tivesse nenhum tipo de lapso e tentasse fazer algo estúpido na frente de Everett. Quando ele se aproximou de mim, eu preendi a respiração. Assim que ele levou a mão ao meu braço, ouvi vozes e movimentos ao meu redor.

— Ei, cara! Tire suas mãos dela! — Aquele, com certeza, foi Everett falando.

— Yo! Afaste-se! — Tommy disse.

Chink largou as caixas que estava carregando e sacou a arma.

O grandalhão do Oba desceu os degraus e se posicionou entre mim e Sid.

Sid cambaleou com as mãos para o alto.

— Porra! Posso falar com ela por um segundo? Eu só quero conversar, caralho!

Eu fiquei sem saber o que fazer, então olhei para Everett, esperando que ele respondesse.

— O que você tem para falar com ela de tão perto assim, cacete? — Everett perguntou.

— Ev... — Tentei dizer.

— Nat! Preciso falar com ela sobre Natalie! — Sid exclamou. — Vai ser rápido. Podemos ficar aqui mesmo. — Ele apontou para o teto do seu carro.

Eu me aproximei de Everett e o beijei.

— Está tudo bem. Você vai conseguir ficar de olho em nós.

Ele suspirou e assentiu.

Quando eu já estava dentro da caminhonete dele, Sid praticamente sussurrou:

— Eu só queria dizer que percebi que não agi da forma correta com você. Nunca pedi desculpa por ter deixado você para ficar com Sonya. Eu também não deveria ter chamado você de vadia na festa do South. Nada disso foi legal da minha parte, Jo. Eu só... Você foi uma boa esposa. Queria que soubesse disso.

— Obrigada, mas pensei que quisesse falar sobre Nat.

— Eu não podia dizer a verdade para aquele filho da mãe, podia? Se essa situação com ele não der certo, espero que nos dê uma outra chance.

— Isso não seria possível. Mesmo que eu não estivesse apaixonada por Everett, tem algumas coisas que eu não consigo esquecer, sabe? Mas obrigada pelo pedido de desculpas e por se preocupar com Nat.

— Sim, sim, sem problemas. E se eu deixar Sonya? Eu estou com ela porque ela me deixa fazer o que eu quero. Eu poderia transar com você bem na frente dela e ela não moveria um dedo. Vou deixá-la se você me quiser de volta. É só dizer.

— Você até pode deixá-la, mas ainda assim, não me terá de volta. Eu vou me casar, Sid.

Ele abaixou a cabeça.

— Droga, ok. Olha, eu vou estar em turnê no Natal, mas vou fazer uma chamada de vídeo com Nat, tá bom?

— Tudo bem.

— Eu te amo, Jo. De verdade. Fico feliz em vê-la feliz, mesmo que não seja comigo.

— Obrigada, Sid. Isso significa muito para mim.



Eu estava muito nervosa com essa reunião, mas acho que ninguém percebeu. Parecia uma patroa e tentava agir como se eu pertencesse àquele lugar, sentada ao lado do advogado de Everett, que agora também era meu advogado. O meu advogado, Adam Henderson, um cara gato da pele negra cor de chocolate que usava um terno feito sob medida, havia negociado um belo acordo para mim com a *Glam On It Cosmetics*. Haveria uma coleção de brilhos labiais de longa duração e à prova d'água que seria chamada de Mrs. South, apesar do fato de que eu sequer era casada com Everett ainda e o sobrenome verdadeiro dele não era South. Mas eu tinha que admitir que era um nome fofo, e eles permitiram que eu escolhesse e nomeasse cada cor, como um lindo tom de pêssego que chamei de April Audaciosa em homenagem à minha mãe. Eu também nomeei as outras cores da pequena coleção — Vermelho Reola, Marrom da Natalie, Bronze da Bridgette, Coral Tipo Doce de Leite, Sienna da Sage e Magenta da Sra. South.

A empolgação pouco descrevia a sensação que era estar lá, opinando sobre as embalagens e todas as outras coisas relacionadas à linha de brilhos labiais. Ensaios fotográficos foram agendados, bem como reuniões de acompanhamento com o departamento de marketing da empresa. A coleção seria lançada em mais ou menos um mês, e eu estava ansiosa para esse dia chegar. Talvez Everett estivesse certo. Eu devo mesmo ter sido feita para isso — ser a dona da porra toda!

Eu agradei ao Sr. Henderson profusamente quando saímos do prédio com Bridgette e Oba atrás de nós. Everett havia se oferecido para nos acompanhar, mas eu pedi para que ele não viesse. Ele já tinha que lidar com os próprios negócios, e eu não queria sobrecarregá-lo com os meus. Tive que me policiar para não me sentir mal por ele ter sido a única razão pela qual essas oportunidades surgiram para mim. A sua presença seria um lembrete constante daquilo, o que me deixava perturbada. Eu não precisava disso.

— Não esqueça da nossa reunião com a *S.H.E Athletics* na semana que vem, — o Sr. Henderson me lembrou. — Sobre os tênis esportivos *Sra. South*.

— Ah, não vou deixar que ela esqueça, — Bridgette disse cheia de alegria. Eu nunca a tinha visto tão contente, não apenas pelo fato de eu ter colocado o nome dela em um brilho labial. Há alguns dias, quando pedi para que ela fosse minha assistente, fiquei com medo de que ela me xingasse por pensar que eu achava que estava acima dela. Mas ela enxergou meu pedido pelo que ele realmente era: eu estava subindo na vida e queria levá-la junto comigo. Assim que lhe contei

quanto eu pretendia pagá-la mensalmente e lhe presenteei com seu primeiro salário, ela pegou o telefone e pediu demissão do emprego na mesma hora. Prometi a ela que ela teria tempo para correr atrás de sua carreira de atriz. Eu não estava tentando acabar com os sonhos dela; só precisava de alguém para me ajudar a manter tudo organizado agora que eu era mãe, empreendedora e mulher de Big South. Só o fato de ser mulher de Big South bastava para eu ter uma assistente que me ajudasse a acompanhar os eventos que eu tinha que comparecer junto com ele.

— Isso foi muito divertido, garota! Obrigada por me trazer com você! — Bridgette falou entusiasmada quando chegamos ao meu carro.

— Esse é o seu trabalho agora, andar grudada comigo por aí. Ela riu.

— Certo! Fiz várias anotações para você.

— Ótimo. A minha cabeça estava girando naquele lugar. Tenho certeza que já esqueci de algo que foi dito.

Uma coisa que eu aprendi muito rápido depois que Everett começou a insistir que sempre houvesse um segurança comigo, é que era mais fácil deixar o segurança dirigir, por isso estávamos no banco traseiro do veículo enquanto Oba estava ao volante. Agora eu entendia por que Tommy sempre dirigia Everett por aí. Fazia mais sentido do que sair com mais de um carro ou ser motorista do seu próprio segurança.

— Quer saber de uma coisa? Oba, vamos para Rodeo. Estou com vontade de comemorar fazendo compras.

— Pode deixar, patroa, — ele respondeu. Uau, eu era mesmo a chefe de Oba, pelo menos meu noivo era. Que loucura!

— Isso aí! Gaste mesmo essa bufunfa da Sra. South! — Bridgette deu um gritinho. — Você está muito bem de vida agora, garota, e estou fazendo anotações sobre isso também! Primeiro, um rapper atraente e gostoso que não consegue tirar os olhos de você. Segundo, mandou ver com essa sua periquita. Terceiro...

Pelo retrovisor interno do carro, percebi que Oba estava rindo, por isso olhei para Bridgette e disse:

— Vou comprar um Louboutin para você se calar a boca.

Ela ergueu as sobrancelhas e recostou-se contra o assento.

— Nossa, depois dessa, pode me chamar de Helen Keller.



Everett

Eu estava descendo a escada quando meu celular começou a

vibrar. Jo já tinha saído, mas eu dormi a manhã inteira, cansado por ter ficado até tarde no estúdio. Eu teria me arrastado para fora da cama para acompanhá-la até a reunião, mas além de querer cuidar de suas próprias coisas, ela não queria me incomodar com aquilo. Eu estava orgulhoso dela, em como ela se destacava ao controlar seus negócios e em como ficava sexy fazendo isso.

— Alô? — Perguntei, ativando o viva-voz para poder responder a mensagem de Jo que dizia:

Sua mulher já pode ser oficialmente considerada uma chefe.

— *Ev! Cara, passei a manhã inteira tentando falar com você!* — Leland gritou ao telefone.

— Foi mal, cara. Eu dormi até mais tarde. Tive uma noite longa no estúdio.

Para Jo: Na verdade, você sempre foi mandona para caramba.

— *Está trabalhando em quê? Você não acabou de lançar um álbum?* — Leland perguntou.

— Isso seria o mesmo que perguntar por que você ainda treina. Você já não joga pela NBA? É isso o que eu faço. Esse é o meu trabalho e ele me mantém são.

Jo: Tanto faz. Você gosta do meu lado autoritário.

— *Sim, dá para perceber isso. Como está a esposa?* — Leland perguntou.

Eu ri. Ele tem chamado Jo de minha esposa desde que a conheceu no evento beneficente.

— Ela está bem. Teve uma reunião hoje com a *Glam On It*. Ela acabou de me avisar que assinou o contrato.

Para Jo: Gosto, sim. Parabéns, amor. Estou orgulhoso de vc.

— *Aí sim! Dê os parabéns a ela por mim. Não acredito que você não está com ela. Do jeito que você a trata, pensei que nunca fosse deixá-la sair sem você.*

Jo: Obrigada. O que está fazendo sem mim e Nat? Está com saudade da gente?

Eu: Claro que não.

Jo: Haha! Mentiroso. Vou para casa assim que terminar de fazer compras com Bridgette. Te amo.

Aquela mensagem veio acompanhada de uns dez emojis de coração e algumas gotas de água.

Eu: Também te amo, doidinha. Venha logo para casa.

— *Ev! Ainda está aí?*

— Sim, estou aqui. O que está querendo dizer? Que estou apaixonado?

— *Não, quero dizer que você se apaixonou feito um louco!* — Ele riu.

— Cale a boca, cara. Você ligou para zombar de mim só porque não tem mulher? O que aconteceu com a velha Bertha que conheci na festa de Jo? Ela quebrou a bacia? Não querem mais deixar você tirá-la do asilo?

— *Primeiramente, seu idiota filho da puta, o nome dela é Janet, e nós decidimos dar um tempo. Ela estava ficando um grude, perguntava se eu queria filhos... Ela tem quarenta e cinco anos, droga! Para que ela quer ter mais filhos?*

— Ela já tem filhos? — Eu estava na cozinha agora, tentando encontrar algo para comer. Jo não queria uma cozinheira, mas teríamos que fazer alguma coisa. Ficar pedindo comida o tempo todo estava acabando com a minha dieta. Eu não queria voltar a ser o Fominha.

— *Uma garota. Acho que ela tem a minha idade.*

— E isso não é um problema para você?

— *Não.*

— Cara, você é uma figura. — Peguei algumas uvas e fui para a mesa. — Ei, o que aconteceu naquele jogo da semana passada? Estava doido para te perguntar isso. Aquela situação com Armand Daniels foi real?

— *Sim. Ele é cabeça quente. Sempre quer brigar com alguém quando perdemos. Ele resolveu me escolher na quinta-feira passada. Para ser sincero, estou de saco cheio dele, mas os donos do time amam ele.*

— O cara tem talento. Você não pode negar isso.

— *Eu sei, mas ele é um fominha de bola e um babaca. Não respeita ninguém. O meu contrato vai terminar no final desta temporada. Estou seriamente pensando minhas opções.*

— Sério? Está pensando em deixar o Miami? Você ama esse

time, cara.

— *Eu também amava o Clippers e saí. Sempre sei quando é a hora certa de partir para outra. Acho que essa hora chegou novamente.*

— Sério mesmo? Você está considerando o St. Louis? Sei que estão interessados em você.

— *Não sei. Talvez. Só sei que se eu não tomar uma atitude, serei penalizado por dar umas porradas em Daniels dentro de quadra. O cara me irrita.*

— É... eu te entendo. Bem, você sabe que pode contar comigo. Onde quer que você vá, sempre haverá um novo fã em mim.

— *Valeu, Ev. Mas liguei para falar de Neil.*

Eu suspirei, mastigando a uva ao falar:

— Ele está nessa de novo?

— *Sim, tentou me pedir cinco mil dólares emprestados, cara. Mencionou alguns investimentos, mas eu não caí nessa. Só quero que você esteja avisado.*

Eu balancei a cabeça.

— A última vez que ele veio com esse papo para cima de mim, eu dei logo um basta. Ele não vai me ligar de novo. O que você disse a ele?

— *Disse para ele parar com essa porra de jogos de azar.*

— Mas você não deu nada para ele?

— *Acabei de dizer que não.*

— Mas você quis dar?

Leland suspirou ao telefone.

— *Ev, é uma situação difícil, droga. Não dei nada a ele, mas e se ele estiver devendo algum filho da mãe? Sei lá... ele não está legal desde que terminou com Emery. O fato de ela ter ido embora mexeu com a cabeça dele.*

— Sim, eu sei. Leland, faça o que achar melhor e eu vou fazer a mesma coisa. Eu amo Neil da mesma forma que amo todos vocês, e sei que ele ainda está tentando superar essa garota, mas eu já fiz demais. Eu o coloquei na faculdade, comprei o primeiro, segundo e terceiro carro dele, comprei uma casa para ele, dei um negócio para ele, assim como fiz com Kat, e...

— *E comigo também, né?*

— Não, você entrou na NBA por mérito próprio. Eu não tenho nada a ver com isso.

— *Tem, sim. Você pagou pelo meu equipamento quando eu tinha uns sete ou oito anos de idade, pagou para que eu frequentasse os melhores acampamentos de basquete e escolas particulares, pagou professores particulares para que minhas notas fossem boas o suficiente para eu tirar proveito das bolsas de estudos que me ofereciam, você me encorajou e acreditou em mim. A carreira que eu tenho foi você quem me deu, Ev.*

Dei de ombros.

— Eu só fiz o que era certo, o que papai teria feito se estivesse presente. Ele era um homem bom, Leland. Um dos melhores. Ele fazia de tudo por nós.

— *Queria ter conhecido ele.*

— Eu também queria. — Hesitei por um segundo antes de continuar: — Mas olha, como eu estava dizendo, dei aquele negócio para ele, uma das poucas livrarias independentes que ainda opera com lucro, e me ofereci para buscar ajuda profissional e pagar pela reabilitação, mas ele não quis. Não posso fazer mais nada. Eu estou tentando construir uma família. Não posso mais continuar livrando Neil de confusão.

— *Eu entendo e sei que você tem razão. Ele tem que parar com essa merda.*

— Sim, cara. — Olhei para as notificações que abarrotavam a tela do meu celular; Instagram, Twitter, Facebook. Elas não paravam de aparecer. — Então, está pronto para o jogo desta noite? Vocês estão em Memphis, né? Acha que vão vencer?

— *Cara, o meu objetivo é ganhar sempre, e eu fico pronto.*

Antes que eu pudesse responder, uma mensagem de Tommy surgiu em meu telefone:

Chefe, você já viu o vídeo?

Franzi a testa.

— Que bom, cara. Ligo para você depois.

— *Tá bom. Até mais.*

Eu respondi Tommy:

Que vídeo?

Eu praticamente destruí o celular de Esther naquela noite, mas o vídeo que ela gravou pode ter sido armazenado na nuvem. Vou acabar com ela se ela tiver divulgado aquela merda. De qualquer jeito, era impossível ter mais do que vozes. O quarto estava escuro demais para ela capturar uma imagem decente, mas a minha voz era reconhecível. Se aquela filha da put...

Tommy: De Jo e do coroa

Fiquei palisado onde eu estava. De Jo e do coroa?

Eu: Que coroa? O que eles estão fazendo?

Enquanto eu esperava Tommy responder, abri as notificações

do meu Instagram. Várias pessoas tinham me marcado. Eu cliquei em dez notificações mas continuei recebendo o aviso de que o conteúdo havia sido removido e imaginei o que estava acontecendo. Decidi verificar a caixa de mensagens, e foi aí que eu vi.

Eu aproximei o celular do rosto, torcendo para que estivesse imaginando coisas, mas era ela. Sardas, cabelo castanho com tom acobreado e espaço entre os dentes.

Larguei o telefone como se ele queimasse minha mão e me levantei da cadeira, levando a mão ao pescoço. Vi chegarem mensagens de Leland, Nolan e Kathryn, todos perguntando se eu tinha visto o vídeo. Ignorei as ligações de Courtney e Neil. Eu não sei por quanto tempo fiquei encarando o celular antes de pegá-lo para assistir ao vídeo de novo. Será que havia mais, talvez um outro vídeo? A minha cabeça começou a doer quando verifiquei outras mensagens e encontrei capturas do vídeo além de outras fotos que não cliquei para ver. Em seguida, voltei para o vídeo e vi a boca dela em contato com um negão, dando a ele o que eu estava acostumado a receber.

Jo abria e fechava os olhos enquanto fazia um boquete no cara, sorrindo de vez em quando e exibindo aquele espaço entre os dentes. Dava para ouvi-lo gemendo e murmurando algo. O vídeo era longo pra caralho, ou talvez nem fosse esse o caso. De repente, eu só tive essa impressão porque estava vendo a mulher que eu amava chupando o pau de outro homem. Eu fechei o vídeo e voltei para as imagens. Em todas as fotos ela estava nua, com as pernas abertas. Havia algumas em que ela estava se tocando. Depois de uma análise mais detalhada, pude perceber que elas eram antigas, tiradas antes do nascimento de Nat, porque seus seios estavam mais empinados e ela não tinha a pequena saliência na barriga como tinha agora. Será que o vídeo também era antigo? Não dava para saber, porque tudo o que eu conseguia ver era a boca dela, sua mão e... o pau dele.

Merda.

Sentei-me de novo e olhei para o nada, assisti ao vídeo mais uma vez, concentrado nos murmúrios da voz, e percebi que eu a reconhecia.

Tommy: Jo está aqui fora. Oba e Bridgette não estão conseguindo tirá-la do carro. Ela não quer sair.

Um monte de merda atingiu meus pensamentos. Eu precisava de uma linha do tempo para o vídeo. Precisava saber se ele foi gravado antes de nos conhecermos. Tinha que ser isso, certo? Ela não andou por aí de sacanagem com ele, né?

Respirei fundo e disse a mim mesmo para parar de inventar

coisas. Jo não era infiel, muito menos puta.

Você também achava isso de Esther.

Eu afastei aquele pensamento da minha cabeça. Jo não era Esther. Ela era melhor que isso.

Deixando o celular sobre a mesa, fui para o lado de fora e encontrei Jo sentada dentro da caminhonete estacionada em frente a casa. Oba estava de pé ao lado da porta aberta do carro com a cabeça baixa, e assim que eu me aproximei, vi que Bridgette estava ao lado de Jo, conversando baixinho com ela.

— Jo... amor? O que está acontecendo? — Tentei parecer calmo, mas eu sabia que estava parecendo um louco.

Ela ergueu a cabeça enquanto esfregava o braço, provavelmente para amenizar uma de suas crises de coceira. Só então eu vi as lágrimas.

— Você não está sabendo? Você não viu?

Dei uma olhada no banco traseiro da caminhonete. Não havia nenhuma sacola e Oba também não estava segurando nada. Imaginei que a merda explodiu antes que ela pudesse comprar alguma coisa. Fixei meu olhar sobre ela e perguntei:

— Vi... vi o quê?

— O meu vídeo com Sidney. Ele... Nós éramos casados naquela época. Eu... eu confiei nele. Sou a mãe da filha dele. Como ele pôde fazer isso comigo?

Uma sensação de alívio me atingiu como uma tonelada de tijolos, seguida por culpa por achar que ela tinha me traído com ele. Logo depois, fiquei puto pra caralho. Por que ele fez isso com ela?

— Todo mundo viu esse vídeo. Está... está em todos os lugares. Alguém tuitou dizendo que está em um site pornô! Um site pornô, Everett! A sua filha já deve ter visto! Nat também verá um dia! O que eu vou fazer agora? — Ela enterrou o rosto nas mãos, coçou o rosto com as unhas e soluçou enquanto Bridgette me olhava sem saber o que fazer.

— Jo, amor. Vamos...

Jo olhou para mim.

— E as fotos... elas também estão em todos os lugares. Um monte de estranhos sabem como eu sou quando estou pelada! Meu Deus do céu! — Ela se lamentou, cobrindo o rosto novamente.

— Jo... — Eu olhei para Bridgette, que assentiu e saiu do carro. Sentei-me no banco, puxando Jo para os meus braços, e disse: — Eu resolvo, — dispensando Oba e liberando Bridgette. — Ei, — sussurrei para Jo. — Eu estou aqui. Vai ficar tudo bem.

— De que jeito? Eu tentei lidar o melhor que pude com toda aquela história de Esther nos ver fazendo sexo. O fato de ela ter feito isso ainda me incomoda, mas eu já superei. Mas isso? Não consigo

suportar isso, Everett. Eu quero morrer.

— Não fale assim, Jo. O que seria de Natalie?

— Ela ficaria melhor se não tivesse uma estrela pornô como mãe!

— Não ficaria porra nenhuma! As coisas estão complicadas, mas não é o fim do mundo. Kim Kardashian construiu a carreira inteira baseada em um vídeo pornográfico. As vendas dos meus discos devem decolar depois dessa merda. Aposto que você também vai conseguir ainda mais ofertas de trabalho.

— Eu não ligo para isso! O mundo inteiro me viu chupar o pau de Sidney! O mundo inteiro me viu pelada! Você não consegue entender? Eu fui exposta e humilhada! Foda-se esse papo de carreira! Quero a minha dignidade de volta. Não consegue enxergar a gravidade disso?!

Eu conseguia, sim. Só não sabia o que dizer ou como lidar com isso. Eu também estava sofrendo por saber que ela havia sido exposta daquela forma. Saber que tantas pessoas puderam ver o que deveria ser somente meu, me dava ânsia de vômito. A minha vontade era de partir a cabeça de Bugz ao meio. Mas não consegui encontrar as palavras certas para dizer tudo isso a ela, por isso eu apenas a abracei e deixei que ela chorasse antes de levá-la para casa.



Ela não queria comer.

Ela também não queria sair da cama. Como a Sra. Sherry estava cuidando de Nat desde a reunião de Jo, na primeira noite após o vídeo ser divulgado, pedi a ela que deixasse Nat dormir lá. Dois dias depois, decidi que a presença de Nat serviria de motivação para Jo voltar a viver. Então eu fui buscá-la e a trouxe para casa. Eu estava errado. Ela deu um sorriso fraco para Nat, beijou a testa dela e permaneceu na cama. Nat não pareceu se importar e foi para o quarto, só então eu me dei conta de como as coisas estavam ruins. Jo faria de tudo por Nat, ela nunca negligenciou a filha. Esse vídeo tinha bagunçado a cabeça dela. Houve um momento em que fui até o quarto ver como ela estava e encontrei seu celular jogado no chão ao lado da porta, com a tela quebrada, e percebi que as notificações dela provavelmente estavam tão ativas quanto as minhas.

Bridgette apareceu no terceiro dia, mas Jo se recusou a vê-la. O mesmo aconteceu no quarto dia. Era como se Jo não estivesse presente. Tudo o que havia restado foi o casco de uma mulher que eu conhecia e amava.

Eu cuidei de Nat, tentei evitar que ela se sentisse abandonada, mas o que eu queria mais do que tudo era matar Bugz. Sei que isso

não mudaria nada, mas faria com que eu me sentisse melhor. Tommy se ofereceu para mandar alguns primos dele pegar Bugz na porrada, com a promessa de que meu nome não seria envolvido. Tudo o que eu tinha que fazer era pagar com erva. Era uma oferta tentadora, mas eu sabia que suspeitariam de mim automaticamente. Eu não queria ir para a cadeia de verdade.

A única coisa que me fez acreditar que ainda havia alguma esperança apesar do distanciamento dela, era o fato de que Jo permitia que eu a abraçasse à noite, enxugasse suas lágrimas e até deixava eu fazer amor com ela. Mas ela continuava sem falar, só saía da cama para fazer xixi, e depois de eu implorar, ela tomou banho. Consegui fazê-la comer mingau de aveia no quinto dia. As coisas estavam tão ruins que eu não sabia se ela sobreviveria.

Capítulo 35

Everett

Lembrei-me do que ela disse sobre a mãe dela, sobre ela ter entrado em depressão e Jo ter sido levada para um abrigo. Sobre ela ter tomado remédios e nunca mais ter sido a mesma até se suicidar. Eu não suportaria se o mesmo acontecesse com Jo, e não desejava aquilo para Nat. Eu tinha que fazer alguma coisa para tirar Jo daquele buraco, mas o quê?

Uma semana inteira havia passado e ela mal abriu a boca para falar, quase não comia e só andava a curta distância entre a cama e o banheiro. Nat começou a fazer perguntas, querendo saber qual era o problema da mãe dela. Eu disse que ela estava doente, porque não consegui pensar em outra coisa. Além disso, essa era a verdade. Ela *estava* doente, deprimida.

Como Nat gostava de arroz frito, pedi para Tommy comprar comida para a gente e me sentei à mesa cozinha, observando Nat de boca cheia enquanto segurava outra colherada.

— Está gostoso, Nat?

Ela assentiu e me lançou um sorriso cheio de dentes e arroz.

— Uhmnnnnnn! Delícia!

Eu sorri para ela. Era difícil ficar triste quando Nat estava por perto. É por isso que eu sabia que a situação de Jo era séria. Se nem a presença de Nat ao seu lado na cama, dando beijos nela e dizendo bom dia conseguia tirá-la daquele torpor, o que mais eu deveria fazer?

Quando Nat terminou de comer, eu a limpei, tirei os pratos da mesa, varri o chão e fomos para a sala assistir *O Rei Leão* pela décima vez em dois dias. Ela sentou no meu colo, abriu um sorriso enorme para mim e deu um beijo molhado na minha bochecha. Tudo o que consegui fazer foi sorrir para ela e dar um beijo em sua testa. Pois é, Nat era especial. Ela deitou a cabeça em meu peito e voltou sua atenção para o filme enquanto eu examinava cuidadosamente o celular da mãe dela, que ainda funcionava apesar da tela quebrada. Eu não sei por que eu estava fazendo aquilo se todas aquelas mensagens

que ela estava recebendo só serviam para me deixar ainda mais irritado. Havia um monte de pessoas estúpidas dizendo coisas estúpidas, e além daquilo me deixar irado, eu também tinha a sensação de que era tudo culpa minha. Ninguém sabia como era a vida de Jo antes de mim. O desgraçado do Bugz a protegeu de toda essa merda, ainda que de forma inconsciente, quando eles estavam juntos. Fui eu quem a transformou no centro das atenções quando ela não estava preparada, e agora ele estava com tanto ciúme que a expôs.

Eu ainda queria acabar com a vida dele. Só precisava descobrir um jeito de fazer isso que não me colocasse na cadeia.

Enquanto eu encarava o telefone de Jo, recebi uma notificação no meu celular com uma mensagem de Tommy:

Ei, veja isso. Será que ele teve alguma coisa a ver com a divulgação do vídeo?

Dei uma olhada na foto anexada de Bugz ao lado de seus seguranças, incluindo Dunn. Aquilo revirou o meu estômago. Dunn conhecia muita coisa sobre mim, sabia de muita informação que poderia ter passado para Bugz. Felizmente, ele não sabia nada com relação a casa nova ou sobre os códigos de acesso do portão. Ainda assim... o safado estava trabalhando para Bugz?

Eu estava digitando uma resposta para Tommy quando o celular de Jo começou a tocar. *Bugz*.

Levantei-me e coloquei Nat sentada no sofá, beijando a testa dela antes de ir para a cozinha com os dois celulares na mão. A ligação caiu assim que cheguei lá, por isso, liguei de volta.

Ele atendeu dizendo:

— *Amor, eu não divulguei aquele vídeo. Não faria uma merda dessa com você. Eu deixei meu telefone no carro e alguém o pegou. Acabei de encontrá-lo, senão já teria ligado para você. Juro pelo meu falecido tio Jimmy que não fiz essa porra! Eu jamais colocaria você em uma situação como essa, amor!*

A minha vontade era esganá-lo todas as vezes que esse negão dizia a palavra amor.

— Você vai ter o que merece, seu filho da puta! Aguarde! — Eu respondi.

— *South? Coloque Jo na linha!*

— Vá se foder! Não vou permitir que você fale com a minha mulher! Prepare-se para ver merda!

— *Eu não...*

Desliguei o telefone na cara dele e peguei o meu próprio celular para autorizar Tommy a entrar em contato com os primos para encomendar o serviço, quando ouvi o gritinho de Nat:

— Mamãe!

Eu saí correndo da cozinha. Jo estava fora da cama? Eu a encontrei sentada no sofá com os braços de Nat ao redor de seu pescoço. Os olhos de Jo estavam fechados e apenas uma lágrima rolou sobre o seu rosto. Eu fiquei parado e observei, aliviado, porém preparado para matar Bugz.

— Você está bem?

Com os olhos ainda fechados, ela balançou a cabeça.

— Não, mas estou com fome. Estou me sentindo fraca.

— Temos arroz fito! — Nat anunciou.

— Arroz frito? Oba! Está gostoso? — Jo perguntou assim que Nat saiu do seu colo e voltou para o sofá.

— Aham! — Nat murmurou.

— Fique aqui. Vou trazer para você, — falei.

Alguns minutos depois, eu estava de volta ao meu lugar com Nat apagada em meu colo, tentando não encarar Jo. Estava tão feliz por vê-la fora da cama.

— Aquilo foi o presente de aniversário dele, — ela disse baixinho.

Franzi um pouco a testa.

— Oi?

— O vídeo e as fotos foram presentes de aniversário. Ele implorou para que eu o deixasse filmar e fotografar. Eu não queria, mas estava... Eu o amava, tínhamos acabado de nos casar e imaginei que se alguém invadissem o celular dele, não veria nada demais além de mim ao lado do meu marido, e não um cara aleatório. Por isso deixei ele nos filmar. — Seus olhos estavam fixos no prato à sua frente enquanto ela falava.

— Jo, eu... Eu entendo.

— Ainda não acabou. Ele tirou mais fotos, gravou alguns vídeos, mas o que ele escolheu divulgar me expôs mais do que ele. — Ela olhou para mim. — Ele divulgou os que me humilhariam mais. Existem outras fotos e vídeos onde é possível ver o rosto dele.

— Amor...

— Ev, depois que ele foi embora, eu nunca mais permiti que ele me tocasse de novo. Eu sei que alguns casais divorciados ainda ficam juntos algumas vezes, e ele tentou fazer isso acontecer, mas eu não me rebaixaria a ponto de ser o passatempo do homem com quem fui casada um dia. Quero deixar claro para você que o vídeo e as fotos são antigos. Ele nunca encostou o dedo em mim depois que foi embora. Nem antes, nem depois de nós dois.

— Eu sei disso, Jo. Acredito em você.

Ela assentiu, colocou o prato ainda cheio de comida sobre a mesa de centro e saiu da sala. Alguns minutos depois, ela estava de

volta à cama.



Uma pessoa não deveria ter medo de falar com a própria filha, mas quando o nome de Ella surgiu na tela do meu celular uma semana depois do vídeo e das fotos começarem a circular, foi isso o que eu senti além da apreensão e irritação. Jo ainda não estava bem, eu tentava a todo custo impedir que Nat se sentisse negligenciada, além disso, eu me sentia *exausto pra caralho*. Eu estava empurrando essa situação com a barriga e apesar de amar a minha filha, não estava com vontade de discutir aquilo com ninguém, muito menos com ela.

Respirei fundo, esperando que ela ainda tivesse um pouco da compaixão que desenvolveu por Jo após o jantar de Ação de Graças. Ela se comportou muito bem nas poucas vezes que nos visitou depois disso. Ainda havia o fato de que sempre existia a possibilidade de Esther estar me ligando através do celular de Ella, mas não acredito que ela seria tão louca assim para violar uma ordem restritiva.

Na verdade, ela era *exatamente* assim.

— Alô? — Perguntei ao olhar para Nat, sentada no chão da sala enquanto brincava com um enorme leão de pelúcia que comprei para ela. O Natal se aproximava e sequer tínhamos uma árvore. Eu estava pensando em contratar uma mulher que, segundo ouvi por aí, era especialista em decoração, assim Nat poderia ter um Natal de verdade. Ella também, caso decidisse nos visitar, apesar de que Esther tinha o direito de passar o Natal com ela. Até o momento, eu ainda não tinha feito as compras de final de ano.

— Oi, papai, — ela respondeu. — *Está tudo bem?*

Eu suspirei, levando a mão ao rosto.

— Uhm... — Eu não podia mentir. Não tinha energia para isso.

— Não, minha filha. As coisas não estão boas.

— *Eu sinto muito. Como está Jo?*

— Nada bem.

— *Sei que ela está chateada.*

— Muito, — respondi.

O fato de que eu estava tendo essa conversa com a minha filha, sabendo que ela provavelmente viu aquele vídeo e aquelas fotos, ou que pelo menos ouviu rumores sobre elas, fez meu estômago se revirar. Eu não estava me alimentando melhor do que a Jo. As coisas estavam complicadas demais.

— *Eu não queria que isso tivesse acontecido com ela. Ela vai processar Bugz-NYC por divulgação de materiais explícitos?* — Ella perguntou.

— O quê?

— Foi isso o que Blac Chyna fez quando Rob Kardashian publicou aquelas fotos no Instagram, ela o processou por divulgação de materiais explícitos.

— Ah, sim, eu tinha esquecido disso. É uma boa ideia. Vou falar com Jo. — Na verdade, era uma ótima ideia. De repente, a possibilidade de conseguir justiça tiraria Jo do buraco em que ela estava.

— *Espero que ela faça isso e torço para que ganhe. Ele agiu errado ao fazer isso com ela. Ela não merece isso nem... nenhuma outra coisa que teve que enfrentar.* — Ela parecia estar sendo sincera e aquilo me surpreendeu. Sincera e triste.

— Você tem conversado sobre isso com a sua mãe? Está tudo bem. Não se preocupe. — Não estava nada bem, mas eu não queria que ela ficasse triste. Eu ainda era o seu pai e sempre quis que ela fosse feliz, mesmo que fosse às minhas custas.

— *Não, eu não agi certo, e mamãe estava completamente errada. Aquilo foi... insano. Desculpe-me, papai. Eu não sabia que ela chegaria a esse ponto. Mas ela prometeu se acalmar e deixar vocês em paz.*

— Ela não tem mais escolha, Ella.

— *Eu sei. Bem, diga para Jo que eu mandei um oi. Espero que as coisas melhorem. As pessoas são muito cruéis.*

— São mesmo, querida. Obrigado por ligar.

— *Tudo bem, papai.*

Eu estava mesmo me sentindo melhor quando encerrei a ligação. Talvez eu possa reverter essa situação no final das contas.

Capítulo 36

Jo

Os meus olhos estavam grudados na porta do banheiro enquanto minha mente dava voltas diante do absurdo que era ter um banheiro masculino e um feminino, além de closets, uma cama daquele tamanho com uma cabeceira alta e estofada, e uma sala de estar totalmente mobiliada dentro do nosso quarto.

Tudo neste cômodo era um exagero, assim como a casa e a vida que eu vivia com Everett. Dividir a vida com ele era quase tão avassalador quanto seu amor por mim, sentimento que ele demonstrou ao cuidar de mim quando eu estava sem forças para levantar, e ao cuidar de Nat, uma criança com quem ele não possuía nenhum vínculo biológico. Passei tanto tempo desejando que Sid fosse um pai para ela, sendo que Everett assumiu o papel com tanta facilidade sem que eu precisasse pedir. Eu estava cansada de fazer o possível e o impossível para tentar acomodar Sid em nossas vidas, assim ele poderia ser o pai que ele obviamente não queria e que nunca seria.

Pois é, eu estava farta dessa merda.

O quarto também me lembrava da Casa Comunitária Para Jovens Teema Jane Smith, uma instituição construída para lidar com o excesso de recém-chegados ao sistema de adoção, onde crianças como eu, que não tinham lugar para ir, ficavam quando aqueles registrados para nos acolher em seus lares não tinham mais espaço para nos acomodar. Ele me lembrava do dormitório, local em que dormi por quatro meses, pelo modo como contrastava com ele e com qualquer outra casa que eu já havia chamado de minha, fosse ela permanente ou temporária. Para ser honesta, este lugar era como um lar para mim, algo que nenhum outro local havia sido. Este quarto me lembrava do quão longe eu cheguei, de quem eu era e do que eu era feita... *de mim*.

Fazia quase duas semanas que eu havia me refugiado neste quarto em uma tentativa de me esconder do mundo, mas eu também estava cansada disso. Quando Sid me traiu, eu não me entreguei. Fui

até o fim da gravidez sozinha, trouxe Nat ao mundo com Bridgette ao meu lado, e desde então, tenho criado minha filha como mãe solteira. Eu era mais forte do que isso! Eu era uma leoa! Morar em um abrigo não me destruiu. Apesar de trágico, perder a minha mãe também não me destruiu. O meu divórcio não me destruiu, e eu não ia permitir que aquele vídeo, aquelas fotos ou qualquer outra coisa que ele divulgasse me destruísse.

Foda-se aquilo.

E *foda-se* Sidney “Bugz-NYC” Walker.

De verdade.

Sério... FODA-SE ELE.

Sim, ele me apunhalou pelas costas ao divulgar aquela filmagem depois de me passar a impressão de ainda lhe restava dois ou três por cento de bom senso, dane-se, dane-se ele.

Isso não deveria ter causado tanto espanto. Sid era um estúpido que mudava de ideia toda hora.

Eu me revirei na cama e encarei o teto, minha mente perambulando em meio a pensamentos sobre minha mãe e em como eu a odiei e até a desprezei quando ela foi internada. Eu a detestei por ter caído na conversa do meu pai e por ter sido fraca demais para superá-lo e seguir em frente. O sentimento estava completamente fora do lugar, mas tudo o que eu sabia naquela época era que eu precisava dela, mas ela estava indisponível para mim, e aquilo me deixou irada. Eu não queria que Nat me odiasse pelo mesmo motivo. Também não queria perder Everett, mas eu tinha bom senso para saber que ele estava desgastado. A minha depressão era tão real que paralisava. Mas a minha determinação e força também eram.

Nas circunstâncias atuais, pude enxergar a situação da minha mãe sob uma nova perspectiva, mas ficar deitada naquela cama sem nada para fazer além de pensar em um monte de coisas só demonstrava que o meu caso era muito diferente do dela. Ao contrário da minha mãe, eu tinha amigos e um parceiro que iria ao inferno por mim. Eu tinha sorte, era abençoada, e estava na hora de voltar para o mundo dos vivos. Já tinha passado tempo suficiente com dó de mim mesma. Mais do que suficiente, na verdade, mas as coisas não desapareceriam se eu continuasse enfiada embaixo das cobertas.

Eu não era a primeira mulher a passar por algo assim, e com certeza não seria a última. Como dizia Frank Sinatra: “A melhor vingança é o sucesso estrondoso.” Eu daria a volta por cima e, como o próprio Everett disse, construiria uma carreira do caralho. Se aquele vídeo e aquelas fotos continuassem circulando pela internet, eu encontraria um jeito de usá-las ao meu favor. Eu seria mais famosa do que Sid. Sim, é assim que vou lidar com todo esse caos. Transformaria esse monte de limões nojentos em uma puta limonada.

Que comecem os jogos.

Chutei os lençóis para longe e estava prestes a ir tomar banho quando Everett entrou no quarto.

— Amor, escute, — ele começou. — As coisas estão difíceis, eu entendo. Você está constrangida, preocupada porque as pessoas estão vendo você em uma situação tão comprometedora. Mas elas que se fodam! O fato de estarem vendo aquelas fotos não significa que essas pessoas conhecem você. *Eu* te conheço, seus amigos a conhecem e nós te amamos independente de qualquer coisa. É isso o que importa. Foda-se o resto. Nat também conhece a mãe dela. Quando ela estiver grande o bastante para saber dessa porra, já terá vivido ao lado de sua mãe por longos anos e não haverá nada que você não possa explicar para ela. Bugz é o maldito vilão em tudo isso, não você! Você não tem que se sentir envergonhada. O que você fez foi algo natural de alguém que estava apaixonada. Ela vai entender isso.

Sentei-me na cama ao lado dele.

— Ev...

— Está na hora de lutar. Você é mais forte do que isso, passou por coisas piores antes. Precisa sair desse buraco e lutar! Lute por Nat! Lute por nós dois, porque tenho a sensação de que estou perdendo você. É como se estivesse escapando pelos meus dedos diante dos meus olhos e não há nada que eu possa fazer. Eu te amo, Jo, e sinto sua falta. Sinto falta do seu lado invocado. Eu preciso ter a minha Jo de volta.

— Amor...

— Vamos processar aquele filho da puta e vamos seguir juntos com a nossa vida. Eu não vou mais permitir que você fique aqui, nem que para isso eu tenha que carregá-la pela casa o dia todo. Estou falando sério!

— Ok.

Ele balançou a cabeça.

— Não quero ouvir essa merda, Jo. Você precisa de um terapeuta ou de um psicólogo para conseguir lidar com isso? Tudo bem. Vou pagar um filho da mãe para morar aqui e conversar com você vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Custe o que custar! Eu preciso da minha mulher de volta!

— Tá bom.

— Tá vendo? Você continua repetindo isso! Você precisa levantar dessa cama e comer alguma coisa. Seus níveis de abacaxi devem estar extremamente baixos...

— Níveis de abacaxi?

Ele assentiu, encarando-me com uma expressão séria no rosto.

— Sim.

Me levantei com as pernas bambas e fui até ele devagar,

encostando-me contra o seu corpo.

— Amor, eu disse *tá bom*, você tem razão. Tenho que sair dessa cama e voltar a viver. Estou pronta e lamento por ter me distanciado de você. Eu só... não conseguia lidar com tudo isso. Mas eu sei que ignorar as coisas não é uma opção quando se tem uma filha para cuidar e um parceiro que precisa da sua atenção. Eu ainda estou chateada e triste, mas você está certo. Está na hora de lutar. Estou *preparada* para isso.

Ele me deu um abraço.

— Está falando sério?

— Sim.

— Obrigado. — Ele respirou fundo ao apoiar o queixo no topo da minha cabeça.

— Sou eu quem tem que agradecer a *você* por não matar Sid e ser levado para longe de mim. Espere, você não o matou, né?

— Não.

— Mas eu sei que você queria.

— Ainda quero.

— Não faça isso, por favor. Se eu perder você, não vou suportar.

— Amor, aquele filho...

— Vamos processá-lo como você falou. Se ele perder o dinheiro dele, será o mesmo que matá-lo. Ele ama dinheiro mais do que qualquer coisa.

Acariciando as minhas costas, ele murmurou:

— Vou tentar não matá-lo.

— Tente mesmo, por Nat.

— Não é certo envolvê-la nisso. Isso foi golpe baixo. Você sabe que ela é muito importante para mim, assim como Ella.

— Aham. Foi por isso que eu a mencionei. Aliás... onde ela está agora?

— Acabei de colocá-la para tirar uma soneca.

— Ah, sim.

— Bem, já que você está concordando com tudo, vou contratar uma cozinheira. Não posso mais me alimentar desse jeito.

— Tá bom, — concordei.

— Sério? Certo, agora você irá ao estúdio comigo para cantar uma música na qual estou trabalhando.

— Não. Nem pensar.

— Droga, eu precisava tentar.

— Ei, você ficaria zangado se eu nunca mais fizesse um boquete em você?

O corpo dele ficou tenso.

— O quê?

— Depois de tudo o que aconteceu, aquele vídeo... Eu não me sinto mais confortável chupando um pau. Você entende, certo?

— Uhm... quê?

Eu coloquei a mão sobre a virilha dele e percebi que ele enrijeceu na mesma hora.

— Não posso mais chupar o seu pênis, esse pênis, amor. Não posso colocá-lo na boca e lambe aquela veia que percorre a parte de trás ou circular minha língua em torno dele ou arranhá-lo com os dentes de um jeito bem delicado ou ficar toda molhada por causa dele como você gosta. Não posso mais fazer nada disso. Seria muito difícil para mim, traria lembranças dolorosas, sabe? Tudo bem, por você?

Ele recuou com uma expressão horrorizada no rosto.

— Caramba... eu não vou gravar nada, amor, se é isso o que preocupa você. Você... você está mesmo falando sério, Jo?

Eu me ajoelhei, puxei o cós da calça de moletom dele e disse:

— Não.

Assim que eu tirei sua ereção de dentro da calça e a observei balançar bem na minha frente, ele disse:

— Você precisa parar com essas gracinhas.

— Ah, espere, — falei, indo até a mesa de cabeceira que ficava no meu lado da cama.

— Esperar? Eu acabei de dizer para você parar com as gracinhas. Como acha que vou conseguir esperar duro desse jeito?

Eu o ignorei, revirando a gaveta até encontrar o que eu estava procurando. Virando-me em sua direção, segurei a ponta da embalagem entre os dedos e voltei para perto dele.

— Uma bala de menta? Você vai mesmo fazer isso com uma bala de menta? Puta merda! — Ele disse. Logo depois, ele arrancou a camiseta e a enfiou dentro da boca.



Everett

— Amor à primeira vista? — Repeti parte da pergunta que o repórter, Dev, havia feito. — Eu não chamaria assim. Para mim, eu diria que foi fascínio à primeira vista. Fiquei intrigado com Jo assim que eu a conheci, porque era óbvio que ela não ficou impressionada comigo.

Dev lançou um olhar interessado para Jo.

— É verdade?

Jo deu de ombros.

— Ele foi meio babaca nesse dia. Não vou entrar em detalhes, mas ele estava fazendo coisas típicas de Big South que não me

interessavam. Mas ele fez com que eu mudasse de opinião.

Eu sorri, não apenas por conta de suas palavras, mas porque durante essa entrevista com a *Essence*, Jo provou mais uma vez o que eu já sabia — ela era incrível. Não foi feita para ser controlada por Peter Park ou ser a sombra de Bugz-NYC. Apesar das consequências que acompanhavam a vida sob os holofotes, era a esse lugar que ela pertencia.

— Quer dizer então que você fez com que ela mudasse de ideia, Big South?

Eu balancei a cabeça e apertei a mão de Jo.

— Só mostrei a ela quem eu era. Eu a apresentei a Everett McClain. Ela parece gostar dele.

Jo se aproximou de mim e me beijou.

— Apenas uma correção: eu *amo* Everett McClain.

— Você sabe que eu amo Jo Lena Walker.

— Ahh, vocês são um amor, mas sei que as coisas não têm sido fáceis. Eu li os blogs. Jo, desde o primeiro dia você foi tratada como interesseira por causa de sua associação com dois homens influentes. Recentemente, você foi envolvida em um escândalo relacionado à divulgação de materiais explícitos. Sei que existe um processo legal em tramitação, por isso não pode falar muito sobre o seu vídeo ao lado de seu ex-marido, Bugz-NYC, mas quero dar uma oportunidade para que você se expresse sobre tudo o que tem sido dito ao seu respeito e esclareça a situação.

Jo respirou fundo, mordeu o lábio e suspirou. Estávamos em nossa sala de estar com as luzes de estúdio apontadas para nós enquanto a entrevista era gravada para que alguns trechos fossem publicados no site da *Essence*. Tínhamos feito o ensaio fotográfico para a capa alguns dias antes, e agora, com o Natal se aproximando cada vez mais rápido, estávamos aqui para contar a nossa história.

— Bem, — Jo finalmente falou, — não acho que o que eu disser vá fazer alguma diferença. Se tem uma coisa que eu aprendi nesse relacionamento é que as pessoas vão acreditar no que elas quiserem, mesmo que a verdade esteja bem na cara delas. Eu poderia ficar aqui tentando convencer você e o mundo inteiro de que não sou uma mercenária, que amo o homem que está sentado ao meu lado e que sou uma mulher normal que, de alguma forma, atrai quem eu atraio, mas o que o vou fazer é dirigir minha palavra à garota normal que sofre com o impacto dos rumores e especulações. Quero dizer a ela para fazer o que eu decidi fazer: mantenha a cabeça erguida e viva a sua vida como se não houvesse amanhã apesar do que as pessoas acham que sabem sobre você. É através de ações que provamos que elas estão erradas, e não através de palavras. É claro que o que dizem sobre você magoa, mas isso não vai acabar com a sua vida a menos

que você permita. No meu caso, enquanto dizem o que dizem e pensam o que pensam, eu vou continuar usando este anel, vivendo nesta casa, dormindo ao lado deste homem, ganhando dinheiro, sendo excelente no que faço e sendo mãe. Essas pessoas não vão me parar. Eu não vou permitir.

Passei meu braço sobre seu ombro e a abracei. Eu estava muito orgulhoso da minha Jo Lena.

Muito orgulhoso.

Capítulo 37

Jo

— Não acredito que eu estou aqui! Esse lugar está cheio de gente famosa, garota! — Bridgette deu um gritinho.

Fiz uma careta para ela.

— É a minha festa de noivado, onde mais você deveria estar?

— Eu sei, mas mesmo assim...

— Além disso, você merece se divertir. Trabalhamos muito no mês passado.

— E eu não sei disso? Quem diria que um vídeo pornográfico e algumas fotos pelada atraíram tantas oportunidades para uma pessoa só? Caramba!

Eu assenti.

— É muito louco.

Era mesmo uma loucura a quantidade de pessoas que queriam fechar negócio comigo graças àquilo. Era quase perturbador. Além do contrato com a *Glam On It* que continuava firme e forte apesar da bagunça causada pela divulgação do vídeo, eu tinha fechado um acordo para ser a representante de uma coleção de camisetas da *Negra e Despreocupada*, negocieei uma parceria com a *Coily-Q* para cuidados capilares e estava trabalhando na linha de tênis esportivos com a *S.H.E.* A melhor parte disso tudo era o fato de que eu estava me divertindo. Isso não parecia trabalho. O bônus adicional era que eu estava ganhando o meu próprio dinheiro. É claro que Everett me dava suporte, ele amava cuidar de mim, eu ainda tinha uma boa parcela do dinheiro que recebi no processo de divórcio guardada, e Sid nunca deixou de pagar a pensão, mas Everett estava certo — não havia nada melhor do que uma mulher que ganhava o próprio dinheiro.

— Ei, você já está resolvendo a situação do seu passaporte? A Sra. Sherry já tirou o dela.

Bridgette assentiu.

— Sim! Devo conseguir pegá-lo a tempo para a turnê. Esse negócio de ser assistente é muito da ora! Vou poder seguir você e

South mundo afora!

— Quando ele trabalha, eu trabalho. Mas quando estivermos à toa, você vai ter que procurar algo para fazer.

— Ninguém vai querer ficar perto de vocês. Tá doido. Não vejo a hora de entrar no seu presente de Natal e finalmente dar o fora dos Estados Unidos!

— Everett exagerou ao comprar aquele jatinho.

— *E* ele vai colocá-lo em seu nome. Eu gosto desse tipo de exagero, garotaaa!

— Eu sei, mas isso fez com que o relógio Patek que dei para ele parecesse um Timex.

— Está reclamando?

— Claro que não!

Bridgette riu.

— Ei, estou feliz em vê-la bem. Você me assustou. Fiquei com tanto medo de perder você por causa das merdas de Sid.

— Sim, eu sei. Mas estou bem. — Com a minha taça de champanhe, fiz um gesto em direção a Everett que estava do outro lado do salão conversando com seu irmão Nolan, mas poderia ser Neil, já que eu tinha dificuldade em dizer quem era quem, e Michael B. Jordan, dentre todas as pessoas. — Como eu *não* estaria bem se fico por baixo daquilo todas as noites?

— Amada! Agora que eu já vi o pau extra médio de Sid, sei que está mais do que bem com a monstruosidade que você diz que Everett tem.

Eu gargalhei como se não estivéssemos em um salão elegante de um hotel sofisticado.

— Você é um barato, Bridgette! Extra médio?! Monstruosidade?!

— Sim! Não acredito que Sid teve a audácia de cometer uma traição com aquele pau de nível iniciante!

Eu morri de rir daquilo, mas me recompus e falei:

— Por falar em paus...

— Não. Não vamos seguir nessa direção. Não há nada para ser dito.

— Você e Tommy estavam grudados no jantar de Ação de Graças. Já estamos em janeiro! Não vai me contar o que está rolando entre vocês dois?

— Não.

— Vaca.

— Foda-se.

— Ah, então é assim. Beleza, Bridgette. Continue assim.

— Affff! Pare com a chantagem emocional! Nós nos divertimos no Texas, foi muito bom, mas eu não tenho tempo para nada sério

agora que estou priorizando minha carreira e sendo sua assistente.

— Você está demitida então.

— Ahhhh, se toca!

Eu revirei os olhos.

— Quer dizer então que vocês terminaram? Vocês não se falaram desde que voltaram de Houston? — Tommy era um cara agradável e muito bonito. Gigantesco, mas bonito. Na minha opinião, Bridgette estava dando mole.

— Não foi isso o que eu disse. A gente ainda trepa, mas sem compromisso algum. Ele é um arraso, garota!

— Uau!

— Agora chega, seu noivo está vindo aí, já pode me deixar em paz.

— Considerando o fato de que conto tudo para você sobre mim e Everett, você vai ficar me devendo os detalhes.

— Ele é *Big South*, caramba. O mundo inteiro sabe tudo sobre ele.

— Você sabe muito bem o que eu quis dizer, sua boba.

— Pode me chamar de boba o quanto quiser. Já que o seu noivo está vindo para cá, vou lá tirar Sage do pé daquele pedaço de mau caminho que é o filho do Ice Cube. — Bridgette afastou-se de mim, cumprimentando Everett quando ele se aproximou.

Ele sorriu para mim e segurou minha mão.

— Estão tocando a nossa música. Vamos dançar.

— Desde quando *The Weekend* é a nossa música? O que você está tentando me dizer? É melhor que não esteja de sacanagem com outra por aí.

— Não existe outra mulher. Venha logo, sua louca, vamos dançar, — ele disse, segurando minha mão.

Eu só fui atrás dele porque ele estava usando calça e camiseta social branca, parecendo pronto para ser devorado, mas ainda assim, eu perguntei:

— Como assim essa é a nossa música, Everett James McClain?

Ele me respondeu assim que me puxou para os seus braços na pista de dança.

— Eu falei sem pensar. Não tinha reconhecido a música. Ouvi a música e pensei que poderíamos dançar agarradinhos, por isso vim até você. Agora chega de maluquices. Eu vivo dentro desse seu corpinho invocado. Não estou trepando com mais ninguém. — Ele colocou a mão sobre minha bunda. — Não vejo a hora de levá-la para casa e verificar seus níveis de abacaxi.

— Já faz mais de um mês que você os verifica. Acho que estão muito bons.

— Tenho certeza de que estão.

Houve tantos toques e carícias durante a música que quando terminou, eu estava com a boceta completamente encharcada. Ao sairmos da pista de dança, eu perguntei:

— Por que não arruma um quarto para nós dois?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você está pronta a esse ponto?

Eu assenti.

— Estou tão molhada quanto o Oceano Pacífico.

— Já volto.

— Aonde vai?

— Vou arrumar um quarto para nós dois.

Eu me misturei às pessoas, tomei um gole do Matador que Everett pediu para mim e ri do relato de Shirl sobre os últimos esculachos sofridos por Peter Park no meio do saguão da Bijou Park, dessa vez, por parte de uma de suas amantes e não de sua esposa, quando percebi que Everett estava demorando mais do que deveria para conseguir um quarto. Só então notei que Ella estava sentada sozinha e decidi ver como ela estava se sentindo já que parecia um pouco abandonada. A nossa relação tinha melhorado desde o fiasco em Houston, por isso me senti confortável em falar com ela.

— Ei, — falei. — Está se divertindo?

Ela assentiu, sorrindo.

— Sim, eu acabei de enviar uma mensagem para Tommy. Ele está estacionando o carro e já vai entrar para me buscar.

— Está indo embora?

Ela assentiu de novo, tomou um gole de uma bebida que eu esperava não conter álcool, e respondeu:

— Sim. Ma... mamãe e eu teremos um *brunch* amanhã onde faremos uma gravação para o programa. Vou precisar acordar cedo para fazer o cabelo e a maquiagem.

— Ah, sim. Bem, fico feliz por você ter vindo. Espero que tenha se divertido. Seu pai disse que você gostou do presente de Natal. — Ela tinha passado o Natal com a mãe, mas Everett entregou o nosso presente para ela dias antes: a versão mais recente do iPhone.

Ela pegou o celular e sorriu.

— Eu amei. Obrigada.

— Que bom. De nada.

— Jo? Eu gostaria de pedir desculpas novamente por ter agido daquele jeito e pela minha mãe também. Você não merecia nada daquilo. Eu pensava que...

— Que eu estava tirando o seu pai de você? Eu nunca tive um relacionamento com meu pai, por isso valorizo a proximidade que você tem com o seu. Eu o deixaria antes de me meter entre vocês dois. Não seria fácil, mas eu faria isso.

Ela me encarou por um tempo.

— Nossa, é sério?

— Sim. Quero que ele seja feliz acima de tudo.

— Bem, está na cara que você o faz feliz.

— Você também faz, Ella.

Ela abaixou a cabeça por um momento e voltou a olhar para mim.

— Eu encontrei a Sra. Sherry mais cedo. Onde está Nat?

Aquela pergunta me surpreendeu. Eu não imaginava que ela sabia o nome de Nat.

— Ela está com a outra babá.

— Ah, sim... Como ela está?

— Está bem, feliz como sempre, não importa o que aconteça. Estamos pensando em colocá-la na escola depois que a etapa internacional da turnê do seu pai terminar, assim ela poderá interagir com outras crianças e desenvolver a fala.

— Eu adoro o jeito como ela fala. É fofo, principalmente quando ela diz o nome do papai. — Ela verificou o celular e olhou em direção à porta do salão. — Tommy chegou. Tenho que ir. Nos falamos depois?

— É claro.

Sentei e observei enquanto ela corria até o pai e o abraçava. Logo depois, ele se aproximou de mim e estendeu a mão.

— Desculpe, encontrei uma fã no saguão e acabei ficando preso. Vamos lá para cima.

Eu sorri.

— Vá na frente.



Após dois meses ignorando suas ligações e mensagens, Sid teve o bom senso de marcar uma reunião comigo através de nossos advogados. Eu estava cansada da cara dele, tanto que pedi para a Sra. Sherry cuidar da chamada de vídeo que ele fez com Nat no Natal. Eu jamais o afastaria da vida de sua filha, mas não havia lugar para ele na minha. Se um dia ele decidisse ser um pai de verdade para Nat, teríamos que organizar tudo com a ajuda de terceiros. Ainda assim, mesmo que ele resolvesse se manter afastado, ela tinha Everett. Para ser sincera, eu queria muito que Sid nos fizesse o favor de sumir. Nenhuma de nós precisava dele.

Estávamos na sala de reuniões do escritório de seu advogado, e ele parecia cansado, até mesmo atormentado, sentado diante de mim com seu advogado dizendo algo em seu ouvido. Ele encarava tanto Everett, que estava sentado ao meu lado e havia se recusado a me

deixar resolver isso sozinha, quanto a mim. O meu advogado, que também era o advogado de Everett, ocupava a outra cadeira ao meu lado.

— Em nome do meu cliente, gostaria de agradecer à Sra. Walker por concordar com essa reunião.

Eu apenas encarei o advogado de Sid. O que eu deveria dizer? De nada? De jeito nenhum.

— Certo, — o advogado continuou, virando-se em direção a Sid. — Sr. Walker?

— Sim... uhm, South? Pode nos deixar sozinhos por um minuto, cara? — Sid me olhava fixamente ao falar.

— Não, — Everett respondeu sem rodeios.

Silêncio e tensão preencheram a sala quando os dois homens da minha vida — o antigo e o atual — encararam um ao outro. Sid estreitou os olhos para Everett antes de voltar a olhar para mim. Sem dizer uma palavra, ele pegou o celular, o mesmo que ele usava quando nos conhecemos, porque apesar de amar gastar dinheiro, ele se recusava a trocar de telefone. Ele tocou na tela algumas vezes e o colocou sobre a mesa. Não demorou muito para que vozes fossem emitidas dos pequenos alto-falantes.

— *Ei, obrigada por sua ajuda. Obrigada mesmo. Eu tenho contatos na indústria, mas não como você. As pessoas que você conhece... uau! Elas sabem mesmo como espalhar essas coisas tão rápido.*

Eu não reconheci a primeira voz, mas a segunda era nítida.

— *O prazer foi todo meu!* — A segunda voz se gabou. — *Ela merece tudo isso.*

Everett soltou minha mão, a mesma que ele estava segurando debaixo da mesa. Ele franziu a testa ao olhar para o celular.

— *Sim. Não sei o que eles veem nela, mas é o mundo que vai dizer. Vagabunda nojenta.*

Sentei-me direito quando finalmente reconheci a primeira voz — era da então amante e agora segunda esposa de Sid, a baranga da Sonya. Que porra era essa?

— *Não acredito que ele deixou o celular largado sabendo que havia essa gravação,* — a voz com um sotaque inconfundível respondeu.

— *Pois é... Eu também não acredito.* — Sonya pareceu falar de um jeito forçado, como se de repente quisesse que a conversa terminasse.

— *Bem, não deixe de me procurar quando precisar vazar outras fotos ou vídeos. Ficarei feliz em levá-los às pessoas certas.*

— *Pode deixar. Obrigada, Esther.*

— *De nada.*

A gravação terminou, deixando um silêncio pesado, quase tangível na sala retangular. Então Sid falou:

— É isso o que eu tenho tentado contar para você. Eu não divulguei aquelas coisas, Jo. Posso ter feito um monte de coisa, mas eu não faria nada para prejudicar a mãe da minha filha. Ou a única mulher que já amei.

Pelo canto do olho, vi Everett balançar a cabeça.

— Seu filho da puta... — Ele começou.

— Cara, a minha intenção não é desrespeitar você. Eu sei que ela não quer nada comigo. Sei que ela está com você agora. Ela é sua. Você venceu. Estou apenas falando a verdade. Eu a amo e fui um idiota por abandoná-la junto com minha filha. O próximo passo é me divorciar de Sonya. Eu já não estou mais com ela.

Lancei um olhar para Sid.

— Como assim?

Ele assentiu.

— Sim, larguei aquela estúpida ciumenta. Ela sabia como nos conhecemos, sabia que eu ainda queria você porque falei isso para ela mais de uma vez. Ela sabia que o nosso relacionamento não passava de um acordo e agiu como se não se importasse, quando na verdade, era o contrário. Mesmo sabendo que eu queria voltar para você, ela agiu como se nada a incomodasse e depois armou essa merda. Estava na hora de mandá-la embora.

— Dunn não teve nada a ver com isso? — Everett perguntou.

Dunn? Lancei um olhar curioso para Everett, mas sua atenção estava voltada para Sid, que balançou a cabeça.

— Não. Acho que não. Não tenho certeza, porque tive que demiti-lo há algumas semanas porque ele pensou que podia falar merda sobre Jo para mim. — Ele me olhou. — Você fez alguns inimigos, amo... Jo.

— Não faço ideia do porquê. Como... como conseguiu essa gravação?

— Quando descobri essa merda, percebi que ela era a única pessoa que poderia ter acesso ao meu telefone, então eu perguntei a ela. Ela tentou negar, mas acabou abrindo o bico e contou que havia pegado meu celular, que tinha encontrado os vídeos e pedido ajuda para aquela vagabunda da Inglaterra. Elas já mantinham contato há algum tempo pelas minhas costas, falando mal de você. Sonya é muito envolvida no meio artístico, por isso não acreditei quando ela disse que essa mulher a ajudou. Tive que obrigá-la a ligar para ela bem na minha frente e gravei a conversa. Quase ferrei tudo e deixei aquela filha da mãe saber que eu estava ouvindo quando Sonya tentou falar mal de você durante a ligação.

Eu fiquei paralisada. O que eu deveria dizer ou fazer diante daquilo? Era tudo uma insanidade! De um lado havia Sonya, a mulher que transou com meu marido e foi morar com ele assim que ele me

abandonou quando eu estava grávida, e ela tinha a cara de pau de me odiar? Que merda era essa? Do outro havia Esther, a mulher que perdeu o marido porque não conseguia fechar as pernas para ninguém; a mulher que tinha uma obsessão doentia pelo mesmo homem; a mulher que não conseguia entender como e por que ele conseguiu seguir em frente após mais de dez anos de divórcio e se envolveu em toda essa bagunça. Ela me odiava, literalmente, mas por quê? Porque ele me amava? Quer dizer então que a culpa era minha?

Essas idiotas não batiam bem da cabeça.

Eu estava olhando para Everett quando o advogado de Sid explicou que levaria a gravação à promotoria, que considerava denunciar Sid por divulgação de material explícito, também conhecido como pornografia não consensual, e tentaria antecipar e mudar o foco da investigação para Sonya e Esther. Os olhos de Everett encaravam o celular silencioso sobre a mesa, e percebi sua expressão pensativa enquanto ele cerrava a mandíbula.

— (...) espero que também seja prova suficiente para que vocês considerem desistir da ação judicial contra o meu cliente, — o advogado de Sid falou.

Quando eu abri a boca para concordar, Everett se levantou.

— Ev? — Perguntei, levantando-me e parando ao seu lado.

— Não faça isso, cara. Pelo seu olhar eu sei o que está pensando. Faça essa merda e eu tomarei o seu lugar. Eu quero Jo de volta e estou prestes a ser um homem livre novamente. Só estou comentando, — Sid falou.

Nunca pensei que ficaria grata por algo que esse babaca dissesse, e apesar de ele fazer parecer que eu não tinha direito de escolha, suas palavras fizeram Everett recuar.

Ele encarou Sid, que permaneceu sentado.

— Preste atenção, negão, não me faça cometer...

Sid ergueu as mãos.

— South, eu estou tentando te ajudar, cara. Sei que você quer acabar com essa gringa filha da mãe, da mesma forma que quer arrebentar Sonya, mas eu quase perdi o meu contrato com a gravadora por causa dessa merda de pornografia e não quero ir parar na cadeia. Além disso, você não está em liberdade condicional?

— Liberdade condicional por pegar você de porrada, coisa que estou a ponto de fazer de novo porque eu não me importo em acabar com a sua laia?

Sid deu de ombros.

— Cara, só estou dizendo... fica calmo. Você não vai se livrar se bater em uma mulher. A menos que seja um cantor de R&B, dono de uma pele clara. Sonya quer tanto voltar para mim que está disposta a ir ao tribunal. Ela vai ter o que merece. Então... fica na sua.

— Sim, vou me acalmar, — Everett disse. Ele saiu da sala tão rápido que eu mal consegui acompanhá-lo.

Capítulo 38

Everett

Entrei no primeiro banheiro que consegui encontrar para tentar me recompor, porque eu precisava me controlar antes que eu começasse a arrebentar todos que passassem pela minha frente. Fazia muito tempo que eu não usava a palavra vagabunda para me referir a uma mulher, principalmente depois que ouvi Ella cantando uma de minhas músicas quando ela tinha entre onze e doze anos, e percebi que eu não queria que ela pensasse que não havia problema se um homem chamasse uma mulher daquele jeito. Mas por tudo o que era mais sagrado, eu não conseguia pensar em outra forma para me referir a Esther. Ela era a definição perfeita da palavra — cadela, uma pitbull com um osso preso entre os dentes que ela se recusava a soltar. Eu era o osso, um daqueles bem suculentos que ela mantinha dentro da boca como fosse a porra de uma picanha.

Se antes eu a odiava, agora eu a menosprezava.

Foda-se a ordem restritiva; foda-se ter que esperar para que o promotor desse um jeito nela. Eu precisava fazer o que deveria ter feito anos atrás — *mostrar* a ela que eu não estava de brincadeira, porque, pelo visto, as minhas palavras não foram suficientes.

Quando eu estava prestes a sair do banheiro, a porta foi aberta e Jo entrou.

— Você não pode ficar aqui, amor, — falei, tentando não parecer a ponto de cometer um homicídio.

— Posso ficar onde quer que você esteja, e você *nunca* mais vai me ignorar de novo quando eu estiver falando!

Fechei a cara.

— Quando foi que eu ignorei você?

— Quando saiu da sala de reunião e eu fui atrás de você, perguntando o que ia fazer. Você me ignorou e veio para cá, e eu quero saber o que está fazendo aqui!

— Estou usando a porra do banheiro! O que mais eu poderia estar fazendo?!

Ela cruzou os braços, fazendo sua pequena bolsa Chanel balançar em seu pulso.

— Ah, eu não sei... poderia estar violando a sua própria ordem restritiva, ligando para aquela sua ex-mulher vagabunda e miserável.

Eu balancei a cabeça e levei a mão ao rosto.

— Não, eu ainda não liguei para ela.

— Ainda? Você não vai ligar para ela de jeito nenhum! Você também não vai procurá-la! Você não vai fazer nada que a envolva! Sid é idiota pra caralho, mas ele tem razão. Não vale a pena ir parar na cadeia por causa dela.

— Aham, — eu falei, assim que passei por ela e saí do banheiro.

Jo passou apressada pela porta e agarrou o meu braço.

— Negão, eu sei muito bem que você *não* quer me tratar desse jeito!

— Não, eu não quero, mas não vou ter essa conversa com você dentro de um maldito banheiro masculino!

Ela fechou os olhos e suspirou.

— Nós estamos discutindo. Eu não quero discutir. Só quero ir buscar Nat com a Sra. Sherry, ir para casa e ficar com você. Eu não me importo com Esther nem com o que ela está tentando fazer com a gente. Essa briga que estamos tendo é exatamente o que ela quer!

— Ela quer nos separar. Você quer se separar de mim, Jo?

— Pela milésima vez, não!

— Então aquela filha da puta não vai conseguir o que quer. Você não pode fazer com que eu mude de ideia sobre o que eu sei que precisa ser feito, amor. Não depois de tudo isso. Ela foi longe demais. Se ela tivesse exposto a mim, eu deixaria passar, mas foi você, e eu seria um covarde se deixasse isso para lá.

— Por favor, Ev! Esqueça isso!

— Eu não posso! — Eu falei tão alto que a minha voz ecoou contra os pisos lisos e paredes brancas do corredor, quase assustando a *mim* mesmo.

Jo estava agitada quando finalmente deu um passo à frente e me abraçou.

— Por favor...

Eu fechei os olhos e coloquei a mão em suas costas. Ela não estava jogando limpo. Ela nunca jogava limpo.

— Jo...

— Pense por mais um dia. Vamos embora, buscar Nat e voltar para casa, assim você pode descansar e pensar melhor. Se amanhã você acordar e ainda quiser fazer o que sente que precisa ser feito, eu não vou impedi-lo.

— Jo...

— Por favor, Everett. Estou *implorando*. Por favor!

Eu suspirei e a abracei mais forte.
— Tudo bem.



Jo

Eu não consegui pregar os olhos, por isso percebi quando ele saiu da cama. Mantive meus olhos fechados enquanto ele ia para o banheiro, fechando a porta com cuidado atrás dele. Levantei-me e fui até o quarto de Nat na ponta dos pés para dar uma olhada nela, porque era isso o que as mães faziam, e voltei para o nosso quarto, tirando minha camisola rapidamente para colocar um macacão e um par de chinelos.

Ele pulou de susto assim que saiu do banheiro e deu de cara comigo sentada do seu lado da cama.

— Para onde está indo? — Ele perguntou, me encarando.

— Para o mesmo lugar que você.

Ele balançou a cabeça.

— Você não pode vir comigo.

— Duvido que não. Você deveria ter pensando melhor sobre o assunto.

— Não dá. Eu jamais conseguiria dormir sabendo que tenho pendências a serem resolvidas.

— Ok, vamos resolvê-las então.

— Quem vai ficar com Nat?

— Vou levá-la com a gente.

— Você tem noção de que o que está dizendo é loucura?

— Você tem noção de que está com uma cara estranha? O que você pretende fazer? Matar Esther?

— Não se preocupe com isso. Apenas fique aqui.

— Não.

Ele suspirou.

— Foda-se então.

Eu estava bem atrás dele quando ele deixou o quarto, mas fiz um desvio e entrei no quarto de Nat. Eu estava perto da cama quando ouvi a voz dele atrás de mim.

— Jo, você não vai acordar essa criança.

— Mas estamos saindo, não estamos? Não posso deixá-la sozinha e está muito tarde para ligar para a babá...

— É por isso que você vai ficar aqui.

— Não vou porra nenhuma.

Everett agarrou a cabeça e resmungou.

— Tá bom! Foda-se! Vamos voltar para a cama, Jo. Vamos! —

Ele não estava gritando, mas também não estava falando baixo. Por isso lancei um olhar penetrante em sua direção.

Em resposta, ele ergueu as sobrancelhas e disse:

— Então venha logo antes que eu a acorde!

Deitamos na cama ainda vestidos e ficamos em silêncio. Eu conseguia sentir a raiva emanando de seus poros. Ela o consumia e aquilo partiu meu coração.

— Ev, eu entendo...

— Não, você não entende. Não poderia entender. Você nunca entenderia o que estou sentindo neste momento.

— Acho que posso imaginar, afinal sou eu quem está chupando um pau para o mundo inteiro ver, não você.

Ele afastou o olhar do teto e virou-se na cama para me encarar.

— Aquela filha da puta fez tudo o que pôde para arruinar minha vida e eu permiti. Não posso mais deixar as coisas assim! Estou cansado de ser feito bobo! Tenho que mostrar para ela que não estou mais de brincadeira!

— E você não se importa se cancelarem a ordem restritiva caso entre em contato com ela? Você não se importa se fizer algo que o leve preso? Você não se importa de ir para a cadeia? De ficar longe de Ella, de mim e de Nat?

— Eu te amo e não quero passar nenhum segundo longe de vocês, mas eu *tenho* que fazer isso. Se eu não *fizer* com que ela nos deixe em paz, ela nunca vai parar.

Ficamos calados enquanto eu tentava absorver suas palavras e o desespero em sua voz. Ele estava com raiva, mas também estava sofrendo muito. Isso tinha que acabar, *ela* tinha que parar, e talvez ele tivesse razão. Suas palavras nunca seriam suficientes.

— Você ligou para ela enquanto estava no banheiro?

Virei-me completamente para encará-lo, e vi quando ele assentiu, seu olhar fixo em mim.

— Você ia até a casa dela? O que você falou para ela? Que queria conversar?

Ele assentiu mais uma vez.

— Ela perguntou sobre mim?

— Sim... Eu menti, disse que você já não era mais um problema.

Mordi o lábio por um momento.

— Ligue para ela de novo. Diga para vir aqui.

Eu vi o momento em que sua seriedade se transformou em confusão.

— O quê?

— Ligue novamente e diga que você precisa que ela venha até aqui.

— Jo, eu...

— Você não vai sair daqui sozinho, no meio da madrugada. Aliás, você não estava planejando levar Chink ou Oba com você, estava? — Perguntei, mencionando os dois membros da equipe de segurança que estavam passando a noite na casa de hóspedes.

— Nã... Não?

— Então está resolvido. Esther é louca. Faça o que tiver que fazer aqui. Serei sua testemunha.

— Ela acha... Eu fiz com que ela acreditasse que nós terminamos, lembra?

— E daí? Não diga que estou aqui. Só vou aparecer depois que deixá-la entrar. Ligue para ela, Everett.

— Jo...

— Eu te amo. Não quero perder você por causa de uma bobagem. Eu não vou perder você por causa de uma bobagem. Você quer confrontar essa imbecil? Faça isso aqui. Ligue para ela.

Dez minutos depois, estávamos sentados na sala de estar encarando um ao outro enquanto aguardávamos a chegada de Esther. Estávamos quietos, tensos e pude perceber que Everett queria desistir, mas não o suficiente para usar o celular que estava em sua mão para ligar e cancelar com ela.

— Você não está ansiosa? — Ele perguntou.

— Não. Não estou ansiosa, na verdade, quero muito que isso aconteça.

Ele assentiu, olhando para o chão.

— Eu também quero.

Voltei a pensar na ligação que ele havia feito usando o viva-voz, na empolgação que pude ouvir na voz de Esther diante da possibilidade de vir até aqui, provavelmente doida para trepar com o meu noivo. Eu a coloquei na minha pequena lista de pessoas que eu odiava, logo atrás do meu pai. Eu estava cansada, exausta só de pensar nas merdas que ela tinha armado nesse tempo que Everett e eu estávamos juntos, e para ser bem honesta, eu não estava nem um pouco preocupada se Everett iria arrebatá-la dentro da nossa casa. A única coisa que eu queria era que ela deixasse de existir. Eu estava preparada para ajudar a esconder o corpo dela caso isso acontecesse. Por mais horrível que fosse, esses pensamentos já tinham tomado conta de mim quando o interfone tocou dentro da casa silenciosa. Everett afastou seu olhar de mim e apertou o botão do controle que abria o portão, autorizando a entrada dela na propriedade. Àquela altura, só me restava torcer para que ela não estivesse acompanhada de seus seguranças, só assim acabaríamos logo com isso.

— Você ainda pode voltar para a cama, — ele falou, aguardando para abrir a porta.

— Não, não posso, — respondi.

Ele saiu e voltou alguns minutos depois ao lado de uma Esther Reese super falante.

— Estou tão feliz por você ter ligado e me convidado para vir aqui. Esperei tanto tempo por isso. Eu senti muito a sua... — Ela parou de falar assim que me viu sentada no sofá, e encarou Everett. — Eu pensei...

— Pensou que ele tinha se livrado de mim? — Perguntei, fazendo com que ela se virasse para mim. — Aposto que foi isso mesmo.

— Everett? — Ela estava me olhando quando ele a rodeou.

Eu balancei a cabeça e antes que ele pudesse falar, eu disse:

— Não, você vai falar comigo, não com ele, já que o seu problema parece ser comigo.

— O único problema que eu tenho é o fato de você ser uma pedra no meu sapato, — ela rebateu.

— Olha aqui... — Everett tentou dizer, mas eu o interrompi.

— E por quê? Porque ele me ama? Foi por isso que você ajudou Sonya Lugo a divulgar aquele vídeo e aquelas fotos? Porque pensou que ele deixaria de me amar?

Sua expressão ganhou um ar de choque por alguns segundos antes de ela tentar disfarçar.

— Eu... Eu não sei do que você está falando.

Everett quase voou em cima dela.

— Sonya gravou a conversa de vocês. Ouvimos quando você se ofereceu para divulgar outras coisas, sua filha da puta...

Esther deu um pulo para trás com a voz estrondosa dele.

— É o quê?! Você está mentindo! Eu não...

— Quer saber de uma coisa, Esther? Eu passei muito tempo sem compreender o seu relacionamento com Everett. Tive que me esforçar para entender por que você não o deixava em paz, por que se sentia tão confortável exigindo coisas dele, ligando para se meter nos assuntos dele, esperando que ele ainda quisesse você mesmo depois de estarem divorciados por tantos anos.

— Nós nos amávamos. Era um amor tão verdadeiro que geramos uma filha. Esse tipo de amor nunca morre, — ela eclareou.

— Aham, — falei. — Então por que ele a odeia tanto? Eu sei que ele sofreu por sua causa, mas imaginava que ele já deveria ter superado isso. Por um tempo, eu pensei que ele ainda se preocupasse com você.

— Ele ainda me ama, eu sei disso, — ela disse, empinando o nariz.

— É claro que não! Eu não suporto você! — Everett gritou. A essa altura, por maior que fosse a casa, eu esperava que Nat entrasse

no elevador e viesse até aqui, caso conseguisse apertar os botões.

— Eu também pensava isso, mas não é verdade. Eu *sei* que ele me ama. Não tenho dúvidas disso. Foi aí que eu entendi. Percebi que o ódio que ele sente por você vai muito além do ódio causado por uma traição. Apesar de ele ter visto você com *duas* pessoas, ele já deveria ter superado isso. Além disso, por que permitiria que ele continuasse ameaçando você a contar às pessoas sobre o que você fez? Nossa, se as pessoas descobrissem as suas bizarrices, é provável que a sua carreira patética em *reality shows* seja impulsionada. Você me colocou no mapa ao vazar aquelas imagens, caramba. Quem diria que as pessoas apreciariam tanto minhas habilidades em felação? Por falar nisso, obrigada. O tiro saiu pela culatra. — Eu gargalhei. Sim, a Jo Encapetada estava dando o ar graça de uma maneira bem rara.

A irritação de Esther era visível.

— Preste atenção, você...

— Não se preocupe, estou quase terminando. Como eu estava dizendo, acabei descobrindo. O motivo pelo qual ele te odeia, a única coisa que faria um homem desprezar a mulher que ele amou um dia do jeito Everett te despreza, é a presença de um lembrete constante do que você fez, uma manifestação física da sua infidelidade e desrespeito por ele: Ella.

O clima na sala ficou tenso enquanto os dois esboçavam expressões perplexas. Everett vacilou um pouco antes de se sentar ao meu lado, sem palavras.

— O que você... Everett? — Esther gaguejou.

— Ah, ele não me contou, não foi preciso, — falei. — Juntei dois mais dois, tentei me colocar no lugar dele e percebi que ele provavelmente começou a suspeitar depois de ter visto suas trapalhadas, fez um exame de DNA e descobriu que ela não era filha dele. O problema era que ele a amava, além de ser o único pai que ela conhecia. É bem a cara dele guardar esse segredo para protegê-la. E por ele ter feito isso, por ter concordado em ser um pai para ela apesar de tudo, você pensou que ele ainda te amava. O fato de que ele nunca esteve em um relacionamento sério com outra mulher depois que vocês se separaram, serviu para fortalecer essa ilusão. — Eu sorri para ela. — Mas então, eu resolvi aparecer.

— Você não sabe do que está falando! — Ela esbravejou.

— Ah, eu sei, sim. Ella não é filha dele, assim como Nat também não, mas ele a ama. Ele se preocupa com o bem-estar dela, e jamais contaria a verdade para não magoá-la. — Me levantei do sofá. — Mas *eu contarei*.

— Jo! — A voz de Everett foi tomada por desespero, mas eu o ignorei.

— É o seguinte: você vai seguir a sua vida, deixará que te

processem por distribuir pornografia não consensual ou seja lá o que for, cumprirá sua liberdade condicional e nos deixará em paz, senão eu vou contar TUDO, caralho.

— Jo... — Everett disse.

— Você não quer que Ella a odeie, né? Nenhuma mãe desejaria isso, nem mesmo você. Mas é isso o que vai acontecer, porque o amor dela por ele é maior do que o amor dela por você, e você sabe que eu tenho razão. Ela já pensa que você é louca por conta do caos que criou em Houston, e não está errada por pensar assim. Quando a verdade sobre o vídeo vier à tona, as coisas vão ficar ainda piores. Não dificulte mais a situação me obrigando a revelar a verdade sobre o pai dela.

— Se você fizer isso, ele não vai te perdoar nunca. Você o perderá.

Eu dei de ombros e mantive o olhar fixo na mulher alta, linda e estúpida diante de mim.

— Pode ser que sim, mas pode ser que ele esteja cansado de mentir para ela. Talvez ele saiba que ela precisa saber a verdade. Quem é o pai? Um segurança, seu personal trainer, o carteiro, um gigolô, um cracudo, o bunda mole do Tyrese Gibson? Por que não se certificou de que o bebê era dele? Isso está no Manual de Introdução à Vadiagem. Se era para traí-lo, o mínimo que poderia ter feito era se certificar de que ele fosse o pai.

— Vá se foder!

— Não, obrigada. Eu prefiro um pênis. Tenho pau suficiente para me manter ocupada. Você lembra do quão bem dotado ele é, né? Cara! Faz meses que não consigo andar direito. Estou toda esfolada lá embaixo!

Ela me lançou um meio-sorriso.

— Você não sabe satisfazê-lo.

Essa vaca não desistia, caramba.

A Jo Encapetada disse:

— Posso satisfazê-lo agora. Posso satisfazê-lo *muito* bem. Quer ver? Eu sei que você gosta de nos assistir... ou de nos ouvir... seja lá o que estava fazendo naquele closet.

— Jo, amor... — Ouvi Everett dizer atrás de mim.

— Eu já terminei, e ela também se ainda quiser ser amada pela filha. Não estou brincando. Não serei mais a vítima, nem você.

Everett levantou e colocou a mão sobre o meu ombro.

— Esther... Vá embora.

Ela ficou paralisada por um tempo, seus lábios tremendo como se quisesse chorar. Então ela disse:

— Não acredito nisso.

— Pode acreditar e trate de tomar cuidado, sua piranha. Não

pense que eu não teria coragem de fazer isso. Depois do que você fez comigo, seria um prazer. Estou disposta a arcar com os custos da terapia de Ella depois disso. Eu me importo com ela, sabia?

Ela balançou a cabeça enquanto me encarava.

— Ah, e é melhor que não conte a ninguém sobre esta noite. Você nunca esteve aqui, e se disser o contrário, sabe o que vou fazer.

— Vagabunda, — ela xingou entre os dentes.

— Ahhh, obrigada, — eu respondi.

Ela apressou-se para fora da casa alguns segundos depois, cantando pneu ao deixar a propriedade.

Everett ainda estava atordoado quando voltei minha atenção para ele e disse:

— Eu estava blefando. Jamais faria isso com Ella, mas tinha que fazê-la acreditar no contrário. Eu só queria que ela soubesse que eu sei para arrancar um pouco do poder que ela tem nas mãos. Esse segredo parece uma criptonita para você, além disso estou cansada de ser tratada igual a um monte de bosta. Eu...

— Há quanto tempo você sabe?

— Eu descobri quando fiquei presa em minha depressão, deitada na cama sem ter nada para fazer além de pensar.

Ele assentiu.

— Por que não disse nada? Por que não me contou?

— Eu... Pensei que fosse algo que não quisesse discutir, imaginei que me contaria quando estivesse pronto.

— Mas você mudou de ideia?

— Não, eu queria deixar você fora disso e confrontá-la sozinha, mas não sabia como fazer isso.

— Eu não ia contar a você. Acho que não conseguiria. Nem a minha família sabe.

— Eles não sabem?

— Não. Sei que isso é errado, mas eu não queria que *ninguém* soubesse. Eu... eu não sei como lidar com o fato de que você sabe disso.

— Ev, você priorizou as necessidades e o bem-estar de Ella, isso é lindo. Não tem do que se envergonhar. Você é um homem bom, o melhor que eu já conheci e fico orgulhosa por poder chamá-lo de meu. Desculpe-me se o que eu disse para ela magoou você. Não foi minha intenção. Eu só queria deixá-la abalada. Ela foi ousada demais com toda aquela merda e...

— Jo, eu entendi. Eu só... — ele suspirou.

Fiquei com o coração apertado ao vê-lo travar uma batalha dentro de si mesmo. Quando eu decidi confrontá-la, eu sabia que seria arriscado, mas eu não imaginava que como consequência dos meus atos, eu o perderia.

— Você não quer mais ficar comigo porque eu sei ou porque eu a ameacei?

— Eu não disse isso. Eu só... estou envergonhado por ter sido enganado desde o primeiro dia. Ela já estava grávida quando nos casamos. O bebê foi a principal razão pela qual corri para me casar com ela, e tudo... Tudo aconteceu exatamente como você disse. Eu só suspeitei de algo quando eu a peguei me traindo, fiz o exame e o mundo inteiro desabou. Ella é o amor da minha vida desde que chegou ao mundo, imagina o que eu senti quando descobri que ela não era minha filha. Isso acabou comigo. De verdade. Eu fiquei com cara de trouxa, de otário. Eu ainda me sinto um idiota. Se mais alguém descobrir... Isso é muito constrangedor, Jo. Sim, Esther é a única errada na situação, mas...

— Eu jamais, *jamais* contaria a alguém, Ev. Não faria isso com você. Eu só precisava fazê-la acreditar que eu sou tão baixa quanto ela, mas não faria isso com você, muito menos com Ella. Eu prometo. Não vou contar a *ninguém*.

— Mas *você* sabe.

— E como eu já disse, acho lindo o fato de você ter escolhido ser um pai para Ella.

— Mas... como terei o seu respeito depois disso?

— Eu o respeito por seu sacrifício, por seu coração enorme. Des... Desculpe. Se eu pudesse retirar tudo o que disse, eu o faria. Eu só não sabia outra maneira de pará-la. Eu...

Ficamos calados por um tempo. Eu não sabia mais o que fazer ou o que dizer, e era óbvio que ele também não. Por isso, eu falei:

— Vamos dormir. Conversamos amanhã?

— Não.

Eu o encarei com o coração acelerado no peito. Eu tinha passado dos limites e estraguei tudo. Estava acabado.

— Por... Por quê?

— Não temos o que conversar. Você fez o que achou que precisava ser feito. Eu agradeço, porque já estava pronto para ser preso. Não era o que eu queria, mas estava disposto a passar por isso. Você provavelmente salvou minha vida.

— Eu sei que salvei.

Ele riu e balançou a cabeça.

— A boa e velha Jo de sempre.

— Só existe uma pessoa velha neste cômodo, Everett.

Com as sobranceiras arqueadas, ele rebateu:

— Não me chame de velho quando eu...

— Você ainda me ama? Você ainda quer ficar comigo depois do que eu disse para ela? Você acredita que eu só estava blefando?

Ele me puxou em sua direção.

— Eu conheço o seu coração. Sei que nunca faria nada para me magoar, e você sabia que isso me magoaria.

— Eu não faria mesmo.

— Vê-la pegar pesado por mim faz com que eu a deseje ainda mais, que eu a ame ainda mais. O jeito como você ditou as regras da situação para Esther... Você é mesmo dura na queda.

— Só por você, Big South. Só por você.

Capítulo 39

Everett

Dois meses depois...

O meu coração transbordou de amor quando eu a vi parada lá. Ela havia tirado o vestido de noiva creme e colocado um vestidinho curto e branco coberto por cristais, e usava sapatos de salto-agulha que me deixaram com uma vontade louca de atacá-la bem naquela sala, onde aguardávamos ser levados para cumprimentar os convidados no salão principal. Agora, ela era a minha esposa, e eu não conseguia parar de pensar no momento de sua entrada, quando caminhou em minha direção ao som de *Prototype* do OutKast. Jo quase tropeçou ao ver André 3000 ao lado de Leland, meu padrinho, cantando para todos. Fiquei feliz por ter conseguido fazer essa surpresa.

Mas agora, assim que ela se virou para mim, vi a empolgação em seus olhos e não pude deixar de sorrir. Eu amava tanto essa mulher, mais do que eu imaginava ser capaz.

Ela sorriu de volta para mim e se aproximou um pouco mais do lugar onde eu estava sentado, observando-a. Parando entre as minhas pernas, ela perguntou:

— O que você está olhando?

Eu coloquei as mãos em seus quadris.

— Você, Sra. McClain.

Ela mordeu o lábio, sorrindo para mim.

— É Sra. South para você.

Deslizei as mãos sobre a bunda dela.

— Você sabe o que eu nunca fiz, Sra. South?

Ela balançou a cabeça.

— Não, o quê?

Colocando a mão sob o seu vestido curto para apertar sua bunda exposta pela calcinha fio dental, eu respondi:

— Nunca fiz amor com a minha com a minha nova esposa.

Fechando os olhos quando afastei minha mão de sua bunda

para tocar seu monte pubiano, ela murmurou:

— É para isso que serve a lua de mel, não?

Assim que encontrei o caminho para dentro de sua calcinha e deslizei um dedo para dentro dela, eu disse:

— Segundo a tradição, sim, mas que se fodam as tradições. Quero você bem aqui, *agora*.

Ela agarrou meus ombros quando usei meu polegar para massagear o seu clitóris.

— Mas... Mas temos que receber as pessoas, temos que dançar e eu não quero estar... Ahhh, porra! Não quero estar molhada quando eu fizer essas coisas.

Eu ergui a mão e puxei a cabeça dela para que eu pudesse beijá-la, colocando a língua dentro de sua boca.

Um minuto depois, ela afastou a boca da minha.

— Ev, é sério. Eu não quero ficar toda encharcada.

Removi meus dedos e os lambi.

— Você pode ir ao banheiro se limpar antes de irmos para o salão. Eu vi um aqui perto quando nos trouxeram para cá. Eu mesmo limpo você, caramba. Mas eu preciso disso, amor. Agora.

Seus olhos brilhavam com um desejo inegável quando ela começou a desabotoar minha calça. Levantei-me e as removi, mas Jo me empurrou de volta para a cadeira, levantou a saia do vestido e estava prestes a tirar a calcinha quando eu a interrompi.

— Vou afastar a calcinha para entrar em você, — falei com tanto tesão que eu mal me reconhecia.

Sem dizer mais nada, ela subiu no meu colo, abrindo espaço para eu puxar sua calcinha para o lado e posicionar meu pau. Ela cobriu a minha boca com a mão ao mover-se sobre mim.

— Caralho! — Gritei contra a mão dela, depois agarrei seus quadris para ajudá-la a se mover, mas ela balançou a cabeça.

— Deixa comigo. Deixe-me fazer o trabalho, amor, — ela disse.

Aquela porra foi tão excitante que eu quase explodi dentro dela, mas consegui me controlar, porque eu sabia que quanto mais eu me segurasse, melhor seria. Ela subiu e desceu sobre mim, cobrindo-me com sua umidade enquanto olhava dentro dos meus olhos com as pálpebras pesadas, gemendo baixinho, com uma carranca linda. Eu afastei uma das alças do seu vestido e enfiei a mão sob seu sutiã sem alça para pegar e massagear seu mamilo, fazendo com que ela perdesse o ritmo por um segundo enquanto rebojava em cima de mim.

— Puta merda, amor! — Resmunguei, sua mão ainda sobre minha boca.

Ela era tão gostosa que fechei os olhos para desfrutar da sensação, para senti-la se contrair, movendo-se sobre mim o tempo todo, como se sua boceta tentasse possuir algo que já era dela: eu. Eu

pularia dentro de um vulcão só para prová-la. Quando ela estremeceu e eu ouvi um gemido baixinho e atormentado, eu abri os olhos e agarrei seus quadris, movendo-a para cima e para baixo em um ritmo agitado enquanto ela tremia em cima de mim, contraindo-se, sacudindo-se, extraíndo cada gota minha. Era uma sensação tão poderosa que não tinha como segurar. Estendi a mão e apertei a bunda dela com força quando ergui o corpo da cadeira e me esvaziei dentro dela. Assim que consegui me concentrar novamente, vi a porta ser aberta e fechada com um estrondo. Era a cerimonialista, uma senhora negra e gentil que tinha acabado de dar uma boa olhada na bunda de Jo e em nossa trepada. A mão de Jo ainda estava cobrindo minha boca, e uma parte minha ainda estava dentro da boceta dela. Não tínhamos pensado em trancar a porta.

— Quem era? — Jo perguntou com um olhar desesperado.

— A cerimonialista, — falei contra sua mão.

— Merda, — Jo resmungou ao tirar a mão da minha boca, saindo do meu colo ofegante quando saí de dentro dela. — Eu não acredito que fomos pegos. Ela deve achar que somos um bando de gente sórdida...

— Com o tanto que estou pagando para ela? Ela não tem tempo para ficar pensando nessas merdas. Venha. Vamos procurar o banheiro.

Ela balançou a cabeça.

— Era para você ter esperado. Não tinha nada que fazer isso agora...

— Tinha, sim, e não aja como se não tivesse gostado.

— Foi isso o que eu disse?

— Qual é o problema então?

— O problema é que eu tenho certeza de que ela está furiosa por ter visto isso... Por ter nos visto.

— Vou pagar uma boa bonificação para ela. Isso deve resolver as coisas.

Ela revirou os olhos e eu sorri, levando-a para fora do quarto.



— Obrigado por ter vindo, — falei pela milésima vez, mas eu não me importava. Nada me incomodava, nem o dinheiro que gastei com o casamento, nem as milhares de fotos que tiramos, muito menos o fato de ter que cumprimentar todo mundo que chegava. Tudo fazia parte do melhor dia da minha vida.

Eu olhei para Jo enquanto ela cumprimentava graciosamente o diretor da minha gravadora, aceitando suas felicitações com um sorriso enorme no rosto. Ela devia estar cansada, mas o que eu tinha

planejado para ela assim que entrássemos no jatinho a deixaria exausta. Sim, eu ficava cheio de tesão perto dela, e não tinha vergonha de admitir isso.

— Ainda parece ser a mesma pessoa. Eu estava imaginando se o reconheceria depois de todos esses anos. Costumo vê-lo na TV e no YouTube, mas achei que estivessem usando Photoshop nas suas imagens.

Fiquei surpreso quando vi o meu amigo, Keith, parado bem na minha frente.

— Negão! — Gritei, apertando sua mão e dando um abraço nele. — O que você está fazendo aqui, cara?!

— Não quer que eu esteja presente, caramba?

— Não, não é isso. Só estou surpreso em vê-lo. Fico feliz por estar aqui. Eu estava mesmo pensando em ligar para você.

Ele fez um gesto em direção à Jo.

— Sua esposa tomou a iniciativa e ligou para me convidar. É por isso que eu tenho certeza de que você acertou dessa vez.

Eu olhei para ela e sorri antes de voltar minha atenção para Keith.

— Tenho certeza que sim. Obrigado por vir, cara. De verdade. É muito bom ver você.

— Precisamos manter contato, irmão. É sério.

— Sim. Pode deixar.

Assim que ele cumprimentou Jo e se afastou, eu perguntei para ela:

— Como você conseguiu falar com ele?

— Roubei o número do seu telefone. Ainda é o mesmo depois de todos esses anos. Que loucura, né?

— Com certeza.

Alguns minutos depois, ouvi Jo dizer:

— Só mais algumas pessoas. — Ela se inclinou para dar uma olhada na fila de pessoas que esperavam para nos cumprimentar. — Graças a Deus, porque eu estou morrendo de fome.

— Estamos, — respondi. Após mais dez minutos, havia apenas mais cinco ou seis convidados para serem recepcionados, e assenti para a senhora que usava um terninho rosa à minha frente. — Obrigado por ter vindo. Estamos muito felizes.

Ela piscou para mim.

— Obrigada, querido.

Quando ela parou na frente de Jo, ouvi um arquejo suave, e até tentei me concentrar enquanto apertava a mão do marido da mulher, mas eu precisava ver a reação de Jo.

— Meu Deus... Eu a vi aguardando na fila, mas não pude reconhecê-la de longe. Tem tanta gente aqui e... O que você está

fazendo aqui? — Ela voltou seu olhar para o senhor que havia se afastado de mim para ficar ao lado de sua esposa.

— Eu os convidei, — falei. — Eu a convidei também, — acrescentei, apontando para uma mulher que lembrava muito a senhora.

Jo levou a mão à boca.

— Uhm... Obrigada por terem vindo. — Ela parecia surpresa e incrédula. Eu não podia culpá-la, conhecendo sua história com seus avós e tia. Eles não tinham deixado uma impressão positiva em sua vida. Eles sequer foram presentes, caramba. Eu só esperava que ela não me odiasse por ter entrado em contato com eles.

— Imagina. Quando você tiver um tempo, de repente após a lua de mel, gostaríamos de conversar com você e conhecê-la melhor.

Jo olhou para mim e, logo em seguida, voltou sua atenção para os parentes de sua mãe.

— Vou precisar pensar sobre isso.

Sua tia assentiu.

— Nós entendemos.

Então eles se afastaram, abrindo espaço para que os últimos convidados se aproximassem de nós.



Jo

Fechando os olhos, me encostei em Everett enquanto o The Whispers cantava *Gets Better With Time*. Eu sorri, lembrando de quando ele disse que se eles se apresentassem em nossa recepção seria como se minha mãe estivesse presente. O dia todo foi fantástico, desde os votos trocados na cerimônia até o pequeno agrado na sala de espera, a recepção dos convidados, quando fui surpreendida ao ver os pais e a irmã da minha mãe — Everett tinha entrado em contato com eles e os trouxe para me surpreender —, até o presente momento em que eu estava envolvida em seus braços.

— O que acha de subir lá e cantar com eles? — Ele perguntou, me distraindo de meus pensamentos.

— Você sabe muito bem que eu só canto para você quando estamos sozinhos. Esse é o nosso acordo.

— Sim, mas eu vou fazer você se soltar e garantir que o mundo inteiro ouça a sua voz.

— Isso nunca vai acontecer. Ei, obrigada de novo pela surpresa.

— De nada. Eu sei que você não é próxima deles, mas queria que contasse com a presença da sua família hoje.

— Eu agradeço. Eles estão diferentes, parecem mais legais, mas

deve ser porque acabei de me casar com um homem muito rico.

— Talvez não.

— É, tanto faz, não importa. O que conta é o seu gesto.

— Sim, que bom que não está chateada comigo.

— Nunca. Você tentou falar com meu pai também? Conseguiu localizá-lo?

— Sim.

— Deixe-me adivinhar. Ele não vem?

— Não. Sinto muito, Jo.

— Imagina, quem está perdendo é ele. Eu estou bem.

Ele recuou um pouco e me olhou.

— Tem certeza?

— Eu tenho você e uma família completa, inclusive outra filha.

Como eu poderia ficar mal?

Ele me abraçou.

— Estou tão feliz por Ella ter caído em si.

Os meus olhos percorreram a sala e eu a encontrei dançando com o tio Leland.

— Eu também estou. Que bom que a mãe dela continua calada.

— Espero que continue assim, tanto ela *quanto* Bugz.

— Acho que é isso o que vai acontecer.

— Obrigado por convidar Keith, amor.

— De nada. Ei, Ev?

— Oi.

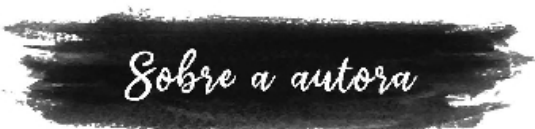
— Feliz aniversário.

Ele me soltou de repente, e percebi que estava olhando para baixo. Eu sorri quando vi Nat puxando a perna da calça de seu smoking. Ela estava adorável em seu vestidinho de cetim cor de creme, adornado com tule. Ele a pegou no colo e usou o outro braço para me abraçar enquanto dançava com nós duas.

— Obrigado pelo presente de aniversário, Jo Lena. Sou apaixonado por esse seu popô, sabe disso, né?

Com um sorriso enorme no rosto, Nat repetiu:

— Popô!



Sobre a autora

Alexandria House é uma ex-enfermeira que se tornou autora em tempo integral, escrevendo histórias de amor das pessoas negras. Desde 2016 ela já escreveu e lançou 29 obras, incluindo 6 séries e 2 novelas, vários contos e coletâneas.

Conhecida por escrever diálogos envolventes e personagens masculinos dignos de suspiros, mais notavelmente Everett “Big South” McClain de sua série Irmãos McClain, a autora se considera uma fornecedora e educadora sobre o amor das pessoas negras. Seus livros com frequência ocupam o topo da lista de best-sellers de romance afro-americano da Amazon e ganham diversos prêmios.

Seus livros foram incluídos entre outras listas de “leitura obrigatória” publicadas em sites como Shondaland, Oprah Magazine e BookRiot. Ela também é autora de dois projetos da Audible Original.

Quando não está interagindo com seus leitores nas redes sociais, você pode encontrar esta nativa do Arkansas escrevendo seu próximo best-seller ou alimentando seu vício em moda.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/msalexhouse

www.facebook.com/mzalexhouse

www.twitter.com/mzalexhouse

www.msalexhouse.com/



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

